

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA - PROLING

ROSINETE BARBOSA GUEDES

**AS PRÁTICAS LETRADAS E NÃO LETRADAS NO PROGRAMA
BRASIL ALFABETIZADO EM CAMPINA GRANDE – PB**

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING (UFPB), Campus I – João Pessoa/PB, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística, na área de Aquisição da Linguagem.

Orientadora: Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante

**JOÃO PESSOA
ABRIL DE 2011**

G924p Guedes, Rosinete Barbosa.

As práticas letradas e não letradas no Programa Brasil Alfabetizado em Campina Grande-PB / Rosinete Barbosa Guedes.-- João Pessoa, 2011.

428f. : il.

Orientadora: Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante

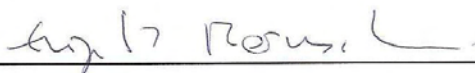
Tese (Doutorado) – UFPB/PROLING

1. Linguística. 2. Letramento. 3. Prática não letrada. 4. Língua materna – ensino. 5. Formação do professor. 6. Prática Pedagógica.

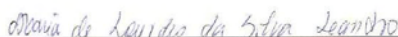
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (UFPB)



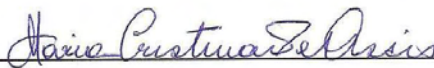
Prof.^a Dr.^a Elizabeth Marcuschi (UFPE)



Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes Leandro da Silva (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Eliane Ferraz (UFPB)



Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Assis (UFPB)

João Pessoa, 08 de Junho de 2011.

***O temor do Senhor é o princípio de toda sabedoria, e a
ciência do santo a prudência. (Prov. 9:10)
A ELE toda Honra, toda Glória e toda Adoração.***

A Stenio e Samuel, presentes dado por Deus, a minha profunda gratidão por tudo que estamos construindo.

MEUS SINCEROS AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser minha rocha e fortaleza e por estar comigo entre aqueles que me ajudam:

*à minha orientadora, mãe do Lafe, **Prof.^a Dr.^a Marianne Cavalcante**, por aceitar ser minha orientadora, por acreditar e compartilhar do meu trabalho, pela paciência, dedicação, competência intelectual concedida por Deus, pela mulher maravilhosa e terna que é;*

*à **Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes Leandro**, grande amiga, incentivadora e pelo que aprendi com a sua dedicação na minha trajetória acadêmica;*

*à **Francineide**, por ter permitido que eu acompanhasse e participasse deste precioso trabalho e pela nova família abençoada que Deus me deu;*

*aos **alunos** que participaram dessa pesquisa, pela ajuda, convivência valiosa, pelo aprendizado e paciência comigo;*

*a **Dermeval da Hora**, uma amizade e carinho que não tem preço;*

*aos meus professores do curso, pelo empenho no trabalho acadêmico: **Marianne Cavalcante, Dermeval da Hora, Evangelina Farias, Eliane Ferraz, Maria Auxiliadora Bezerra, Maria Augusta Reinaldo, Regina Celi, Maria de Fátima Almeida, Mônica Nóbrega, Maura Regina, Maria das Graças Costa Val**;*

*à **Cida e Miriam**, mulheres especiais que Deus colocou no meu caminho;*

*à **Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa**, minha grande amiga e irmã, mesmo distante, continuamos na mesma comunhão e carinho;*

*aos meus amigos que conheci durante a caminhada e que permanecerão no meu coração: **Neide Correia, Fatiha, Rubens, Vera, Adriana, André, Telminha**.*

Meus agradecimentos especiais

A Deus, mais uma vez, que é a minha luz e a minha salvação. Meu socorro bem presente, nunca me desamparou.

À irmã Edite, minha mãe espiritual, grande incentivadora, com quem tenho aprendido o verdadeiro valor de uma vida voltada para o Senhor. Suas aulas me instigam cada vez mais a conhecer a Palavra de Deus.

A Stenio, fruto do amor de Deus na minha vida.

Ao meu filho Samuel (peço perdão por ter, muitas vezes, sacrificado sua vida), maior dádiva que o Senhor me deu.

Ao meu pai, Manuel, (in memorian), a quem muito amei e que até hoje sinto saudades e a minha mãezinha Maria Amaro (in memorian), por tudo que fez por mim.

À minha mãe Rosa, minhas irmãs Marizélia, Roseli e Valéria, pela ajuda constante.

À minha sogra Berenice Lopes e a minha cunhada Márcia pelo apoio e convivência.

RESUMO

Partimos do pressuposto de que a prática pedagógica em sala de aula do Programa Brasil Alfabetizado em Campina Grande (incluindo materiais didáticos) não reflete nem os objetivos, nem as propostas do Programa Brasil Alfabetizado e nem sua avaliação. Para isso, levamos em conta o processo de formação do professor, os materiais disponibilizados, a prática didático-pedagógica e os mecanismos avaliativos do PBA. Esta tese, portanto, objetiva compreender como a prática pedagógica no Ensino de Língua Materna no PBA – CG, via formação continuada, contribui para a efetiva adequação aos objetivos e à avaliação do programa em âmbito nacional. Assim nos fundamentamos em Freire (1983), Perrenoud (1999), Soares (2002), Kleiman (2004), B. Marcuschi (2004). Entendemos que a prática do letramento na alfabetização em programas emergenciais só se efetiva se houver políticas públicas eficazes para a capacitação do professor-alfabetizador, considerando-o como o principal agente do letramento. Os resultados obtidos na pesquisa conduzem à seguinte conclusão: embora a proposta do programa considere as práticas letradas como alternativa para que se alfabetize, este resultado só é alcançado com o investimento em formação continuada. Aqui, o resultado foi positivo por conta da intervenção da pesquisadora, permitindo que a professora-alfabetizadora fizesse uma reflexão sobre sua prática de ensino da LM, bem como possibilitando um redirecionamento na programação e no desenvolvimento da sua prática pedagógica, que constitui parte da formação continuada.

Palavras-chave: Letramento. Prática não letrada. Ensino de Língua Materna. Programa Brasil Alfabetizado. Prática Pedagógica. Formação do Professor.

ABSTRACT

We take into account that the teaching practice adopted in the Programa Brasil Alfabetizado in Campina Grande (including the didactic material) correspond neither to the objectives nor to the proposals of the referred program, nor to its assessment. In order to carry out the study, we analyzed the teachers' education, the available material, the teaching practice and the PBA evaluation devices. Thus, this thesis aims at understanding how the teaching practice related to the teaching of the mother tongue within the PBA – CG, through on-going education, contributes for effective adequacy to the objectives and evaluation of the program at national level. The theoretical framework is based on Freire (1983), Perrenoud (1999), Soares (2002), Kleiman (2004), Marcuschi (2004). We consider that literacy practices in emergency programs are only possible if there are effective public policies for teacher education considering that the teacher is the main literacy agent. The results achieved through the research lead us to the following conclusion: although the proposal of the program views literacy practices as an alternative for writing and reading acquisition, such result can be achieved only if there is an investment on on-going teacher education. In the present work, the result is positive due to the researcher's intervention, enabling the teacher to reflect on her practice of teaching Portuguese as a mother tongue and rendering possible a change in relation to the planning and the development of her own practice, which constitute part of the on-going education.

Keywords: Literacy – Practice not literacy –Teaching of the mother Tongue - Programa Brasil Alfabetizado – Teaching Practice – Literacy – Teacher Education.

Résumé

Nous partons du présupposé que la pratique enseignante en salle de classe dans le cadre du *Programa Brasil Alfabetizado* à Campina Grande, y compris les matériels didactiques, ne reflètent ni les objectifs, ni les propositions de ce programme, ni même son évaluation. Dans ce sens, nous prenons en compte le processus de formation des enseignants, les matériels disponibles, la pratique enseignante et les mécanismes d'évaluation du PBA. Ainsi, le but de cette thèse est de comprendre comment les pratiques enseignantes relatives à l'enseignement de la langue maternelle du PBA à Campina Grande, par le biais de la formation continue, contribuent à l'adéquation effective aux objectifs et à l'évaluation du programme au niveau national. Ainsi, le cadre théorique suivi est celui de Freire (1983), Perrenoud (1999), Soares (2002), Kleiman (2004) et Marcuschi (2004). À notre avis, la pratique de la littéracie dans le cadre des programmes d'urgence ne se réalise que lorsqu'il y a des politiques publiques efficaces pour promouvoir la formation enseignante, considérant que l'enseignant est le principal agent de la littéracie. Les résultats obtenus nous amènent à la conclusion suivante: bien que la proposition du programme envisage les pratiques de littéracie comme une alternative pour alphabétiser, nous arrivons à ce résultat seulement si il y a réel investissement en formation continue. Le résultat de notre travail a été positif grâce à l'intervention de la chercheuse qui a conduit l'enseignante à réfléchir sur sa pratique relative à l'enseignement de la langue maternelle, ainsi qu'à une réorientation par rapport à la planification et au développement de sa pratique enseignante, qui constituent une partie de la formation continue.

Mots-clés: Littéracie – Pratique non literacy - Enseignement de la Langue Maternelle - Programa Brasil Alfabetizado - Pratique enseignante - Formation des Enseignants.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: A história da EJA no Brasil, a partir do século XX.....	31
Quadro 02: Avaliação somativa, formativa e diagnóstica, segundo o objetivo, função, objeto e temporalidade da avaliação.....	70
Quadro 03: Caracterizando a professora-alfabetizadora da EJA PBA- CG	76
Quadro 04: Caracterizando a pesquisadora.....	77
Quadro 05: Perfil dos alunos da EJA do PBA- CG.....	78
Quadro 06: As aulas de ensino/aprendizagem de LP do PBA – CG.....	82
Quadro 07: Levantamento das atividades de Leitura e Escrita.....	131

LISTA DE CONVENÇÕES DAS TRANSCRIÇÕES

Símbolos usados nas transcrições das aulas

[]	Falas simultâneas localizadas ou sobreposições de vozes
...	Pausas
/	Truncamentos bruscos
MAIÚSCULAS	Ênfase ou acento forte
::	Alongamento de vogal
?	Pergunta
- - - - -	Silabação
(())	Comentários da analista
/.../	Indicação de transcrição parcial ou corte na produção de alguém.
(...)	Corte de trecho da transcrição que não interessa à análise
P	Sujeitos das transcrições: Professora-alfabetizadora
A	Sujeitos das transcrições: Alunos do Programa Brasil Alfabetizado seguidos de Numerais.
S	Sujeitos das transcrições: Signatária da Pesquisa

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CONFITEA – Conferência Internacional sobre Educação de Jovens e Adultos

CONSED – Conselho Nacional de Secretários de Educação

CF – Constituição Federal

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEJA – Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos

FUNDEF – Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério

GESTAR – Programa Gestão da Aprendizagem Escolar

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

ICNJ – Igreja Congregacional Nova Jerusalém

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LM – Língua Materna

LP – Língua Portuguesa

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

MOVA – Movimento de Alfabetização

ONGs – Organizações Não-Governamentais

PAS – Programa de Alfabetização Solidária

PBA – Programa Brasil Alfabetizado

PBA – PB – Programa Brasil Alfabetizado na Paraíba

PBA – CG – Programa Brasil Alfabetizado de Campina Grande

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PROFA – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores

PSF – Programa Saúde na Família

SAB – Sociedade dos Amigos de Bairro

SEEA – Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo

UNDIME – União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 CAPÍTULO: A EJA e o Brasil Alfabetizado: mapeamento político	25
1.1 – Programa Brasil Alfabetizado: construindo uma história	31
1.2- As políticas públicas no PBA	35
1.3- Letramento e políticas de EJA	39
1.3.1- Letramento e formação do professor	40
1.3.1.- Problematicando a formação do professor	48
1.3.3 - O uso dos gêneros textuais na formação continuada	53
1.4- Considerações sobre a avaliação e seu papel nos programas oficiais: as políticas avaliativas.....	57
1.4.1- A avaliação no contexto da Língua Materna	71
2 CAPÍTULO: Considerações Metodológicas	74
2.1. A natureza da pesquisa	74
2.2. Local da pesquisa	75
2.3. Os sujeitos.....	76
2.3.1 A professora-alfabetizadora	76
2.3.2 A pesquisadora	76
2.3.3 Os alunos	77

2.4 Coleta de dados	78
2.5. Contextualizando as aulas de ensino/aprendizagem em LP no PBA-PB.....	79
3 CAPÍTULO: Analisando os dados: confrontando histórias	98
3.1. Letramento na EJA do PBA-CG	98
3.1.1 – A proposta para a formação: as concepções em torno da alfabetização	98
3.1.1.1 – O professor e sua formação	109
3.1.1.2 – Saberes de uma prática: como fazia	110
3.1.1.3 – A formação inicial no PBA – CG	120
3.1.1.4 – A formação continuada em exercício no PBA – CG	123
3.1.1.4.1 – Observando os trechos de aulas como encaminhamentos na formação	125
3.1.2 – A organização no processo ensino/aprendizagem de LM do PBA – CG: as práticas letradas em sala de aula	131
3.1.2.1. O velho “ditado” como alternativa no ensino: práticas letradas ou velhos costumes?	187
3.3 – Uma prática equivocada na formação.	200
3.4 – Avaliação: caminhos contraditórios no percurso das propostas – observando a prática.....	203
3.4.1 – Análise das respostas dos alunos na avaliação final do PBA-PB.....	215

CONSIDERAÇÕES FINAIS	237
----------------------------	-----

REFERÊNCIAS	241
-------------------	-----

ANEXOS

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, um bom número de programas e universidades têm colocado a formação do professor como objetivo prioritário, por acreditar que parte dos enormes problemas que assolam a escola pública brasileira será atenuada, e até remediada (Kleiman, 2005), em decorrência de uma formação renovada desse profissional. Uma das questões que se fundamenta na formação profissional consiste na inserção do professor em formação inicial ou continuada nas práticas de leitura e escrita, visto que essas duas modalidades permeiam as práticas sociais e isto implica que em todas as instâncias elas estão presentes (escola, família, igreja etc.), requerendo do professor saberes e esses saberes são sócio-históricos e indissociáveis das definições da situação desse sujeito. Então, faz-se necessário uma melhor reflexão “do como” as políticas públicas conseguem dar conta dessas práticas de uso da escrita em programas criados para erradicar o índice de analfabetos. Aqui, especificamente, estamos levando em consideração as políticas públicas criadas pelo Ministério da Educação e Cultura (doravante MEC) para a Educação de Jovens e Adultos (doravante EJA), tendo como foco o Programa Brasil Alfabetizado na Rede Estadual de Campina Grande - PB (doravante PBA – CG).

O Programa Brasil Alfabetizado (doravante PBA) foi criado com o objetivo de acabar com o analfabetismo. Este programa representa, segundo o MEC, um portal de entrada na cidadania, articulado diretamente com o aumento da escolarização de jovens e adultos. Este, por sua vez, tem como perfil alunos de baixa renda que, na sua trajetória de vida, não tiveram acesso ou oportunidade de estudar por motivos diversos e/ou evadiram-se e que, enfim, tentam retomar estes estudos nestes programas.

Assim, tendo como ponto de partida a observação das práticas desenvolvidas neste programa, e em sintonia com os fundamentos da Linguística de base sóciointeracionista, temos o seguinte pressuposto:

A prática pedagógica em sala de aula do PBA-CG (incluindo materiais didáticos) não reflete nem os objetivos e nem a avaliação do Programa Brasil Alfabetizado, levando em conta o processo de formação do professor, os materiais disponibilizados, a prática didático pedagógica e os mecanismos avaliativos do PBA.

A partir deste pressuposto, formulamos a questão geral dessa tese: “o processo de intervenção na prática pedagógica, a formação continuada, contribui para a efetiva adequação dos objetivos e avaliação do PBA?”. Essa questão pode ser desmembrada em outras questões específicas:

- Quem é esse professor-alfabetizador?
- Como é a formação do professor para esse programa? Há uma formação continuada?
- Como o letramento é visto neste programa? Ele faz parte do currículo, se faz, que teorias subjazem na formação desse professor-alfabetizador?
- Há sistemas de acompanhamento, avaliação, documentação e comunicação com esse professor?
- Que materiais didáticos o professor dispõe?
- Como se dá o processo de aprendizagem desses alunos, tendo em vista o que se vê nesta formação e ou/formações?
- Os alunos, na realidade, conseguem atingir os objetivos a que se propõe o PBA (torná-los alfabetizados)?

Ao longo do nosso estudo, tentaremos responder a essas indagações. Verificamos, por exemplo, que grandes avanços têm sido feitos nesse contexto: têm-se estudado a sala de alfabetização, suas condições de funcionamento, a formação de seus professores, as causas de fracasso da clientela, mas sempre restam aspectos problemáticos e, principalmente, o grau de qualificação do professor, não só quanto ao que é específico, mas quanto à formação geral (humana, social, psicológica, etc), além os de natureza mais estritamente pedagógicos, como no caso da reflexão sobre a alfabetização, fase da aquisição da leitura e da escrita (Garcia, 1998; Moraes e Albuquerque, 2006; Kleiman e Matêncio, 2005; Tardif, 2010 e outros).

Esses questionamentos acima levantados, portanto, nos levam a refletir sobre o que ocorre nas políticas públicas voltadas para a educação e o professor como um todo, visto que mudanças estão existindo, mas as mesmas continuam deixando lacunas, que necessitam de um melhor planejamento para que elas se efetivem.

Nessa perspectiva, acreditamos, primeiramente, que há necessidade de conhecer mais esse “alfabetizador” (seu nível de escolaridade, sua relação com a leitura e a escrita, que experiências ele tem com a sala de aula), uma vez que este vai se deparar com uma turma bastante heterogênea e que requer, portanto, um melhor planejamento das atividades mais condizentes com a realidade da heterogeneidade que serão desenvolvidas durante o processo de alfabetização.

Acreditamos, ainda, que a formação continuada é a alternativa mais eficaz para capacitar esse professor. Para isso, se faz necessário que o professor-formador tenha conhecimento das propostas voltadas para a alfabetização para que possa ajudar o professor-alfabetizador no decorrer do curso.

A ideia de que em oito meses o aluno está alfabetizado¹, segundo o MEC, nos leva a questionar que critérios estão sendo utilizados para se chegar a esta conclusão. Visto que conceber a aprendizagem da escrita, para passar da condição de analfabeto, é preciso que a pessoa saiba o que é, como funciona e qual(is) sua utilização(ões), referindo-se não apenas ao saber ler e escrever (a decodificação), mas principalmente ao saber usar a leitura e a escrita em diferentes situações.

Como já sabemos, existem ONGs² que buscam alternativas eficazes que contribuem, realmente, para a erradicação do analfabetismo, essas não visam resultados emergenciais, mas buscam, primeiramente, investir na formação do aluno, levando em consideração a construção do conhecimento através da realidade por ele vivenciada. Isso demonstra que projetos interessantes existem e que, portanto, contribuem como fator decisivo na promoção do alfabetismo da população. Estas ONGs surgem em virtude da ausência de políticas que articulem organicamente a EJA, pois não há carreira específica para educadores desta modalidade educativa.

¹ O que é ser alfabetizado para o MEC: o aluno ser capaz de ler, escrever, compreender e interpretar textos e realizar as operações matemáticas básicas. (Ver portal.mec.gov.br)

² Por exemplo, o trabalho de alfabetização coordenado pela Profa. Dra. Vera Masagão Ribeiro – na Ação Educativa; o Centro Paulo Freire, e outros.

Assim, preocupados em aprofundar questões acerca do papel do professor e do aluno no PBA-CG, veremos que os problemas apontados no ensino de leitura e escrita ultrapassam, certamente, as questões linguísticas no processo de aprendizagem, remetendo-nos às condições de trabalho e à formação dos professores, dentre outros pontos.

Sendo assim, pensar o ensino neste programa requer pensar, em primeiro lugar, na concepção que o professor tem de leitura, escrita, letramento e o que se espera na formação dos alunos – um aluno capaz de se reconhecer como cidadão, que consegue participar das diversas práticas letradas envolvendo a leitura e a escrita, ou aquele aluno que apenas consegue assinar o seu nome e decodificar os signos linguísticos?

Sabemos que o problema é complexo, uma vez que evocam-se causas de natureza social, econômica, cultural e educacional e têm nítidas implicações sócio-políticas. Em função disso, esta investigação tem como **objetivo geral** compreender como a prática pedagógica no ensino de Língua Materna no Programa Brasil Alfabetizado de Campina Grande – PB, via formação continuada, contribui para a efetiva adequação aos objetivos e avaliação do programa em âmbito nacional e um efetivo desenvolvimento do aluno em formação.

Na tentativa de responder às perguntas anteriormente formuladas, percebidas como pano de fundo de toda nossa investigação, essas questões apontam como objetivos específicos deste trabalho:

- Verificar como funcionam as políticas públicas voltadas para a EJA no PBA-CG;
- Verificar como a professora-alfabetizadora, após ter participado da formação inicial, didatiza as propostas e teorias apresentadas no decorrer do processo de alfabetização;
- Identificar as práticas de uso da escrita por meio da interação nas aulas de alfabetização de Jovens e Adultos, conforme visto no PBA-CG;
- Analisar os aspectos que perpassam tanto a formação da professora-alfabetizadora como o processo de aprendizagem dos alunos, em sala de aula, no PBA-CG;
- Verificar os processos avaliativos, a partir de: sistema de acompanhamento, avaliação, documentação e comunicação com a professora-alfabetizadora;

- Analisar se a intervenção via pesquisa ação – constituindo-se como formação continuada – contribui para atingir os objetivos proposto pelo PBA.

Para melhor compreensão, organizamos este estudo em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta o mapeamento político acerca da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, buscando conhecer as primeiras iniciativas para esta modalidade de ensino a partir da Segunda Guerra Mundial até os dias atuais. Em seguida, discutimos sobre o Programa Brasil Alfabetizado, tendo em vista as diversas ações ocorridas nestes sete anos de existência como alternativa para a erradicação do analfabetismo no Brasil. Logo após estas discussões, refletimos sobre o funcionamento das políticas públicas criadas nos últimos tempos com a finalidade de discutir as possibilidades de políticas de inclusão social da EJA nos programas oficiais e não-oficiais no país. O texto culmina na reafirmação da importância da EJA no processo de desenvolvimento educacional do país.

A seguir, abordamos a inserção do sujeito no mundo da escrita, evidenciando a necessidade de inserirmos a EJA no processo de letramento, desde o início do processo de aprendizagem. Neste, falamos ainda, sobre a importância de se investir na formação continuada para os professores envolvidos em programas como o PBA-CG, já que o sucesso do letramento depende da capacidade do professor de conhecer e se relacionar com práticas não-escolares de letramento. Abordaremos também a importância de se trabalhar com os gêneros textuais visto que é através deles que se fundamentam as práticas letradas.

Focaliza, ainda, as políticas avaliativas no PBA de Campina Grande, iniciando uma breve discussão de como anda a avaliação no Brasil e seus efeitos na prática de sala de aula. Ainda, veremos quais os fundamentos e perspectivas das modalidades de avaliação usadas pela escola (somativa, formativa, diagnóstica), dando ênfase à modalidade diagnóstica que caracteriza as avaliações nos Programas Oficiais. Além disso, mostraremos um item que aborda avaliação no contexto da Língua Materna (doravante LM), uma vez que ainda se faz necessário redimensionar o processo de avaliação do texto escrito na escola.

O segundo capítulo aborda os aspectos metodológicos, situando a natureza da pesquisa, local, perfil dos informantes, como foram coletados os dados, levando em consideração as aulas de ensino/aprendizagem em Língua Portuguesa (doravante LP) no PBA-CG.

O terceiro capítulo desenvolve a análise dos dados, tentando responder às indagações que motivaram este trabalho, tendo por fundamentos as teorias e metodologias abordadas, dividindo o capítulo em três partes: Na primeira, mostramos como funciona na prática o processo de letramento, especificamente, o letramento no Programa Brasil Alfabetizado em Campina Grande. Para isso, focalizamos o material usado durante a formação inicial para os professores-alfabetizadores, desenvolvendo uma análise de documentos com base nas perspectivas interacionais, do letramento e entrevista com a professora-alfabetizadora.

Na segunda parte, tendo em vista o professor e sua formação, fizemos a análise da formação que a professora tinha antes da formação inicial proposta pelo programa PBA – CG, observando o seu fazer pedagógico durante 2006 e 2007. A seguir, baseando-se numa entrevista e no material distribuído durante o curso, delineamos os pressupostos teóricos abordados como base para a prática pedagógica. Logo após, levando em conta que a formação inicial não deu conta da didatização do processo ensino/aprendizagem que embasava o curso, analisamos a formação continuada da professora-alfabetizadora tendo a pesquisadora como acompanhante para apropriação dos novos estudos linguísticos que têm como perspectiva alfabetizar letrando, observando não só as formações, como também, as práticas letradas de LM em sala de aula, enfocando nas atividades o uso dos gêneros textuais e o do ditado de palavras como alternativa para o processo de uma escrita autônoma, vendo, também num outro item resultados de pesquisa que mostram que a formação no PBA não funciona, havendo equívocos a serem esclarecidos.

Na terceira, considerando duas avaliações denominadas como testes cognitivos inicial e final aplicados pelo PBA, explicitamos as políticas usadas no processo de avaliação, já que faz parte do programa, bem como as análises de cada atividade, considerando o ponto de vista do aluno e do professor.

Nas considerações finais, tecemos comentários sobre as políticas emergenciais do PBA-CG, focalizando as práticas de letramento em EJA na formação da professora-alfabetizadora e o funcionamento das políticas avaliativas, além de fazermos algumas reflexões sobre a formação do Programa PBA-CG. Em anexo, estão a cópia do material entregue pelo Programa na formação inicial, os

trechos que situam as transcrições exemplificadas na análise e as atividades de leitura e escrita aplicadas durante o curso.

1º CAPÍTULO: A Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o Brasil Alfabetizado: mapeamento político

Durante muito tempo, as reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos se resumiam apenas às práticas e ações desenvolvidas por programas de alfabetização de adultos, destinados a pessoas que, durante a infância, não aprenderam a ler e escrever. Hoje, através de várias pesquisas (Vóvio, Moura e Ribeiro, 2000; Galvão, 2004; Freire, 1983 e outros) e também exigências atuais das sociedades modernas, tais reflexões encaminham para um questionamento acerca dos diversos problemas relacionados à não eficácia desses programas, uma vez que muitos desafios se colocam nesse campo.

De acordo com Vóvio, Moura e Ribeiro (2000), as primeiras iniciativas sistemáticas, relativas à educação de jovens e adultos no Brasil, ganharam contornos claros no início do século XX. De fato, nos períodos que antecederam esse marco, ou seja, durante a Colônia, o Império e a Primeira República, ocorreram ações educativas esparsas e pouco significativas, voltadas aos jovens e adultos.

Segundo Galvão (2004), em 1930, eram tímidas as iniciativas oficiais de promoção à alfabetização de adultos, principalmente para aqueles que moravam em áreas urbanas, que se inseriam em práticas de usos efetivos da leitura e da escrita.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo e a volta da democracia no país, ganham novamente impulso as iniciativas de alfabetização de adultos. Mas é em 1947 que o governo brasileiro lança, pela primeira vez, uma campanha de âmbito nacional visando alfabetizar a população, devido aos altos índices de analfabetismo, criando nesse momento, a Campanha Nacional de Alfabetização. Sendo portanto, uma ação emergencial que continuava a propor a erradicação do analfabetismo a curto prazo – visto como um mal em si mesmo.

Nos anos 50, diversas outras campanhas foram criadas, como a Campanha Nacional de Educação Rural (1950) e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958). No entanto, essas campanhas pouco realizaram em termos concretos.

Paralelamente à ação governamental, surgiram no final da década de 1950 e início da década de 1960, movimentos de educação e de cultura popular, muitos dos quais inspirados nas ideias de Paulo Freire³, em que os cursos deveriam ter por base a própria realidade dos alunos e que o trabalho educativo deveria ser feito “com” o homem e não “para” o homem.

Para Freire (1983), todos os homens são seres ontologicamente iguais, finitos, inacabados, capazes de procederem crítica e autenticamente em situações, sofrendo, portanto, os condicionamentos da realidade, mas sendo capazes de transformá-la, visto que são seres históricos.

Neste sentido, Freire coloca a educação como situação de conhecimento em que educadores e educandos, como sujeitos, tomam consciência de sua historicidade. Sendo assim, a educação, para ele, é **conscientização** (grifo nosso), uma vez que desvela a realidade, estabelece um projeto de transformação da realidade e tem compromisso histórico de execução desse projeto que deve visar à libertação de todos os homens. Para isso, Freire adota como forma de conscientização, o diálogo como método, porque este método assegura que os educadores e educandos sejam sujeitos da reflexão e da ação.

Dessa forma, as técnicas utilizadas (codificação e decodificação) são momentos em que os sujeitos, refletem, problematizam a realidade de modo a desvelá-la radicalmente, rigorosamente, procurando sempre a causalidade autêntica dos fatos, tentando perceber a realidade particular na globalidade da situação, para partirem para a ação executada em conjunto, ou seja, são sempre processos analítico-sintéticos.

Em 1967, foi criado o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), funcionando com uma estrutura paralela e autônoma em relação ao Ministério da Educação. Os métodos e o material didático propostos pelo MOBRAL assemelhavam-se aparentemente aos elaborados no interior dos movimentos de educação e cultura popular. Porém as semelhanças eram apenas superficiais, uma vez que utiliza um método, basicamente antidialógico. Isto é, as técnicas utilizadas visavam à aprendizagem do ler, escrever, contar sem problematizar a realidade,

³ Paulo Reglus Neves Freire, pernambucano, destacou-se por seu trabalho na área de educação popular, voltada tanto para escolarização como para a formação da consciência. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica.

concebendo educação como adaptação, preparação de mão-de-obra para o mercado de trabalho. O MOBRAL é extinto em 1985 com a Nova República e fim do Regime Militar e, em seu lugar, surge a Fundação Educar.

A Fundação Educar foi criada em 1985 e, diferentemente do MOBRAL, passou a fazer parte do Ministério da Educação. Esta, apenas exercia a supervisão e o acompanhamento junto às instituições e secretarias que recebiam os recursos transferidos para a execução de seus programas (Leia comigo!, Academia Educar e Trote da Cidadania). Essa política teve curta duração, pois, em 1990 – Ano Internacional da Alfabetização – foi extinta pelo governo Collor.

Com a extinção da Fundação Educar, os órgãos públicos, as entidades civis e outras instituições conveniadas passam a ter de arcar sozinhas com a responsabilidade pelas atividades educativas, anteriormente mantidas por convênios com a Fundação. A medida representa um marco no processo de descentralização da escolarização básica de jovens e adultos. Ela provoca a transferência direta da responsabilidade pública, dos programas de alfabetização e pós-alfabetização de jovens e adultos, da União para os municípios.

Entre esses movimentos que emergiram, principalmente no início dos anos de 1990, destaca-se o MOVA – Movimento de Alfabetização, com uma nova configuração que procurava envolver o poder público e as iniciativas da sociedade civil, tendo o ideário da educação popular como princípio da atuação: o olhar diferenciado sobre os sujeitos da alfabetização; a elaboração das propostas a partir do contexto sociocultural dos sujeitos e a consideração dos sujeitos como co-participantes do processo de formação.

No ano de 1988, foi promulgada a nova Constituição Federal⁴, que estendeu o direito à educação aos que ainda não haviam frequentado ou concluído o ensino fundamental. Com a desobrigação do governo federal em atender esse direito, os municípios iniciam ou ampliam a oferta de educação para jovens e adultos.

Estabelece-se, portanto, um novo mecanismo de distribuição de recursos para a educação entre as esferas de governo: o Fundo de Desenvolvimento do

⁴ Com a elaboração da Constituição Federal de 1988, que tem um capítulo dedicado à família, à criança, ao adolescente e ao idoso, decorreu o Estatuto da Criança e do Adolescente, na Lei nº 8.069/90. Além disso, inúmeras referências aos jovens e adultos também comparecem no capítulo de educação – LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no art.4º)

Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (FUNDEF). De acordo com esse mecanismo, os recursos para a educação são primeiro reunidos num fundo e, depois, distribuídos entre as esferas dos governos estadual e municipal, proporcionalmente ao número de alunos atendidos em suas redes de ensino.

A reforma educacional, iniciada em 1995, já na gestão do Presidente Fernando Henrique Cardoso, é implementada num contexto de restrição de gastos públicos, visando a estabilização econômica e o cumprimento de acordos com agências de financiamento internacionais. Essas diretrizes de reforma condicionam a manutenção da educação básica de jovens e adultos na posição marginal, que ela já ocupava nas políticas públicas de âmbito nacional, reforçando as tendências à descentralização do financiamento.

Muitas experiências, segundo Galvão (2004), passaram a ser desenvolvidas em outros espaços, como universidades, movimentos sociais e organizações não-governamentais. Uma pluralidade de práticas e metodologias de ensino passaram a ser utilizadas, algumas das quais influenciadas pelas descobertas recentes da Psicologia, da Linguística e da Educação que, com os estudos de Emília Ferreiro e com os trabalhos sobre o letramento, forneceram subsídios para a compreensão de como se processa a construção das hipóteses acerca da leitura e da escrita pelos sujeitos não-alfabetizados.

Como podemos ver, só na primeira metade do século XX ocorreram mudanças nesse cenário, com uma presença mais incisiva do Governo Federal na promoção da educação elementar e também por pesquisadores com uma visão mais ampla.

Mesmo assim, é de se notar que, a existência de pessoas que não sabem ler ou escrever por falta de condições de acesso ao processo de escolarização deve ser motivo de autocrítica constante e severa, já que estamos agora no século XXI vivendo no mundo da globalização.

Na V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (CONFINTEA), realizada na cidade de Hamburgo em julho de 1997, tinha como visão proposta para a EJA, os seguintes compromissos: constituir processo abrangente de aprendizagem; incluir a educação formal e a informal, considerando que a sociedade é multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser

reconhecidos; endereçar-se ao desenvolvimento de habilidades; aperfeiçoar qualificações técnicas; responder as necessidades individuais e corresponder a demandas sociais.

A Declaração de Hamburgo sobre a EJA⁵ diz:

“A educação de adultos torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de requisito fundamental para a construção de um modo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça.”

Neste último encontro, a VI CONFINTEA, ocorrido aqui no Brasil em dezembro de 2009, no estado do Pará, denominada como o ‘Marco de Ação de Belém’, foram apresentadas recomendações importantes sobre o desenvolvimento da EJA no país para os próximos anos: a necessidade de promover e apoiar a cooperação intersetorial e interministerial, a importância de desenvolver a EJA na perspectiva da educação e aprendizagem ao longo da vida – para abraçar os processos formais, não formais e informais, a necessidade de investir na formação de jovens e adultos e de implantar indicadores de qualidade, entre outros.

É evidente que se faz necessária a tomada de decisões para que os jovens e adultos que não foram alfabetizados se adequem às novas mudanças, entendendo que os alunos da EJA são diferentes dos alunos presentes nos anos adequados à faixa etária. São jovens e adultos, muitos deles trabalhadores, maduros, com larga experiência profissional ou com expectativa de (re)inserção no mercado de trabalho e com um olhar diferenciado sobre as coisas da existência. Em 1989, a Constituição Federal já apresenta um artigo que se refere a estes sujeitos.

Rege o artigo 208 da Carta Magna, no inciso I, que é dever do Estado garantir o “ensino fundamental e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiverem acesso na idade própria”. (Constituição Federal

⁵ Ver Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos (V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos V CONFINTEA, Julho de 1997)

– CF, 1989). Pela primeira vez na História da Educação Brasileira, essa Carta consagra a gratuidade do ensino fundamental para jovens e adultos fora de faixa etária.

Observa-se, neste texto (o artigo 208) a preocupação com aqueles que não tiveram condições de alfabetização em idade própria. Para tanto, em cumprimento à Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Nº 9394/96, define com mais clareza ao colocar a EJA como Modalidade da Educação Básica: “a Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio, na idade própria.” (BRASIL, 1996).

Diante disso, podemos dizer que, mesmo diante das dificuldades apresentadas durante a longa caminhada, a EJA, atualmente, se situa, segundo o MEC, no âmbito de algumas esferas de atuação, visto que integra o conjunto das políticas públicas, incorpora-se ao conceito de educação básica, articula-se com a educação profissional, faz parte da formação integral do cidadão.

No entanto, é preciso repensar acerca de propostas eficazes de ensino para uma clientela que carrega como estigma “sujeito analfabeto”, uma vez que este estigma ainda não foi extirpado pela sociedade, apesar de muitas pesquisas já demonstrarem a importância desses sujeitos, pois, por não saberem ler e escrever convencionalmente, vivem em constantes práticas efetivas de letramento, já construiu ou/constrói uma história de vida, uma identidade e cotidianamente produz cultura, já que pertence a uma sociedade.

Diante de tantas iniciativas frustradas, insere-se, atualmente, nessa rede de histórias, o Programa Brasil Alfabetizado, que, segundo Galvão e Soares (2004), este Programa tem aspecto geral de campanha, na medida em que sua tônica está em baixar as estatísticas. Por outro lado, este Programa, como veremos a seguir, já tem sido colocado como uma prioridade do governo federal, apresentando-se como um projeto mais consistente, como podemos ver ao longo de sua história construída. O quadro abaixo sintetiza este percurso.

Quadro 1: A história da EJA no Brasil, a partir do século XX, se configurou da seguinte forma:

1947 - 1950	1947 - 1950	1950 - 1958	1950 - 1960	1967 - 1985	1985 - 1990	1990 - 2011	1994 - 2011	2003 - 2011
Campanha Nacional de Alfabetização	Campanha Nacional de Educação Rural	Campanha Nacional de Erradicação do Analfabeto	Paralela à Ação-Governamental: Movimento de Educação Popular e de Cultura Popular	MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização)	Fundação Educar (LDB – CF)	MOVA (Movimento de Alfabetização de Adultos)	Paralela à Ação-Governamental: Ação Educativa	PBA

1.1 – Programa Brasil Alfabetizado: construindo uma história

Criado pelo Ministério da Educação, em parceria com a UNESCO, no governo do Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 23 de Abril de 2003, há mais de sete anos, o Programa Brasil Alfabetizado, conforme o MEC, tem como objetivo abolir o analfabetismo no Brasil. Isto se deu devido a um cenário de 30 milhões de analfabetos funcionais maiores de 14 anos.

O que sabemos, na realidade, é que o problema de analfabetismo está presente no Brasil há muitos anos. Na verdade, é preciso que haja realmente um interesse público, ou privado, de erradicar o analfabetismo, uma vez que já existiram diversas ações que buscaram o acesso dos cidadãos à educação e mesmo assim temos ainda níveis extremamente altos de analfabetismo.

Em janeiro daquele ano (2003), o Ministério da Educação anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade da nova administração, criando a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo (SEEA). Esta Secretaria tinha a meta de erradicar o analfabetismo durante o mandato de quatro

anos, em ritmo mais acelerado que o estabelecido pelo Plano Nacional de Educação, alfabetizando jovens e adultos num período de seis meses. Para cumprir essa meta, a SEEA lançou o Programa Brasil Alfabetizado, por meio do qual o MEC contribuiria financeiramente com órgãos públicos estaduais e municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos que desenvolvessem ações de alfabetização. O Programa também tem como meta o incentivo à leitura e à difusão de livros para recém alfabetizados.

O governo definiu o Brasil Alfabetizado como uma campanha plural, que acolhe toda sorte de iniciativas já em andamento e uma diversidade de metodologias de alfabetização. Neste sentido, representantes de várias instituições e segmentos sociais têm assento, conforme MEC, no Conselho Nacional de Alfabetização, uma vez que compete ao Conselho formular e avaliar a política nacional de educação, zelar pela qualidade do ensino, velar pelo cumprimento da legislação educacional e assegurar a participação da sociedade no aprimoramento da educação brasileira.

Cabe, ainda, ao Conselho e as Câmaras exercerem as atribuições conferidas pela Lei 9.131/95, emitindo pareceres e decidindo privatizar e, autonomamente, decidir sobre os assuntos que lhe são pertinentes, cabendo, no caso de decisões das Câmaras, ao Conselho Pleno.

O PBA tem como público alvo todo e qualquer cidadão analfabeto que possua 15 anos ou mais. O intuito, conforme decreto, é dar possibilidade de todos os cidadãos terem acesso à cidadania por meio da educação. Nesse contexto, pode-se afirmar que o objetivo central do Programa é universalizar a educação, uma vez que é desenvolvido em todo território nacional, com atendimento prioritário a municípios que apresentam os piores índices relacionados à taxa de analfabetismo.

A determinação desses municípios e índices se dá com base no censo demográfico de 2000, realizado pelo IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Os dados do IBGE se contrapõem a outros estudos divulgados por organizações não-governamentais, ou seja, o censo de 2000 expõe somente o número de 16 milhões de pessoas. Já em outras pesquisas, (ONGs como: Ação Educativa, Alfabetização Solidária⁶), conforme Haddad e Di Pierro (2000) apontam, há um somatório de aproximadamente 30 milhões de analfabetos

⁶ O Programa Alfabetização Solidária (PAS) foi criado em 1996 com a finalidade de combater o analfabetismo existente em muitos municípios do Brasil. O programa está caracterizado na evolução espaço temporal, pelas parcerias das Prefeituras Municipais, Instituições de Ensino Superior, Empresas e administração do PAS (transformado em ONG no ano de 1998 com o nome de Alfasol).

no Brasil, dados, portanto, considerados alarmantes. Essas divergências se dão em decorrência do conceito utilizado por ambos na definição de analfabeto.

Para o IBGE, todo e qualquer indivíduo que consiga ler ou escrever um bilhete simples, de algumas poucas palavras, saiba escrever seu nome completo, já não é mais considerado como analfabeto. Mesmo considerando que suas habilidades de leitura e escrita são extremamente insuficientes.

Além dos programas produzidos com recursos do MEC, entidades, ONGs e a sociedade também realizaram projetos de alfabetização, totalizando, segundo o MEC, 3,2 milhões de pessoas atendidas em 2003.

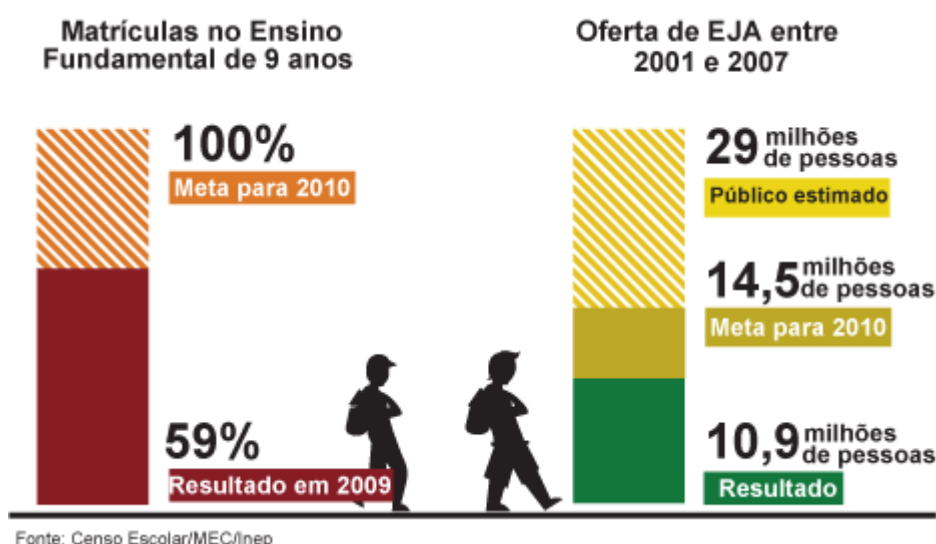
Em 2004, o programa passou a contemplar novos critérios que se referiam à ênfase na qualidade e maior aproveitamento de recursos públicos, tendo como inovações do programa: a ampliação do período de alfabetização de seis para até oito meses; aumento de 50% nos recursos para a formação dos alfabetizadores; estabelecimento de um piso para a bolsa do alfabetizador, aumentando a quantidade de turmas em regiões com baixa densidade populacional e em comunidades populares de periferias urbanas; implantação de um sistema integrado de monitoramento e avaliação do programa, dentre outros. A meta seria atender, neste mesmo ano, 1,650 milhões de alfabetizandos com financiamento direto do MEC. No entanto, foram atendidos 1,7 milhão de jovens e adultos.

Devido à mobilização que o MEC fez junto a secretários de educação e prefeitos e com o apoio da mídia, o Programa Brasil Alfabetizado, em 2005, provocou um crescimento de parceiros, passando de 331 para 590, aumentando, também, a quantidade de alunos em algumas regiões. A meta para 2005 era atender cerca de 2,2 milhões de brasileiros, havendo, através dos dados fornecidos pelo Portal do MEC, gradativamente, um crescimento significativo das ações e implementações do programa.

Este trabalho, de fixação de metas, que vem sendo desenvolvido pelo programa, ano a ano, tem sido norteado em função do acordo assinado pelo Brasil durante a Conferência Mundial de Educação realizada no de 2000 em Dacar. Neste acordo, o Brasil efetuou um compromisso de reduzir pela metade, até no de 2015, a taxa de analfabetismo.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)⁷, a taxa de analfabetismo do Brasil entre pessoas de 15 anos ou mais caiu 10% para 9,7% entre 2008 e 2009, a quinta queda consecutiva. No entanto, mesmo com a queda este percentual ainda representa um volume grande em números absolutos, somando 14,1 milhões de analfabetos no país em 2009, a maioria, concentrada entre homens, maiores de 25 anos e localizados na Região Nordeste. Tendo em vista este contexto, é preciso ainda repensar sobre estes dados estatísticos, já que o índice ainda é muito grande, requerendo medidas urgentes e eficazes para diminuir este quadro.

Conforme o PNAD, enquanto a previsão para 2010 é de 100% de matrículas no Ensino Fundamental de 9 anos, o atendimento em EJA ficou distante do esperado. Vejamos o quadro:



Como podemos verificar, entre 2001 e 2007, 10,9 milhões de pessoas fizeram parte de turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) (veja o gráfico anterior). Parece muito, mas representa apenas um terço dos mais de 29 milhões de pessoas que não chegaram à 4ª série e seriam o público-alvo dessa faixa de ensino. Ainda resta, portanto, muito caminho pela frente a fim de que a EJA se efetive como uma educação permanente a serviço do pleno desenvolvimento do educando. É preciso mais investimentos, cobranças dos resultados, um melhor direcionamento nas práticas pedagógicas, o reconhecimento como uma modalidade de ensino que

⁷ Ver educarparacrescer.abril.com.br

assegure ao aluno sua permanência e qualificação, investindo no professor-alfabetizador etc.

No entanto, podemos considerar, com relação ao que se fazia antes, que vive-se hoje um momento de revitalização de propostas e projetos na área de EJA, com a participação de movimentos sociais, organizações não-governamentais e universidades.

Assim, acreditamos que os Programas de EJA precisam desenvolver projetos de alfabetização em que o aluno desenvolva autonomia em relação à leitura e à escrita, uma vez que defendemos uma prática de ensino que alfabetize letrando e, para isso, é fundamental que o professor tenha conhecimento das propostas apresentadas para que, na sala de aula, ele possa dar conta desta concepção de alfabetização. É necessário que se invista em políticas públicas que efetivem esse saber para o professor e para o aluno.

1.2 – As Políticas Públicas no Programa Brasil Alfabetizado

Na última década, o Brasil vem reconstruindo as instituições democráticas e, nesse processo, a educação tem um papel a cumprir com relação à consolidação da democracia no país. Um grande número de pessoas ainda não tem acesso a informações necessárias para fazer sua opção política de forma mais consciente. Além disso, os longos anos de autoritarismo que marcaram a nossa história desafiam a educação a desenvolver atitudes e valores democráticos. É preciso ter em mente que a democracia não se esgota na eleição de representantes para os Executivo e Legislativo, ela deve implicar também a possibilidade de maior participação e responsabilidade em todas as dimensões da vida pública.

Sendo assim, para participar politicamente de uma sociedade complexa como a nossa, uma pessoa precisa ter acesso a um conjunto de informações e pensar uma série de problemas que extrapolam suas vivências imediatas e exigem o domínio de instrumentos da cultura letrada. Um regime político democrático, como sabemos, exige ainda que as pessoas assumam valores e atitudes democráticas, ou

seja: a consciência de direitos e deveres, a disposição para a participação, para o debate de idéias e o reconhecimento de posições diferentes das suas.

Freire, conforme Gadotti e Romão (2007), já travava uma luta política em função de sua ideologia e prática política, uma vez que, para ele, enquanto os países e os governos iam se transnacionalizando⁸ mais e mais, adequando-se a contínuas lutas e reacomodando-se internacionalmente ao sistema do capitalismo mundial, é no nível das municipalidades, é no nível local que, para Freire, a luta política adquire novas dimensões. Graças a ele, programas de incentivo à alfabetização de jovens e adultos surgiram como forma de minimizar o índice de analfabetismo no Brasil.

Hoje, como já vimos anteriormente, já faz parte das Diretrizes Curriculares Nacionais a Educação de Jovens e Adultos que tem por base a Constituição Federal de 1988 no capítulo dedicado à família, à criança, ao adolescente e ao idoso, havendo também inúmeras referências aos jovens e adultos no capítulo destinado à Educação. Essas diretrizes já buscam uma política integrada: MEC, UNDIME (União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação), CONSED (Conselho Nacional de Secretários de Educação), o Ministério do Trabalho, ONGs (Ação Educativa, Centro Paulo Freire, etc.) órgãos que, por sua vez, têm realizado articulações importantes, principalmente por acumularem conhecimento significativo na elaboração e na concretização de propostas de atuação, no campo da EJA, como a ajuda das universidades, não apenas no que se refere à extensão, mas numa efetiva articulação desta com o ensino e a pesquisa.

No relatório-síntese do Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (ENEJA/Rio⁹), segundo Soares (2002), as proposições deliberadas na plenária do encontro, no que tange às políticas públicas, têm como plano a formulação imediata de uma política pública multissetorial para a EJA, destacando o papel do MEC como indutor de políticas educacionais, adotando como metodologia as discussões em âmbito estadual, regional e nacional, realizadas em fóruns representativos dos educadores e de entidades envolvidas com a área, à semelhança do processo preparatório à V CONFITEA (Conferência Internacional de Educação de Jovens e Adultos).

⁸ Fenômeno percebido a partir dos anos 60; as filiais das empresas multinacionais superaram, em valor de produção o comércio mundial. (ver www.grupoescolar.com/.../transnacionalizacao html)

Nesta CONFINTEA, foi assumido, como meta, trabalhar-se na ampliação do conceito de EJA, no âmbito das culturas brasileira e latino-americana, que propõem EJA na perspectiva da educação continuada e do direito que tem toda pessoa, de aprender ao longo da vida. Sendo, portanto, incluída a educação formal, a educação não-formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos.

A V CONFINTEA, neste sentido, utiliza uma concepção ampliada de formação de pessoas adultas a qual compreende uma variada gama de processos formais e informais de aprendizagem e educação continuada, passível de ser adquirida ao longo da vida. Faz, além disso, com que as práticas de avaliação educacional compreendam não só os programas de educação escolar de jovens e adultos, mas todas as atividades socioculturais, de formação para a cidadania, qualificação e atualização para o trabalho e geração de renda, promovidos por órgãos governamentais e não governamentais.

Essa base comum, embora não garanta seu cumprimento, permite que se possa partir dela para se formular e avaliar programas existentes. A falta de uma orientação básica pode propiciar e evidenciar mais ainda as divergências regionais brasileiras. Uma vez que regiões mais assessoradas pedagogicamente, tanto por terem nas Secretarias de Educação profissionais especializados, como por receberem a assessoria de pesquisadores de instituições de ensino superior, teriam condições de apresentar propostas de ensino atualizadas e adequadas, enquanto outras, por não disporem desses profissionais, nem de assessores, poderiam oferecer alternativas de ensino deficitárias. Junte-se a este, o fato de haver regiões que oferecem melhores condições de trabalho.

Neste sentido, é viável a criação de uma política de incentivos para a inserção dos jovens e adultos no mundo da leitura e da escrita, estimular o trabalho de integração entre a prática e a teoria no processo de alfabetização. Enfim, ampliar e aperfeiçoar a alfabetização em programas que buscam a erradicação do analfabetismo, havendo necessidade de políticas públicas efetivas para que se tenham também ações efetivas. O domínio da língua materna é imprescindível para tornarem os jovens e adultos conscientes do seu papel na sociedade. Um cidadão letrado é o primeiro passo para o desenvolvimento eficaz da educação, economia, cultura, sociedade e política de um país.

É fundamental compreender o alcance que a escrita e a leitura têm para os sujeitos e o que significa para tais pessoas ler e escrever. Para isso, faz-se necessário uma política de atendimento para todos, o que requer a ampliação de vagas e distribuição de recursos para todas as faixas etárias, sem discriminação, complementada por políticas de formação, pesquisa etc.

Uma política de alfabetização, voltada para as práticas sociais de usos da leitura e da escrita, representa um avanço em relação à situação atual se garantir investimentos significativos no ensino, principalmente, nos programas emergenciais de alfabetização para jovens e adultos. Visto que, nas condições sociais atuais, uma política nacional de alfabetização só poderá obter algum sucesso, como afirmam Gadotti e Romão (2007), se estiver vinculada a um projeto político-econômico que supere as causas sociais que produzem e mantêm o analfabetismo.

É possível ver, ainda, que os tempos são outros, já há um longo período histórico durante o qual os brasileiros constituíram uma singular experiência política. Hoje, o cidadão já tem novas perspectivas de vida. O acesso às informações se tornou mais fácil e ele já se considera fator preponderante na construção de um país consciente.

Vale a pena destacar ainda que as medidas tomadas pelas políticas públicas interferem de uma maneira direta no cotidiano escolar de uma turma de EJA, por isso são necessárias ações mais eficazes para que a EJA possa se desenvolver. Apesar da EJA possuir algumas garantias, estabelecidas pela Constituição Federal, ainda não temos, na prática, a concretização dessas garantias. Uma vez que persiste a falta de financiamento prejudicando o desenvolvimento dessa modalidade de ensino, fazendo, muitas vezes, com que a sociedade civil assuma uma responsabilidade que deveria ser do poder público. Sendo assim, é fundamental conhecer melhor como são elaboradas e quais as intenções implícitas e explícitas contidas nos textos que tratam das políticas e temos, também, que observar os contextos sócio-histórico e cultural em que se realizam essas políticas. Sabe-se, portanto, que, no Brasil, a cada troca de governo tem-se a troca de diversas ações que ora estavam em curso.

Podemos, assim, considerar que as políticas públicas não surgem como remédio para todos os males, mas como conquista que se impõe como resultado de uma realidade vergonhosa diante da sociedade contemporânea e do mundo globalizado. Ainda, que se fazem necessárias políticas públicas efetivas e eficazes

para que a EJA possa se desenvolver, pois o acesso, ingresso, permanência e conclusão dos estudos desse grande contingente de excluídos do nosso país precisa ser levado a sério.

A participação da sociedade como um todo para incidir sobre as desigualdades educativas e a ajuda de todos se faz importante. Porém, dando a cada instância o papel que lhe cabe, para que esses programas voltados à EJA não se tornem reféns de uma situação que, durante décadas, fez desse assunto um discurso político rentável e desconectado de compromissos reais.

1.3 – Letramento e políticas de EJA

Hoje o que mais se discute nos cursos de formação de professores é o letramento. Este conceito, portanto, significa as diversas práticas sociais em que a escrita está inserida, abrangendo as diferentes dimensões (linguística, social e política). De acordo com Kleiman (1998), nos cursos de formação de EJA, deve-se fornecer para o professor um contraponto que questiona suas práticas e pressupostos, visando mudanças nas suas concepções da escrita, do ensino e da aprendizagem, que lhes possibilitem transformar suas práticas profissionais, se assim o desejam. Uma vez que a precariedade do letramento do professor, consequente de suas concepções sobre a escrita e de sua limitada experiência como leitor, muitas vezes não lhe permite assumir um papel crítico em relação aos conteúdos do programa. Assim, ele pode apenas reproduzir e, portanto, não há lugar para as transformações que poderiam ser instituídas através das práticas discursivas de sala de aula. Nesse sentido, é preciso redirecionar a prática pedagógica do professor em formação, tendo em vista o seu papel no contexto social.

Tomando por base essas discussões, veremos a seguir o letramento na formação do professor.

1.3.1 – Letramento e formação do professor

Sabemos que o papel do professor no processo de letramento é fundamental, visto que é o mediador entre o aluno e o conteúdo a ser aprendido, ou seja, é quem organiza as situações de aprendizagem. Sendo assim, ter como concepção de alfabetização na EJA a perspectiva do letramento, leva o aluno a compreender a língua enquanto uso, enquanto prática social, já que no seu dia a dia é envolvido por diversos gêneros textuais (contas de água e luz, panfletos, cartazes, anúncios, rótulos etc.), necessitando, portanto, compreender sua funcionalidade e dar o real sentido à leitura e à escrita.

Nesse sentido, as práticas de letramento demonstram a eficiência de estratégias que levam os alunos a interagir com textos reais, o que se contrapõe às práticas tradicionais em que o sujeito é um mero expectador do conhecimento, sendo, portanto um ser passivo. Várias vertentes de pesquisas (Soares, 2000; Kleiman, 2001; Signorini, 2003; entre outros) definem hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita e a leitura como parte essencial, tanto no que se refere à interação entre os participantes como aos processos e estratégias interpretativas, contrapondo-se às práticas sociais que sugerem apenas saber ler e escrever decodificando os signos linguísticos, ou seja, conforme Chong¹⁰ (2002), letramento não é um gancho em que se pendura cada enunciado de forma isolada, não é treinamento repetitivo de uma habilidade, nem um martelo quebrando bloco de gramática, como acontece com a alfabetização.

É possível produzir textos desde a alfabetização, sem precisar reduzir a língua a uma mera decodificação dos signos linguísticos, transformando, neste sentido, a gramática de uma simples memorização de regras, para produtores conscientes da funcionalidade dessas regras na construção do texto escrito; levando o aluno a serem produtores de textos, constituindo-se em sujeitos ativos desse processo.

Em decorrência das mudanças sociais em que se ampliam os usos da leitura e da escrita, visto que os avanços tecnológicos apontam novas formas de utilização da escrita, novos portadores de textos, novos gêneros textuais e,

¹⁰ Ver poema em proinfantil-agf-setelagoas.blogspot.com/.../letramento-de-kate-m-chong.html

consequentemente, um maior uso da escrita nas interações sociais, exige-se do professor uma formação continuada. Já que acreditamos que o único caminho possível para educar cidadãos, atuantes e úteis à sociedade moderna, passa pela reflexão a respeito da formação de professores, do modelo (ideológico) de escola que se quer implantar e do sistema educacional que se pretende adotar.

Segundo Schön (2000), a atividade profissional requer do realizador uma competência teórica, prática e criativa para agir em contextos instáveis, indeterminados e complexos, exigindo dele um processo reflexivo que deve originar-se na situação problemática e apontar caminhos para a ação.

Ainda podemos dizer que as questões teórico-metodológicas, próprias do campo da pesquisa acerca da formação do professor, são um exercício fundamental para que se desvendem novos sentidos nas práticas sociais e, possivelmente, perspectivas mais promissoras para a intervenção educacional. Nesse sentido, a interface entre teoria e prática deve ser o eixo para que se efetue o processo de ensino/aprendizagem.

Segundo Soares (2000), a proposta para alfabetização de adultos de Freire, inspiraram os principais programas de alfabetização e educação popular que se realizaram no país no início dos anos 60, pois suas ideias inovadoras criaram muito além de um método.

Só assim a alfabetização cobra sentido. É a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo... Na medida em que o homem, embora analfabeto, descobrindo a relatividade da ignorância e da sabedoria, retira um dos fundamentos para a sua manipulação pelas falsas elites. Só assim a alfabetização tem sentido. (FREIRE, 1983, p.34)

Nesse sentido, podemos perceber que Freire (*op. cit.*) cria uma concepção de alfabetização que transforma, fundamentalmente, o material com que se alfabetiza, o objetivo com que se alfabetiza, as relações sociais em que se alfabetiza.

No que se refere à concepção que transforma o material com que se alfabetiza, na proposta de Freire, trata-se de selecionar palavras do universo

vocabular dos alfabetizandos, trata-se também de selecionar palavras que atendam a uma sequência determinada de aprendizagem das relações fonema-grafema, mas não se selecionam quaisquer palavras, selecionam-se aquelas carregadas de significados social, cultural, político, vivencial.

Em segundo lugar, uma concepção de alfabetização que transforma o objetivo com que se alfabetiza não é apenas para aprender as técnicas do ler e escrever, mas alfabetização, como tomada de consciência, como meio de superação de uma consciência ingênua e conquista de uma consciência crítica, como “promoção da ingenuidade em criticidade”.

Finalmente, uma concepção de alfabetização que transforma as relações sociais em que se alfabetiza. Dessa forma, o alfabetizando é considerado não como aluno, mas como participante de um grupo; o alfabetizador é considerado não como professor, mas como coordenador de debates; a interação entre coordenador e participantes é considerada, não como aula, mas como diálogo.

Se traçarmos um perfil dos alunos adultos, na sua grande maioria, podemos ver que são indivíduos que iniciaram tardiamente o processo de escolarização, ou retornaram após longo intervalo do período regular de ensino. Ainda, a grande maioria dos alunos têm dificuldades em seguir o ritmo normal das aulas e uma avaliação mais apurada poderá retratar problemas socioculturais, econômicos, emocionais e dificuldades específicas com algumas áreas (Língua Materna, Matemática, etc.) da aprendizagem.

No entanto, isso não nos impede de considerar a possibilidade de a leitura e a escrita interferirem na atuação do sujeito e de possibilitarem uma participação qualitativamente melhor numa sociedade grafocêntrica.

Por outro lado, mesmo considerando que o aluno jovem e o adulto têm uma participação efetiva na sociedade e nos diversos grupos sociais, o acesso a muitos eventos e práticas mediadas por textos escritos é limitado, porque eles não dispõem de ferramentas que possibilitem tal participação, principalmente o domínio dos mecanismos de leitura e escrita e alguns conhecimentos textuais necessários a uma interação mais plena através desses textos.

Sendo assim, no que se refere à Língua Materna, é interessante selecionar com cuidado os conteúdos linguísticos que serão trabalhados. A prática da análise

linguística deve estar vinculada ao estudo da língua em sua modalidade oral e escrita, levando em consideração seus usos na sociedade. Para Gnerre (2003), um problema central na alfabetização de crianças e adultos é o da ausência e da redução extrema dos momentos e dos instrumentos teóricos e práticos para a medição entre oralidade e escrita. Pois, à medida que não damos espaço à fase de mediação entre oralidade e escrita, complicamos de forma desnecessária o momento já intrinsecamente difícil de alfabetização, visto como interpretação recíproca do alfabetizador e alfabetizando.

Sobre esse enfoque, Tfouni (2004) afirma que se faz necessário considerar que a relação entre a escrita e a oralidade não é uma relação de dependência da primeira à segunda, mas é, antes, uma relação de interdependência, isto é, ambos os sistemas de representação influenciam-se igualmente.

Nesse sentido, para essa autora, a concepção que em geral se faz a respeito da aquisição da linguagem escrita (alfabetização) corresponde a um modelo linear e “positivo” de desenvolvimento, segundo o qual o alfabetizando aprende a usar e decodificar símbolos gráficos que representam os sons da fala. No entanto, na realidade, passa por outras variáveis, e vai desde a questão da escolarização, que ocorre em geral junto com a alfabetização, até a consideração de que esse não é um processo linear, que envolve níveis de complexidade crescentes, em cada um dos quais diferentes objetos são contemplados e construídos pelo alfabetizando.

É imprescindível, ainda, dizer que, vivendo numa sociedade letrada, mesmo os jovens e adultos que nunca passaram pela escola têm conhecimento sobre a escrita, uma vez que todos já se defrontaram com os diversos gêneros textuais (receitas, formulários, contas de água e luz, receitas médicas, placas, cartas, etc.). Na escola, cabe ao professor criar situações em que os educandos exponham e reconheçam aquilo que já sabem sobre a escrita, para que, a partir daí, o processo de aquisição da escrita seja iniciado.

Além disso, podemos perceber que, as pessoas adultas ou crianças, mesmo as que nunca foram à escola, sabem pela vivência dessa realidade dos lugares de leitura e de escrita, uma vez que o conhecimento das concepções da escrita e da leitura é o princípio de toda atividade de alfabetização. Portanto, o ensino será organizado de forma que estas modalidades se tornem necessárias ao aluno.

Para Marcuschi (2001), a língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade, visto que a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais, não se tratando de espelhamento, mas de uma funcionalidade em geral mais visível na fala. Portanto, a oralidade e escrita são duas práticas sociais de uso da língua e não duas propriedades de sociedades diversas: ambas são usadas em contextos sociais básicos da vida cotidiana (na escola, no trabalho, no dia a dia, na família, na vida burocrática, na atividade intelectual etc.).

Pode-se dizer que fala e escrita são intuitivamente construídas como tipos ideais concebidos com princípios opostos e que não correspondem a realidade alguma, a menos que identifiquemos um fenômeno que as realizem. Dessa forma, de acordo com Marcuschi (*op.cit*) as relações entre fala e escrita se dão dentro de um **continuum** tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos, pois não mais se sustenta esta visão.

Segundo Marcuschi (*op. cit*: 45-46), pode-se dizer que as semelhanças são maiores do que as diferenças tanto nos aspectos estritamente linguísticos quanto nos aspectos sociocomunicativos (as diferenças estão mais na ordem das preferências e condicionamentos). Por sua vez, as relações de semelhanças e diferenças não são estanques nem dicotômicas, mas contínuas ou pelo menos graduais (considerando-se que o controle funcional do contínuo acha-se no plano discursivo). Ainda, estas podem ser mais compreendidas quando observadas no contínuo (ou na grade) dos gêneros textuais (que em boa medida se dão em relações de contrapartes, ocorrendo, em grau significativo, gêneros similares nas modalidades).

É preciso levar isso em conta no processo de ensino numa turma de EJA, pois a capacidade de aprendizagem sistemática do aluno depende de condições que antecedem a vida escolar e continuam atuando em diferentes situações, ao longo de toda escolarização, visto que não basta as crianças estarem “amadurecidas” biologicamente para aprenderem os conteúdos escolares. Suas experiências fora da escola, no seu dia a dia, também são fundamentais, ajudando-os a construir inúmeros conhecimentos e capacidades cognitivas que irão desenvolver processos mais complexos como, por exemplo, os processos da escrita e da leitura, ou seja, do letramento.

Segundo Magalhães (1995), o conceito de prática discursiva de letramento é indispensável. Para esta autora, a compreensão de que a escrita, longe de ser uma tecnologia neutra, tem usos particulares que dependem da experiência textual e dos propósitos dos membros da comunidade. Uma vez que contribui para a constituição de práticas comerciais e políticas, para a construção das relações sociais e das identidades dos membros da comunidade.

Isso significa, para autora, que tais usos, derivados de práticas discursivas de letramento, devem integrar o programa das aulas de alfabetização de jovens e adultos, em que a clientela de alunos é formada por pessoas que aprendem a ler e escrever com propósitos claros.

Logo, é fundamental, que o texto escrito esteja presente de forma relevante em sala de aula. Não adianta estudar a leitura e a escrita de forma descontextualizada da realidade, pois o que os alunos necessitam é de uma aprendizagem rápida e eficaz que traduzam em mudanças efetivas na sua prática.

Conforme Di Pierro, Joia e Ribeiro (2000), a educação de jovens e adultos é um campo de práticas e reflexão que, inevitavelmente, transborda os limites da escolarização, em sentido estrito, uma vez que abarca processos formativos diversos, onde podem ser incluídas iniciativas, que visam à qualificação profissional, o desenvolvimento comunitário, a formação política, e um sem número de questões culturais, pautadas em outros espaços que não o escolar. Nesta perspectiva, a EJA ultrapassa o âmbito das ações que se desenvolvem na escola, acontecendo nos movimentos sociais, como, por exemplo, nos sindicatos, associações de bairro, conselhos de moradores, residências, comunidades eclesiais de base, movimentos dos sem-terra, enfim, movimentos sociais em geral.

Portanto, deve-se levar em conta a diversidade destes grupos sociais, ou seja, seu perfil sócio-econômico, localização espacial, idade, gênero. Deve-se, também, ser mais tolerante e solidário na sua promoção, respeitando a heterogeneidade da turma. Considerar, além disso, que o aluno jovem ou adulto têm uma participação efetiva na sociedade e nos diversos grupos sociais.

Embora concebemos que o acesso a muitos eventos e práticas mediadas por textos escritos, é limitado porque eles não dispõem de ferramentas que possibilitem tal participação, principalmente o domínio dos mecanismos de leitura e

escrita e alguns conhecimentos textuais necessários a uma interação mais plena através desses textos.

É preciso, então, que diversas práticas sociais características das sociedades letradas sejam recuperadas, e a partir delas sejam selecionados textos adequados para alfabetizar. Nessa perspectiva, defendemos uma ação pedagógica de formação do professor pautada no letramento, embora reconheçamos que não basta o domínio de ensinar o conhecimento de novas teorias, o professor precisa cultivar atitudes de reflexão sobre sua prática.

Desse modo, é fundamental valorizar a experiência do professor em formação: deve-se partir dos conhecimentos e experiências já acumuladas pelo profissional no exercício de sua função ou no desempenho do papel de aluno, bem como na vivência como leitor e produtor de textos. Sendo assim, a metodologia de trabalho deveria pautar-se em situações que levem o professor a teorizar sobre os modelos teóricos que servem de suporte para tal teorização.

Diante do exposto, considerar a perspectiva do letramento como prática social é, sobretudo, dimensionar o processo de ensinar e aprender a linguagem envolvendo os indivíduos em seu contexto social. Dessa forma, as habilidades de leitura e escrita não podem ser dissociadas de seus usos, das formas empíricas que elas assumem na vida social (SOARES, 1998). Essa concepção extrapola as noções de determinadas habilidades, tais como memorização, coordenação motora, discriminação visual e auditiva, lateralidade, etc. A concepção de escrita como processo pressupõe a existência de um movimento dialético entre sujeito e objeto que se modificam mutuamente, por meio da interação.

Partindo dessa concepção, podemos perceber que é difícil chegar a um consenso acerca do conceito de letramento, pois vários fatores interferem nas práticas sociais que envolvem leitura e escrita, ou seja, fatores econômicos, sociais, culturais, históricos, ideológicos e políticos. Isso se dá em decorrência de uma sociedade que vivencia diferentes práticas discursivas e nessas práticas surgem, portanto, diversidade de letramentos (científico, visual, escolar, midiático, tecnológico, profissional etc.). No entanto, é válido salientar que, essas práticas, esses fatores e essa diversidade de letramento quem vai definir é o contexto em que o aluno está inserido, ou seja, vai depender da situação, do ambiente, da comunicação (sujeito do discurso) defendida por Bakhtin (2003, p.277).

Para Bakhtin (2003), as práticas sociais que permeiam a comunicação têm importância decisiva nas fases iniciais do desenvolvimento do ser humano. Uma vez que, para ele, aprender a falar significa aprender a construir enunciados e os limites de cada enunciado concreto, como unidade da comunicação discursiva, são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, nos diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação.

Pode-se, aqui, traçar uma aproximação entre Bakhtin e Vygotsky (1984) sobre a influência que os signos e as práticas sociais exercem sobre o indivíduo no seu processo de desenvolvimento cognitivo e de inserção social. Para ambos, há a precedência do social sobre o individual, inclusive, também, na perspectiva de Freire, que vê o homem como ser consciente, dialógico, histórico, que participa de uma sociedade.

Freire (1983) afirma que ser alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como um meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la, concebendo o papel do letramento como sendo ou de libertação do homem ou de uma domesticação, dependendo do contexto ideológico em que ocorre, uma vez que o homem, ao aprender criticamente, prepara-se para ser o agente dessa aprendizagem e, caso isso não ocorra, será mais memorizador mecânico das sentenças, das palavras, das sílabas, desvinculadas de um universo existencial.

Diante disso, podemos perceber que há um reconhecimento implícito de que os “letramentos” são múltiplos e presentificados em práticas diversas, trazendo assim, uma noção ampla, já que abrange as mais variadas áreas do conhecimento, não se restringindo apenas à leitura e à escrita.

Motivadas por leituras de alguns autores como Kleiman (2001), Kleiman e Matêncio (2005) e Signorini (2007), veremos o que se discute acerca do letramento na formação de professor, visto que o professor é um agente social condutor da interação com o aluno, ampliando seu papel na tarefa de saber lidar com a realidade multifacetada que é a sala de aula.

1.3.1.1 – Problematizando a formação do professor

Nas três últimas décadas a área de Linguística, principalmente a Linguística Aplicada (doravante LA), e de Educação partilham a ideia de que se deve rever o papel do professor na sala de aula, bem como a sua formação. Diante disso, é necessário que medidas urgentes sejam tomadas, ou seja, é preciso investir mais no professor, já que é sobre ele que recai a culpa do sucesso ou fracasso da aprendizagem, precisando, portanto, transpor estas barreiras através da educação continuada.

Conforme Magalhães (2001, p.240), pode-se observar que, no Brasil, enquanto na década de 1970 privilegiava-se a dimensão técnica do professor, na década de 80, houve um avanço nessa questão, quando a preocupação voltou-se para a profissionalização em serviço. É somente na década de 90, porém, que começa a surgir uma alternativa mais ousada na formação de professores: a educação continuada.

Para Garcia (1998), a educação continuada não seria a tradicional justaposição entre formação inicial e aperfeiçoamento, mas uma formação voltada para o desenvolvimento profissional dos professores sempre em evolução e continuidade. Esse tipo de formação passa a ser propiciado na medida em que os pesquisadores interessados na questão mudam seus paradigmas de pesquisa. Eles migram da pesquisa de tradição positivista, cujo maior interesse é na análise do produto final e o objeto de pesquisa, por sua vez, é investigado sob controle de variáveis específicas; para a pesquisa interpretativista, em que o foco aqui é no processo do uso da linguagem e as investigações são feitas no ambiente natural onde o objeto de estudo está inserido. (Ribeiro, (2005); Vóvio e Souza, (2005); Kleiman e Matêncio, (2005)).

Neste contexto, como afirma Pimenta (2000, p.24), a transformação da prática dos professores deve se dar, pois, numa perspectiva crítica. Assim, deve ser adotada uma postura cautelosa na abordagem da prática reflexiva, evitando que a ênfase no professor não venha operar, estranhamente, na separação de sua prática do contexto organizacional no qual ela ocorre.

No campo da LA, a análise das práticas linguísticas e discursivas é o instrumento para se estudar o processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, a linguagem tem como foco central revelar como os alunos aprendem, de que forma se constrói o saber em sala de aula, como são construídas as relações sociais nesse contexto, como essas relações determinam o sucesso e o fracasso no processo de ensino e aprendizagem. Ou seja, observam-se os diversos contextos em que as práticas de letramento estão inseridas.

De acordo com Rafael (2001), a sala de aula, como uma instância de produção de conhecimento, envolve três elementos constitutivos: o professor, o aluno e o conteúdo específico da disciplina. A interação entre esses elementos provoca uma mobilização de conhecimentos ou saberes que estão disponíveis em sala de aula. Sendo assim, quando o professor faz uso de diversas fontes de saberes (o acadêmico-científico, o conteúdo da disciplina, o conhecimento de mundo) ou, em outros termos, mobiliza saberes advindos de diversas instâncias de reprodução de conhecimento, ele está fazendo uso da transposição didática (Bronckart e Giger, 1998).

Kleiman (2005) defende que devemos conhecer a natureza dos saberes do professor para que possam ser utilizados no desenvolvimento de programas que consigam ajudar o aluno na construção de uma identidade profissional autônoma, consistente. No entanto, o saber não deve ser compreendido como uma emanção da dedução ou da indução. Ele é, antes de tudo, o resultado de uma produção social e, por isso mesmo, está sujeito às revisões e às reavaliações que podem ir até a sua refutação completa.

Nessa mesma perspectiva, Tardif (2010) também apresenta esta concepção, que a formação profissional do professor é constituída por um conjunto de saberes diferentes, chamados de saberes docentes que se incluem nos seguintes grupos de saberes: disciplinares, curriculares e experienciais, denominando estes de saber plural. Os saberes oriundos da formação profissional, (conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores, escolas normais ou faculdades de ciências da educação) são denominados de saberes disciplinares. Nesses saberes estão incluídos, também, saberes das ciências da educação e da ideologia pedagógica que são chamados de saberes pedagógicos.

Outros saberes mobilizados abordados por Tardif (2010, p. 33-40) são os saberes curriculares que correspondem àqueles selecionados pela instituição

escolar; que definem o modelo da cultura erudita e de formação para a cultura e são apresentados sob a forma de programas escolares. Já os saberes experienciais ou práticos são os específicos, adquiridos e desenvolvidos pelos professores no exercício e na prática de suas funções, com base em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Além desses, há ainda, os denominados de saberes do senso comum, que tanto podem se referir aos saberes adquiridos na observação e experiência prática, como aqueles que inicialmente oriundos da academia, se vulgarizaram, tornaram-se idéias generalizadas nas práticas escolares e sociais e, por serem como verdades, não são questionados.

Todos esses saberes, juntam-se e constituem o saber-fazer, o saber-fazer do professor não se constrói simplesmente ao se dominar um saber teórico. A passagem abaixo transcrita é relevante no que se refere ao que a professora-alfabetizadora fazia antes da formação do PBA – CG e da formação continuada, seu saber se classifica, de acordo com Tardif (2010), como um saber oriundo de uma formação profissional obtida numa escola normal – denominado saber disciplinares.

Tendo isso em vista, o processo de formação de professor deve partir de uma reflexão sobre a prática em sala de aula, e não apenas de atualização teórica como elemento condicionador suficiente para a transformação almejada.

De acordo com Kleiman e Matêncio (2005), o sucesso do letramento depende da capacidade do professor de conhecer e se relacionar com práticas não-escolares de letramento construídas por outros agentes em outras instituições ou agências de letramento (família, igreja, sindicatos, etc), que podem ser até mais bem-sucedidas no processo de introdução na cultura letrada.

Dessa forma, a formação profissional é um processo que transborda em larga medida os cursos de formação propriamente ditos (de licenciatura), e que envolve a aquisição, a mobilização e a articulação/transformação de saberes e competências heterogêneas, vinculadas a práticas socioculturais específicas, não restritas às de letramento, e indissociáveis de contextos institucionais sócio-historicamente situados (SIGNORINI, 2005, p.96).

Na apresentação do livro “Significados de inovação no ensino de língua portuguesa e na formação do professor”, organizado por Signorini (2007), a autora problematiza a noção de inovação no meio escolar ao abordar a questão da modelização do que se costuma designar genericamente por variáveis contextuais

escolares da inovação trazida ou inspirada pela ciência linguística e sancionada por documentos oficiais:

“a inovação é aqui compreendida como uma categoria de base interpretativista, portanto, não-universal e muito menos transparente ou neutra: inovador é sempre uma qualificação positiva que favorece determinados agentes sociais em detrimento de outros, o que faz com que esteja sempre sujeita a contestação” (SIGNORINI, 2007, pág.9).

Neste sentido, conforme a autora, “diferentes tipos de mudanças provocadas pela inovação refletem o grau de harmonia entre os valores trazidos pela professora e já os existentes no contexto social de inserção. Quando não há congruência, para a autora, pode ocorrer: (a) rejeição da inovação; (b) mudanças radicais nos modos de inserção; (c) re-criação da inovação ou (d) mudanças de valores, tanto da parte dos usuários quanto dos criadores da inovação.” (p.218)

Assim, como pesquisadores, devemos levar em consideração os processos de contextualização do que se pretende inovar, visto que existem interesses heterogêneos nas diversas instâncias do saber.

Ainda, podemos dizer que as questões teórico-metodológicas próprias do campo da pesquisa acerca da formação do professor são um exercício fundamental para que se desvendem novos sentidos nas práticas sociais e, possivelmente, perspectivas mais promissoras para a intervenção educacional. Nesse sentido, a interface entre teoria e prática deve ser o eixo para que se efetue o processo de ensino/aprendizagem.

Além dessa relação teoria/prática, é necessário também que os professores (de forma geral) tenham consciência de que o sucesso da didatização de saberes acadêmico-científicos não depende apenas da transposição desses saberes. Esta seria uma etapa de um processo muito mais complexo.

Com essas perspectivas teóricas discutidas, podemos perceber que o professor passa a ser um mediador e seu papel ao ensinar a ler e escrever, principalmente a grupos de tradição oral, tem dimensões identitárias, uma vez que envolve a aculturação desses grupos através da escrita. A escrita, para estes grupos, implica a aprendizagem de práticas discursivas e é a sua realidade que

interessa no momento, cabendo, portanto, ao professor mediar os conteúdos aplicados ao contexto em que eles estão inseridos. Quando o professor consegue mediar essas práticas efetivas de uso sociais da escrita no cotidiano da sala, o mesmo já assume o papel de agente de letramento, ou seja, um agente social. Neste sentido agente de letramento implica algo mais que “mediador”. É válido salientar que o aluno já tem consciência da verdadeira função da escrita.

Para Kleiman (2005), um agente social é um mobilizador dos sistemas de conhecimentos pertinentes, dos recursos, das capacidades dos membros da comunidade. Sendo assim, o domínio da escrita está atrelada às práticas sociais de uso. Só que o grande problema da autenticidade da prática escolar, como bem afirma a supracitada, esvazia-se quando se parte da ação social, visto que o letramento requer funcionalidade nas atividades propostas, já a escola objetiva o produto da produção escrita.

A formação do professor deve delinear a sua prática através do letramento, buscando uma transformação porque é ele quem organiza e orienta os saberes. Por isso é necessário formar professores que façam a diferença, se o que se exige dele é que forme alunos que façam também a diferença no mundo dominado pela escrita e pela leitura, ambos são essenciais para as mudanças de identidades, principalmente nesses grupos de alfabetização de jovens e adultos emergenciais, no caso, o Programa Brasil Alfabetizado, assunto este que iremos discutir no capítulo III como forma de analisar as práticas.

Todo percurso já feito nos leva a debater sobre a resignificação do ensino de linguagem escrita, principalmente nestes programas financiados pelo MEC, levando-nos a questionar como na formação de professores o trabalho com a escrita é desenvolvido e como esses professores mobilizam esses saberes na sua atuação profissional em sala de aula, enquanto profissionais responsáveis, por excelência, pela condução do processo de ensino-aprendizagem do letramento.

Nessa perspectiva de engajar o professor e o aluno nas práticas letradas, veremos a seguir o uso dos gêneros textuais como alternativa para o processo de alfabetização.

1.3.3 – O uso dos gêneros textuais na formação continuada da EJA

Considerando que já não mais se admite que ser alfabetizado é apenas dominar o alfabeto e a escrita de modo simplório, visto que o trabalho com a alfabetização e o letramento de EJA é tarefa séria, é de extrema importância, portanto, o uso dos gêneros textuais para o desenvolvimento de práticas letradas em sala de aula.

Nesse sentido, o professor precisa atualizar-se, visto que, conforme Guedes (2004), o aluno tem que aprender a usar a escrita para cumprir uma das funções básicas: a interação verbal, já que é penoso para o aprendiz desvencilhar-se de modo espontâneo da produção da conversa do cotidiano, para passar a operar com o modo de produção escrita, que exige abstração do contexto imediato e um trabalho consciente e deliberado de composição do texto. Assim, destacamos que a interação permite que sejam constituídos os sujeitos e a própria linguagem.

Geraldi (1991) parte da concepção de que a linguagem constitui e é constituída na atividade humana. Sendo assim, a linguagem é uma forma de interação, através dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não pré-existiam antes da fala.

Considerando linguagem e sua relação dinâmica com o homem, compreendemos que, na sala muito precisa ser feito no sentido de melhor usar o texto nas aulas de linguagem, uma vez que acreditamos que é na prática permanente e instrumento do uso dos gêneros textuais que se efetivam as práticas letradas para uma escrita autônoma.

Travaglia (1997), concebendo também a linguagem como um lugar de interação humana, trata de três tipos de gramática: a de uso, a gramática reflexiva e a gramática teórica e/ou normativa.

Interessa-nos destacar a gramática de uso que, segundo o estudioso, esta, é não consciente, implícita e liga-se à gramática internalizada do falante. No ensino ela se estrutura em atividades que buscam desenvolver automatismos de uso das unidades, regras e princípios da língua (ou seja, dos mecanismos desta), bem como os princípios de uso dos recursos das diferentes variedades da língua.

A gramática de uso pode e deve ser trabalhada a partir das produções orais e/ou escritas de alunos e de outros produtores de textos de todos os gêneros (inclusive os literários, mas não só eles).

Quando trabalhamos com jovens e adultos, precisamos compreender que, embora estes aparentemente interajam no processo de ensino-aprendizagem de forma semelhante à das crianças, eles já desenvolveram modos próprios de elaboração e de lidar com o real, mesmo na ausência da linguagem escrita e de conhecimentos sistematizados. Por isso, faz-se necessário um trabalho a partir dos gêneros textuais.

De acordo com Marcuschi (2003), os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Nesse sentido, são eventos sociais maleáveis e surgem das necessidades e atividades sócio-culturais, com grande influência das inovações tecnológicas (rádio, televisão, jornal, internet, revista) por terem uma presença marcante e centralidade nas atividades comunicativas. Esses suportes tecnológicos da comunicação vão propiciando e abrigando gêneros novos e bastante característicos, uma vez que os gêneros surgem ancorados em outros gêneros, podendo ser por transmutação ou por assimilação de um por outro, o que vai determiná-los pode ser a forma, a função, o suporte ou o ambiente em que os textos aparecem. Eles, enfim, contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. Nessa perspectiva, “a apropriação dos gêneros é mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (BRONCKART, 1999:103).

Neste sentido, os gêneros textuais são formas verbais orais e escritas que resultam de enunciados produzidos em sociedade e, no âmbito do ensino e aprendizagem de português, são vias de acesso ao letramento, propõe-se que no ensino, as atenções estejam voltadas para os textos que encontramos em nossa vida diária com padrões sócio-comunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas. Assim, a concepção de gênero diz respeito à forma, ao conteúdo, aos propósitos comunicativos e ao percurso social. O gênero textual reflete todo o processo social envolvido na comunicação que encerra.

Em relação às práticas didático-pedagógicas de Língua Materna precisa considerar a heterogeneidade de textos existentes em nossa sociedade e levar em conta a necessidade de tornar nossos alunos proficientes leitores e produtores de

textos. O desafio dos docentes está em criar situações em sala de aula que permitem aos alunos a apropriação desta diversidade. Essa apropriação não pode estar limitada ao que os livros didáticos trazem, nem ao que oferecem como atividades é preciso que sejam promovidas atividades em que os alunos leiam textos nos respectivos suportes em que foram publicados. Além de sua carga sócio cultural, historicamente construída, os gêneros textuais servem como ferramenta essencial na socialização do aluno.

Para os alunos da EJA, os gêneros textuais em sala de aula possibilita-lhes a apropriação e o uso da leitura e da escrita nas práticas sociais, proporcionando-lhes a saírem de uma prática tradicional da mera decodificação do código alfabético.

Kleiman (2000) mostra que a dificuldade do processo de ensino e aprendizagem da escrita reside, em parte, na ausência de funções relevantes, dentro do contexto de sala de aula, para os usos sociais da escrita, ou seja, para engajar os alunos em práticas que sejam instrumentais e constitutivas, ao mesmo tempo, do seu desenvolvimento individual e o de sua comunidade.

Além disso, o conhecimento adquirido acerca de gêneros textuais envolve ainda questões relacionadas às ações de escolher o tipo mais adequado para o assunto definido (cartaz, notícia, carta etc.), organizar as idéias do texto, articular as palavras na frase, as frases nos parágrafo e estes no texto, para observar a coesão e coerência textuais, manter o assunto, controlar a ortografia, como afirma Kock e Travaglia (1991, p.70). O aluno precisa ter acesso a essas informações para que ele possa ter domínio maior da leitura e da escrita em suas necessidades mínimas, como cidadão, dentro de uma sociedade incontornavelmente penetrada pela escrita.

Os alunos devem se preparar para compreender a dinâmica dos gêneros que circulam na sociedade e estarem aptos a interagir com a escrita a que estão familiarizados e com a que não lhes é familiar, dada à dinamicidade do discurso. No ensino, devem ser desenvolvidos recursos para uma melhor compreensão dos aspectos cognitivos e esquemáticos que contribuem para que um determinado discurso aconteça. Os professores devem promover oportunidades para um aprendizado igualitário com vistas a vários letramentos, que levam os aprendizes a compreensão de como funcionam os textos nas sociedades. Defende-se aqui que letramento não apenas envolve compreensão do material que circula socialmente na comunidade brasileira como também implica o entendimento das maneiras de apropriação do sistema de escrita.

O aspecto lingüístico não opera sozinho e não encerra em si todo o potencial de textualização. Esse é o fato mais importante nesta perspectiva teórica, pois o texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em gênero textual e circula em domínios discursivos, isto é, em grandes esferas ou instâncias de produção textual ou de atividade humana. Assim, além de ser necessário entender melhor as concepções com que os professores devem trabalhar, é preciso oferecer propostas metodológicas para um ensino mais eficaz da leitura e da produção de texto. Só assim estaremos contribuindo para um ensino mais eficaz.

Nesse contexto, além das preocupações sobre letramento, existe também um repensar na Formação Continuada dos professores de EJA, visto que esses avanços teóricos requerem deles um repertório de conhecimentos relacionados à especificidade do processo de aquisição da língua escrita. São conhecimentos que se referem tanto aos saberes concernentes à natureza da alfabetização, quanto à ação pedagógica nesta área.

Diante do exposto, devemos ressaltar que a formação continuada de professores deve ser feita numa estreita relação com a prática cotidiana, com acompanhamento sistemático do professor, para que possa garantir algum retorno desta ação ao trabalho efetivo em sala de aula, considerando que novos gêneros surgem a cada momento, uma vez que são motivados por novas práticas comunicativas. Como exemplo disso tem-se os gêneros digitais, cujo surgimento se deu, principalmente, em funções das novas tecnologias da informação e da comunicação.

Analisando as nossas práticas diárias, percebemos que é de fundamental importância trabalhar com gêneros textuais, porque comunicar-se, tanto oralmente quanto através da escrita, possuem algumas especificidades e algumas formalidades, sendo esse conhecimento de fundamental importância para o sucesso nas relações sociais.

Além disso, temos que notar que o diferencial da EJA consiste em que os alunos estão ali por vontade própria e necessidades das mais diversas, desde encontrar um emprego, manter-se nele, procurar novas amizades, aprender a ler e a escrever, (o que, por motivos diversos, não foi possível durante sua infância) ou até por uma realização pessoal. A prática docente, portanto, precisa contribuir para a relação teoria e prática que esses jovens e adultos vivenciam no decorrer do curso, tornando-se uma experiência agradável, satisfatória e fundamental para a formação do professor e do aluno.

Focalizaremos, agora, algumas considerações sobre avaliação e seu papel em programas oficiais, uma vez que, durante o curso do PBA-CG, foram aplicados dois testes cognitivos de Língua Materna (o inicial e o final). Diante disso, iniciaremos, nesse próximo capítulo, as discussões acerca das políticas avaliativas através de um breve histórico e, logo após, veremos as modalidades de avaliação, tecendo algumas considerações teóricas e, por sua vez, buscando identificar em quais das modalidades de avaliação se aplicam esses programas oficiais, tendo em vista que não houve retorno dos resultados para possíveis mudanças na prática pedagógica. Além disso, como veremos na análise, os testes cognitivos inicial e final se diferenciaram nas concepções de alfabetização, em outras palavras: o teste inicial considerou a alfabetização como mera decodificação dos signos linguísticos e, no teste final, a concepção de alfabetização já via o texto como prática de leitura e escrita.

1.4 – Considerações sobre a avaliação e seu papel nos programas oficiais: as políticas avaliativas

Neste capítulo já discutimos sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, situando-o no âmbito da política educacional, mostrando uma longa trajetória de desafio para inserção e reconhecimento como uma modalidade de ensino, tendo, além disso, como foco o aluno do PBA. Em seguida, trouxemos a formação do professor com base nas suas práticas letradas, tendo em vista o letramento e as políticas de EJA. Agora apresentamos a questão da avaliação.

Não é de hoje que se discute acerca da avaliação escolar no Brasil, visto que avaliar é considerado um ato complexo que requer acompanhamento de todo o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do educando, levando em conta o contexto em que ele está inserido, a sua realidade, as suas vivências. No entanto, o que se percebe, na realidade, é que a avaliação da aprendizagem serve, muitas vezes, como ferramenta de exclusão educacional e social, ou seja, como estratégias classificatória e excludente para atingir objetivos afins de uma política pública governamental.

Diante disso, qual o papel do professor neste processo, tendo em vista que ele é o principal ator na efetivação da avaliação? Neste sentido, podemos afirmar,

conforme B.Marcuschi (2004), que os parâmetros da avaliação escolar são socialmente construídos e historicamente situados, tanto para o professor como para os criadores de programas educacionais.

De acordo com Penna Firme (1994), a avaliação educacional tem uma trajetória de 100 anos, desde o século XX até o início do século XXI. Esse período dividiu-se em quatro gerações: A primeira, nos anos 20 e 30, onde o estudo da avaliação era voltado para a questão de elaboração de testes e exames. Aqui, o papel do avaliador era então eminentemente técnico. Penna Firme (op.cit, p.108) expõe que: “os testes e exames eram indispensáveis na classificação de alunos para se determinar seu progresso”, deixando, portanto, claro que a avaliação, desde sua criação, ao classificar os alunos os excluía do processo educacional.

Na segunda geração, nos anos trinta e quarenta, a preocupação era compreender o processo de avaliação, para consequentemente definir melhor os objetivos educacionais e poder comprovar se eles foram ou não alcançados. O papel do avaliador, nesta época, estava muito mais direcionado para descrever padrões e critérios de técnica em sua atuação, sendo conhecida como geração descritiva. O papel do professor, por sua vez, não foi muito diferente do anterior. Ainda, foi nesta geração que surgiu o termo avaliação educacional por Tyler (1949) que ficou conhecido como pai da avaliação. Tanto na primeira geração, quanto na segunda o papel do avaliador era meramente técnico.

A terceira, ocorrida no fim da década de quarenta até o final da década de oitenta, os estudiosos (Scriven, 1967; Saul, 1988; Vianna, 1989 e outros) tiveram que correr para possibilitar correções necessárias em relação à aprendizagem do aluno. O papel do avaliador, nessa geração, era de juiz, preservando, é claro, a medição e a descrição tão utilizadas nas gerações anteriores.

O julgamento foi um elemento decisivo incorporado à avaliação para que, ao longo dos tempos, fossem realizadas práticas de ensino excludente. Pois, nem sempre, realiza-se um julgamento justo. Por isso era e ainda é comum o professor tomar decisões que afetam positiva ou negativamente a vida daquele aluno, sem refletir sobre as consequências daquela determinada ação. Pois é fato que a avaliação pode ser usada como instrumento de poder pelo professor.

A quarta geração, ocorrida no início da década de noventa, surgiu tendo por base os conflitos gerados nas outras três, ocasionado pelo pluralismo, posições, valores e decisões. Sua maior característica foi a negociação, onde o consenso era

buscado entre pessoas de valores diferentes, respeitando-se, contudo, os dissensos identificados.

Sendo assim, a avaliação da quarta geração passa a ser um processo interativo e se fundamenta num paradigma construtivista. A mesma situa-se e se desenvolve a partir de preocupações, proposições ou controvérsias em relação ao objeto da avaliação. É nesta geração que se inicia a valorização dos aspectos humanos do educando, sua cultura, seu contexto, considerando projetos, programas, cursos etc. Como coloca Penna Firme (1994, p.110).

Até aqui, uma trajetória no tempo, através das quatro gerações de avaliação. Surge agora um modo horizontal de perceber tendências e tendenciosidades, um caminho que perpassa as várias abordagens avaliativas que a prática tem revelado. Interessante a imagem dessas duas trajetórias – vertical e horizontal – é a de uma cruz, significativa representação para a avaliação, apontando para todas as direções de um amplo contexto, que integra desde o técnico ao ético, dinamizando e respeitando o sentido humano-social e político, o qual deverá ser aperfeiçoado como consequência de qualquer avaliação.

A avaliação, neste sentido, é um exercício mental que permite a análise, o conhecimento, o diagnóstico, a medida e/ou julgamento de um objeto. Esse objeto deve ser a própria realidade daqueles que a fazem. Avaliar seria um processo de autoconhecimento e, também, o conhecimento da realidade e da relação dos sujeitos com a mesma. Seria um processo de análise, julgamento, re-criação e/ou ressignificação das instituições que fazem parte dessa realidade e das pessoas que a mantêm.

Questionam-se, assim, os processos de avaliação da aprendizagem dos alunos que estão, usualmente, centrados num desempenho cognitivo, sem referência a um projeto político-pedagógico da escola, e, ainda, o sentido das avaliações escolares que se têm direcionado, especialmente, para o ato de aprovar ou reprovar os alunos.

Segundo as pesquisas de Hoffmann (1999), nas últimas décadas vem aumentando o número de educadores preocupados com a questão da avaliação. Não se conformam mais em praticar uma avaliação que não garanta um verdadeiro e “completo” diagnóstico do que realmente os alunos aprenderam e desenvolveram.

Pesquisas realizadas pela autora constataram que os professores não sabem conceituar o que é avaliação. Para eles, a avaliação se resume ao simples fato de

medir e testar. A avaliação não é considerada um processo, e sim, meios ou instrumentos para se chegar ao produto e atribuir uma nota ou conceito.

Sendo assim, o que seria medir ou medida em educação? Esta palavra, no que diz respeito à avaliação, pode ter vários significados. Medir significa: medir uma extensão, quantidade, volume e outros atributos dos objetos e fenômenos. Podemos medir na escola a frequência dos alunos, o número de acertos de uma prova, o número de livros lidos ou de trabalhos entregues.

Diante disso, podemos notar que os professores não percebem esse significado com essa clareza e, muito menos o utilizam com esse sentido. O critério de avaliação utilizado pelo professor é com o objetivo de atribuir uma nota a todas as ações exercidas na sala de aula pelo aluno indiscriminadamente. Até mesmo em atividades em que não dá para obter um resultado preciso como: redações e desenhos, visto que são muito subjetivos. Também não se deve dispensar a medida do processo de avaliação. De acordo com Hoffmann (1995, p.54), “A quantificação não é absolutamente indispensável e muito menos essencial à avaliação. Consiste em uma nova ferramenta de trabalho, útil, somente, se assim for compreendida.”.

E testar o que seria? Testar é saber se funciona, é investigar. Para a maioria dos educadores, testar é sinônimo de constatação de resultados, é aplicar testes para saber se os alunos realmente aprenderam, é medir conhecimento, ver se o aluno sabe ou não determinado conteúdo.

Como exposto, para a maioria dos educadores, a avaliação se resume à tarefa e instrumentos de medir e testar. Sobre essa questão Hoffmann (1995, p.54) afirma:

Julgo que conceber e nomear o “fazer testes”, o “dar notas”, por avaliação é uma atitude simplista e ingênua! Significa reduzir o processo avaliativo, de acompanhamento e ação com base na reflexão, a poucos instrumentos auxiliares desse processo, como se nomeássemos por bisturi um procedimento cirúrgico.

Considerando o que afirma Hoffmann, estamos nomeando a avaliação pelos instrumentos que servem apenas de aplicativos do processo e não o processo em si. O que não seria condizente. Quando ela compara os instrumentos da avaliação aos instrumentos cirúrgicos, ela critica o fato de que em outras áreas do conhecimento tudo está bem definido, inclusive o que seja instrumento e o que seja processo. Por que só na educação não sabemos diferenciar instrumentos de avaliação de processo? A quem interessa que na educação as coisas estejam mal organizadas?

Que os conceitos não estejam bem definidos? Que o professor não seja capaz de dominar bem as teorias, os processos e as metodologias de ensino?

Diante disso, se faz necessário que a escola e o professor proporcionem aos alunos, indiscriminadamente, uma oportunidade de ter uma aprendizagem crítica, reflexiva, que lhes possibilitem ascender na vida profissional e social, podendo assim transformar a sua realidade.

Ao lado desses aspectos, surge uma das questões mais controvertidas nas práticas de avaliação: os registros numéricos na aferição do rendimento dos alunos. A Escola Plural¹¹ propõe a abolição total das notas, pois considera esses registros arbitrários porque são unidirecionados, já que é de total responsabilidade do professor, que assume o papel de juiz.

De acordo com as palavras de Hoffmann (1995), podemos dizer que a adoção de conceitos nas escolas alcançou alguns resultados, de fato significativos, em termos da oposição estabelecida em relação ao privilégio da mensuração. Vários educadores e muitas instituições principalmente aquelas que organizaram o seu ensino em Ciclos de Aprendizagem perseguem até hoje tais propósitos, desvinculando-se da classificação dos alunos exclusivamente através dos testes.

Contudo, as práticas rotineiras da avaliação, a superficialidade teórica no tratamento dessas questões e as críticas da subjetividade possível, inerente ao próprio processo, provocaram, na maioria das escolas, o retorno ao uso das notas nos sistemas de classificação do estudante. Afinal na maioria das vezes os conceitos são decodificações, pelos educadores, de escalas numéricas que permaneceram ou voltaram a existir. Para Hoffmann, apesar destas insatisfações com os conceitos, ainda assim a utilização destes diminui a necessidade da precisão e diminui as arbitrariedades propiciadas pelas notas.

Portanto, o conceito na avaliação propicia um melhor acompanhamento do processo avaliativo, não se resume a avaliar só o produto final. O mais importante é que, independentemente da forma escolhida de representar os resultados da aprendizagem dos alunos, seja através de notas ou de conceitos, a avaliação deve se constituir num processo investigador e formativo contínuo.

¹¹ A referida concepção, conforme Hoffmann (1995) questiona as provas, usualmente empregadas como instrumentos únicos de avaliação, e critica o fato de serem mal elaboradas e sem critérios claros de aferição da aprendizagem dos conteúdos específicos ensinados. Considera ainda que exista uma visão reduzida e equivocada do processo de avaliação, já que a nota, produto concreto dessa verificação, reflete apenas o resultado do desempenho cognitivo do aluno, e nunca o processo educativo que o levou a tal resultado.

Podemos perceber diante de um breve histórico acerca da avaliação que tal prática continua, principalmente no que se refere aos objetivos dos Programas do governo, especificamente no nosso trabalho que é Educação de Jovens e Adultos no Programa Brasil Alfabetizado, cujas finalidade e a forma de avaliar se inserem numa avaliação diagnóstica, uma vez que busca resultados para fins estatísticos.

A avaliação diagnóstica neste programa possui caráter investigativo e se detém nas habilidades e competências mínimas adquiridas pelos alunos durante 6 meses, principalmente na fase inicial do curso. Para B. Marcuschi (p.67, 2004) avaliar envolve concepções de mundo, conhecimentos partilhados e a emissão de juízos de valor, juízos esses formulados com base em informações selecionadas, em contextos sócio-históricos específicos.

Na nossa compreensão, a avaliação é um *continuum*, que necessita de um acompanhamento sistemático para que o educando não perca o estímulo à aprendizagem, visto que seu conhecimento está atrelado, muitas vezes, nesses programas incentivados pelo MEC, à prática social, cultural e financeira.

Como podemos ver, há várias modalidades de avaliação: diagnóstica, formativa e somativa. Estas permitem conhecer o domínio dos pré-requisitos necessários para a compreensão da nova unidade de ensino e, por sua vez, detectar as dificuldades de aprendizagem e suas deficiências.

Segundo B. Marcuschi (2000), no âmbito do ensino-aprendizagem a avaliação detém função relevante, visto que cabe a ela orientar a tomada de decisões. Além disso, a avaliação em ambiente escolar advém de sua autoridade relativamente estabilizada tanto social quanto institucionalmente, para credenciar ou descredenciar os estudantes em suas aspirações de ocuparem os diferentes patamares em que se acha organizada a educação formal no país. Perrenoud (1999) em seu livro intitulado “Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas” afirma que na prática da avaliação da aprendizagem não só se classificam os alunos na sala de aula, como, também, estas práticas possuem um efeito social muito mais definido: ou seja, a avaliação cria as hierarquias sociais que consolidam a sociedade atual.

De acordo com Perrenoud, vivemos numa época de crise de valores, da cultura, do sentido da escola. Através da prática da avaliação da aprendizagem, fortalece-se a hierarquia da organização social. Esta, portanto, se apresenta com relações de subordinação, em graus sucessivos, entre as classes sociais. Nesta

perspectiva, conforme Perrenoud, através da prática da avaliação se classificam e distribuem as classes ou grupos sociais. A classificação dos alunos na sala de aula determina a hierarquia social. Por isso, ele diz

“avaliar é também privilegiar um modo de estar em aula e no mundo, valorizar formas e normas de excelência, definir um aluno modelo, aplicado e dócil para uns, imaginativo e autônomo para outros”. (PERRENOUD, 1999, p.09)

Por isso, este autor enfatiza que “A avaliação está no âmago [a parte mais íntima ou fundamental; a essência] das contradições do sistema educativo, constantemente na articulação da seleção e da formação, do reconhecimento e da negação das desigualdades”. (Op.cit, p.12)

Neste sentido, a avaliação tem um significado muito profundo, à medida que oportuniza a todos os envolvidos no processo educativo momentos de reflexão sobre a própria prática. Através dela, direciona o trabalho, privilegiando o aluno como um todo, como um ser social com suas necessidades próprias e também possuidor de experiências que devem ser valorizadas na escola. Devem ser oportunizados aos alunos os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade.

Nesse sentido, faz-se necessário redimensionar a prática de avaliação no contexto escolar. Então, não só o aluno, mas o professor e todos os envolvidos na prática pedagógica podem, através dela, refletir sobre sua própria evolução na construção do conhecimento.

O educador deve ter, portanto, um conhecimento mais aprofundado da realidade na qual vai atuar, para que o seu trabalho seja dinâmico, criativo, inovador. Assim, colabora para um sistema de avaliação mais justo que não exclua o aluno do processo de ensino-aprendizagem, mas o inclua como um ser crítico, ativo e participante dos momentos de transformação da sociedade.

Como qualquer política pública, a avaliação feita pelo MEC, atualmente, constitui o instrumento que o Governo Federal está utilizando para verificar o cumprimento da primeira diretriz do PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação, criado pelo Decreto nº 6.094 de 24 de abril de 2007, que decidiu “estabelecer como foco a aprendizagem, apontando resultados concretos a atingir”. No entanto,

podemos perceber que, em um primeiro momento, o uso do conceito de resultados amostrais, até então pouco usado em políticas educacionais brasileiras, ficou entendido como se as dimensões de apoio financeiro e institucional às escolas tivessem sido relegadas. Além disso, a avaliação da competência leitora em LM capta apenas os aspectos superficiais dessas competências, necessitando concentrar-se em medir competências básicas e essenciais que dote os alunos de capacidade de responder corretamente aos itens, lhe permitindo consolidar competências fundamentais para o exercício de sua cidadania.

Com base nestas breves discussões acerca da avaliação, é importante focalizar de forma sucinta o que vem a ser as modalidades de avaliação, tendo em vista que os programas do MEC se baseiam nelas para apresentar os resultados estatísticos de como anda o ensino no Brasil. Dessa forma, veremos, neste primeiro item, a avaliação somativa, tendo em vista seus fundamentos e perspectivas, visto que a avaliação proposta pelo PBA também apresenta, na sua aplicabilidade, características desta modalidade de avaliação que tem no final da instrução a finalidade de verificar o que efetivamente o aluno aprendeu. Aqui, no contexto do programa, obter dados estatísticos para erradicação do analfabetismo.

É válido salientar, portanto, que se faz necessário focalizarmos essas modalidades de avaliação para que possamos caracterizar a avaliação feita na fase inicial e no fim do curso do PBA – CG, embora não possamos apresentar quais foram os resultados das provas, uma vez que não foi a professora-alfabetizadora que as corrigiu e nem tampouco soube dos resultados. Sabe-se, apenas, que a coordenadora entregaria as provas para a Secretaria do Estado.

Avaliação somativa: fundamentos e perspectivas

A avaliação somativa possui caráter normativo, visto que tem como objetivo representar um sumário, uma apresentação concentrada de resultados obtidos numa situação educativa, não havendo respostas parcialmente aceitáveis, já que o processo de conhecimento em construção não é considerado. Nesse sentido, está integrada ao objetivos específicos a serem aplicados em aula e captar a

rentabilidade cognitiva dos alunos na compreensão e aquisição dos conhecimentos adquiridos pelos educandos.

Conforme B. Marcuschi (2004), entende-se por avaliação somativa aquela que ocorre na escola em períodos demarcados, sem o propósito de interferir no processo de ensino-aprendizagem, mas de fixar etapas para o tratamento do conteúdo por parte do docente, bem como punir, premiar, rotular e classificar o educando. Estas, por sua vez, estimulam a hierarquização, padronização e seletividade no interior dos grupos. Nessa perspectiva, os resultados produzidos no âmbito da avaliação são costumeiramente traduzidos em nota, o aprendizado aqui está como sinônimo de conteúdos de ensino. Vejamos o que Hoffman (1995, p.48) enfoca no que se refere às notas:

Nem todas as tarefas escolares são organizadas de forma a resultar em contagem de acertos (os denominados itens objetivos). Mesmo assim, os professores atribuem valores numéricos a essas tarefas com a mesma determinação com o que o fazem em relação aos itens objetivos. (...). O que percebo é que a compreensão de muitos professores é de que “tudo pode ser medido”, sem se dar conta que muitas notas são atribuídas aos alunos arbitrariamente, ou seja, por critérios individuais, vagos e confusos, ou precisos demais para determinadas situações.

Percebe-se que, quando o educador escolhe avaliar com notas, ele está em um terreno de conflitos, uma vez que dar nota é julgar, medir, pesar e muitas vezes nos deparamos com situações que não dão para ser medidas com precisão. Por isso, terminamos dando uma nota justa ou injusta, o que poderá influir positiva ou negativamente na vida escolar e até extra-escolar do aluno. Neste momento, portanto, o papel do professor é imprescindível, visto que a avaliação somativa é efetuada com base no **produto**, tornando-se importante o **resultado**.

Nesse contexto, a avaliação somativa, é compreendida como função também seletiva, que atribui notas, conceitos como resultados bimestrais, trimestrais ou semestrais, estabelecendo, assim, uma rotina de tarefas e provas periódicas, o que desvincula sua razão de ser no processo de construção de conhecimento. Na realidade, o aluno se condiciona apenas a estudar os conteúdos de ensino sem levar em consideração a ação reflexiva do saber, da interação, da dinamização do processo de conhecimento.

A avaliação somativa, é, portanto, referenciada à norma (Vianna, 1989), uma vez que se constitui parâmetros de comparação elegendo o grau de excelência da turma com base nos resultados, ou seja, quem é o melhor ou pior aluno. Isso traz uma conotação de erro como fracasso e de dúvida como insapiência.

Prosseguindo, no quadro dessas reflexões teóricas, veremos a seguir, baseados nos estudos de Cardinet, (1977); Perrenoud, (1999); B. Marcurchi (2004), uma breve discussão sobre a avaliação formativa, tendo em vista que o alvo da avaliação é a promoção humana.

Avaliação Formativa: breves concepções

A distinção entre avaliação formativa e avaliação somativa só foi introduzida a partir de 1967, com base nos estudos de Scriven (1991), todavia apenas no contexto da avaliação de programas e métodos de ensino, e tendo como propósito, conforme B. Marcuschi (2004), a busca de padrões mais objetivos na definição do alcance escolar. Além disso, foi este autor que atribuiu à avaliação o caráter de transdisciplinaridade, por sua natureza transversal em relação às disciplinas. Sendo inclusive, por analogia, comparada à eletricidade que potencialmente pode chegar a todos os lugares a ser acionada quando necessário (SCRIVEN, 1991:363-364)

Estudos atuais acerca deste tipo de avaliação a caracterizam como integrada ao processo ensino-aprendizagem, tomando para si a tarefa de regular continuamente a ação pedagógica ao nível, ao modo de aprender e ao ritmo de cada aluno, tendo em vista conhecimentos que devem ser universalizado para todos.

Segundo Cardinet (1977a), uma avaliação é formativa se, pelo menos na visão do professor, supostamente contribuir para a regulação das aprendizagens em curso no sentido dos domínios visados. Essa linguagem abstrata permite definir a regulação por meio de suas intenções, sem se fechar de saída em uma concepção particular dos objetivos, da aprendizagem ou da intervenção didática. Nesse contexto, a avaliação passa por toda prática pedagógica, considerando o verdadeiro papel do professor e do aluno, ou seja, o aluno como aprendiz e o professor como organizador das situações didáticas.

Com base nisso, a abordagem da avaliação formativa, como afirma B. Marcuschi (2004), não se situa na contagem ou não dos erros, na atribuição ou não de notas, na adoção ou não de conceitos, na elaboração ou não de provas, no desenvolver de um ou vários exercícios, mas no significado atribuído a essas e outras atividades. Nessa perspectiva, coloca o professor como um orientador, aquele que se preocupa com os efeitos de sua ação para melhor atingir seus objetivos. A avaliação passa a estar a serviço das aprendizagens, regulando o ensino para adaptá-lo ao aluno e levá-lo a dominar os seus conhecimentos.

De acordo com Perrenoud (1999), a avaliação formativa é um componente quase obrigatório de toda avaliação contínua, porém nem toda avaliação contínua pretende ser formativa uma vez que muitas intervenções do professor não têm por objetivo principal contribuir diretamente para a progressão das aprendizagens porque sua tarefa não é somente ensinar, mas também manter a ordem, animar trocas, pôr para trabalhar, etc.

Conforme B. Marcuschi (2004), a avaliação formativa é referenciada a critérios, uma vez que se leva em conta as habilidades e competências adquiridas pelos alunos em função das aprendizagens desejadas e sócio-historicamente acordadas, tendo em vista os progressos realizados pelo aprendiz no confronto com suas próprias posições anteriores. Aqui, o aluno é levado a construir o saber e a avaliação é feita em função das necessidades, regulando as aprendizagens.

O que se percebe, na realidade, é que a avaliação formativa se funda no processo de ajudar o aluno a aprender e a se desenvolver regulando e otimizando as aprendizagens, vendo o professor e os alunos como sujeitos sociais.

Feitas essas considerações, veremos, a seguir, que a prática da avaliação permite verificar: o grau de consecução dos objetivos, através da comparação das metas com os resultados, ajuda a detectar as falhas e incorreções no processo de ensino e aprendizagem e facilita a distribuição dos resultados escolares dos alunos, de acordo com uma escala previamente definida. Sendo assim, faz-se necessário conhecer em quais das modalidades de avaliação se inserem os programas oficiais, reconhecidos pelo MEC e qual sua finalidade.

A avaliação diagnóstica nos programas oficiais

Como afirma Blaya (2004) sobre a avaliação diagnóstica, ainda não é possível perceber que ela possui caráter investigativo, uma vez que ela está imbricada às demais modalidades: somativa, pelo caráter classificatório e a formativa, por direcionar o trabalho do professor considerando as perspectivas teóricas adotadas pelo programa, caso a escola ou os programas tenham acesso aos resultados.

De acordo com o autor, a Avaliação Diagnóstica tem dois objetivos básicos: identificar as competências do aluno e adequar o aluno num grupo ou nível de aprendizagem. No entanto, os dados fornecidos pela avaliação diagnóstica não devem ser tomados como um "rótulo" que se cola sempre ao aluno, mas sim como um conjunto de indicações a partir do qual o aluno possa conseguir desenvolver a aprendizagem. Se a escola, instituição ou professores admitem a possibilidade de ter responsabilidade nos resultados obtidos pelos alunos, então o modo como se orienta o processo educativo e a avaliação adquire outros significados.

No entanto, se tomarmos por base os processos de avaliação aplicados nos programas oficiais do MEC, ele apresenta como uma avaliação de forma diagnóstica. Neste sentido, este tópico procura discutir sobre a função da avaliação diagnóstica, ou seja, os critérios dessa prática de avaliação usada no PBA, uma vez que essa modalidade registra, geralmente, diferenças de competências muito transitórias.

A mesma, como iremos observar na análise das provas aplicadas pelo PBA (ver cap. 3) tem como foco avaliar a aprendizagem do aluno e o processo de ensino por parte do professor. Além disso, estamos considerando que ela possui caráter investigativo, visto que como uma avaliação externa, visa classificar os conhecimentos adquiridos pelos alunos, ou seja, o que de fato sabe influenciar o professor na tomada de decisão sobre o processo de planejamento do ensino e da aprendizagem a ser concretizada, auxiliar no replanejamento da prática profissional do ensino. Considerando os efeitos do desempenho do professor sobre o desempenho dos alunos. Em suma, é uma ferramenta disponível para os programas determinados pelo MEC para investigar o andamento do ensino no Brasil e analisar as práticas do professor.

Segundo alguns Programas realizados pelo MEC (Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – GESTAR¹², Programa de Formação de Professores Alfabetizadores – PROFA¹³, etc.), a aplicação da avaliação diagnóstica nas escolas tem por finalidade a investigação das habilidades e competências adquiridas pelos alunos. O que fica claro neste tipo de avaliação é uma amostragem do processo de ensino/aprendizagem da escola, do estado, a região numa escala de ensino inferior ou superior ao que se determina como “padrão” para o ensino, deixando, portanto, de considerar a verdadeira realidade que cada escola possui.

Na realidade, a avaliação diagnóstica envolve um conjunto de questões elaboradas para aferir o conhecimento do aluno nas diversas áreas do ensino. No Ensino Fundamental I e II priorizam-se as áreas de Matemática e Língua Portuguesa, baseada, conforme os Programas afirmam, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

É interessante constatar que, embora este tipo avaliação não substitua a avaliação do professor em sala de aula, espera-se que ela seja “indutiva” de mudanças, e isso, necessariamente, requer do professor buscar caminhos alternativos para melhorar as práticas efetivas, já que o objetivo deste tipo de avaliação está longe de ser claro pelo seu dispositivo didático.

Como se pode notar, a avaliação diagnóstica se funda nos objetivos de classificar e certificar se os procedimentos de ensino estão correspondendo às metas que eles precisam atingir diante dos órgãos internacionais (Banco Mundial, ONU, etc.). Esse tipo de avaliação, também, possibilita aos profissionais discutirem acerca dos resultados do Programa, objetivando identificar os pontos de atritos e as relações de competição e cooperação dos vários programas em andamento.

Bloom (1956) descreve os tipos de avaliação como categorias funcionais, uma vez que se apresentam com funções distintas, porém as mesmas estão diretamente relacionadas e estreitamente ligadas em sua complementaridade,

¹² “Este programa compreende: o desenvolvimento de curso de **Formação Continuada em Serviço** (grifo do autor) a ser desenvolvido ao longo de quatro semestre/módulos; a organização de um **Sistema de Avaliação Diagnóstica dos Alunos** (grifo do autor), cujos professores participam do curso de Formação, com base em um banco de itens de avaliação de Língua Portuguesa e de Matemática, em caráter de avaliação externa; a organização de atividades de auto-avaliação para os professores visando ao mapeamento do seu desenvolvimento profissional”. (Guia Geral do Gestar, 2002, pág. 11).

¹³ Foi produzido pelo MEC no ano de 2000, com a proposta de nortear as ações educativas de alfabetização no Ensino Fundamental, Educação Infantil e Educação de Jovens e Adultos., destinado a formar professores de escola pública de todo país. (<http://monografias.brasil-escola.com/pedagogia/formacaocontinuada.htm>).

estando presente em todas as etapas do processo de ensino e aprendizagem e se faz necessário, portanto, compreendê-las:

A avaliação diagnóstica – se refere ao conhecimento da realidade através da observação, diálogo e do desenvolvimento de estratégias que possibilitem a caracterização dos espaços, dos sujeitos, das condições *a priori*; a formativa – diz respeito às ações avaliativas que propiciam a formação contínua e sistemática durante o processo e, por fim, a somativa – que significa a análise conclusiva donde são somados todos os elementos constitutivos da avaliação. A análise *a posteriori* pode ser emitida através de parecer conclusivo, notas, etc.

Nesse sentido, tanto a avaliação somativa, quanto a formativa, como a diagnóstica apresentam processos distintos, porém não são necessariamente dicotômicas. Vejamos o quadro 01, adaptado de Cunha (1998:157), onde ela estabelece um paralelo entre a natureza da avaliação somativa e formativa, segundo seus objetivos, funções, objetos e temporalidade e, acrescentando ao mesmo, faremos também menção à avaliação diagnóstica com base na forma como é aplicada nos Programas determinados pelo MEC.

Quadro 02: Avaliação somativa, formativa e diagnóstica, segundo o objetivo, função, objeto e temporalidade da avaliação.

Aspecto Observado	Avaliação Somativa	Avaliação Formativa	Avaliação Diagnóstica
Objetivo	Validar o ensino Certificar	Regular a ação pedagógica	Investigar o ensino nas instituições Classificar
Função	Estabelecer balanços parciais, intermediários e finais	Rever as condições de aprendizagem	Diagnosticar nos momentos iniciais, intermediários e finais os conhecimentos adquiridos pelos alunos Influenciar o professor na tomada de decisão
Objeto	Conteúdos Conhecimentos ensinados	Situações de interação e de aprendizagem Competências/conteúdos	Conteúdos Conhecimentos ensinados A escola, o professor e o aluno
Momento	Depois das atividades de ensino	Durante as atividades de aprendizagem	No início e final do ano letivo

Como já vimos, essas categorias de avaliação apresentam características diferentes, principalmente as avaliações formativa e somativa, que têm como foco avaliar o aluno, já a avaliação diagnóstica, mais usada em Programas, busca não só avaliar o aluno, mas também o professor, ambos são investigados. A avaliação diagnóstica, como podemos notar no quadro, tem como objeto de investigação o mesmo aspecto observado na avaliação somativa, sendo que a diagnóstica exige resultados para que sejam compatibilizados com o diagnóstico da situação escolar.

Ainda, antes de encerrar esses esclarecimentos, é importante reiterar que a avaliação diagnóstica é uma modalidade que se faz também importante, visto que é preciso conhecer como anda o ensino no nosso país, além disso, que esta sirva como parâmetro para melhoria das práticas efetivas em sala de aula e que, tanto o aluno como professor se reconheçam dentro deste processo para que assim haja mudanças significativas.

É válido salientar, portanto, que é preciso focalizar essas modalidades de avaliação para que possamos caracterizar a avaliação feita na fase inicial e no fim do curso do PBA – CG, embora não possamos apresentar quais foram os resultados das provas, uma vez que não foi a professora-alfabetizadora que as corrigiu e nem tampouco soube dos resultados. Sabe-se, apenas, que a coordenadora entregaria as provas para a Secretaria do Estado.

A seguir, abordaremos como se dá avaliação no contexto da nossa língua, já que o interesse da avaliação do PBA se refere, também, à LM, área do nosso trabalho.

1.4.1 – A avaliação no contexto da Língua Materna

A avaliação, no contexto da língua materna, ainda se movimenta de forma tímida no que se refere às práticas interacionais, visto que ainda permanece privilegiando a forma em detrimento da função, do produto e não do processo; mas podemos considerar que já houve mudança bastante significativa em relação ao que se fazia antes, visto que a avaliação era feita de forma objetiva, podendo ser quantificada, contabilizando-se os erros detectados na estrutura formal, tratando-se da perspectiva que vê a memorização da nomenclatura gramatical e o exercício de

análises sintáticas e morfológicas como as únicas possibilidades de estudar a língua (Evangelista et alii, 1998:12).

Conforme Evangelista (1998), a prática de ensino de língua portuguesa que se orienta por uma concepção tradicional, ao ignorar o trabalho textual do aluno ignora, também, o seu conhecimento linguístico anterior à escola, especialmente o fato de que ele domina, pelo menos, a língua falada coloquial e sabe, portanto, produzir e interpretar textos orais e informais. Como aconteceu na avaliação aplicada pelo PBA – CG na fase inicial do curso, a atividade proposta como iremos ver no capítulo da análise se restringia à escrita do nome, de alguns dados pessoais, a identificação de letras e ligar a figura ao nome (*pato, peteca, pena e panela*).

Das afirmações de Evangelista, pode-se depreender, conforme B.Marcuschi (2004), duas noções de avaliação, a somativa e a de língua como produto, código e estrutura, ou seja, como algo independente dos usuários e dos contextos, surgem estreitamente inter-relacionadas no âmbito do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. A somativa, por sua vez, por punir, premiar, rotular e classificar o educando. Neste sentido, ainda se faz necessário redimensionar o processo de avaliação do texto escrito na escola.

Atualmente, em algumas instituições, principalmente as acadêmicas, já se leva em conta que o sujeito da aprendizagem caminha em etapas evolutivas que supõem capacidades intelectuais, modelos operatórios, capacidade afetivas diferentes nas distintas etapas evolutivas, que aprender significa elaborar formas de pensar e de relacionar conteúdos e não somente incorporar informações já constituídas. Enfatiza-se, portanto, a necessidade de perceber como os alunos desenvolvem as habilidades e como adquirem os conteúdos curriculares relacionados à leitura e à produção adequada de textos.

Como expressam os Parâmetros Curriculares Nacionais, a escola deve formar indivíduos capazes de adaptar-se às diversas situações discursivas, expressando-se oralmente e por escrito em diferentes padrões de linguagem, especialmente o culto, adquirindo a competência leitora para obter informações, interpretar dados e fatos, recrear-se, recriar, observar, comparar e compreender textos.

Assim sendo, reconhece-se como objetivo do ensino de LM o desenvolvimento, pelos alunos, de competência discursiva e textual, quer em processos de recepção, quer nos processos de produção textual. A competência

discursiva e textual, portanto, é adquirida pelo aluno e pelas atividades de linguagem – leitura e produção de textos –, inseridas em situações linguisticamente significativas, nas quais são postas em foco as dimensões semântica, gramatical e pragmática da linguagem.

Essas considerações explicitam, então, que a linguagem como atividade não se faz em palavras e frases isoladas, mas se realiza em processos reais de comunicação, como discurso e texto. Por outro lado, é interessante constatar que, mesmo assim, a situação da avaliação ainda precisa sofrer alterações substantivas.

Nas atividades de avaliação do PBA – CG, como iremos apontar no decorrer do capítulo dedicado à análise, vamos perceber que, na avaliação inicial, as diretrizes para a avaliação colocam-se longe de uma concepção de língua como uso. No entanto, na avaliação final, a atividade proposta se caracterizava como prática letrada, usando o texto como base para a aquisição da leitura e da escrita, ou seja, a prova, nesse segundo momento, se baseava devido à intervenção nos conhecimentos linguísticos.

2 CAPÍTULO: Considerações Metodológicas

2.1 – A natureza da pesquisa:

Com base no objetivo proposto neste trabalho, já informado na introdução, a saber: compreender como a prática pedagógica no ensino de Língua Materna no Programa Brasil Alfabetizado de Campina Grande, via formação continuada, contribui para a efetiva adequação aos objetivos e avaliação do programa em âmbito nacional.

Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de base interpretativa, apoiando-se na pesquisa-ação, num estudo de caso. Esta envolve sempre um plano de ação, que se baseia em objetivos, em um processo de acompanhamento e controle de ação planejada e no relato concomitante desse processo, recebendo, muitas vezes, esse tipo de pesquisa, o nome de intervenção. (ANDRÉ, 2000, p.33).

Interessa à pesquisa um estudo contextualizado em que a interação entre pesquisador e pesquisado possibilite a interpretação de significados tendo em vista a visão que esses participantes têm do contexto representado aqui pela sala de aula, com seus aspectos sociais, pessoais, físicos, etc. (Moita Lopes, 1994: 332-334). Em geral, trata-se de uma ação planejada, de uma intervenção com mudanças dentro da situação investigada.

Para obtenção dos dados, utilizamo-nos da técnica da observação via pesquisa-ação, tendência utilizada em trabalhos etnográficos que visa colocar o professor na posição de sujeito pesquisador, atribuindo a este a tarefa de envolver-se continuamente com a investigação de sua própria prática para, assim, produzir conhecimento (Cavalcanti e Moita Lopes, 1991:138-140). No entanto, aqui a intervenção feita foi no acompanhamento, elaboração, discussão de propostas de trabalho para a sala diretamente com o professor. A nossa atuação pedagógica restringiu-se a uma turma do Programa Brasil Alfabetizado em Campina Grande – PB, durante oito meses, no qual acompanhamos e participamos das aulas de língua materna (ver itens a seguir).

Quanto à abordagem dos dados, o tipo de pesquisa aqui desenvolvido apóia-se no tratamento qualitativo dos registros, objetivando, pois, destacar os aspectos que têm relevância para a construção de um possível significado, passível de

reinterpretação, sobre o modo como os sujeitos propõem a ruptura com o modelo textual oferecido, incorporando ao seu escrito um “estilo próprio”. Ainda segundo essa concepção, a pesquisa visa sempre implementar alguma ação que resulte em uma melhoria para o grupo de participantes, geralmente, pertencentes às classes economicamente desfavorecidas, que é o nosso caso nesta pesquisa.

2.2 – Local da Pesquisa:

A pesquisa em foco desenvolveu-se numa Turma de Educação de Jovens e Adultos do Programa Brasil Alfabetizado na Rede Estadual de Campina Grande-PB, situada no Bairro de Santa Rosa, localizada na Rua do Sol. As aulas eram dadas na garagem da residência da professora-alfabetizadora, tendo espaço para alocar mais de 10 alunos matriculados no Programa.

No total, dispunham de 18 carteiras que foram cedidas pela SAB (Sociedade dos Amigos de Bairro) do referido bairro (não foi possível as aulas serem desenvolvidas nesta instituição por conta dos festejos juninos, uma vez que em abril já começam os ensaios da quadrilha na cidade). O quadro-de-giz pertencia a professora-alfabetizadora.

As aulas estavam previstas para iniciarem, conforme o Programa, no dia 14/01/2008, no entanto, em decorrência da falta de recursos para a compra de material tanto do aluno como para o professor, elas só tiveram início para os retardatários no dia 18/02/2008. Quanto aos recursos financeiros para a iniciação das aulas (já que nos dois primeiros meses de execução do programa, o programa não enviou material para uso dos alunos e professor, vindo, posteriormente, apenas lápis, caderno, borracha, régua), foram doados pela signatária da pesquisa o material de uso dos alunos e do professor (cadernos, lápis, papel ofício, borrachas, régua, giz, cartolinas, pincéis atômicos para uso do professor, hidrocor, giz-de-cera, lápis de cor, revistas usadas, jornais impressos para pesquisa, dentre outros conforme necessidade).

Nessa pesquisa acompanhamos e participamos do trabalho da professora regente.

2.3 – Os sujeitos:

2.3.1 – A professora-alfabetizadora

A professora-alfabetizadora, no período da coleta de dados, tinha 40 anos, e já estava no 3º ano como alfabetizadora deste Programa. Nos dois primeiros anos havia trabalhado para o Programa Brasil Alfabetizado através da Secretaria de Educação do Município de Campina Grande, e este último para a Secretaria do Estado. Exerce, também, há 13 anos o cargo de professora da Escola Bíblica Dominical da IECNJ (Igreja Evangélica Congregacional Nova Jerusalém).

QUADRO 3 – CARACTERIZANDO A PROFESSORA-ALFABETIZADORA DA EJA PBA-CG

Professor	Idade no período da coleta de dados	Formação acadêmica	Séries que leciona	Tempo de magistério	Outras atividades
P	40 anos	Concluiu apenas o técnico pedagógico	Alfabetização no PBA	13 anos	Professora por 13 anos da Escola Bíblica Dominical da ICNJ

2.3.2 – A pesquisadora

A pesquisadora é professora do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Félix Araújo, pertencente a Rede Municipal de Campina Grande há 20 anos. Na referida escola, desenvolve um trabalho pedagógico, tendo já exercido o cargo de professora de Educação Especial, Reeducadora da SAPE (Sala de Apoio Pedagógico Específico) e da Sala de Recursos (todas estas salas tinham como objetivo recuperação de dificuldade de aprendizagem) e atualmente como professora de sala regular e coordenadora do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação).

A mesma é licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com habilitação em Supervisão Escolar e Licenciada em Letras e Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Especialista em Linguística pela UEPB e Mestre em Linguística pela UFPB. Atualmente é aluna do Programa de Doutorado em Linguística – PROLING (UFPB).

QUADRO 4 – CARACTERIZANDO A PESQUISADORA

Signatária da pesquisa	Idade no período da coleta de dados	Formação acadêmica	Séries que leciona	Tempo de magistério	Outras atividades
S	35 anos	Licenciada em Pedagogia e Letras. Especialista e Mestre em Linguística	Ensino Fundamental I	20 anos	Coordenadora do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação)

2.3.3 – Os alunos:

Os alunos, sujeitos dessa pesquisa, alguns passaram pela escola, precisando abandonar os estudos por falta de condições e, portanto, tendo que trabalhar, já outros nunca frequentaram a escola (3 alunos: A2, A5, A10 – ver quadro abaixo). Esses alunos, no geral, tinham idade mínima de 38 anos e a máxima 75.

Todos trabalhavam durante o dia, exercendo função de doméstica, vendedor, empregada doméstica, faxineira, entre outros serviços. Muitos com renda inferior a um salário mínimo.

A turma da EJA-PBA–CG era composta de 10 alunos, dos quais 7 frequentavam quase que regularmente (A1, A5, A6, A7, A8,A9 e A10), uma vez que havia grande oscilação, o que tornava difícil para o professor desenvolver um trabalho mais sistemático, necessitando, muitas vezes, fazer com os alunos faltosos as atividades individuais. Os motivos das faltas eram diversos: doença, chegavam

tarde do trabalho, cansaço físico, precisavam cuidar de parente doente, entre outros, tornando o trabalho irregular. Desses 10 alunos, 3 desistiram (A2, A3 e A4).

QUADRO 5: PERFIL DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO PBA-CG

Alunos	Idade no período de coleta de dados	Nunca frequentou a escola	Frequentou a escola	Profissão	Renda mensal
A1	37 anos		X	Doméstica	-
A2	40 anos	X		Ajudante de Pedreiro	Inferior a um salário mínimo.
A3	42 anos	X		Faxineira	Inferior a um salário mínimo
A4	52 anos		X	Faxineira	Inferior a um salário mínimo
A5	58 anos		X	Doméstica	-
A6	58 anos		X	Doméstica	-
A7	60 anos		X	Doméstica	-
A8	68 anos		X	Vendedor	Salário Mínimo
A9	75 anos		X	Aposentada/Doméstica	Salário Mínimo
A10	75 anos	X		Aposentada/Doméstica	Salário mínimo

2.4 – A coleta de dados

Os dados foram coletados durante o período de 18 de fevereiro até setembro de 2008, totalizando 46 encontros de práticas efetivas em sala de aula na área de Língua Materna e mais 08 encontros para observação do planejamento e aplicação de entrevistas gravadas e encerramento, num total de 72 horas de trabalho.

A nossa pesquisa desenvolveu-se em várias etapas, as quais obedecem à seguinte sequência:

- 1º - Aplicação de uma entrevista para saber como foi a formação inicial da professora-alfabetizadora no PBA-CG
- 2º - Entrevista com a professora-alfabetizadora sobre sua concepção de leitura, escrita, produção de texto e letramento.
- 3º - Entrevista com os alunos sobre sua concepção de leitura e escrita.
- 4º - Gravação e acompanhamento das aulas de Língua Materna.
- 5º - Acompanhamento do planejamento e preparação das atividades da professora-alfabetizadora em sua residência.
- 6º - Planejamento das atividades com a professora.
- 7º - análise do material didático da professora antes da formação inicial proposta pelo PBA – CG (como fazia antes).
- 8º - Análise do material da formação inicial feita pelo programa.
- 9º - Análise do material didático da professora na formação continuada.

2.5 – Contextualizando as aulas de ensino/aprendizagem em LP no PBA-CG

Esta pesquisa, que consistiu em observar e participar das aulas de Língua Materna, tendo em vista o processo de ensino/aprendizagem de leitura, escrita e produção, foram coletados, como já foi dito anteriormente, na residência da professora-alfabetizadora do PBA-CG da Rede Estadual da Paraíba.

A escolha dessa turma se deu pelo fato de que a professora-alfabetizadora se prontificou a colaborar com a pesquisa e era de suma importância para nós conhecermos como, na realidade, funcionam as aulas de Língua Materna neste Programa, já que é foco central do PBA formar o alfabetizando um cidadão crítico e participativo.

As aulas funcionavam no turno noite, das 7:00 às 9:00, no entanto, em decorrência dos atrasos dos alunos, alguns chegavam tarde do trabalho, às vezes só se iniciavam às 7:30min. As aulas de LM eram dadas geralmente nas segundas e quartas-feiras (quando havia alteração, a professora nos comunicava) e equivaliam a 1:00 a 2:00. Um dia da semana era reservado pelo Programa para o professor

planejar e preparar suas atividades (sempre nas quintas-feiras). Os demais dias a professora reservava para a disciplina de matemática.

As aulas de LM, conforme a professora-alfabetizadora, seriam planejadas tendo em vista os conteúdos básicos para a Alfabetização de EJA. Essa relação de conteúdos foi entregue durante a formação inicial para todos os professores que iriam trabalhar no programa, os conteúdos compreendiam: linguagem e matemática. Como nossa pesquisa se trata de Língua Materna, levamos em consideração os conteúdos de linguagem, que são os seguintes (ver anexo C):

Listagem de atividades do PBA-CG

- 1- identificação do nome;
- 2- letras que compõem o nome;
- 3- contagem das letras do nome;
- 4- escrita do próprio nome;
- 5- leitura do nome;
- 6- escrita do nome completo;
- 7- agrupamento de outros nomes que iniciam com a letra do próprio nome;
- 8- conjunto e subconjunto dos nomes que iniciam com a mesma letra;
- 9- descrição de pessoa, objetos, ambientes, cenas e situações (ampliação do vocabulário);
- 10-grafismo com letra de forma maiúscula;
- 11-palavras iniciadas com vogais;
- 12-leitura de rótulos e embalagens;
- 13-identificação e leitura de símbolos;
- 14-identificação de vários tipos de textos (bula,receita,aviso,lista de compras,material,carta,poema, etc.)
- 15-leitura de pequenas palavras;
- 16-escrita de pequenas palavras;
- 17-leitura e escrita de pequenos textos.

Com base na listagem de atividades, podemos notar que a concepção de linguagem focalizada se divide em dois eixos: (a) língua escrita: alfabeto – vogais e consoantes, palavras, letras maiúsculas e minúsculas; (b) símbolos, tipos de textos,

leitura escrita. Neste contexto, a proposta de alfabetização no PBA-CG se restringe ao domínio da leitura e da escrita enquanto código, limitando o processo de ensino-aprendizagem e o conhecimento de mundo desta clientela.

Além disso, como informação da professora-alfabetizadora, fazia parte do PBA-CG que o coordenador, mensalmente, tivesse contato com o professor para planejamento e acompanhamento da turma. No entanto, no decorrer do curso, segundo a professora, só aconteceram quatro encontros. Desses quatro encontros, no dia 28/05/2008, a coordenadora entregou algumas atividades (ver anexo D) para serem aplicadas em sala, cujos textos são: “O garotinho chamado amor”, “Mães malvadas” (Dr. Carlos Hecktheuer, 2004), “Cadê minha casa” (Ângela Leite de Souza, 1990) e “Saúde: utilidade pública – DENGUE” (Ricardo Zea Salas Garcia). Considerando o público alvo, os textos distribuídos são infantilizados, uma vez que não possibilita ao aluno desenvolver o seu senso crítico, pois o assunto abordado pouco tem significado para a sua realidade.

Nas aulas de Língua Portuguesa, desenvolviam-se atividades de leitura, produção de texto e conhecimentos linguísticos. Contamos com aproximadamente 20h de aulas gravadas e anotações de campo. O quadro 6, a seguir, descreve as aulas analisadas, apresentando informações sobre a turma observada: o dia das aulas, o número de alunos por aula, os instrumentos de coleta de dados, os conteúdos ministrados e/ou atividades desenvolvidas, as fontes dos textos trabalhados.

QUADRO 6: AS AULAS DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE LP DO PBA-CG

Data	Nº de Alunos	Duração	Inst. de Coleta	Atividades desenvolvidas e/ou conteúdos abordados	Fontes dos Textos
18/02/2008	10	2h	-Gravação e anotação de campo	-Dinâmica: 'A propaganda' -Ilustração por parte dos alunos de objetos para serem propagados. -Escrita do seu nome na propaganda feita. -Troca da propaganda ilustrada c/os colegas. -Apresentação da propaganda do colega, vendendo o produto. -Identificação, no cartaz, das vogais nos nomes dos alunos. -Identificação dos colegas da sala que começavam com a mesma letra. -P/casa: escrever palavras iniciadas c/vogais.	
19/02/2008	06	2h	-Gravação e anotação de campo	-Dinâmica: música – “Como vai você?” -Elaboração de crachás contendo o nome do aluno. -Correção da atividade de casa no cartaz. -Registro das palavras dos colegas que eles não escreveram. -Identificação das vogais e leitura-oral coletiva das palavras.	- Autor desconhecido

				-Citação de palavras começadas c/a vogal U. -Registro por parte do professor no quadro-de-giz. -P/casa: Leitura de palavras começadas por vogais.	
20/02/2008	07	2h	-Gravação e anotação de campo	-Estudo das palavras estudadas na aula anterior. -Apresentação oral sobre a vida de cada um (nome, número de filhos, profissão, o que gosta de fazer, rua onde mora, como sou). -Ilustração da mão numa folha de papel para ser escrito em cada dedo desenhado: idade, endereço, profissão, o que gosta de fazer e como é; na palma da mão a escrita do nome. -Estudo das profissões. -Treino ortográfico envolvendo as profissões. -Leitura das palavras e correção no quadro. -Separação de sílabas. -P/casa: Leitura das palavras envolvendo as profissões. -Exercício envolvendo o assunto.	-
21/02/2008	04	2h	-Gravação e anotação de campo	-Retomada da aula anterior envolvendo as profissões. -Leitura individual das palavras. -Identificação do rótulo do produto IGUAL. -Estudo do rótulo IGUAL, caracterizando e citando outros produtos q/ levam o mesmo nome (sabão em barra, desinfetante, saco de lixo,	

				sabão em pasta, água sanitária) P/casa: Pesquisa dos preços dos produtos.	
26/02/2008	06	2h	-Gravação e anotação de campo	-Colagem das embalagens com a marca do produto e identificação no cartaz. -Aplicação de um dominó de palavras com lh.	
27/02/2008	06	2h	-Gravação e anotação de campo	-Aplicação de um ditado de palavras envolvendo palavras com lh. -Escrita das palavras no quadro pelo aluno com a ajuda do professor. -Leitura de frases com mensagens evangélicas -Pesquisa em revistas e jornais de palavras com lh.	
03/03/2008	05	2h	-Gravação e anotação de campo	- Revisão da aula anterior. -Leitura das palavras estudadas no dominó e das pesquisadas em revistas e jornais. -Classificação das palavras quanto ao nº de sílabas. -P/casa: Pesquisa de palavras c/ três sílabas.	
04/03/2008	08	2h	-Gravação e anotação de campo	Estudo da palavra Mulher (o que é ser mulher, seu papel na sociedade o mês e dia que comemora a data) Discussão oral sobre os movimentos da Terra (rotação e translação) -Estudo das famílias silábicas.	

				-Formação de palavras. -Estudo dos meses do ano e dos dias da semana, registrando no cartaz.	
05/03/2008	04	1h (1º mom .)	-Gravação e anotação de campo	Retomada da aula anterior, focalizando o dia e o mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher. - Estudo sobre os meses, dias, horas do ano, focalizando no cartaz. - Estudo da letra inicial de cada mês. - Leitura oral coletiva envolvendo os meses do ano.	
07/03/2008	06	2h	-Gravação e anotação de campo	- Leitura do texto bíblico "A mulher virtuosa" (Provérbios 31). -Discussão sobre o texto. -Relato oral como surgiu o Dia Internacional da mulher. -Homenagem prestada pela Assist. Social do bairro e representante da SAB, falando do papel da mulher. -Entrega de uma mensagem. -Entrega de uma lembrança por parte da signatária da pesquisa. - Lanche coletivo	-Bíblia Sagrada, Almeida Revista e Atualizada, 1999.
12/03/2008	06	2h	-Gravação e anotação de campo	- Retomada oral sobre o Dia da Mulher. -Leitura de um texto adaptado sobre o Dia Int. da Mulher.	Texto adap.: http://www.suapesquisa.com/dia_internacional_da_mulh

				-Discussão oral sobre o texto. -Atividade escrita sobre o texto. -Produção de um cartaz colando gravuras.	er.htm
14/03/2008	05	2h	-Gravação e anotação de campo	- Identificação no texto das palavras c/as famílias silábicas da palavra mulher. -Leitura coletiva das palavras retiradas do texto. - Ditado de palavras. -Correção no quadro. - Pesquisa p/casa: O nome da cidade, quantas fábricas eles conhecem na cidade, qual o salário do operário.	
17/03/2008	06	1h 30 min	-Gravação e anotação de campo	- Retomada acerca da pesquisa. -Discussão oral e registro no quadro das fábricas existentes (BESA, ALPARGATAS; CARDECIL, etc.) -Discussão e identificação das profissões exercidas pela mulher (ontem e hoje). -Produção de um cartaz, envolvendo as profissões de ontem e hoje exercida pela mulher. -P/casa: Separação de sílabas das palavras envolvendo as profissões da mulher.	
24/03/2008	03	2h	-Gravação e anotação de campo	-Correção da atividade de casa. -Discussão e relato oral dos principais jornais do Brasil (Folha de São Paulo, O Globo, Diário de Minas, Jornal do Brasil) -Relato oral dos principais jornais da Paraíba	Apresentação do Jornal Folha de São Paulo: 21/01 2008. Jornal da Paraíba: 24/03/2008

				(Jornal da Paraíba, Diário da Borborema, Jornal da União, Jornal da Correio) -Registro no quadro. -Principais estados brasileiros e o nome do seu estado, localizando no mapa. -Registro no caderno dos principais estados.	Jornal Diário da Borborema: 24/03/2008 Jornal da União: 17/03/2008 Jornal da Correio: 22/03/2008
26/03/2008	05	1h (1º mom)	-Gravação e anotação de campo	-Retomada da aula anterior sobre os principais jornais e caracterização. -Produção de um cartaz colando os nomes dos principais jornais da Paraíba. -Leitura coletiva e individual oral.	
28/03/2008	05	1h	-Gravação e anotação de Campo	-Aplicação de um exercício de revisão. -Discussão sobre o q/ cada profissão faz (bombeiro, pedreiro, doméstica, faxineira, etc.), quantas horas trabalha por dia.	
31/03/2008	06	2h	-Gravação e anotação de campo	-Retomada sobre os dias da semana. -Leitura dos dias da semana. -Pesquisa em revistas e jornais de palavras com qu. -Aplicação de um exercício envolvendo os dias da semana (1º dia, o último, quais os dias que são formados por palavras compostas, quantidade de dias, qual dia eles gostam mais e por quê).	

01/04/2008	03	2h	-Gravação e anotação de campo	-Identificação das consoantes e vogais. -Registro escrito no caderno. -Confecção de um cartaz envolvendo consoantes e vogais. -Discussão oral sobre qual dia da semana é feita a feira em sua casa. -Elencar os produtos que costumam comprar na feira no quadro. -Registro escrito no caderno.	
07/04/2008	03	2h	-Gravação e anotação de campo	-Retomada sobre os produtos comprados na feira. -Identificação e caracterização dos produtos perecíveis e não-perecíveis na lista de compra. -Separação desses produtos conforme o que foi discutido no quadro, registrando no caderno.	
09/04/2008	02	1h (1º mom)	-Anotação de campo	-Aplicação de um treino ortográfico envolvendo palavras de produtos comprados na feira. -Registro por parte do professor no quadro. -Leitura coletiva das palavras. -Leitura individual.	
15/04/2008	07	1h (1º mom)	-Gravação e anotação de campo	- Produção de um texto contando a história de sua vida.	

16/04/2008	05	1h	-Gravação e anotação de campo	-Discussão oral sobre as pessoas que fazem parte da família. -Escrita dos nomes das pessoas da família dos alunos no quadro pelo professor. -Registro escrito no caderno pelo aluno. -Aplicação de um ditado de palavras.	
18/04/2008	05	1h e 30 min.	-Gravação e anotação de campo	-Estudo, caracterização, identificação através de um cartaz acerca de “Instrução”; “Normas” e “Avisos”. -Pesquisas em revistas ou jornais de textos contendo instrução, normas e avisos.	
28/04/2008	02	2h	-Anotação de campo	-Retomada sobre instrução, normas, avisos. -Registro no quadro da receita “Beijinhos de côco” para identificação das instruções. -Escrita da receita no caderno. -Discussão sobre instrução. -Leitura coletiva da receita. -Leitura individual.	
02/05/2008	04	1h e 30 min	-Gravação e anotação de campo	- Discussão oral sobre o texto selecionado (A história de sua vida) p/ reescritura, identificando os problemas na construção. -Reescrita do texto produzido pelo aluno. -Leitura oral da produção.	

05/05/2008	02	2h	-Gravação e anotação de campo	-Aplicação de um treino ortográfico de palavras, envolvendo os objetos os alunos possuem em casa (geladeira, fogão, etc.) -Correção coletiva do treino. -leitura individual das palavras. -Atividade escrita para preenchimento do nome completo, endereço, telefone, CEP, estado civil.	
06/05/2008	07	2h	-Gravação e anotação de campo	-Estudo, identificação e caracterização do Panfleto da Redefarma em homenagem ao Dia das Mães. -Leitura dos produtos no panfleto (nome, marca, preço, pra que serve, etc.). -Aplicação de um treino ortográfico com o nome dos produtos do panfleto. -Entrega dos panfletos para os alunos observarem e corrigirem as palavras do texto. -P/ casa: Ler as palavras escritas no treino.	
19/05/2008	07	2h	-Gravação e anotação de campo	-Leitura silenciosa do texto “Cidade triste”. -Leitura oral-individual com ajuda do professor. - Registro do texto escrito no caderno. -Discussão oral do texto. -Produção de um texto propondo um outro título (Proposta do aluno: Cidade Alegre)	- Folheto entregue pelo PSF (Programa Saúde da Família)
20/05/2008	03	2h	-Gravação e anotação de campo	-Discussão sobre o “Dia das Mães” -Leitura silenciosa do texto “Como surgiu o Dia das Mães”.	http://www.novaera.org/contos/como_surgiu_o_dia_das_mães.htm

				-Discussão oral sobre o texto. - Leitura oral-individual com ajuda do professor. -Estudo das vogais, consoantes e encontros consonantais, grifando no texto. - Leitura das palavras pesquisadas e separação de sílabas, retiradas do texto. -Entrega de lembranças para as mães.	
02/06/2008	04	2h	-Gravação e anotação de campo	-Discussão oral sobre – “Como é a minha casa”, focalizando o endereço completo. -Relato oral sobre onde mora e qual a parte da casa que mais gosta. -Ilustração da história. -Apresentação da ilustração para os colegas. -Colagem no cartaz da ilustração. -Leitura do texto “Cadê minha casa?”, pelo professor. -Leitura silenciosa, oral-individual.	-Ângela Leite de Souza. Um homem cor de limão. Belo Horizonte: Lê, 1990.
03/06/2008	02	1h	- Anotação de campo	-Retomada do texto “Cadê minha casa?”. -Leitura coletiva. -Pesquisa no dicionário das palavras desconhecidas do texto com ajuda do professor. -leitura oral das palavras pesquisadas no dicionário e seus significados.	

06/06/2008	03	1 h	-Anotação de campo	- Retirar do texto “Cadê minha casa?” palavras com encontros consonantais. -leitura individual das palavras.	
10/06/2008	03	1h e 30 min	-Gravação e anotação de campo.	-Retomada do texto anterior. -Discussão oral sobre o texto. -Compreensão escrita do texto. -Estudo de palavras com nh. -separação de sílabas.	
12/06/2008	06	1h e 30 min.	-Gravação e anotação de campo.	- Estudo de um panfleto sobre a Dengue. -Discussão oral sobre as causas e conseqüências, prevenção da doença, casos na família, sintomas, etc. -Leitura coletiva do panfleto. -Caracterização do panfleto lido. -Atividade escrita.	
17/06/2008	05	1h e 30 min.	-Gravação e anotação de campo	-Retomada da aula anterior sobre a Dengue. -Aplicação de um treino ortográfico com as palavras do panfleto. -Correção coletiva na lousa. -Formação de frases com as palavras do panfleto. -Leitura oral-individual pelos alunos das frases formadas.	
18/06/2008	01	1h	-Gravação e anotação de campo	-Discussão oral sobre os prejuízos causados pela fogueira no mês de Junho, época dos festejos juninos, mostrando as conseqüências. -Registro escrito das discussões na lousa pelo	

				professor. -Registro escrito pelo aluno.	
23/07/2008	04	1h e 30 min.	-Gravação e anotação de campo.	-Retomada sobre a Dengue. -Produção textual envolvendo os relatos de casos na família ou amigos. -Leitura oral da produção apresentando para o colega.	
28/07/2008	06	2h	-Gravação e anotação de campo.	-Apresentação de uma caixa contendo os nomes de algumas receitas (panqueca, pão de queijo, bolo elétrico). -Discussão oral, identificando e caracterizando o gênero textual “receita”. -Enquete para saber qual receita fazer. -Relato dos ingredientes usados na receita escolhida pelos alunos (Panqueca). -Registro no quadro dos ingredientes. -Entrega da receita digitada para fazer uma leitura silenciosa, estudando as palavras. -P/ casa: Pesquisa dos preços dos produtos da receita.	-Caderno de receitas da professora-alfabetizadora.
29/07/2008	05	1h (1º mom .)	-Gravação e anotação de campo.	-Retomada do assunto anterior. -Entrega da pesquisa pedida, discussão e registro no quadro dos preços dos produtos. -Leitura individual da receita.	

04/08/2008	03	1h e 30 min.	-Gravação e anotação de campo.	-Discussão sobre a receita estudada anteriormente, enfatizando, por parte dos alunos, a importância do leite na vida das pessoas. -Relato do que eles faziam com o leite quando moravam no sítio. -Discussão oral sobre os derivados do leite. -Registro escrito no caderno pelo aluno. -Identificação de receitas que são feitas com leite. -Discussão das comidas feitas com o leite antigamente (como faziam, o que comem hoje). - Registro escrito no caderno de receitas que utilizam o leite.	
18/08/2008	06	2h	-Gravação e anotação de campo.	-Preparação da receita (Panqueca), observando e acompanhando todo o processo de realização. -Identificação dos ingredientes e como fazer, lendo no texto estudado. -Experimentação da Panqueca	
20/08/2008	05	1h e 30 min.	-Gravação e anotação de campo.	-Retomada acerca do gênero textual "receita". -Aplicação de um treino ortográfico envolvendo as palavras envolvendo a receita "Panqueca". -Correção na lousa e reescrita das palavras. -Separação de sílabas das palavras do treino.	
25/08/2008	04	2h	-Gravação e anotação de campo.	-Discussão oral sobre o período eleitoral, focalizando a importância da escolha de pessoas sérias, comprometidas para ficar no poder. -Pesquisa em jornais de candidatos que estão	-Jornal da Paraíba, 20/08/2008. -Jornal Diário da Borborema, 21/08/2008.

				pleiteando uma vaga a Câmara e Prefeitura de C. Grande. -Colagem no cartaz das gravuras recortadas. -Leitura dos nomes dos candidatos pesquisados. -Identificação da letra inicial de cada um pesquisado. -P/ casa: Pesquisa de outros candidatos para complementação do cartaz.	-Jornal da Correio, 21/08/2008.
29/08/2008	03	1h e 30 min.	-Gravação e anotação de campo.	-Estudo sobre o folclore brasileiro. -Discussão oral. -Estudo das adivinhações. -Atividade escrita envolvendo adivinhações. -P/ casa: Escrita de palavras iniciadas com as letras do alfabeto.	
01/09/2008	06	2h	-Gravação e anotação de campo.	-Retomada da aula anterior sobre o período eleitoral. -Colagem de mais gravuras com candidatos pesquisados. -Identificação, caracterização e interpretação de uma Charge envolvendo o assunto discutido. -Análise oral e leitura da Charge. -Atividade escrita envolvendo o assunto.	-Júlio César. Diário da Borborema, pág. 2, 27/08/2008.
08/09/2008	03	2h	-Gravação e anotação de campo.	-Discussão oral sobre o porquê da independência do Brasil. -Aplicação do texto para leitura "Brasil, Pátria Amada".	-Lendo e Escrevendo as Realidades Mineiras. M. de Freitas Chagas – FTD.

				-Leitura silenciosa. -Leitura oral-individual do texto. -Discussão oral sobre o texto. -Cântico do Hino Nacional Brasileiro.	
09/09/2008	02	1h	-Gravação e anotação de campo	-Produção textual envolvendo a produção de uma receita com derivados do leite. -Pesquisa em revistas e jornais de palavras iniciadas com P. -Leitura oral da produção feita e das palavras pesquisadas.	
18/09/2008	07	2h	-	-Aplicação do Teste Cognitivo Final de Língua Portuguesa enviado pelo Programa.	

Ao eleger a prática pedagógica do PBA-CG como objeto de reflexão, situamo-nos, como acabamos de ver, na natureza da pesquisa, que se caracteriza como pesquisa-ação, no local, nos sujeitos sociais: professora-alfabetizadora, a pesquisadora e os alunos, enfocando-os como atores sociais no processo ensino-aprendizagem, principalmente, norteados a prática da professora-alfabetizadora tendo em vista as atuais perspectivas para a formação docente. É válido salientar que a prática da professora foi efetivamente observada, mas de forma assistida pela pesquisadora, com intervenções no planejamento. Em outras palavras, a pesquisa não tem como foco identificar apenas os problemas do processo de alfabetização/letramento, mas sim, apresentar encaminhamentos, atividades, planejadas para tal fim, como mostramos na coleta de dados e na contextualização das aulas em LM.

Nesse sentido, considerando os aspectos metodológicos que guiam todo processo nesta pesquisa, analisaremos os dados a seguir, com base na formação da professora-alfabetizadora, no acompanhamento do aprendizado como prática letrada em jovens e adultos. e questionando o processo de avaliação do PBA, por meio de dois testes denominados de “cognitivos” inicial e final. Antes, confrontaremos as teorias que ancoram estas formações em programas, como o Brasil Alfabetizado, e a concepção que este professor-alfabetizador apresenta. Neste confronto, podemos perceber que ainda há muita dificuldade e confusão na tentativa de teorizar os novos estudos, principalmente por parte dos professores que não passaram por uma formação acadêmica, especificamente no nosso caso, visto que a professora-alfabetizadora tem apenas o técnico pedagógico, formada a 12 anos.

3. CAPÍTULO – Analisando os dados: confrontando histórias

3.1 – Letramentos na EJA do PBA – CG

3.1.1 – A proposta para a formação: as concepções em torno da alfabetização

“(...) é tão bom a gente aprender a lê uma receita... lê um jornal... lê a bíblia... né dona lindalva?... fazê tudo direitinho... entendê... né?” (A2)

No Brasil, quase um terço da população, conforme Soares (2003), jovens e adultos, possui baixos níveis de letramento, em razão disto é necessário repensar a formação de cidadãos letrados, ou seja, ajudar o aprendiz a apropriar-se dos usos, das finalidades e das características da leitura e da escrita, e compreender as regras que orientam o letramento. Os alunos precisam desenvolver conhecimentos e capacidades diversas, relativas não somente à natureza e ao funcionamento do sistema alfabético e da ortografia da LM, mas também, ao uso geral da escrita. Nesses momentos, é possível e produtivo aliar alfabetização e letramento e propor observações e reflexões sobre as convenções de escrita, a partir de textos reais que tragam significados à sua realidade.

Na formação de professores, promovida pelo Programa Brasil Alfabetizado da Rede Estadual de Campina Grande, percebemos que mudanças já estão existindo em relação ao papel que o professor deve assumir em sala de aula, uma vez que, de acordo com o material distribuído na formação, as concepções de escrita e leitura nele apresentadas se ancoram nos novos estudos linguísticos abordados na academia. Teóricos como Kleiman (2005) e Soares (2003) embasavam os pressupostos teóricos para o desenvolvimento do curso de alfabetização de adultos.

Quatro textos foram lidos e discutidos pelos professores e coordenadores, de acordo com o que foi dito pela professora alfabetizadora do programa: Letramento e Alfabetização – Onde está a diferença?; O papel do educador no letramento como “

professor- letrador”; Alfabetização e Letramento: como negar a nossa história (Moacir Gadotti), e, Concepções de Alfabetização (ver anexo B).

No geral, os textos citados focalizam que a escrita deve ultrapassar sua estruturação, sua relação entre o que se escreve e como se escreve e, a leitura, por sua vez, deve ultrapassar a mera decodificação porque é um processo de (re)atribuição de sentidos, deixando claro, portanto, que o professor é imprescindível nesse processo, principalmente no segundo texto em que destaca alguns passos fundamentais para o desempenho do papel do “professor-letrador”, que é fundamental focalizar:

- 1) *Investigar as práticas sociais que fazem parte do cotidiano do aluno, adequando-as à sala de aula e aos conteúdos a serem trabalhados;*
- 2) *Planejar suas ações visando ensinar para que serve a linguagem escrita e como o aluno poderá utilizá-la;*
- 3) *Desenvolver no aluno, através da leitura, interpretação e produção de diferentes gêneros de textos, habilidades de leitura e escrita que funcionam dentro da sociedade;*
- 4) *Incentivar o aluno a praticar socialmente a leitura e a escrita, de forma criativa, descobridora, crítica, autônoma e ativa, já que a linguagem é interação e, como tal, requer a participação transformadora dos sujeitos sociais que a utilizam;*
- 5) *Recuperação, por parte do professor, implicando assim o reconhecimento daquilo que o educando já possui de conhecimento empírico, e respeitar, acima de tudo, esse conhecimento;*
- 6) *Não ser julgativo, mas desenvolver uma metodologia avaliativa com certa sensibilidade, atentando-se para a pluralidade de vozes, a variedade de discursos e linguagens diferentes;*
- 7) *Avaliar de forma individual, levando em consideração as peculiaridades de cada indivíduo;*
- 8) *Trabalhar a percepção de seu próprio valor e promover a auto-estima e a alegria de conviver e cooperar;*
- 9) *Ativar mais do que o intelecto em um ambiente de aprendizagem, ser professor-aprendiz tanto quanto os seus educandos;*
- 10) *Reconhecer a importância do letramento, e abandonar os métodos de aprendizado repetitivo, baseados na descontextualização.*

(Adaptação do texto: Letramento: você pratica? De Cyntia Santuchi Peixoto (FAFIA). (Ver Texto 1, anexo B)

Podemos perceber que a proposta aqui apresentada está pautada nas teorias do letramento que vêem o ensino da leitura e da escrita como práticas sociais de uso e que se faz necessária uma metodologia mais adequada e sistematicamente

voltada à alfabetização. No entanto, é fundamental que o professor tenha suporte teórico e metodológico que vise à inserção do aluno nas práticas de leitura e produção escrita para que possa efetivá-las em sala de aula.

Outro dado importante, focalizado pelo Programa, refere-se às concepções de alfabetização, tendo como foco central a alfabetização para a cidadania, destacando sucintamente algumas visões de teóricos como: Freire (1990), Ferreiro (1990 e 2003), BC Neto, Masagão e Soares (1990), dando uma ênfase maior aos estudos de Paulo Freire.

“Apesar da alfabetização e do letramento serem ações distintas em sua essência, faz-se necessária uma harmonia entre ambas, objetivando o ideal de alfabetizar o letrando, e fazê-lo compreender a leitura, a escrita de textos e seus usos, de modo que tornem os educandos cidadãos críticos-autônomo-participativos.”

(Concepções sobre alfabetização. Revista Nova Escola, agosto/1990, pág.16 – ver Texto 3, anexo B)

Vejamos, ainda, fragmentos da concepção de alfabetização que cada teórico acima apresenta e que serve como embasamento na formação do PBA – CG:

“Paulo Freire – alfabetizar-se é adquirir a língua escrita através de um processo de construção do conhecimento, com uma visão crítica da realidade. (...)” (Revista Nova Escola, agosto/1990, pág. 12)

“Emília Ferreiro – a alfabetização não é um estado, mas um processo. Ele tem um início muito cedo e não termina nunca. (...)” (Revista escolar, maio/2003, pág. 28). “temos de alfabetizar para dar ao homem do povo sua palavra, para que ele possa escrevê-la, para ajudá-lo a não destruir seu discurso em troca de um discurso escolar estereotipado. (...)” (Revista Nova Escola, Julho/1990, pág. 12-16)

“Candido BC Neto – a alfabetização não é apenas uma ação politizante, tampouco só personalizante. Ela é, hoje, uma articulação contextualizante, na qual o homem e o mundo enfrentam desafios visando aprimorar o perfil da sociedade.(...)” (extraído do livro “Caminhos do letramento “ – editora Livro Técnico)”

“Vera Masagão – alfabetizar-se em nossa sociedade significa introduzir-se nessa diversidade de práticas e escritas, significa ser apresentados a essa variedade de textos e não simplesmente à “carta do ABC”. (...)”

“Magda Soares – alfabetizar-se é propiciar condições para que o indivíduo – criança ou adulto – tem acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto a habilidade de decodificação e codificação do sistemas de escritas, mas, e, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento na luta pela conquista da cidadania plena.” (Revista Nova Escola, agosto/1990, pág.16)

De modo geral, as concepções abordadas acima sobre alfabetização, que servem como embasamento teórico apresentado pelo programa, incidem numa concepção de leitura e escrita como práticas sociais de uso (isto é, o letramento), considerando, portanto, que o processo de alfabetização pode ser discutido sob diferentes perspectivas. Nesse contexto, deve-se conceber a leitura e a escrita como processos que se dão de modo produtivo, dinâmico, dialógico e, principalmente, por acontecer em todos os contextos de relações de interação social, envolvendo sujeitos.

Os autores, ao afirmarem alfabetização como *“processo de construção de conhecimento...”*; *“não é um estado, mas um processo...”*; *“...uma articulação contextualizante...”*; *“... introduzir em diversidades de práticas escritas...”*; *“... de fazer uso real e adequado da escrita...”*, encaminham ações importantes para o professor. Para isso, é necessário que ele tenha uma relação favorável com a leitura e a escrita, facilitando assim, seu trabalho em sala de aula.

Embora o programa enfoque estes estudos teóricos, verificamos que nas atividades propostas na formação, predominaram textos de auto-ajuda, dinâmicas, jogo do vizinho (ver anexo B). Verificamos também que a professora conseguiu assimilar a concepção de que se deve trabalhar a realidade do aluno, uma vez que a concepção de leitura e escrita focalizadas por ela durante a entrevista, se baseia

na teoria de Freire (É válido salientar que a entrevista foi feita no dia seguinte, depois do curso).

No entanto, não há uma abordagem reflexiva, pela troca de experiências, mostrando “o como se faz”, as propostas apresentadas ficaram apenas na distribuição e leitura do material exposto, como veremos no capítulo da análise.

Vejamos alguns trechos que evidenciam isso¹⁴:

“P – leitura é::: pra mim leitura não é só lê livros né?... mas leitura é a leitura do mundo não é? da nossa vida...”

“(...)... a escrita você/a partir do momento que você tem uma dimensão de leitura de mundo... você também passa a escrever o seu mundo”

Pelo que percebemos, o Programa, teoricamente, está bem fundamentado, uma vez que tanto os assuntos por ele abordados, quanto às concepções apresentadas pela professora têm por base os estudos de letramento, em que as práticas de escrita são consideradas plurais, ou seja, a escrita assume várias formas no domínio das instituições e nos contextos de produção, circulação e reprodução, atravessando as práticas sócio-culturais dos grupos e suas relações.

Portanto, o que se faz necessário agora é observar como essa transposição teórica será aplicada na prática, já que, de acordo com a entrevista, a professora mencionou que o assunto seria planejado com base na realidade de cada aluno, partindo da sua necessidade. Entretanto, é preciso saber que esta professora tem apenas o técnico pedagógico, formada a mais de 10 anos e estava sem lecionar, conseguindo nestes últimos três anos trabalhar neste programa. Por sua vez, ela não dominava estes saberes para colocá-los em prática.

Para que isso aconteça, é necessário que se compreendam as teorias que os embasam, que caracterizam a nova abordagem, conhecimentos que podem fundamentar uma leitura crítica, comparativa no sentido de que se saiba em que esta difere da anterior e por que mudá-la.

Vejamos o que ela diz acerca da produção do material para se trabalhar em sala¹⁵:

¹⁴ Estão sendo utilizadas, no decorrer das transcrições de trechos gravados, as seguintes letras para denominação dos sujeitos da pesquisa: P, para professor do programa e S, para signatária da pesquisa.

“P – é:: nós podemos trabalhar com eles... não entregar o trabalho pronto... texto pronto...”

S – mas produzir coletivamente...

P – produzir coletivamente conosco... na sala de aula certo?... de acordo com a sua realidade...

S – houve algumas propostas de atividades ou modelos para se trabalhar em sala de aula?

P – não... a gente é quem vai construir...”

Duas perguntas podem ser aqui levantadas: Sabemos que a sala de aula é um espaço completamente heterogêneo, cada aluno apresenta suas especificidades (diferentes saberes, cultura, realidade, etc.). Diante disso, como será o trabalho do professor considerando a realidade de cada um? Não seria necessário um suporte metodológico do como-fazer em sala de aula?

Partindo desses dados, podemos dizer que, levar em consideração apenas trabalhar a realidade do aluno, sem mostrar ao professor como essa realidade funciona na prática ou até mesmo trazer exemplos de como-fazer em sala de aula torna-se subjetivo, visto que é preciso um melhor direcionamento. Além disso, temos que considerar que esses programas aparecem com prazos delimitados para serem executados, como se mudanças de perspectivas teórico-práticas de ensino/aprendizagem ocorressem de forma rápida e imediata.

É importante saber que o processo de construção de conhecimentos deve ser organizado de modo que a leitura e a escrita sejam desenvolvidas por intermédio de uma linguagem real, natural, significativa e vivenciada. Os adultos precisam sentir a necessidade da linguagem e o seu uso no dia a dia. Assim, o estudo dessas práticas (leitura e escrita) não serão uma atividade de “mãos e dedos”, mas sim uma atividade de pensamento, uma forma complexa de construção de relações.

Dessa forma, é necessário considerar a leitura e a escrita como práticas que se influenciam. Para isso, torna-se importante, como condição de domínio dessas habilidades a interação entre o professor e o aluno, já que estes são os sujeitos principais do processo de letramento na escola. Aqui, especificamente, iremos conhecer as concepções de escrita, leitura e de texto de uma professora

¹⁵ Os fragmentos trazidos se colocam para situar os discursos que permeiam as reflexões do professor em relação à língua materna, não se quer com isso comparar a visão do professor com a de um linguísta, mas situar os dois discursos.

alfabetizadora do Programa Brasil Alfabetizado, levando em consideração que seu papel é determinante para assegurar a possibilidade de seus alunos se tornarem leitores e escritores.

Vejamos os fragmentos da entrevista a seguir:

“S – o que é escrita?”

P – ((risos)) escrita... na minha opinião... é tudo que você lê de mundo (...) a partir do momento que você tem uma dimensão de leitura de mundo... você também passa a escrever o seu mundo... a sua vida e a continuidade com a formação pedagógica né?... da escrita... da letra/do letramento né?...”

Neste trecho da entrevista percebe-se que a noção de escrita focalizada pela professora refere-se ao conceito de leitura apresentado por Freire (1987), que diz o seguinte: “A leitura de mundo precede a leitura da palavra”. No entanto, como ambas estão bastante imbricadas, apesar de sabermos que são processos diferentes, visto que a leitura requer o domínio do código escrito, já que sua prática envolve um trabalho ativo de construção dos sentidos no texto, não se tratando simplesmente de um ato mecânico de decodificação de símbolos, embora ela faça parte desse processo de aprendizado. É fundamental aprender e construir significados a partir de diferentes situações de uso dessas práticas sociais de leitura e escrita.

Não podemos descartar a idéia de escrita como “escrever o seu mundo”, já que subjacente a esta percebemos o modelo ideológico de letramento proposto por Street (1995), que, ao mesmo tempo, revela uma das concepções de letramento defendida pelos estudos linguísticos. Porém, é necessário que se conheça, além disso, o sistema alfabético, visto que, quando o aprendiz compreende a escrita alfabética e consegue ler e escrever seus primeiros textos, ele já aprendeu o seu funcionamento, faltando conhecer a norma ortográfica.

Ao aprender a escrever, o aluno aprende formas de linguagem, processos de escrita e usos da linguagem escrita. É de supor, portanto, que quanto maior a vivência com o material escrito, tanto maior a facilidade em compreender os usos da linguagem escrita. Até porque é necessário reconhecer que, para o aprendiz, a escrita é um processo complexo. Quanto mais o aluno partilhar de atos de leitura e de atos de escrita, mais fácil será para interpretar o processamento da leitura e da

escrita como “uma extensão do potencial funcional da linguagem” (HALLIDAY, 1989, p.57).

A concepção que a professora apresenta acerca da escrita, levando em consideração apenas a leitura de mundo, demonstra ser um conceito vago, muito subjetivo, que pode descartar o conhecimento do sistema linguístico que se faz necessário para que ela realize as demais funções sociais da escrita. Nesse contexto, temos que nos conscientizarmos também da importância de se trabalhar com os dois modelos de letramento (autônomo e ideológico), vendo-os não como dicotômicos, mas como um *continuum*. Conforme Street (1995), o modelo autônomo pressupõe uma única forma de o letramento ser desenvolvido, associado ao progresso, à civilização e à mobilidade social, isto é, neste modelo, as práticas de letramento não são capazes de formar leitores sociais, culturalmente preparados para as diversas práticas sociais entre sujeitos habilitados a ler num espaço que está além dos muros da escola. Já o modelo ideológico trabalha com mais de uma forma de letramento. Para esse modelo, as práticas de letramento são social e culturalmente determinadas e, como tal, os significados das escritas dependem dos contextos e instituições em que foram adquiridas.

A seguir, vejamos o que diz a professora acerca de uma boa escritura¹⁶:

“S – o que é uma boa escritura... o que você considera como boa escritura?”

P – como boa escritura... eu acho que tem que ser a prática/a prática da sua vida né?... do dia a dia... a partir do momento que você coloca sua vida assim... em prática de leitura você também vai ter uma boa escritura...certo?”

Um aspecto muito importante que esta professora apresentou acerca de uma “boa” escritura refere-se a um senso comum (podemos assim considerar) popularmente mencionado em academias, escolas, etc., de que “quem tem uma boa prática de leitura também tem uma boa escritura”, no entanto, existem indivíduos que gostam de ler, mas não gostam de escrever e sentem dificuldades em escrever

¹⁶ A definição do termo escritura, nesta entrevista com a professora alfabetizadora, foi tendo por base os estudos linguísticos em Kato (2003) a partir da natureza da linguagem, a escrita relacionada à fala, da natureza dos atos e processo de leitura e da escrita, e por fim, dos fatores que concorrem para o sucesso ou insucesso na aprendizagem. Segundo Kato, a partir das experiências prévias do aluno com a linguagem, o professor poderá intervir com atividades bem planejadas para ajudar o aluno a completar as habilidades de leitura e escritura, fornecendo materiais cognitivamente acessíveis para o educando e, também, provê-lo com situações-problema que levem a ativar suas potencialidades metacognitivas.

e vice-versa. No geral, porém, essa afirmativa pode ser eficaz se considerarmos o interesse do aluno em querer ser um bom profissional. Porém, a visão de ler muito para escrever bem, ou ler para escrever certo – correto, não é a função imediata da leitura como vimos no trecho “... *em prática de leitura você também vai ter uma boa escritura...*”. O domínio das práticas da leitura e escritura é uma das questões mais relevantes da escolarização em qualquer nível. Autores da linguística e da pedagogia têm destacado os problemas relacionados com o frágil domínio desses processos por parte dos alunos e da população em geral.

Linguisticamente, um dos objetivos para uma boa escritura é sermos claros no que pretendemos dizer, mas quem define isso é a situação em que estamos produzindo o texto e o processo de construção de sentido, pois a escrita é um processo que requer, antes de tudo, um planejamento, já que temos que levar em conta o leitor/receptor, portanto, ela é um trabalho.

Desta forma, ao escrever, o aluno mobiliza todos os conhecimentos prévios que possui sobre a escrita e é obrigado a fazer escolhas e decidir sobre a forma mais adequada de expressar aquilo que pretende. Nesse caso, a escrita deixa de ser uma atividade mecânica e passa a ser desafiadora.

Por outro lado, quando o aluno é levado a aprender as letras, as regras para escrever, há o pressuposto de que ele não sabe, por isso, não ousa escrever. A escrita passa a ser, então, uma atividade mecânica e repetitiva, de treinamento. No contexto da alfabetização e letramento o ato da escrita precisa se instaurar como um trabalho, com ensaios, tentativas e em volta de informações relevantes. O produtor precisa saber que o texto é o resultado de um processo sociointeracionista que envolve a definição de um assunto, de um interlocutor, da finalidade, da maneira de escrever.

Em geral, é interessante oferecer ao aluno o contato com uma variedade de textos que circulam no meio social, visto que é o modo de favorecer a formação do repertório de conhecimento textuais e linguísticos a que ele pode recorrer no momento de produzir.

Como diz Abaurre (1997), a contemplação da forma escrita da língua faz com que o sujeito passe a refletir sobre a própria linguagem, chegando, muitas vezes, a manipulá-la conscientemente, de uma maneira diferente da maneira pela qual

domina a própria fala. A escrita é, assim, um espaço a mais, importantíssimo, de manifestação da singularidade dos sujeitos.

A seguir, quando se pergunta o que é texto, veja o que a professora diz:

“P – você pode produzir um texto... até nosso diálogo aqui você pode produzir um texto né?... então texto ((risos))... a produção oral né que eu falei?... através de um diálogo... através de uma conversa... é:: entre aluno e professor... na sala de aula mesmo nós podemos também produzir textos né?... e... eles vão a cada dia crescendo na produção de seu próprio texto né?... da sua realidade... da sua vida... o meio social... e existe vários temas hoje pra gente produzir/prá produção de textos né... (...) em cima da realidade de cada um...”

O texto aqui funciona como uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (o diálogo, a produção oral, a conversa entre aluno e professor) – conceito apresentado por Marcuschi (2001, p.25) acerca de fala. Além disso, podemos observar que ao valorizar a produção do texto oral, a professora em nenhum momento considerou os textos escritos já produzidos na sociedade e nos livros didáticos.

Um outro dado importante é que a professora vê a produção como prática social em que o texto só tem funcionalidade enquanto uso, já que o produzimos diariamente. Nesse contexto, nos baseamos na concepção de Kock e Travaglia (1989, p. 8 e 9) quando dizem que texto é uma unidade linguística concreta, que é tomada pelos usuários da língua, em uma situação de interação comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão.

É necessário, portanto, observar que é por meio dos textos que ouvimos ou lemos, percebemos as características da situação em que um texto foi produzido, temos a noção de que ele envolve uma situação de comunicação, isto é, o seu contexto. Ainda, aquele que produz o texto utiliza seus próprios conhecimentos e experiências e os comunica com uma determinada finalidade (motivo): informar, divertir, convencer, sugerir, vender etc.

Como vimos, tentamos apresentar as concepções de leitura e escrita da professora alfabetizadora que participa voluntariamente de nossa pesquisa. Na análise, observamos que mudanças já estão ocorrendo em formação docente, principalmente, quantos às teorias abordadas, no entanto, no que se refere à prática, dado a ser analisado neste capítulo, não há uma preocupação para que a formação

em serviço seja permanente e provoque uma mudança eficaz, o que predomina é uma concepção de base metodológica de que basta se ter acesso aos conhecimentos propostos nesses programas para que o ensino aconteça.

Sendo assim é importante, portanto, que se invista mais em formação para o professor, visto que ele é o principal agente de letramento e, portanto, precisa de mais embasamento teórico para que sua prática se efetive com eficácia, podendo resultar em intervenções didáticas mais adequadas e na produção de pessoal melhor qualificado para efetuar um trabalho mais reflexivo e crítico.

Podemos perceber, ainda, que as concepções do professor e a teoria que ancorava a formação já são indícios de transformações, porém, continua apontando para a necessidade de aproximar teoria e prática através de roteiros de diferentes situações didáticas que sistematizem melhor o ensino da leitura e da escrita, pois, como percebemos, a análise dessas questões (leitura e escrita) está fundamentalmente ligada à concepção que se tem sobre o que é a linguagem e o que é ensinar e aprender.

Além disso, se faz necessário conhecer o professor, visto que quando refletimos sobre suas características, logo pensamos na relação entre o saber e a prática, especialmente como o professor articula o saber de modo que possa torná-lo mais acessível ao aluno.

A partir dos dados coletados, explicitados no capítulo anterior, e tendo por base os pressupostos teóricos discutidos ao longo da primeira parte desse estudo, além de outros que se fazem necessário para fundamentar a análise (Tardif, (2010); Schon, (1995), Geraldi (1991) e outros), continuaremos as análises levando em conta o professor antes da formação, a formação inicial pelo PBA – CG, a formação continuada com a participação da pesquisadora, tendo em vista as práticas de letramento em sala de aula envolvendo os gêneros textuais e o treino ortográfico e por fim, a análise dos instrumentos avaliativos do PBA em LM, visto que, o programa considera o letramento como prática para a alfabetização.

3.1.1.1 – O professor e sua formação

Conforme vimos nas discussões sobre letramento e formação do professor, não há mais como relevarmos essas reflexões sobre as práticas sociais de uso da leitura e da escrita em LM. Portanto, necessário se faz, trazê-las para o âmbito da formação profissional.

Os estudos sobre o processo de letramento vêm nos mostrar que a formação do professor, seja ela inicial ou continuada, não deve apenas ser concebida como espaço de discussão e transmissão de teorias, uma vez que o professor didatiza saberes em sala de aula e que, muitas vezes, não se aprende nem se ensina esse processo de didatização. É preciso que o professor esteja consciente desse processo e cumpra a sua função, buscando o desenvolvimento de suas competências, que serão adquiridas numa formação. Para isto, é imprescindível que se lhe conceda uma formação profissional em que saberes práticos e teóricos tenham a mesma valorização e espaço para a reflexão.

Dessa forma, é consensual entre Freire (1996), Kleiman e Matêncio (2005), Signorini (2007), Tardif (2010) e outros pesquisadores que a formação de um profissional habilitado não requer apenas que se ofereça ao professor informações teóricas, saberes acadêmicos da sua área profissional, prática ainda muito usual. É necessário proporcionar-lhe a vivência de situações que gerem experiências, fazendo-o refletir sobre o fazer profissional, encontrando saídas alternativas para os possíveis problemas das situações pedagógicas.

Nessa mesma perspectiva de conceber a interrelação teoria/prática voltada para o professor, analisaremos quatro momentos vivenciados pela professora-alfabetizadora durante a alfabetização no PBA – CG, tendo em vista:

1. A formação antes da formação inicial feita pelo programa
2. A formação inicial realizada pelo programa
3. A formação continuada (situada aqui na prática de sala de aula, mais acompanhamento)
4. A avaliação

No que se refere à formação básica da professora antes da formação inicial pelo programa, iremos perceber que a sua prática se norteava com base na tradição escolar, tendo em vista o que aprendeu durante seu curso do magistério. Na

formação inicial acontecida pelo PBA-CG, veremos que uma semana apenas, para formação do professor-alfabetizador, não é o suficiente para que este professor desenvolva um trabalho eficaz em sala de aula, principalmente se considerarmos o relato da professora acerca do que foi o processo de formação.

Se, por um lado, veremos que a formação inicial não funcionou como deveria para que houvesse mudança na prática pedagógica, por outro, veremos que a formação continuada, quando é seguida de um acompanhamento que contribua para intervenções didáticas adequadas, o docente vai construindo conhecimentos e contribuindo com a sua própria formação, inserindo-se em uma abordagem de prática pedagógica em constante construção.

A avaliação do PBA será um outro item sobre o qual se faz necessário refletir, visto que faz parte do programa a aplicação da avaliação que tem como objetivo compreender o estágio em que se encontra o aluno inicialmente e, por fim, obter resultados para um melhor direcionamento da prática pedagógica. No entanto, por não haver, justamente, este direcionamento, os resultados ficam apenas nas resoluções do Programa. Ainda veremos que a avaliação final proposta já concebe o ensino da alfabetização como prática letrada, ao contrário, da avaliação inicial que se insere na concepção de leitura e escrita com base no tradicional, apesar de reconhecermos que a proposta do programa atende à concepção que este tem de alfabetização, só que se contradiz com a proposta final de avaliação.

3.1.1.2 – Saberes de uma prática: ‘como fazia’

Considerando que as escolhas e decisões imediatas que o professor é chamado a tomar não são totalmente arbitrárias, nem totalmente controladas, são decisões que ele toma em função de tudo o que já sabe, de seus valores, de sua história e da situação de interação social (a sala de aula). Podemos perceber que a o professor que atua no PBA-CG, geralmente, baseia sua prática pedagógica nas experiências, na intuição, no ensaio e erro e no modelo de sua escolarização anterior. Sendo assim, no caso da aprendizagem da leitura e da escrita, aspectos essenciais que a tarefa exige, ficam à mercê da visão fragmentária e empobrecida de práticas repassadas anteriormente.

Kleiman (2005), como já foi mencionado antes no cap. I, defende que devemos conhecer a natureza dos saberes do professor para que possam ser utilizados no desenvolvimento de programas que consigam ajudar o aluno na construção de uma identidade profissional autônoma, consistente. No entanto, o saber não deve ser compreendido como uma emanção da dedução ou da indução. Ele é, antes de tudo, o resultado de uma produção social e, por isso mesmo, está sujeito às revisões e às reavaliações que podem ir até a sua refutação completa.

Nessa mesma perspectiva, retomando Tardif (2010), quando classifica os saberes em disciplinares, curriculares e experienciais, denominando de saber plural, já definidos no capítulo anterior, podemos perceber que todos esses saberes juntam-se e constituem o saber-fazer do professor que não se constrói simplesmente ao se dominar um saber teórico.

A passagem abaixo transcrita é relevante no que se refere ao que a professora-alfabetizadora fazia antes da formação do PBA – CG e da formação continuada, seu saber se classifica, de acordo com Tardif (2010), como um saber oriundo de uma formação profissional obtida numa escola normal – denominado saber disciplinares.

“(…)

S – antes de desenvolvermos este trabalho juntas... como você fazia antes?... como você trabalhava a leitura e a escrita em sala de aula?...

P – rose... bem... eu estudava as famílias silábicas né?... treinava com eles a leitura e a escrita... a gente... copiava as famílias... formava palavras... estudava o alfabeto... MAIÚSCULO né?... o minúsculo também... às vezes dava um texto... a gente estudava as palavras desse texto... eu fazia pesquisa de palavras com eles né?... a gente trabalhou diferente né?... com textos reais né?... diferente de como eu fazia antes... eu precisava de alguém que me ensinasse como fazer... eu aprendi com você... vi o planejamento... a gente planejava né?... isso é muito importante... quando estudei na escola normal a gente não estudou dessa forma não... a gente estudava primeiro o alfabeto... formava família...a gente foi preparada para trabalhar a cartilha...(…)”

A professora-alfabetizadora, ao se utilizar desse procedimento de ensino (“*estudar as famílias silábicas*”; “*formar palavras a partir das famílias estudadas*”; “*estudar o alfabeto*”; “*às vezes dava um texto*”), traz os saberes da tradição escolar sobre o que ele entende que seja ensinar e aprender a ler e escrever, demonstrando

ser uma abordagem separada da interpretação. Apesar deste conhecimento na alfabetização se restringir a uma mera decodificação dos signos linguísticos, ao mesmo tempo esse professor-alfabetizador reconhece que mudanças já existem (“... *com textos reais né?... diferente de como eu fazia antes... eu precisava de alguém que me ensinasse como fazer... eu aprendi com você... vi o planejamento... a gente planejava né?... isso é muito importante...*”) e que as mesmas já favorecem a uma melhor prática em sala de aula.

A partir da entrevista e da análise do material de atividades, referente à atuação da professora nos anos anteriores a 2008 (2006/2007), através das atividades aplicadas em sala, verificamos que a concepção inicial de ensino em LM, mencionada por ela tem relevância no seu fazer pedagógico, caracterizando-se pela perspectiva da Linguística Estruturalista, em que a decodificação dos signos linguísticos têm presença marcante, embora reconheçamos que precisa desta estratégia para efetivar-se.

Vejamos estas atividades, tendo em vista o material didático fornecido pela professora-alfabetizadora, referente a uma aluna, do como-fazia em sala de aula no PBA – CG – 2006 e o fragmento da entrevista:

Trecho da entrevista:

“(...) o material mesmo que eu usei foi o que eu aprendi... o caderno que eu consegui tem mostrando como eu trabalhei né?... foi como eu te disse mesmo/como eu aprendi... o aluno também aprende desse jeito... eu acho que o pouco que ele aprende já é importante né?... muito importante... todo aprendizado é importante... então eu trabalhava assim... com o tradicional mesmo... quando eu fui agora pra esse curso... essa semana que passei vi e ouvi coisas novas... só que a gente tem que ser orientado né?... pra aprender como fazer...(...)”

Exemplo 1:

PROGRAMA BRASIL
 ALFABETIZADO
 CAMPINA GRANDE DATA
 27/08/06
 PROFESSORA CRANGINEIUI
 ATIVIDADE DE CLASSE
 ALFABETO
 A B C D E F G H I J L M N O
 P Q R S T U V X Z W K Y
 PALAVRA COM AS
 LETRAS W, K, Y
 WALLACE
 KURI
 FANK WILSON
 KEVEN
 LISTA DE AMIGAS
 OU AMIGOS
 A - ANA
 B - BEATRIS
 C - CECÍLIA
 D - DAMIANA

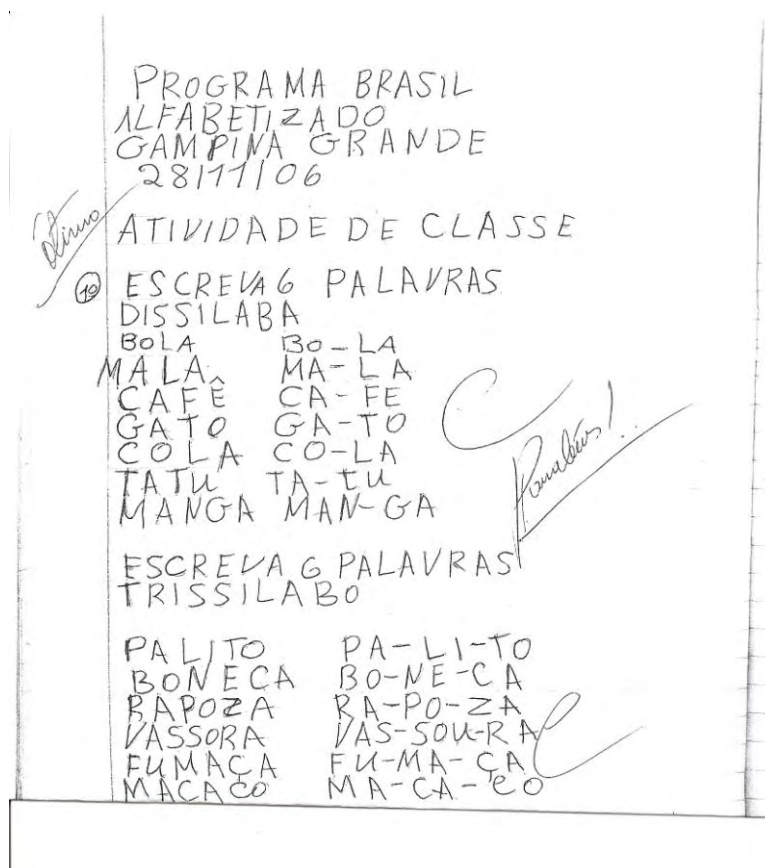
Continuação do exemplo 1:

E EMERSON
 F FRACIEID
 G GERALDO
 H HELENA
 J ISABEL
 J JOSE
 L LINDALVA
 M MARIA
 NAZARE
 O OSCAR
 PEDRO
 Q QUELY
 R ROBERTO
 S SEVERINA
 T TEREZA
 V VALDECÍ
 U UBIRATAN
 X XAVIER
 Y YAGO
 Z ZUMIRA
 W WESLEY
 K KARLA

Exemplo 2:

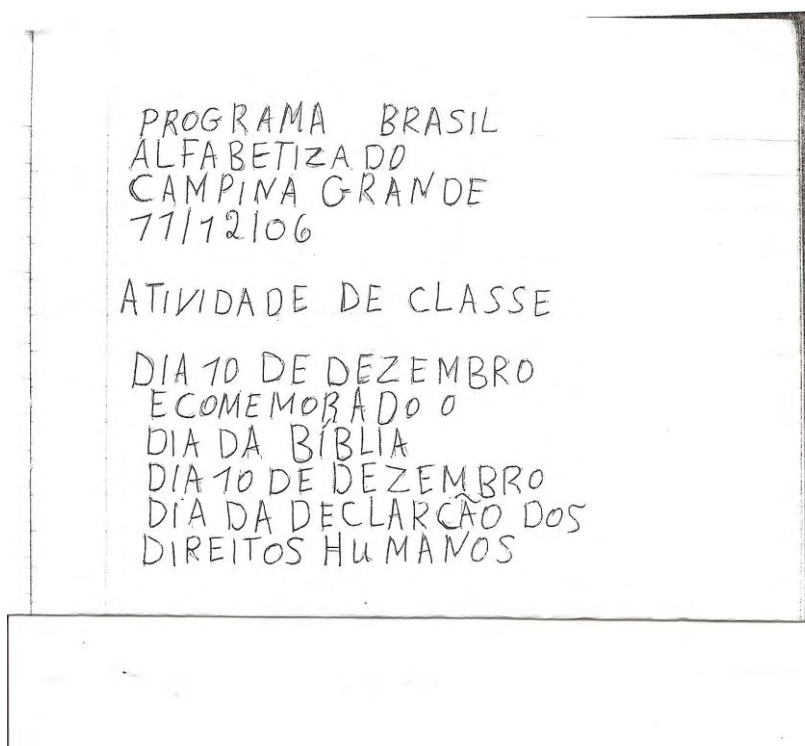
Programa Brasil Alfabetizado
 Campina Grande
 Professora grande
 DATA: 21/09/2006
 Atividade de classe
 ABC ortografia
 Palavras com
 ca ee ci ca cu
 D complete as palavras com
 ei DA DE
 RE ci BO
 ce GOU HA
 DO ce
 BA ei A
 ce REJA
 ci MEMA
 ce LESTAL
 ei MENTO

Exemplo 3:



A professora, portanto, desconhece que a competência leitora dos alunos não será desenvolvida apenas com exercícios baseados na memorização e identificação de palavras. Além dessa ocorrência, conforme depoimento acima, quando a professora reconhece que precisa de orientação, é necessário levar em conta que, para o professor, é essencial pensar sobre o objeto de ensino para estabelecer os objetivos didáticos. Para isso, é preciso orientação e reflexão da ação docente. Segundo Schön (2000), a atividade profissional requer do realizador uma competência teórica, prática e criativa para agir em contextos instáveis, indeterminados e complexos, exigindo dele um processo reflexivo que deve originar-se na situação problemática e apontar caminhos para a ação. Nesse sentido, o professor só consegue realizar um trabalho eficaz se realmente ele for orientado por alguém que tenha conhecimento das propostas teóricas.

Exemplo 4:



Enfatizando essa prática, a professora demonstra não conhecer o uso das diversas práticas de letramento, uma vez que as atividades desenvolvidas se caracterizam pelo estudo fragmentado, de um saber fixado, enraizado na tradição escolar, em que a maioria dos professores do Ensino Fundamental ainda se situa, acreditando ser essa prática um recurso para alfabetizar. A proposta do programa também não dá muita abertura para este professor conhecer e se aprofundar nas teorias linguísticas, uma vez que está limitando o processo de alfabetização de jovens e adultos à mera decodificação de palavras, frases, simples bilhetes que pouco faz sentido para este aprendiz que já participa das práticas sociais da leitura e da escrita diariamente.

Certamente, sabemos da necessidade, principalmente de um aprendiz adulto, em fazer uso de atividades que tenham relação com seu cotidiano, levando-os a refletir e compreender melhor o sentido do texto. Não se lê bem palavras fora do contexto textual. Por ser mecânico, a ênfase no ensino da leitura e da escrita na habilidade de isolar palavras, frases, dificulta o desenvolvimento da competência leitora. Uma prova disto está na frequência desse tipo de atividade (ver anexo 6)

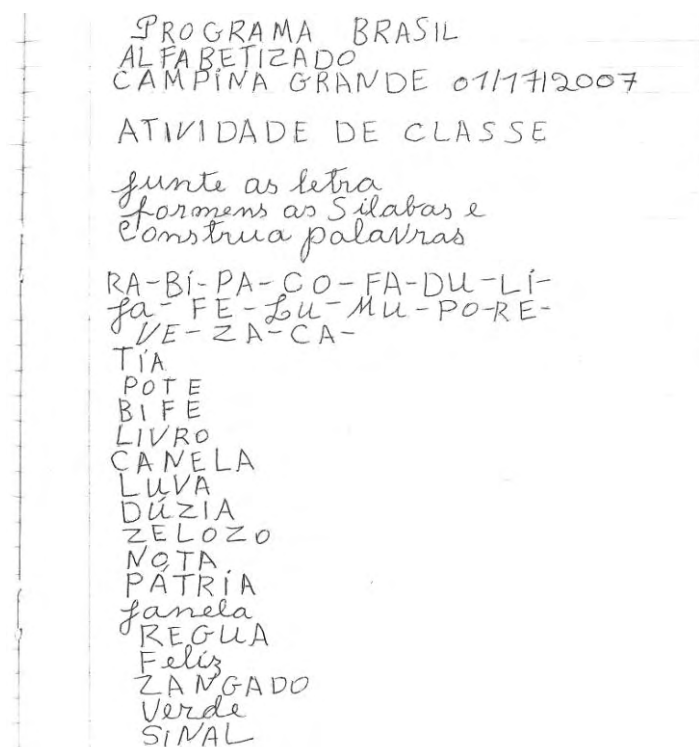
Além da ocorrência de se estudar o alfabeto, famílias silábicas, formação de palavras fora do contexto real, uma vez que acreditamos no convívio com a

compreensão e construção de sentidos e em contato com gêneros textuais diversos em sala de aula, a concepção da aquisição da escrita como decodificação também caracterizou-se como atividade através do uso de cópias. Observamos que muitas questões propostas aos alunos abordavam, em sua maioria, o treino da escrita. O texto pouco teve significado para a produção do saber, quando se usou foi mera cópia.

No período de 2007, embora as práticas fossem desenvolvidas nesse mesmo modelo já apresentado, o texto já passou a ser usado, no entanto de forma fragmentária.

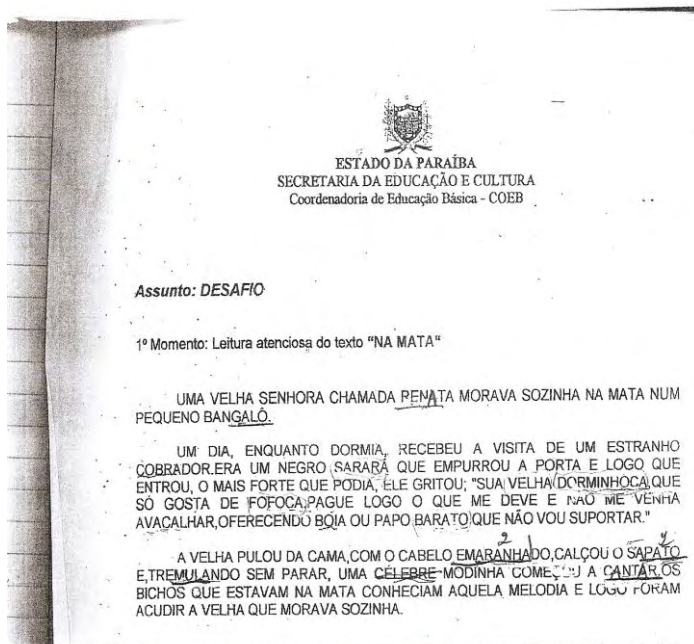
Foram exemplos da atividade de escrita em LM, as seguintes propostas:

Exemplo 5:

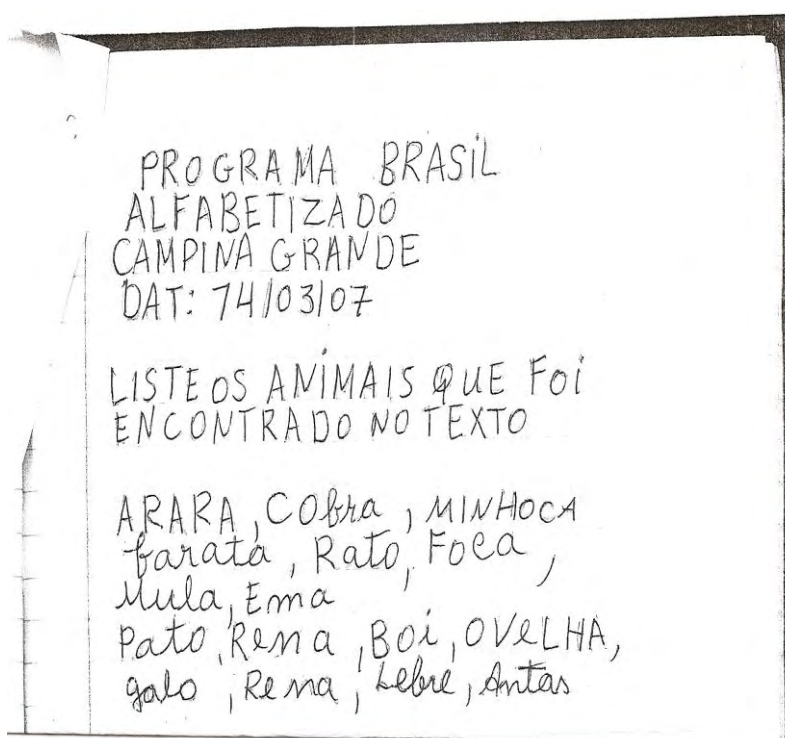


PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE 01/17/2007
ATIVIDADE DE CLASSE
junte as letra
formens as Silabas e
Construa palavras
RA-BÍ-PA-CO-FA-DU-LÍ-
fa-FE-Lu-MU-PO-RE-
VE-ZA-CA-
TIA
POTE
BIFE
LIVRO
CANELA
LUVA
DUZIA
ZELOZO
NOTA
PATRIA
Janela
REGUA
Feliz
ZANGADO
Verde
SINAL

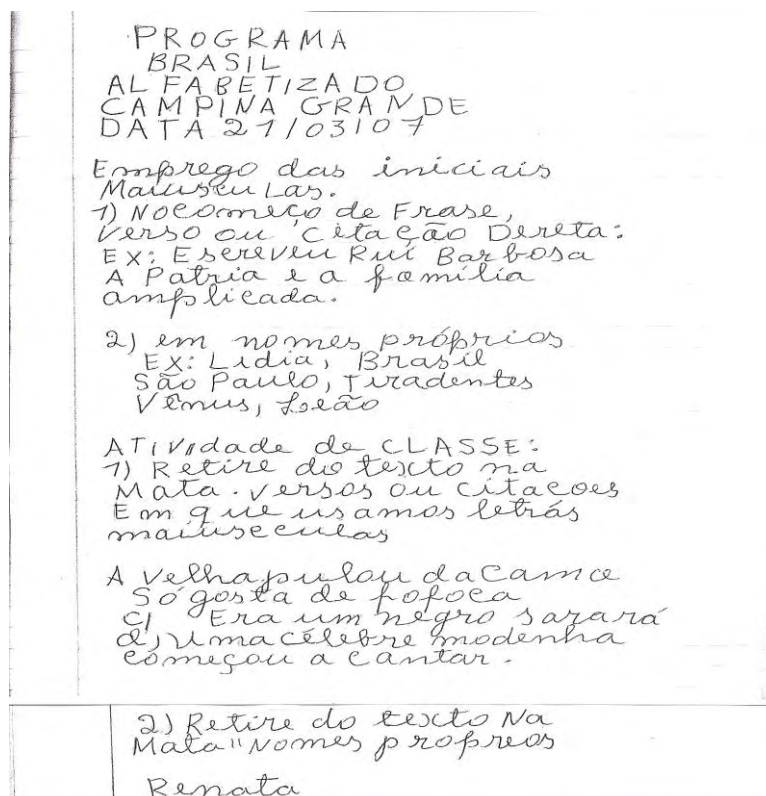
Exemplo 6:



Exemplo 7:



Exemplo 8:



De acordo com as atividades, as questões apresentadas continuam encaminhando orientações numa concepção de base estruturalista, a qual está vinculada ao ensino da tradição escolar – é válido salientar, mais uma vez, que a professora-alfabetizadora apenas cursou o ensino médio com magistério -. O texto usado pela professora, também, encaminhou orientações que se dão a uma questão objetiva, já que o texto foi usado para se trabalhar o uso das maiúsculas e nomes próprios. A compreensão do texto se limitou a descobrir o desafio proposto, que era identificar os animais abordados no texto, mas quanto a uma proposta de atividade que leve ao aluno compreender o sentido do texto, localizando informações específicas ou não no texto, isto na realidade não aconteceu.

Com base no exposto, podemos afirmar que o modelo pedagógico de ensino anterior ao que veremos a seguir na análise da formação continuada, ratifica o depoimento da professora-alfabetizadora acerca de como era sua prática em sala de aula.

Além disso, reconhecemos que o nível de escolaridade dos alfabetizadores, a pouca experiência, a falta de conhecimentos prévios em teorias específicas da área

não conduzem ao êxito almejado em promover práticas de letramento que combatam o iletrismo e possam ampliar a participação social do alfabetizando.

3.1.1.3 – A formação inicial no PBA–CG

Mesmo sendo necessário analisar o conceito de “formação” em que se fundamenta o formador, sabemos que os resultados satisfatórios de qualquer formação só repercutirão na sala de aula a partir de um conjunto de ações e saberes que se somam. Embora reconheçamos as limitações de um programa de formação quanto à contribuição de aprendizado para a formação profissional, não podemos negar que a visão do formador tem, evidentemente, sua parcela de influência.

Para que a formação tenha validade e favoreça a adequação das propostas metodológicas é importante verificar se a formação contribuiu ou não para que o programa atingisse seu objetivo. Se tomarmos por base o que aconteceu no PBA – CG, uma vez que a formação se resumiu apenas a uma semana de encontro com todos os alfabetizadores desta cidade e das demais cidades circunvizinhas (estamos tomando a formação proposta pela coordenação do PBA – CG como formação inicial do professor¹⁷, visto que o perfil de professor selecionado a participar do programa, segundo o MEC, são preferencialmente professores da rede pública de ensino, mas qualquer cidadão com nível médio completo pode se tornar um alfabetizador do programa (portal.mec.gov.br)), e considerando que, durante a semana, conforme depoimento da professora, os momentos se centralizavam em dinâmicas e leitura de textos que abordavam qual o papel do alfabetizador, podemos perceber, em alguns comentários feitos, uma visão dicotômica sobre a relação teoria/prática.

“S – como foi o curso de formação de alfabetizadora do programa Brasil alfabetizado?... você gostou?...

P – sim...

S – como foi?...

¹⁷Não podemos participar desta formação inicial, pois a coordenadora geral do programa não permitiu. Assim, nossas análises tomarão como foco o material usado e os depoimentos da professora.

P – foi importante assim pra... pra aprimorar né?... os nossos conhecimentos... é:: algumas orientações básicas mesmo dentro dentro do programa... que nós precisávamos aprender mais... desenvolver mais... atividades... é:: dinâmicas... pra gente trabalhar com o mundo do aluno né?... a vivência dele/a realidade dele... então foi muito importante nós é:: aprendemos bastante com a ministrante que veio lá de João pessoa... de bayeux... então foi importantíssimo pra nós... pro nosso crescimento...”

Tendo em vista estes requisitos para ser professor do PBA e além disso, o depoimento da professora-alfabetizadora do que aconteceu durante a formação inicial, podemos considerar que a prática desse professor em sala de aula deve ser melhor direcionada, visando fornecer subsídios para eficácia no ensino.

O PBA – CG, com base nos textos trabalhados durante a formação, leva em consideração as propostas teóricas abordadas nas academias, uma vez que traz reflexões sobre letramento ideológico, iniciadas com Freire (1990), na década de sessenta do século XX, e em trabalho do pesquisador como Street (1987), que aborda aspectos culturais e sócio-políticos, constitutivos da natureza epistemológico do letramento em pauta. Estudos esses desenvolvidos também no Brasil com Soares (1990), que defende letramento e alfabetização; com Kleiman (1995) que aborda os vários significados, níveis e modelos do letramento; Tfouni (1995), que distingue alfabetização de letramento, dentre outros estudiosos.

A preocupação em apresentar as teorias para o professor-alfabetizador, como vimos acima, se restringiu às leituras e discussão dos textos, situando apenas a teoria para a prática pedagógica, já que durante o curso os alunos passariam por dois processos de avaliação que, por sua vez, fazem parte do regulamento do programa, em âmbito nacional. Esses critérios de avaliação (analisados posteriormente, p.) têm por base a relação de conteúdos selecionados para o processo de alfabetização durante a execução do PBA. Além disso, faz parte do regulamento do PBA a formação inicial bem como a formação continuada. Conforme a Resolução¹⁸ nº6/2010,

os intérpretes e coordenadores devem receber antes do início das aulas, 40 horas de formação presencial, ministrada por instituição de ensino superior pública ou comunitária. Dessas 40 horas, 36 horas

¹⁸ Aqui está se referindo aos intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e aos coordenadores das turmas de EJA.

são sobre o processo de alfabetização de adultos e 6 horas de capacitação sobre o projeto Olhar Brasil. A formação continuada, que deve acontecer durante todo o processo de alfabetização, deve ser de quatro horas de alfabetização, deve ser quatro horas a cada 15 dias ou de 2 horas semanais. (portal.mec.gov.br)

Podemos perceber que há preocupação do programa em relação à formação do professor, uma vez que tanto no início como durante o processo de alfabetização visa superar as deficiências que esse professor-alfabetizador demonstra em exames que avaliam o nível de leitura e escrita de alunos (como veremos na análise final acerca da avaliação no programa). No entanto, para que essas deficiências sejam sanadas, é necessário que se coloque o professor na posição de principal parceiro, como orientador e estimulador do processo de compreensão, superando a perspectiva tradicional da escola. Para isso, é preciso que esse professor tenha condição, conhecimento das habilidades de leitura e escrita para fazer uso delas nas diversas instâncias sociais, quando dela necessitarem – não apenas na escola –, como também para que leiam os diversos gêneros textuais que circulam socialmente.

Pelo próprio discurso da professora-alfabetizadora, como já foi dito antes, a formação realizada se centralizava em dinâmicas, leitura e discussão do texto, mas sem um direcionamento para a prática, sem sugerir um procedimento didático para se trabalhar com a realidade do aluno. Infelizmente a formação só se deu no âmbito inicial do programa, inclusive, no que se refere ao planejamento que deveria ser semanal, com 2 horas de duração ou quinzenalmente, tendo 4 horas de duração. Porém, houve apenas um encontro com a coordenadora para planejar e o mesmo se resumiu à entrega de alguns textos para serem trabalhados em sala. O depoimento da professora ratifica as informações acima:

“P – a proposta inicial era para que planejasse... e as outras professoras do bairro... mesmo viu... né?... você sempre me ajudou... mostrando... né?... é::...mostrando QUINZENALMENTE... é QUINZENALMENTE... mas não foi possível... como você/ como eu podia fazer... outras eu fazia sozinha mesmo... isso me ajudou muito... era pra gente reunir com as outras professoras e trocar experiências... e uma ia ajudando a outra... por conta do tempo... é... a gente não se encontrava... cada uma fazia o seu...

S – como funcionava o planejamento com a coordenadora?...

P – com a coordenadora... a gente era pra fazer mensal/mensalmente... era pra gente se encontrar... levar o relatório da presença deles... dos aluno né?... e mostrar como tava o desenvolvimento...

[

S – mas havia o planejamento das atividades?...

P – não... o planejamento como lhe falei... só uma vez ela deu um material pra gente fazer em sala... lembra?... só foi aquilo mesmo... aquele mesmo... é porque a gente só se encontrou... é... na verdade... só houve quatro encontro... a primeira vez pra gente levar o relatório de presença... e::... dizer como estava os aluno... né?... as dificuldades ... e... a outra foi/a outra foi pra... pra entregar...ela foi deixar a prova pra eu aplicar né?... ela foi também... antes de começar as aulas... para conhecer o lugar/o espaço e gostou... ela foi deixar a prova pra eu aplicar... né?... e logo depois ela veio pegar... você mesmo sabe... todo mês eu pedia pro rapaz do mototáxi levar/deixar o relatório de frequência dos alunos...”

Para que a formação atinja o objetivo maior de preparar o professor é importante somar saberes e desenvolver uma postura reflexiva do como-fazer. Essa reflexão permitirá o professor a desenvolver-se. No entanto, esse desenvolvimento só pode acontecer mediante um acompanhamento sistemático da prática em sala de aula. A insegurança da professora-alfabetizadora em trabalhar com a realidade, assunto bastante enfatizado na formação, nos instigaram a acompanhá-la e participar de todo processo de ensino-aprendizagem do aluno. Na realidade, esse acompanhamento e planejamento das atividades para serem aplicadas se tornaram uma formação continuada, visto que, através de uma abordagem reflexiva, mostrando a importância do letramento no contexto de sala de aula, a professora conseguiu interagir com o conhecimento teórico e prático.

Como etapa subsequente, consideramos relevante para nosso estudo, procedermos a uma análise, mesmo que não exaustiva, sobre a formação continuada da professora-alfabetizadora (via pesquisa-ação) durante o curso do PBA – CG.

3.1.1.4 – A formação continuada em exercício no PBA – CG

Visando a uma melhor compreensão e execução das teorias abordadas (é válido salientar que o material teórico é muito limitado, uma vez que consta apenas da diferença/relação entre alfabetização e letramento e suas implicações no ensino)

durante a formação inicial, que levou a professora-alfabetizadora a refletir acerca das dificuldades que envolvem seus saberes e como eles se refletem na transposição desta proposta, nosso acompanhamento e participação na pesquisa se desenvolveram tendo em vista as necessidades da professora, privilegiando a sua autonomia, a experiência e a relação com o conhecimento teórico e prático. Além do acompanhamento das aulas e do planejamento, buscávamos interagir a proposta apresentada na formação com base no letramento, com a proposta para se introduzir na sala de aula gêneros textuais que fossem atuais, de acordo com o cotidiano deles.

A nossa reflexão se centralizava no saber-fazer, já que a professora tinha como concepção de alfabetização o método tradicional, demonstrando um saber de base estruturalista em que o conhecimento da língua se dá de forma fragmentada. Seria importante nesse momento de formação continuada, a professora vivenciar as atividades (não necessariamente todas), para que ela, de fato, refletisse sobre sua prática e, por sua vez, didatizasse os conteúdos. Daí, não podemos separar conhecimentos teóricos de conhecimentos práticos vivenciais do professor, uma vez que eles se interligam.

Dentro desta perspectiva, podemos conceber formação continuada como sendo um processo de reflexão da teoria x prática do professor em exercício, buscando mudanças eficazes para melhor efetivação da sua prática pedagógica. Acrescenta-se a essa reflexão, tendo por base Perrenoud (2002), Schön (1995), Freire (1986) e outros; uma ação crítica, como vimos no capítulo I.

Dessa forma, a formação continuada se deu durante o planejamento (cf. 3º cap. – Quadro das aulas de LM) e execução das atividades em sala de aula, através da interação professor x aluno x pesquisador.

Retomamos aqui, para apoiar a análise, as concepções de leitura e escrita que se fundamentam nas perspectivas teóricas interacionistas e do letramento, em que se priorizam na alfabetização as diversas práticas sociais em que a leitura e a escrita estão inseridas, interagindo-as ao contexto sócio-histórico-político.

Sendo assim, observando a atuação em sala de aula, analisaremos, inicialmente, alguns trechos de aulas que evidenciam a formação continuada da professora e a participação da pesquisadora durante o curso do PBA–CG. Veremos ainda, no segundo momento dessa análise da formação continuada, o desenvolvimento das aulas através das atividades que serão divididas em dois

momentos: primeiro, a recorrência das atividades envolvendo o processo de letramento e o segundo, o uso do ditado como prática letrada.

3.1.1.4.1: Observando os trechos de aulas como encaminhamento na formação:

Analisando os trechos das aulas, verificamos que durante o percurso havia momentos, no processo interativo, em que a professora alfabetizadora e a pesquisadora participavam em unidade. Em alguns momentos, elas faziam o papel de autoridade, em outros, como participantes, construindo juntos os conhecimentos. Vejamos os trechos de aulas em que isso acontece:

A professora-alfabetizadora como participante:

Aula:20/02/2008

“(…)

S – e sempre será feita uma revisão... vai ficar registrado no cartaz... facilitando a vocês aprenderem... tudo ficará exposto na sala...

A8 – pro povo daqui ficar vendo...

P – essa garagem fica fechada... a gente não tem carro... meu irmão tem um caminhão... mas não dá pra entrar aqui... é muito grande... é melhor entrar pelo terraço... que é do outro lado... eu tenho um sonho de um dia abrir um negócio aqui... colocar uma soparia...mas tá na mão de deus... nem se preocupe... ninguém mexe em nada...

(...)”

Aula: 04/03/2008

“P – então os meses do ano são... ((registrando no quadro)) janeiro... fevereiro... março... abril...maio... rose não é melhor colocar num cartaz logo não?... só assim fica na parede para eles verem...

S – é melhor... eles vão citando e eu vou já elaborando no cartaz... tá certo assim?...

P – é melhor... faz com tua letra mesmo...

S – *está bem...*”

Observando esses dois trechos de aula, podemos notar que a professora-alfabetizadora assume o papel de participante no processo de interação. Nessa participação, ela e a pesquisadora buscam alternativas para melhor efetivação do ensino. Aqui, podemos ver o uso do cartaz, gênero textual muito usado como forma de registro das aulas e *feedback* durante o curso (ver aulas em anexo G), elaborado pela pesquisadora com a autorização da professora.

A troca de papéis exercida pela professora-alfabetizadora durante a formação continuada se faz importante apresentar, uma vez que existe nela o desejo de mudar, de experimentar e conhecer novas perspectivas para o seu fazer pedagógico. Um outro papel bem presente observado na aula que, na realidade, é sua função já que o espaço de sala de aula pertence a ela, é o de autoridade, que veremos no trecho a seguir.

Como autoridade:

Aula: 04/03/2008

“(...

P – vamos gente... vocês vão dizendo e rose já vai colocando no cartaz...

S – deixa eu fazer o título... meses do ano...

((tempo))

P – fala como acontece essa/como é formado os meses do ano pra eles...

S – podem começar...

A7 – janeiro...

S – então eu vou colocando e explicando... é melhor... então janeiro... janeiro é o primeiro mês do ano... com que letra começa a palavra JANEIRO...

A6 – com a letra J...

S – muito bem... o próximo mês seu José...

A8 – fevereiro...

(...)”

Aqui, a professora-alfabetizadora assume o seu verdadeiro papel – o de autoridade, visto que é o seu contexto, direcionando e dando autonomia à pesquisadora para assumir naquele momento a aula. Esses processos de interação acontecido em sala vão surgindo em decorrência das incertezas, das dúvidas e essa ajuda mútua, consideramos como mútua pelo fato da pesquisadora também está aprendendo esta outra realidade, se faz importante para que se atinjam os objetivos da aula. Vejamos agora a pesquisadora como participante no processo:

A pesquisadora como participante do processo:

Aula:02/05/2008

“(...)

A7 – nesse país?... só sendo mesmo... minha filha...

S – então devemos pensar BEM que representantes escolher para não pagarmos pelo erro...

P – mas... vamos gente... eu vou escrever esse texto no quadro e a gente depois toma a leitura... tá certo?... qualquer coisa é só perguntar...viu?... eu vou escrever no quadro e a gente toma a leitura... tá certo?... mas primeiro vamos escrever...

(...)”

Aula:10/06/2008

“(...)

A6 – tem um bucado no INHO...

S – não é?... até parece que é pra menininho... tudo pequenininho...

A9 – a gente tudo uma velha...

S – mas não deixamos de ser criança ((risos))... pelo menos é isso que esta proposta de atividade dada pela coordenadora a professora propõe para vocês...

P – não é... por isso que nada funciona nesse país... a gente era pra ter um acompanhamento melhor... pra aprender mesmo... porque a escola normal não prepara a gente não... eu mesma... tô aprendendo agora... ((risos))... com a minha professora... agora eu sei o que é trabalhar a realidade... vou dar mais um tempo... circule no texto... depois eu escrevo no quadro... pra vocês separarem... tá certo?...

(...)”

A construção do saber, durante a formação continuada, deu oportunidade para a professora-alfabetizadora permitir que a pesquisadora participasse também das aulas, como já foi dito acima. A pesquisadora participava da aula naturalmente, houve, como podemos ver nestes trechos que as duas sempre caminhavam juntas, uma complementando o que a outra falava e a aula, portanto, se efetivava. Os alunos também se sentiam motivados a participarem do processo ensino/aprendizagem. Já no próximo trecho a pesquisadora passa a assumir o papel de autoridade.

Exercendo o papel de autoridade:

Aula: 12/03/2008

“(…)

P – mas nós temos mulheres hoje que ganham mais que os homens... é pouco eu sei... mas existe... e isso já é um grande avanço... não é?... hoje a mulher trabalha fora... trabalha também em casa né?... então agora nós vamos fazer um exercício no caderno... rose tá fazendo de uns e eu vou fazendo dos outros... a gente vai fazer no caderno... a gente vai copiar as perguntas no caderno e vocês vão fazer... as perguntas vão ser tiradas do texto... vai ser bem fácil... tá tudo no texto... a gente vai ajudando vocês... e quem for terminando vai pesquisar em revistas... tão aqui... vão pesquisar gravuras de mulher para a gente fazer um cartaz... para colocar aqui na sala... vamos deixar esta cheia de tarefas de vocês...

S – eu acompanho dona ana e jacqueline... pois eu vou ajudá-las a identificar as letras das palavras-chave do texto... e você acompanha os demais...

((exercício de compreensão))

P – bom gente... vocês já terminaram né?... as perguntas que nós colocamos foram bem fáceis né?... vamos lembrar?... em que data se comemora o dia internacional da mulher?... como foi que vocês colocaram?...”

Aula:10/06/2008

“(…)

P – é... ((ri))... então a gente que quem tem a dengue... quem é picado pelo mosquito... que a gente de aedes aegypti... tem que ter muito cuidado... tomar muito líquido...

S – licença... devemos procurar com urgência uma unidade de saúde... um posto de saúde... o hospital né?... foi mostrado no jornal como estão os leitos né?... os leitos dos hospitais né?... mas é importante procurar pra eles terem idéia do que está acontecendo... tomar logo as devidas precauções... observando os sintomas... tem que ter cuidado com que medicação está tomando né... porque só podemos tomar remédio a base de paracetamol... e o único indicado é o TYLENOL...((...))”

No processo de ensino, neste momento, a pesquisadora assume o papel de autoridade. Como se observa, a pesquisadora no trecho da aula 12/03/2008 aborda que vai acompanhar as duas alunas que sentem dificuldades e, no outro momento, ela intervém no assunto com a permissão da professora.

Como já foi dito antes, pelo fato do processo de alfabetização ser concebido, hoje, como um período de aprendizagem de conceitos complexos, no qual o aluno desenvolve a capacidade de compreender e produzir textos, podendo, dessa forma, participar de eventos sociais mediados pela escrita, esta professora, com base na prática anterior, necessitava de um acompanhamento para se trabalhar com os diversos gêneros textuais que circulam socialmente. Em outras palavras, a teorização da prática “na prática”, uma vez que é um caminho para desenvolvermos, enquanto professores, uma ação mais consistente, levando-nos a um planejamento mais elaborado e refletido. Na realidade, foi o que aconteceu com esta turma de EJA, visto que o pressuposto de que a leitura de textos realizada pelo professor seria um momento rico de ampliação do nível de letramento do aluno, por sua vez, da professora também. As aulas direcionavam o trabalho da professora, tendo em vista que muitos assuntos foram surgindo conforme a realidade e o processo de interação.

Nessa realidade, a interação nas aulas e a interação professora-alfabetizadora versus pesquisadora foram tomando várias direções no papel da professora-alfabetizadora em sala, pois a professora, como podemos ver nos trechos das aulas, funcionava em alguns momentos como aprendiz, outros como co-participante e em outros como regente. Nesse contexto, entendemos que: como aprendiz, por ser nova a concepção de alfabetização como prática letrada e, até mesmo, a interação com os conteúdos com os quais ela não estava familiarizada. Como co-participante, por se apropriar do conhecimento socialmente produzido em sala de aula, através de novas técnicas e produções de atividades geradas no momento da interação e como regente, por ser a sala de aula o seu espaço de atuação como líder do grupo.

Todos esses papéis exercidos pela professora direcionaram o seu fazer pedagógico de forma reflexiva, estabelecendo um movimento prática-teoria, visto que, como já foi dito anteriormente, é necessário que se compreendam as teorias que os embasam, que caracterizam a nova abordagem, conhecimentos que podem fundamentar uma leitura crítica, comparativa no sentido de que se saiba em que esta difere da anterior e por que mudá-la.

Nessa interface do processo de interação, foi se construindo tanto o saber da professora-alfabetizadora como o saber dos alunos, uma vez que, para a professora,

na alfabetização deveria ser trabalho o mundo do aluno, ou seja, sua realidade. Passemos, a seguir, à análise da formação continuada na prática pedagógica.

3.1.2 - A organização no processo ensino/aprendizagem de LM do PBA – CG: as práticas letradas em sala de aula

Considerando que o letramento se caracteriza como o ensino da leitura e da escrita como práticas sociais de uso e que se faz necessária saber utilizar as estratégias e os procedimentos que conferem maior fluência e eficácia ao processo de produção e atribuição de sentidos aos textos com os quais os alunos se interage na alfabetização, veremos, a seguir, com base nas categorias para a leitura(análise) do processo de formação continuada da professora em questão, como se desenvolveram as práticas letradas no processo ensino/aprendizagem dos alunos, levando em conta a autonomia da professora-alfabetizadora para essa construção de conhecimentos, e as mudanças de concepção, metodologia, didatização desses saberes, visto que não ocorrem de forma imediata, o que requer um trabalho sistemático, respeitando as dificuldades da professora-alfabetizadora.

Antes da análise das aulas, verifiquemos no quadro abaixo um levantamento do número de atividades de leitura e escrita desenvolvidas no decorrer do curso, que teve início no dia 18/02/2008 e término no dia 18/09/2008. Esse levantamento tem como base o quadro 6 das aulas de ensino/aprendizagem em LM, desenvolvidas durante o curso do PBA – CG (cf. 2º cap.)

Mapeando as atividades no PBA-CG

Quadro 7: Levantamento das atividades de Leitura e Escrita

Gêneros textuais trabalhados nas atividades	Nº de Atividades	Atividades de leitura/Atividades de escrita	Nº de Atividades
Cartazes	09	-Confecção de cartazes	
Charge	01	- Dominó de palavras	01
Crachá	01	-Elaboração de crachás	

Jornais	06	- Formação de frases	02
Mensagens	02	- Escritas de palavras começadas por vogais, consoantes e encontros consonantais.	03
Panfletos	04	-Ilustração de propaganda, nomeando-a.	01
Propaganda	01	-Pesquisa no dicionário, registrando as palavras	01
Receita	03	-Pesquisa em revistas e jornais, reescrevendo as palavras.	04
Revistas	06	-Produção de textos	04
Rótulos	01	-Receita	03
Textos: - Dia Internacional da Mulher; - A mulher virtuosa; - Cadê minha casa; - Cidade triste; - Como surgiu o dia das Mães - Brasil, Pátria amada	13	-Reescritura do texto	01
		-Registro no caderno de palavras	06
		-Separação de sílabas	05
		-Treino ortográfico	08

Com base nesse levantamento, envolvendo leitura e escrita no quadro acima, selecionaremos, para a primeira análise, 16 aulas desenvolvidas envolvendo letramento, para que possamos observar como se dão essas práticas no PBA-CG. Na segunda parte da análise, veremos o uso do treino ortográfico como alternativa para o desenvolvimento de uma escrita autônoma e, por fim, analisaremos as

práticas avaliativas desenvolvidas no programa, levando em conta os conteúdos estudados durante o curso.

Como sabemos, o aluno antes de entrar na escola, já observa, antecipa, interpreta, interage com o mundo, dando significado aos seres, aos objetos e às situações que o cercam. Diante do texto, ele vai utilizar esses mesmos meios para compreender o sentido do que lê ou ouve.

Considerando esse contexto, faz-se necessário que se trabalhe em sala de aula com textos ou atividades que levem o aluno a desenvolver a capacidade de ler, confrontar ponto de vista, produzir outros textos e refletir sobre a linguagem que utiliza, ou seja, desenvolver atividades que contribuam para o aperfeiçoamento de sua forma de dar sentido às coisas do mundo, com textos que aparecem com mais frequência na realidade social e no universo escolar do aluno (as notícias e reportagens, propagandas, panfletos, rótulos, bilhetes, cartas, charges, etc.).

Assim, nos cursos da EJA, o trabalho com o letramento deve ser proveitoso. O conjunto de assuntos selecionados tem de estar inserido em um contexto, considerando as reais necessidades dos alunos. Além disso, é necessário considerar a heterogeneidade da turma, uma vez que, muitas vezes, em um mesmo grupo (no nosso caso, ver perfil dos alunos, quadro 5, p.77), encontram-se pessoas que nunca frequentaram e outras que já frequentaram a escola e que, portanto, têm pouca familiaridade com a linguagem escrita, embora reconheçam a sua função quanto ao uso. Assim, as aulas de LM para os alunos da EJA devem, em primeiro lugar, servir para reduzir a distância entre estudante e palavra, devem também, ajudar a romper os silenciamentos impostos pelos perversos processos de exclusão do próprio sistema escolar, levando os alunos a interagir em sala e motivando-os às práticas de letramento.

Devido ao fato de a professora-alfabetizadora só ter tido uma semana de curso promovido pelo PBA-CG, e como ela mesma falou em entrevista, que aquele encontro tinha sido o momento para todos se conhecerem, aprenderem dinâmicas, lerem, discutirem alguns textos entregues pelo programa (ver anexo B), durante o processo de formação ficaram dúvidas e insegurança acerca do como-fazer, ou seja, a didatização desses saberes na prática.

No quadro 6 (p.80), como podemos ver, diversos assuntos abordados durante o processo de alfabetização haviam sido propostos pelo programa, embora, durante a prática, tenham deixado algumas lacunas. Também, é preciso considerar o fato de

se trabalhar numa turma em que a frequência não é regular, o que não ajuda o professor a desenvolver um trabalho efetivo. Mas a tentativa da professora em considerar a proposta apresentada serviu de suporte para o seu trabalho e a ajudou a compreender o funcionamento dessas práticas em sala de aula, necessitando de um direcionamento e acompanhamento por parte da pesquisadora.

Diante do exposto, veremos neste capítulo, como já foi mencionado anteriormente, uma sucinta análise das 16 aulas selecionadas, para que possamos observar o processo de alfabetização numa turma da EJA do PBA-CG, levando em consideração as práticas dos letramentos. As atividades de leitura e escrita escolhidas para análise foram as seguintes:

- 1 – Rótulo (Água Sanitária IGUAL);
- 2 – registro escrito envolvendo o rótulo;
- 3 – produção textual (“A história de sua vida”);
- 4 – reescritura do texto produzido;
- 5 – texto (“Dia Internacional da Mulher”);
- 6 – atividade de compreensão do texto;
- 7 – texto (“Cidade Triste”);
- 8 – produção textual - (“Cidade Alegre”);
- 9 – texto (“Cadê a minha casa”);
- 10 – compreensão do texto;
- 11 – panfleto – (Assunto: DENGUE);
- 12 – produção textual (Casos de dengue conhecidos);
- 13 – receita (Panqueca);
- 14 – produção textual (Derivados do leite);
- 15 – charge;
- 16 – registro escrito sobre charge.

Tomando por base as atividades selecionadas, iniciaremos, nesta primeira parte da análise, as discussões acerca dos conteúdos abordados em sala, considerando a alfabetização como processo de apropriação da escrita em que a produção e compreensão textual pressupõem não apenas a capacidade de codificação e decodificação, como também os conhecimentos acerca das situações de interação mediadas pela língua escrita.

Neste sentido, consideramos que, para o aprendiz, não é fácil a aprendizagem do código escrito, principalmente, por sabermos que a escola artificializou a escrita na intenção de “facilitar” a aprendizagem do aluno e, com isso, restringiu a aprendizagem da língua ao domínio do código escrito, dificultando o processo de aquisição e anulando as práticas sociais de uso da escrita.

Portanto, se faz necessário, trabalhar com textos que tenham significados para que o aluno interaja e identifique finalidade deles no seu cotidiano. O estudo do rótulo, por exemplo, que iremos ver a seguir na aula aplicada no dia 20/02/2008 (ver Aula 1 – exemplo 9), demonstra o interesse que o aluno da EJA tem em estudar este gênero.

Vejamos o rótulo que a professora-alfabetizadora levou para a sala de aula e as discussões geradas pelos alunos e atividade escrita aplicada:

Aula 1:

Exemplo 9: Texto Base

EN CASO DE ACIDENTE:
Em caso de contato com a pele e com os olhos, lave com água corrente em abundância por pelo menos 15 minutos, persistindo a irritação, procure um médico. Em caso de ingestão, não provoque vômito, consulte imediatamente o Centro de Intoxicações ou Serviço de Saúde mais próximo levando a embalagem ou rótulo do produto. Não dê nada via oral a uma pessoa inconsciente. Conserve o produto no frasco original, mantenha o frasco protegido do sol e do calor. Evite a inalação do produto. Não utilizar para desinfecção de feridas, ventosas e congêneres.

Ita, Centro de Intoxicações: (81) 1555
COMPRIMENTO ATIVO: Na D01 - Hipoclorito de Sódio, e Água
teor de cloro ativo 2% a 2,5%.

FABRICADO POR: JANGA S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO
Rod. BR-101 Norte - Km 47,5 - Igarassu - PE - CEP 10.690-063/0001-70
Curn. Resp. Gilson Maia Fonseca
CRQ Nº 01.300.487 - 1ª Região
Registrado no Ministério da Saúde sob o Nº: 3.0091.0025

INDICAÇÕES:
LAVAGEM DE ROUPAS BRANCAS: ALVEJANDO E REMOVENDO MANCHAS: Use 1 copo (100ml) de Água Sanitária Igual para cada 10 litros d'água. Deixe a roupa de molho por 1 hora. Enxague e continue a lavagem adicionando o sabão de sua preferência. Para manchas mais difíceis use 1 copo (100ml) para cada 5 litros d'água, enxague após 10 minutos e continue a lavagem.

LIQUPEZA GERAL: Cozinha, banheiro, pisos, azulejos e esquadras: Use 1 copo (200ml) para cada 10 litros d'água, enxague após 10 minutos. Para desinfecção e desodorização de telas e vestes sanitários, use a Água Sanitária Igual para e deixando em contato por 10 minutos.

PRECAUÇÕES:
Não ingerir, evitar contato com os olhos e a pele, não realizar o vazilhame para outros fins, não usar em recipientes e objetos metálicos, lavar os objetos e utensílios antes de reutilizá-los.

ATENÇÃO: Não utilize o produto puro diretamente sobre as lesões. Não utilize o produto em roupas coloridas, tecidos de couro, lá, smelões, seda e lã.

Validade: 06 meses

ANTES DE USAR, LEIA AS INSTRUÇÕES DO RÓTULO.

ÁGUA SANITÁRIA
igual
Igual a Melhor
Diferente no Preço

MULTIPLU USO
alveja e desinfeta

Conteúdo 1 litro

ÁGUA SANITÁRIA É IGUAL

Serviço de Atendimento ao Consumidor
81-35421315

7 896093 520074

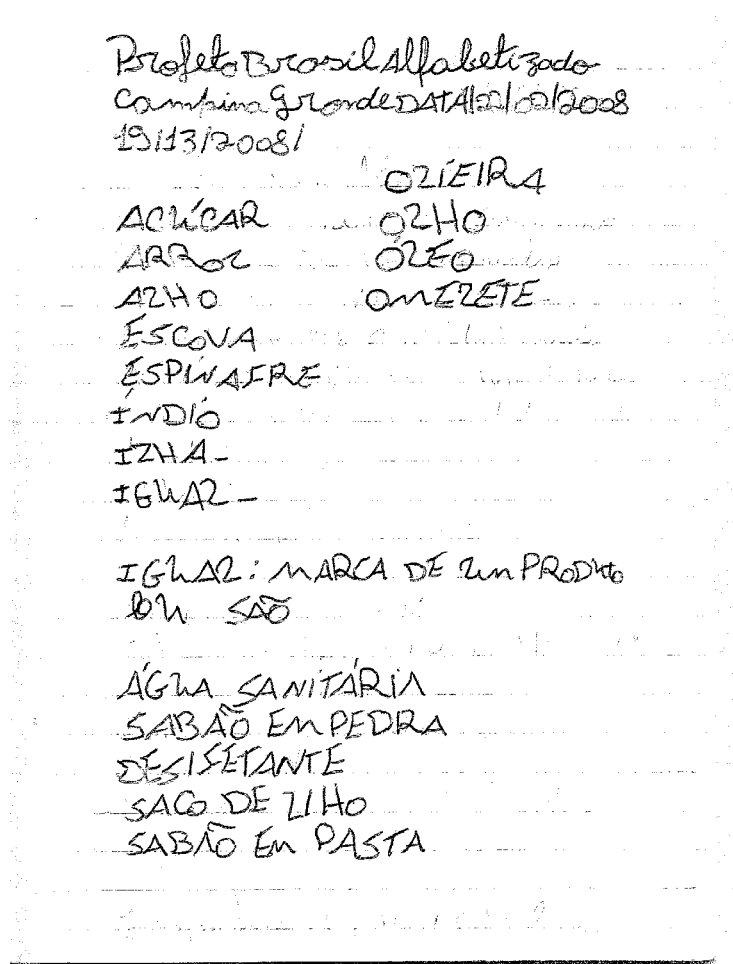
INDÚSTRIA BRASILEIRA

EMBALAGEM RECYCLABLE

A leitura do rótulo desta marca estudado em sala de aula, tinha como objetivo focalizar palavras iniciadas com vogais, no entanto, durante a apresentação deste gênero textual, a professora levou os alunos a identificarem o produto, a marca, o

significado da palavra, a utilidade, outros produtos que levam a mesma marca e a letra inicial do nome da marca. Logo após a discussão oral, a mesma solicitou que os alunos citassem palavras iniciadas por vogais (*açúcar, arroz, alho, escova, espinafre etc.*), registrando-as no quadro, inclusive foram feitas anotações de produtos que levam o nome desta marca (*água sanitária, saco de lixo, sabão em pedra etc.*). Vejamos o registro feito pelos alunos relacionado à aula sobre este gênero textual:

Exemplo 10: A1



Exemplo 11: A7

A E I O U
 ÁGUA - ELEFANTE
 IGREJA OVO
 UVA ARROZ
 ALHO AÇÚCAR
 ESCOVA
 ESPINA FRE
 INDIO
 ILHA
 IGUAL
 OLIVEIRA
 ÓLEO
 OMELETE

IGUAL: MARCA DE
 UM PRODUTO
 QUE SÃO:
 ÁGUA SANITÁRIA
 SABÃO EM PEDRA -
 DESINFETANTE
 SACO DE LIXO
 SABÃO EM PASTA

Exemplo 12: A8

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO 19/3/2081	
ACÚCAR	OLIVEIRA
ARROZ	OLHO
ALHO	ÓLEO
ESCOVA	OMELETE
ESPINA FRE	
INDIO	
ILHA	
IGUAL	
IGUAL: MARCA DE UM PRODUTO QUE SÃO:	
- ÁGUA SANITÁRIA	
- SABÃO EM PEDRA	
- DESINFETANTE	
- SACO DE LIXO	
- SABÃO EM PASTA	

Diante do que vimos, podemos notar que, a atividade escrita aplicada pela professora-alfabetizadora não levou em conta o estudo deste gênero “rótulo” como sendo um texto (que tem seus objetivos próprios definidos, suas características e funcionalidade enquanto uso social), visto que não houve uma atividade de compreensão, apenas o texto ficou situado numa discussão oral, servindo de pretexto para o estudo das vogais e seu significado que também foi feito oralmente. É preciso levar em conta que esta aula foi uma das primeiras aplicadas em sala e tudo estava sendo muito novo para a professora-alfabetizadora.

Reconhecemos que se faz necessário que práticas sociais características das sociedades letradas sejam recuperadas e a partir delas sejam selecionados textos adequados para alfabetizar, mas não podemos anular o saber da professora-alfabetizadora, uma vez que, como discutimos no capítulo 1, a formação continuada é um processo e, conforme afirma Signorini (2007, p. 218), diferentes tipos de mudanças provocadas pela inovação refletem o grau de congruência entre os valores trazidos por ela e já os existentes no contexto social de inserção. Quando não há congruência, para a autora, pode ocorrer: (a) rejeição da inovação; (b) mudanças radicais nos modos de inserção; (c) re-criação da inovação ou (d) mudanças de valores, tanto da parte dos usuários quanto dos criadores da inovação.

Aqui, poderia ter sido um ótimo momento para se trabalhar este texto com sua real função e, em outro momento, ter sido usado para identificação e estudo das vogais, mas se fez necessário considerar a proposta da professora, pois o domínio do código deve ser também efetivado.

Fragmento da aula 1:

“P – olha gente eu sei que tem pouca gente/também hoje ((incompreensível))... hoje eu trouxe pra vocês uma palavra... eu trouxe um rótulo... é um RÓTULO... vocês conhecem este rótulo?...

A2 – não é da água sanitária...

P – é::... é isso mesmo... é um rótulo da água sanitária... vocês conhecem esse rótulo...

A3 – conheço... professora... a gente usa/eu já usei dele... é a água sanitária IGUAL...a cor é azulzinha com branco... é esse mesmo... tem vermelho...

(...)

P – é que mamãe usa também... é o rótulo da água sanitária IGUAL... vocês tão vendo como é o rótulo... o nome vem bem grande... que letra começa o nome I – GUAL...

A2 – com a letra I...

P – é isso mesmo dona lindalva... começa com a letra I... a letra é uma vogal... eu já falei à vocês que a letra/que o alfabeto... é::... que no alfabeto a gente tem/é formado por CONSOANTES e VOGAIS... como são chamadas as vogais?... a gente tem cinco vogais... quais são as cinco vogais?...

A1 – é::... A... E... I... O... U

P – muito bem jacqueline... olhe ali no cartaz... A... E... I... O... U... (...) vocês sabem o que é/o significado da palavra IGUAL no dicionário?... o que é igual?... o que é a palavra igual...

A2 – num é::... num é a mesma coisa... professora... do mesmo jeito...

P – é::... a mesma coisa... a mesma aparência...

((a professora lê pelo dicionário Aurélio o significado da palavra))

(...) vocês conhecem outros produtos que têm esta mesma marca?... esse mesmo fabricante?... vocês conhecem?...

A2... oxe... tem o desinfetante de banheiro... que eu conheço... já usei...

(...)

A1 – sabão...

(...)

P – mas tem... mas tem mais produtos... tem SACO DE LIXO... é::... sabão em PASTA...

(...)”

(Fragmento da aula aplicada no dia 21/02/2008, ver anexo G)

Fragmentos da aula ratificam as discussões acerca desse gênero que poderia ter sido mais explorado enquanto texto e sua funcionalidade na língua, já que é um ótimo momento para se trabalhar em sala, mas podemos considerar como um momento importante no que se refere à discussão acerca da caracterização desse gênero, se caracterizando como uma prática letrada.

Podemos verificar, ainda, que os alunos conseguiram se interagir ao assunto abordado. A professora, por sua vez, trouxe outros conhecimentos nesse processo de interação, buscando, inclusive estudar o significado da palavra “igual” com base no contexto. É preciso levar em conta que a professora estava também no papel de aprendiz, já que ela não tinha sido exposta a este tipo de prática.

Aula 2:

Na próxima atividade que nós iremos analisar (exemplos 13 a 21), uma das aulas mais completas acerca do que se propõe a alfabetização na perspectiva do letramento, podemos perceber que houve uma sistematização dos assuntos, considerando o tema em estudo, a realidade contextual. As propostas de atividades desenvolvidas tinham relação com o contexto de sala de aula, pois é importante que o aluno encontre sentido no que lê e escreve, embora, inicialmente, a aula aplicada tivesse como objetivo estudar as famílias silábicas do M e do LH, se caracterizando, no primeiro momento, enquanto decodificação por se apresentar como um trabalho, eminentemente mecânico (ver exemplo 13 – A8). No entanto, como estava no mês de Março e neste mês se comemora o “Dia Internacional da Mulher” (08 de Março), o estudo das famílias silábicas tendo por base o nome Mulher favoreceu a abertura de outros assuntos importantes de serem focalizados.

No decorrer das aulas, levando em conta esta data, a professora-alfabetizadora trabalhou o assunto da seguinte forma: No primeiro momento (dia 04/03/2008 – ver quadro 7 das atividades) foi estudada a palavra Mulher com base no “Dia Internacional da Mulher”, discutindo oralmente o que é ser mulher, seu papel na sociedade, o mês e dia em que se comemora esta data. Além disso, como domínio do sistema de anotação alfabética, já que constitui uma condição necessária a uma maior autonomia nas práticas de leitura e escrita nas sociedades letradas, foram focalizadas, ainda, as famílias silábicas da palavra “mulher”; formação de palavras; leitura das palavras coletiva e individualmente (ver exemplo 13).

No segundo momento (05/03/2008, exemplo 14), foram estudados os meses do ano, número de dias tendo em vista cada mês, ano, números de horas que formam o dia. Durante essas discussões, fez-se necessário focalizar oralmente, pela pesquisadora, os movimentos que a Terra faz em torno do sol (rotação e translação) e sua origem na formação da hora, dia mês, ano, bem como as estações do ano. Ainda, a ênfase ao mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher; o estudo e identificação da letra inicial de cada mês; leitura oral coletiva dos meses do ano. Por fim, como registro – prática que foi comum a cada aula, foi confeccionado um cartaz envolvendo o assunto do dia.

No terceiro momento (07/03/2008), a professora-alfabetizadora fez a leitura e reflexão do texto bíblico “A mulher virtuosa” (Provérbios 31), enquanto isso os alunos iam acompanhando a leitura da palavra, mostrando o que diz a bíblia acerca da mulher. Após a reflexão, a pesquisadora explicou a origem desta data, já que era de interesse da turma conhecer o porquê deste dia. Em seguida, a Assistente Social do Bairro e Representante da SAB entregou uma mensagem para turma (ver mensagem no anexo 5), dando os parabéns às mulheres e falando do seu papel na sociedade atual. Logo após a breve palestra, a signatária da pesquisa entregou uma lembrancinha para cada uma delas e, por fim, como culminância, foi feito um lanche coletivo.

No quarto momento (12/03/2008, ver exemplo 15 – texto base e exemplos 16 e 17), foi estudado o texto adaptado sobre o “Dia Internacional da Mulher”, havendo uma discussão oral, retomando o que foi dito na aula anterior; depois foi aplicada uma atividade escrita tendo por base a compreensão do texto e, por fim, através da pesquisa em revistas e jornais, foi confeccionado um cartaz com gravuras de mulheres.

No quinto momento (14/03/2008, exemplo 18), a professora pediu que identificassem no texto palavras envolvendo as famílias silábicas da palavra mulher; em seguida, foi feita a leitura coletiva das palavras retiradas do texto, por fim, um ditado de palavras.

No sexto momento (17/03/2008, exemplo 19), discussão e levantamento das fábricas existentes em Campina Grande, registrando no quadro os nomes; logo após, discussão e registro no quadro das profissões exercidas pela mulher ontem e hoje; registro no caderno e produção de um cartaz, focalizando este assunto. Vejamos estes momentos das atividades abordadas em sala, através do registro escrito do aluno e, logo após esta sequência de atividades, nos deteremos a uma breve análise envolvendo os exercícios de compreensão, uma vez que a prática tem mostrado que devemos articular sempre as atividades de leitura e de compreensão para levar o aluno a perceber e realizar o propósito da atividade.

Exemplo 13: A8

PBA-04/03/2008
Dia Internacional
da mulher

lha lhe- lhu-
lho lhu

ona one oní mo mu

molho
milhar
milho
malhados
mulher

Exemplo 14: A8

PBA - 05/03/2008
 MESES DO ANO
 01 JANEIRO (31 dias)
 02 FEVEREIRO (29 dias)
 03 MARÇO (31 dias)
 04 ABRIL (30 dias)
 05 MAIO (31 dias)
 06 JUNHO (30 dias)
 07 JULHO (31 dias)
 08 AGOSTO (31 dias)
 09 SETEMBRO (30 dias)

Continuação do exemplo 14: A8

10 OUTUBRO (31 dias)
 11 NOVEMBRO (30 dias)
 12 DEZEMBRO (31 dias)

1 ANO → 365 DIAS + 6 HORAS

1 DIA → 24 HORAS

Exemplo 15 – Texto Base

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

ALUNA (O) _____
 DATA: _____

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

NO DIA 8 DE MARÇO DE 1857, OPERÁRIAS DE UMA FÁBRICA DE TECIDOS, SITUADA NA CIDADE NORTE AMERICANA DE NOVA IORQUE, FIZERAM UMA GRANDE GREVE. OCUPARAM A FÁBRICA E COMEÇARAM A REIVINDICAR MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO, TAIS COMO, REDUÇÃO NA CARGA HORÁRIA PARA 10 HORAS (AS FÁBRICAS EXIGIAM 16 HORAS DE TRABALHO DIÁRIO), EQUIPARAÇÃO DE SALÁRIOS COM OS HOMENS E TRATAMENTO DIGNO DENTRO DO AMBIENTE DE TRABALHO.

A MANIFESTAÇÃO FOI REPRIMIDA COM TOTAL VIOLÊNCIA. AS MULHERES FORAM TRANCADAS DENTRO DA FÁBRICA, QUE FOI INCENDIADA. APROXIMADAMENTE 130 TECELÃS MORRERAM CARBONIZADAS, NUM ATO TOTALMENTE DESUMANO.

PORÉM, SOMENTE NO ANO DE 1910, DURANTE UMA CONFERÊNCIA NA DINAMARCA FICOU DECIDIDO QUE O 8 DE MARÇO PASSARIA A SER O “DIA INTERNACIONAL DA MULHER”

Exemplo 16: A8

PBA - 12103108

Compreensão do Texto

1º) Em que data se comemora o Dia Internacional da mulher?
 8 de março

2º) Quantos anos fazem que comemoramos esta data?

98 anos

3º) Em que país foram mortos as 130 mulheres? Na cidade de Nova Iorque americana de Nova York.

4º) Por que essas 130 mulheres foram mortas?
 Redução da carga horária para 10 horas

Exemplo 17: A8

as Fábricas Exigiam
 16 horas de Trabalho Diários.
 Equiparação de Salários com
 os homens e Tratamento
 igual dentro do ambiente de Trabalho.
 5º) Qual a profissão que essas
 mulheres exerciam?
 Tecelãs
 Paralelas!

Exemplo 18: A8

Programa Brasil
 Diabético -
 - 14.3-2008
 Estado de Pernambuco
 Mulheres Mareo
 cidade de Grande
 Muro Ocuparam
 Fábrica Trabalho
 manifestação
 Desumano conferência
 Repressão Carbonizada
 O Perigos

Exemplo 19: A8

As Profissões da mulher

Dentem	HOX
Doméstica	motorista
Border	Soldado
costurar	Politi car
Fazil Benda	Arreadora
trabalhos manuais	Deputado
Artistas	frantista
Professora	Taxista
Teelas	Engenheiro
	Heromola
	Bancária
	medico
	Pedreiro
	Bombeiro

Exemplo 20: A8

Questões

Qual o nome de sua cidade = Campina Grande

20/ Quantas Fabricas Existem na sua cidade que voce conhece

Quanto e o salario de um Operarios

RESPOSTA

3- Alfargente
Canteiro
Craide
Simone
Fruente
Preiza
Amacane

Sabemos que tanto a leitura como a escrita devem ser entendidas como um processo dinâmico que envolve a compreensão e a transformação de informações, de conhecimento. Não basta simplesmente decodificar os sinais gráficos. É preciso ampliar os conhecimentos a partir de textos reais que tenham significados para o aluno no seu dia a dia. Neste contexto, podemos verificar através deste exercício de compreensão que as perguntas relacionadas ao texto sobre o Dia Internacional da Mulher direcionavam o aluno a pesquisar as respostas no texto e, este, por sua vez, como podemos ver nos exemplos 16 e 17, conseguiu responder as questões conforme o que foi pedido, dando, inclusive, respostas completas, concisas, claras, considerando o contexto.

É preciso lembrar, ainda, que a significação de um texto é construída gradativamente no processo de letramento. Se esse leitor-escritor é o aluno aprendiz, ele deve enfrentar o texto, fazer inferências, conhecer as palavras que ainda não conhece, buscando, organizando e construindo o significado do texto. Mesmo que o aluno não consiga responder as questões conforme o texto e nem fazer a leitura, o professor pode aplicar atividades diferenciadas, o que é preciso é que o professor apresente o texto aos alunos, leia repetidas vezes para que eles possam compreender a função da escrita, embora, considerando a prática de escrita desenvolvida com os alunos, isto não foi assim vivenciada pela turma.

Conforme Kleiman (1998), retomando o que foi dito no 1º capítulo, a precariedade do letramento do professor, consequente de suas concepções sobre a escrita e de sua limitada experiência como leitor e escritor, não lhe permite assumir um papel crítico em relação aos conteúdos do programa. Ele pode apenas reproduzir e, portanto, não há lugar para as transformações que poderiam ser instituídas através das práticas discursivas em sala de aula.

No entanto, como podemos ver nesta aula, a professora-alfabetizadora já apresentava indícios de uma prática pedagógica baseada nas práticas letradas, uma vez que, na sequência didática havia uma sistematização dos saberes, apesar da 1ª atividade ser meramente decodificadora, ou seja, a focalização das famílias silábicas da palavra “MULHER”, porém as demais: (a) os meses do ano, enfatizando o mês da mulher; (b) o texto narrativo sobre o Dia Internacional da Mulher; (c) a atividade de compreensão do texto e (f) pesquisa das fábricas existentes na sua cidade, todas estas atividades, portanto, se configuram como práticas letradas. Além disso, há também uma mescla. No domínio da leitura, por exemplo, há algumas atividades

mais abertas a essa prática como a discussão dos textos, a pesquisa, mas as demais enfatizavam o domínio do código.

Observemos na atividade de compreensão, a seguir, feita por outro aluno:

Exemplo 21: A10

II

PBA

ALUNA: ANA

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. ASSINALE A ALTERNATIVA CORRETA:

A - EM QUE DATA COMEMORA O DIA INTERNACIONAL DA MULHER?

☒ 8 DE MARÇO

☐ 10 DE FEVEREIRO

☐ 5 DE ABRIL

2. O QUE AS MULHERES FIZERAM?

☐ UMA FESTA

ADERGRAF

Continuação do exemplo 21(A10)

11

COM COMEÇO

(X) UMA GREVE

3. O QUE ACONTECEU COM AS OPERÁRIAS:

(X) MORRERAM QUEIMADAS

() GANHARAM UM ÓTIMO SALÁRIO

4. FOI JUSTO O QUE FIZERAM?

(X) NÃO

() SIM

Como podemos notar, questões diferentes foram elaboradas com o intuito do aluno responder ao que se pede, considerando o seu nível de aprendizagem, uma vez que cada aluno é uma realidade. Aqui, a professora orienta e acompanha o aluno nas respostas, mostrando o funcionamento do texto escrito.

O que importa, na realidade, na atividade de compreensão, é considerar a leitura e a escrita como práticas que se influenciam, visto que pressupõe que, ao ler, desenvolva-se com os alunos a observação do modo como os textos se organizam, os recursos utilizados, que o texto pode ser revisado várias vezes, tornando-se, portanto, uma prática rotineira, mesmo que este aluno sinta dificuldade durante o processo. Outro momento que se faz necessário para o aprendiz em sala é a prática de produção.

No ato da escrita, o produtor precisa saber que o texto é o resultado de um processo que envolve a definição de um assunto, de um interlocutor, da finalidade, da maneira de escrever. Para Kock e Travaglia (1991), esse ato envolve ainda questões relacionadas às ações de escolher o tipo mais adequado para o assunto definido (cartaz, notícia, carta etc.), organizar as ideias do texto, articular as palavras na frase, as frases nos parágrafos e estes no texto, para observar a coesão e coerência textuais, manter o assunto, controlar a ortografia. Enfim, dispor

adequadamente o texto no papel. A produção de texto, portanto, se faz importante desde o momento em que os alunos começam a frequentar a escola, mesmo que não saibam ainda escrever como escrevem as pessoas que já aprenderam a escrever e a utilizar a escrita no seu dia a dia.

Tomando por base o exposto, observemos a primeira produção textual. Esta produção é fruto das discussões e atividades desenvolvidas em sala de aula que envolvia a história de sua vida, levando em conta o nome completo do aluno, endereço, profissão, número de filhos, o que gosta de fazer, como sou, idade, etc., facilitando o processo de produção, visto que os alunos devem ser estimulados a escrever, pois a escrita é um processo que só se aprende praticando.

Kleiman (2000), como vimos no capítulo 1, mostra que a dificuldade do processo de ensino e aprendizagem da escrita reside, em parte, na ausência de funções relevantes, dentro do contexto de sala de aula, para os usos sociais da escrita, ou seja, para engajar os alunos em práticas que sejam instrumentais e constitutivas, ao mesmo tempo, do seu desenvolvimento individual e o de sua comunidade. Aqui, contudo, o aluno foi preparado para o momento da escrita, fugindo da tradição escolar, embora possamos reconhecer que cada aluno apresenta uma realidade.

Exemplo 22: A1

PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO

CAMPINA GRANDE

DATA: 15/04/08

Produza uma letra
contando a história
de sua vida

nome

idade 34

boneca - bonito
dado - bonito

casa

mesa -

barana -

pato -

gato -

gelo -

Exemplo 23: A6

PROGRAMA

CAMPINA G

PR

Setembro de

Gosto de

tenho 7 filhos

PROGRAMA BRASIL

ALFABETIZADO

CAMPINA GRANDE

DATA: 15/04/08

Produza um texto
contando a história
de sua vida

eu sou

tenho 4 filhos o piava

tenho 45 anos gosto de trabalhar

com tura Bordo Ponto Cruz

o croqui conjunção

moro na rua Josefa Ferreira 50

Barro Santa Rosa

Exemplo

24: A9

Exemplo 25: A8

PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE,
DATA: 15/04/08

Produce um texto contando o
história de sua vida.

eu sou

tem 68-ano sou agricultor
semelhantes moro Campina
grande paraíba

moro Rua do Sol nº 928
santo Ronda campina =
grande =

bomto de amador =
Idônia

Exemplo 26: A7

PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE
DATA: 15/04/08

eu sou

tenho 6 filhos sou casada
tenho 60 anos de idade

gosto de fazer ponto cruz

costura é ponto

gosto mais de arrumar casa
e passear

so evangeliza gosto muito
de ler a Bíblia e falar

com Deus e' mas em portante

Como já foi dito acima, esta produção foi fruto de várias atividades desenvolvidas anteriormente, mas mesmo assim os alunos apresentaram algumas dificuldades no que se refere ao processo de construção do texto escrito, dando apenas respostas ao que foi pedido através de estrutura frasal, revelando, na realidade, o grau de compreensão que têm do processo de escrever um texto. A produção de texto para eles ainda não é um ato de continuidade de sentidos, que envolve uma situação comunicativa, embora possamos reconhecer que os alunos já sabiam o que iam dizer no momento da produção. Vejamos um fragmento de uma das aulas que ratifica o que foi dito:

Fragmento da aula 2:

“P – vocês estudaram... né?... as palavras que eu passei para vocês lê em casa?... agora eu vou entregar pra cada um o envelope que tem as palavras que nós... que nós estudamos ontem... eu coloquei em cada envelope o nome de vocês... tá certo?... eu vou entregar pra vocês uma folha de papel ofício...uma folha em branco e vocês vão desenhar com um lápis a mão de vocês...”

A1 – vamos desenhar a mão da gente?

P – sim... cada um vai desenhar sua mão... eu vou dar uma caneta... cada um vai fazer sua mão... tá certo?

(...)

P – pronto... na palma da sua mão você vai colocar o seu nome... tá certo?

A1 – aonde?...

P – aqui... oh!...no meio... aqui oh!... no meio você vai colocar o seu nome...

A2 – o nome completo...

P – não... só o primeiro nome mesmo...

(...)

P – dentro dos dedos... em cada dedo... você vai preencher cada dedo seu com uma qualidade sua... pode colocar a rua que mora... quantos filhos... sua profissão... o que gosta de fazer... pode colocar assim...limpar casa... só precisa colocar assim... limpar casa... né?... se você não souber a reescrita toda... você é só perguntar a gente... como é que se escreve a palavra... não é?...(...)”

(Fragmento da aula aplicada no dia 20/02/2008, ver anexo 6)

Podemos perceber, em uma das aulas, que houve por parte da professora-alfabetizadora a preocupação, antes do momento da produção, em possibilitar ao aluno habilidades para ele se expressar adequadamente, por escrito, na hora da produção. Isto, portanto, facilitou o processo de escrita mesmo diante de alguns problemas, o que é normal para o aprendiz em processo de letramento.

Notemos que, nos exemplos, os alunos, mesmo formulando apenas frases curtas, atentaram para o que foi pedido. No entanto, no exemplo 22(A1), o aluno considerou a produção de texto como sendo um conjunto de palavras simples que ele já domina na escrita (boneca, dado, casa, etc.).

A noção de texto deste aluno, como podemos ver, está vinculada às suas experiências em torno de palavras. A vontade de escrever, porém, esbarra nas dificuldades no processo de escrita, pois não é fácil a construção da produção de um texto, contudo, é uma tentativa de suma importância para o aprendiz, embora possamos reconhecer que, para o professor, essas diferenças individuais podem dificultar o processo cooperativo e as trocas sociais necessárias à construção do conhecimento e à formação das convenções, porque é preciso dar atendimento individualizado.

Nas demais produções, como podemos observar, a história de vida narradas pelos autores é a sua própria realidade. Eles conseguem produzir o texto, mesmo diante das dificuldades apresentadas.

A produção proposta, como foi dita antes, tinha como finalidade os alunos narrarem sua vida e os exemplos 23(A6); 24(A9); 25(A8) e 26(A7) demonstram que eles conseguiram atender ao objetivo proposto. Isso mostra que o processo de escrita deve ser bem orientado, a partir do planejamento de situações de aprendizagem, que, aos poucos, vão proporcionar aos alunos oportunidades de produzir textos adequados, coerentes. No ato da escrita, o produtor precisa saber que o texto é o resultado de um processo que envolve a definição de um assunto, de um interlocutor, da finalidade, da maneira de escrever.

Outro dado relevante, que iremos discutir na próxima análise, como término da atividade de produção, diz respeito à reescritura. Este tipo de atividade é eficaz para que os alunos possam adequar melhor a linguagem ao produzirem textos, compreendendo que não existem modelos pré-estabelecidos para a produção, mas que devemos estar atentos para certos padrões de uso que vão tornar adequado, coerente. No entanto, é fundamental perceber que a estratégia básica do processo

de ensino/aprendizagem deve ser a prática da linguagem, que se realiza sobretudo por meio de atividades interativas de leitura e produção de textos. Essas atividades, além de promoverem o conhecimento sobre a língua, podem levar o aluno ao domínio de recursos expressivos que não fazem parte daqueles que já utiliza. Assim, devemos oferecer ao aluno os caminhos para expressar-se com clareza, oralmente e por escrito, e compreender os textos que lê.

Sendo assim, ao examinarmos o texto dos alunos abaixo, temos que levar em consideração o contexto de produção, visto que são alunos de uma alfabetização em processo inicial. A atividade que iremos analisar neste momento é uma reescritura, tendo por base a produção textual sobre a história de vida de cada aluno. Dessa produção feita, foi escolhida pela professora-alfabetizadora uma produção para sugerir mudanças no texto e levar os alunos a perceberem a adequação do uso de uma forma ou de outra, sem ser rigoroso quanto aos critérios de correção, uma vez que se trata de um aprendiz da leitura e da escrita.

Vejam os a reescritura da produção textual “História de sua vida”:

Exemplo 27: A5

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

CIDADE E DATA: _____

ALUNA(O): _____

PROFESSORA: _____

ATIVIDADE

LEIA ATENTAMENTE O TEXTO PRODUZIDO PELA ALUNA DA SALA:

“ EU SOU ISABEL
TENHO 6 FILHOS SOU CASSADA
TENHO 60 ANO DE IDADE
GOSTO DE FAZER PÃO DE MÃO
COSTURA É PINTA
GOSTO MUITO DE ARRUMAR CASA
E PASSAR
SO A EVANGELICA GASTO MUITO
DE LER A BIBLIA E FALAR
COM DEUS É MUITO IMPORTANTE”

LENDO ATENTAMENTE O TEXTO VOCÊ PERCEBE ALGUNS PROBLEMAS
QUE PRECISAM SER MELHORADOS. TENTE, EM DUPLA, PERCEBER QUE
PROBLEMAS SÃO ESSES E REESCREVA-O:

Meu nome é Isabel

Exemplo 28: A6

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

CIDADE E DATA: _____

ALUNA(O): _____

PROFESSORA: _____

ATIVIDADE

LEIA ATENTAMENTE O TEXTO PRODUZIDO PELA ALUNA DA SALA:

“ EU SOU ISABEL
TENHO 6 FILHOS SOU CASSADA
TENHO 60 ANO DE IDADE
GOSTO DE FAZE PONTO CRZE
COSTURA É PINTA
GOSTO MAS DI ARRUMAR CASA
I PASSEAR
SO A EVANGELICA GASTO MUNTO
DE LER A BIBLIA E FALAR
COM DEUS É MAS IM PORTANTE”

LENDO ATENTAMENTE O TEXTO VOCÊ PERCEBE ALGUNS PROBLEMAS
QUE PRECISAM SER MELHORADOS. TENTE, EM DUPLA, PERCEBER QUE
PROBLEMAS SÃO ESSES E REESCREVA-O:

Aqui nome é Isabel tenho 6 filhos sou casada
tenho 60 ano de idade gosto de fazer ponto cruz
costura é Pinta de arrumar casa passear
sou evangelica de ler a Bíblia e falar com
Deus é mais importante

Exemplo 29: A7

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

CIDADE E DATA: _____

ALUNA(O): _____

PROFESSORA: _____

ATIVIDADE

LEIA ATENTAMENTE O TEXTO PRODUZIDO PELA ALUNA DA SALA:

“ EU SOU ISABEL
TENHO 6 FILHOS SOU CASSADA
TENHO 60 ANO DE IDADE
GOSTO DE FAZE PONTO CRZE
COSTURA É PINTA
GOSTO MAS DI ARRUMAR CASA
I PASSEAR
SO A EVANGELICA GASTO MUNTO
DE LER A BIBLIA E FALAR
COM DEUS É MAS IM PORTANTE”

LENDO ATENTAMENTE O TEXTO VOCÊ PERCEBE ALGUNS PROBLEMAS
QUE PRECISAM SER MELHORADOS. TENTE, EM DUPLA, PERCEBER QUE
PROBLEMAS SÃO ESSES E REESCREVA-O:

Eu sou Isabel
tenho 6 filhos e sou casada,
tenho 60 anos de idade
gosto de fazer ponto cruz, costurar,
pintar, arrumar a casa e passear.
Sou evangelica e gosto muito
de ler a Bíblia e falar com Deus,
Porque é mais importante.

Quanto ao texto escolhido para reescrita, como podemos ver, ele é muito rico em informações, uma vez que o aluno ao escrever, mobilizou seus conhecimentos prévios, tendo em vista a necessidade de adequar o que escreve e o modo como escreve ao leitor a quem se destina o texto, ou seja, a intenção que tem ao escrever. Pode-se notar nos exemplos 28(A6) e 29(A7), mesmo diante das suas limitações como aprendiz, conseguiram reescrever seus textos. O fato de a escrita não se adequar às normas de convenções defendidas pela Gramática Tradicional (GT), não quer dizer que o aluno não saiba produzir um texto, uma vez que é comum nos processos iniciais da alfabetização o aluno trazer para a escrita a sua oralidade.

Conforme já dito antes por Guedes (2004), o aluno, na realidade, tem que aprender a usar a escrita para cumprir uma das funções básicas: a interação, visto que é penoso para o aprendiz desvencilhar-se do modo espontâneo de produção da conversa do cotidiano, para passar a operar com o modo de produção escrita, que exige abstração do contexto imediato e um trabalho consciente e deliberado de composição do texto.

Podemos notar que a reescrita feita pelos alunos, embora apresentando ainda problemas de ortografia, pontuação, esta atividade de análise linguística proporcionou aos alunos analisar, refletir sobre outras possibilidades de uso da escrita. O trabalho em dupla facilitou a leitura deles, pena que nesse dia tenham ido apenas quatro alunos e desses quatro só dois conseguiram realizar a atividade, mesmo com suas dificuldades, reescreveram seu texto. Quando os alunos sugerem transformações e analisam os efeitos produzidos, vivenciam as diversas possibilidades de construir adequadamente o sentido dos textos.

Para o aluno compreender a importância de rever, reformular e reescrever o texto que produz, ele precisa saber que a sua escrita vai ser lida por alguém. Esse leitor, portanto, pode divertir-se, emocionar-se, informar-se, pode perceber se o texto apresenta organização adequada de seus elementos, articulação de suas partes, seleção e combinação adequadas das palavras e frases, entre outras condições.

Aula 3:

Outra atividade, desenvolvida durante o curso pela professora-alfabetizadora, no dia 12/06/2008, foi o estudo do gênero textual “Panfleto”, abordando como assunto “A dengue” (o estudo sobre a dengue fazia parte de uma das propostas de

atividades dadas pela coordenadora, embora a professora não tenha utilizado o texto dado por ela), no entanto, foi necessário focalizar o assunto em decorrência do grande número de casos existentes na cidade e, principalmente, no bairro em que eles moram, havendo, ainda, dois óbitos, o que gerou discussões em sala. Todos os alunos estavam preocupados com o problema, uma vez que atinge toda população e que requer cuidados da sociedade como um todo. Dengue, como foi discutido em sala, é um o problema de ordem social. Vejamos o panfleto em estudo a seguir:

Exemplo 30: Texto Base



É útil ressaltar as características da modalidade a que pertence o texto lido, nesse caso, um texto impresso para ser circulado pela sociedade, ou seja, um panfleto. É preciso que o aluno identifique os elementos que compõem este texto: título, subtítulo se houver, desenvolvimento do assunto, tipo de linguagem etc. Além disso, observar suas marcas linguísticas (seleção de palavras, elementos de coesão, usos dos sinais de pontuação, etc.), devemos perceber, também, que existem gêneros textuais que são criados para prestar um serviço à comunidade. É o caso desse texto, ou seja, uma campanha publicitária, criada para conscientizar a população em relação a alguma providência a ser tomada diante de um problema que afeta a maioria. Para convencer as pessoas, como deve-se notar, é necessário que o texto dessa campanha seja persuasivo, leve a acreditar e a aceitar. No caso da propaganda sobre a dengue, o efeito persuasivo buscado está na mudança de

atitude, vendendo uma ideia: as pessoas devem prevenir-se contra o mosquito da dengue.

De acordo com Bronckart (1999:103), “a apropriação dos gêneros é mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”, o que nos permite dizer que os gêneros operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica defendida por Vygotsky (1984). Então é importante que no espaço de sala de aula esses gêneros textuais se façam presentes, como no caso do panfleto estudado, uma vez que o tema abordado fazia parte do contexto real que todos os atores estavam vivendo.

Durante a aula deste gênero textual, a professora discutiu acerca das causas e consequências provocadas pela picada do inseto, falou, ainda, sobre a prevenção e casos na família, etc. Em seguida, foi feita uma leitura coletiva do panfleto, caracterizando-o. Logo após, foi aplicada uma atividade escrita envolvendo o assunto (ver exemplo 31, P.160). Na aula seguinte, dia 17/04/2008 (exemplo 32), a professora aproveitou o assunto para a aplicação de um treino ortográfico e formação de frases para o desenvolvimento da leitura individual, tomando por base as palavras do panfleto. Observemos antes um trecho da aula, a seguir, as atividades aplicadas, conforme sequência:

Fragmento da Aula 3:

“P- hoje... a gente vai mudar um pouco o assunto... pra falar... pra gente estudar uma coisa muita séria... a gente tá vendo todo dia na televisão o que tá acontecendo né?... por isso eu achei importante... primeiro a gente falar desse assunto... porque todo mundo tá vendo né?... nos noticiários... as pessoas vindo a nossa casa... é o caso da DENGUE gente... é muito sério... ontem passou no jornal que este bairro está tendo um grande número de foco da doença... por isso é preciso a gente falar sobre isso... acho que todos aqui já ouviram falar de casos... com vizinhos... com amigos... e a dengue é um problema que afeta a todos nós... é um problema que prejudica a todos nós né?...”

A7 – porque todos nós temos que ter cuidado... e mata viu?...

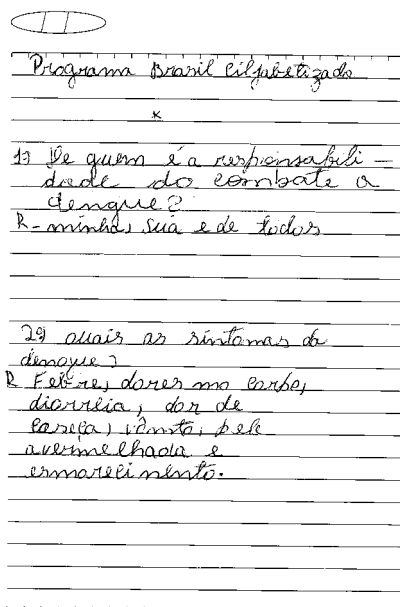
(...)

P – é mesmo eu me atrapalhei... pois é... o panfleto da redepharma estava fazendo uma propaganda da sua loja... pra vender seus produtos...aqui não... aqui neste panfleto... ele está chamando a atenção da gente para um problema sério... mostrando que é um dever

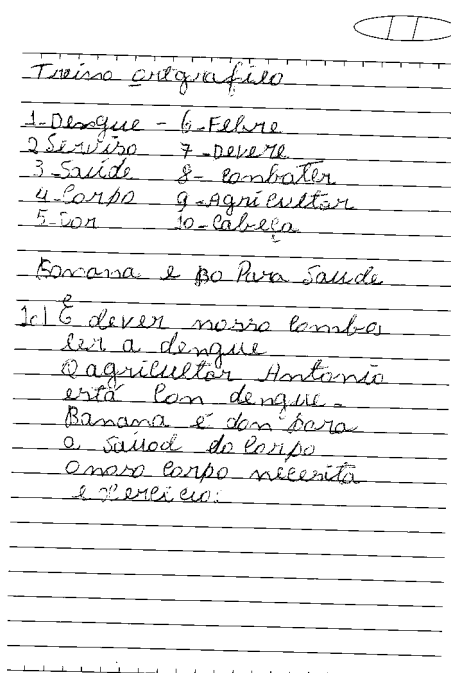
MEU... SEU e de TODOS... todos nós temos que ajudar né?... é também um trabalho de conscientização... esse panfleto também chama atenção disso... que temos que nos conscientizar... o título é bem grande pra chamar a atenção da gente... pra gente ter o interesse em ler né?... depois ele mostra o desenho do (...)"

(Fragmento da aula aplicada no dia 12/06/2008, ver anexo G)

Exemplo 31: A5



Exemplo 32: A5



Como podemos notar no exercício de compreensão feito pelo aluno, as questões foram respondidas conforme o que se discutiu em sala, dando respostas significativas. O mesmo aconteceu na formação das frases, relacionando e ampliando o assunto ao mesmo tempo, quando relaciona dengue (doença) com a saúde do corpo.

As atividades desenvolvidas tendo por base o assunto “dengue” foram bastante importantes para assegurar a aprendizagem da escrita, uma vez que é preciso considerar sempre as influências recíprocas que a leitura e a escrita exercem. Por outro lado, é também importante verificar que as experiências reais de escrita contribuem para direcionar o foco da leitura. Sendo assim, é preciso desenvolver atividades planejadas de leitura e escrita durante todo o processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Kleiman (1998), deve-se fornecer para o professor em formação, um contraposto que questiona suas práticas e pressupostos, visando mudanças nas suas concepções da escrita, do ensino e da aprendizagem, que lhes possibilitem transformar suas práticas profissionais, se assim o desejarem. Nessa perspectiva, é preciso acompanhar o professor tanto no planejamento como na sala de aula, exercendo um compromisso com a formação continuada.

Outro momento da aula que iremos ver a seguir diz respeito à produção do texto envolvendo o estudo do panfleto. Vejamos:

Exemplo 33: A9

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

ALUNA (O): _____

CIDADE E DATA: _____

PROFESSORA: _____

SABEMOS QUE EM NOSSO PAÍS VIVEMOS UMA GRANDE LUTA CONTRA A DENGUE. GRANDE PARTE DA POPULAÇÃO JÁ FOI VÍTIMA DA PICADA DESTE MOSQUITO, ALGUNS, INCLUSIVE, MORRERAM EM DECORRÊNCIA DISSO.

NA SUA FAMÍLIA JÁ ACONTECEU ALGUM CASO? OU, VOCÊ CONHECE ALGUM CASO DE PESSOAS AMIGAS? FAÇA UM RELATO ESCRITO SOBRE O QUE ACONTECEU E DIGA QUAIS OS SINTOMAS APRESENTADOS POR ELES:

*Sim, na minha família aconteceu
minha filha e meu genro
dor nos ossos, dor de cabeça
vômito, mancha no corpo
Febre.*

No texto produzido acima, o aluno (A9 – ex.33) limitou-se a responder as perguntas do enunciado, não considerando que qualquer atividade de produção precisa ser contextualizada para que no momento o aluno não fuja do tema, uma vez que, para dominar a escrita, é preciso estar em contato constante com textos escritos e, ainda, para aprender a escrever escrevendo, é necessário que o aluno desenvolva a capacidade de observar a organização e o modo de escrever os textos que lêem.

Diante disso, outro momento da aula que merece destaque em relação a uma sequência de conteúdos (como vimos nas aulas sobre o “Dia Internacional da Mulher” e sobre a “Dengue”), mostrando o que é o letramento na prática, embora faltando um exercício de compreensão sobre o texto, é a atividade acerca do estudo do gênero textual “receita”.

Aula 4:

Para trabalhar esse gênero textual, a professora-alfabetizadora preparou uma dinâmica, colocando três receitas numa caixa para os alunos descobrirem através de pistas qual o gênero e, em seguida, escolhessem uma delas para ser estudada em sala. Depois, discutiu acerca do gênero, caracterizando-o e identificando. Logo após, fez o registro no quadro dos nomes dos ingredientes e entrega do texto para uma leitura silenciosa, estudando as palavras. Para casa, foi pedida uma pesquisa dos preços dos ingredientes.

No outro momento da aula, 29/07/2008 (exemplo 34), leitura individual da receita “Panqueca” e discussão sobre os preços dos ingredientes pesquisados. No terceiro momento, 04/08/2008 (exemplos 35 e 36), discussão sobre a receita, enfatizando a importância do uso do leite e relato por parte dos alunos do que faziam com o leite quando moravam no sítio. Além disso, discussão oral sobre os seus derivados, relatos por parte dos alunos de receitas e comidas que são feitas com o leite, registrando-as no caderno.

No quarto momento, 18/08/2008 (exemplo 37), preparação da receita, observando e acompanhando o processo de realização, logo em seguida, ao término da receita, foi feita a experimentação. No quinto momento, 20/08/2008, aplicação de um treino ortográfico envolvendo mais uma vez a receita Panqueca e separação de sílabas das palavras, mesmo não seguindo a sequência do assunto. No dia 09/09/2008 (exemplo 39), aplicação de uma produção de texto envolvendo os derivados do leite e pesquisas de palavras iniciadas com a letra P.

É válido salientar que se fazem necessários os relatos destas aulas por situarem a prática do professor tendo em vista sua formação. É preciso perceber que existe uma diferença entre as práticas de ensino nas quais o texto é considerado como uma atividade de linguagem e outras, em que o texto é um simples meio para exemplificar as regras gramaticais. E é neste âmbito que se dá a construção do saber tanto do professor como o do aluno.

Vejamos os momentos das aulas que configuram estas práticas letradas:

Fragmento da aula 4:

“(…)

A7 – eu tenho um livro... minha filha sempre lê... gosta de fazer receita...

A6 – lá em casa tem também...

P – pois é... eu trouxe hoje três receitas... dessa três... nós vamos escolher uma para fazer aqui na sala... tá certo?... vocês é que vão dizer qual das receitas vocês querem estudar em sala... então... aqui... tem a receita de PANQUECA... de como fazer panqueca... de BOLO ELÉTRICO e de PÃO DE QUEIJO... de pão de queijo... são três receitas... a receita é um texto muito usado PRINCIPALMENTE pela dona de casa... todo mundo sabe o que é uma receita?... todo mundo já ouviu falar de receita?... na televisão é só o que a gente escuta né?... virou moda...

(...)

A7 – tem que também saber fazer né?... lê direito né?... como preparar...

P – isso mesmo... temos que saber o modo de fazer... como preparar a receita... vem também na receita... às vezes... não é obrigado... mas às vezes vem dizendo para quantas pessoas aquela receita dá... as porções não é?... então a receita é um texto muito IMPORTANTE... nós vamos aqui escolher qual das receitas a gente vai fazer né?... rose já preparou os textos né?... o que for escolhido... a gente vai trabalhar em sala... depois ela vai dá os outros também... pra vocês terem a receita também dos outros... se um dia quiser... é só fazer... tá certo... mas aqui vamos escolher uma para estudar em sala... o tempo também... e eu quero ainda estudar outras coisa com você né?... que eu também acho importante né?... então... vamos escolher a receita?... que receita a gente vai estudar em sala... os outros textos eu vou dar também... pra vocês estudarem também em casa... mas vamos escolher a receita?... qual receita você acha que deve estudar em sala?

(...)”

(Fragmento da aula aplicada no dia 28/07/2008, ver anexo G)

O fragmento desta aula demonstra o que foi dito acima, ou seja, que houve planejamento das atividades antes de ser aplicada em sala. A professora preparou uma dinâmica para os alunos descobrirem o que havia na caixa surpresa. Foi caracterizado o gênero textual – “receita”, mostrando de que se tratava o texto, onde se encontra este gênero textual, o modo de fazer, vendo enfim, todas as etapas de uma receita. Este momento de interação, como vimos entre a professora-alfabetizadora e os alunos, foi importantíssimo, pois a professora conseguiu

inicialmente atingir seu objetivo que era descobrir de que gênero textual se tratava e os alunos nesse processo de interação tiveram acesso a mais um texto com o qual eles têm contato no seu dia a dia.

É nesse sentido, dando função à escrita como prática de uso, que o ensino acontece. O professor dentro de uma nova abordagem de ensino, aqui tendo em vista o letramento, consegue levar o aluno a refletir sobre a língua, a perceber que o texto tem sentido para ele, tornando uma aprendizagem mais eficaz. Vejamos a seguir que o estudo desse gênero textual apresentou-se de forma sequenciada durante a transposição didática.

Exemplo 34: Texto Base

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

PROFESSORA: _____

ALUNA (O): _____

CIDADE E DATA: _____

PANQUECAS

INGREDIENTES:

1 COPO DE LEITE;
1 COPO DE TRIGO;
1 OVO;
2 COLHERES DE GORDURA VEGETAL; SAL A GOSTO.

RECHEIO

FRANGO DESFIADO

MOLHO:

EXTRATO DE TOMATE

MODO DE FAZER:

PONHA NO LIQUIDIFICADOR O LEITE, O TRIGO, O OVO, A GORDURA E O SAL, E DEIXE BATER BEM. FEITO ISTO, COLOQUE UMA FRIGIDEIRA PEQUENA NO FOGO, UNTE COM UM POUCO DE ÓLEO, DERRAME UM POUCO DE MASSA E DEIXE ASSAR UM POUCO. DEPOIS VIRE COM O AUXÍLIO DE UMA FACA DEIXE ASSAR O OUTRO LADO. RETIRE DO FOGO, RECHEIE E ENROLE. ARRUME NUMA TRAVESSA E POR CIMA JOGUE O MOLHO.

OBS: COLOCAR POUCA MASSA NA FRIGIDEIRA PARA QUE AS PANQUECAS NÃO FIQUEM GROSSAS.

Exemplo 35: A7

PROGRAMA BRASIL 04/08/08
ALFABETIZADO
PROFESSORA

Derivados do leite

Queijo
manteiga
coalhada
 nata
 Creme
 massa, cabelo
 doce
 cacado

☐

Exemplo 36: A7

Receitas que
utilizamos com o leite.

Purê

Bolos

Panquecas

Cabeça de galo

Sucos

Vitaminas de frutas

Canjica

Pamonha

Papa

Exemplo 37: (Culminância da aula)



Exemplo 38: A7

PROGRAMA BRASIL 200808
ALFABETIZADO

treino ortográfico

- 1- leite ✓ li-te
- 2- trigo ✓ tr-go
- 3- ovo ✓ o-vo
- 4- frango ✓ fram go
- 5- tomate to-ma-te
- 6- defumado des-fi-a-do
- 7- Panqueca Pan-que-ca
- 8- sal ✓ sal
- 9- óleo ✓ ol-lo
- 10- massa ma-ssa

Separe os sílabas

FRANCISCA PABEL

Exemplo 39: A9

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO
CIDADE E DATA: _____
ALUNA (O): _____
PROFESSORA: _____

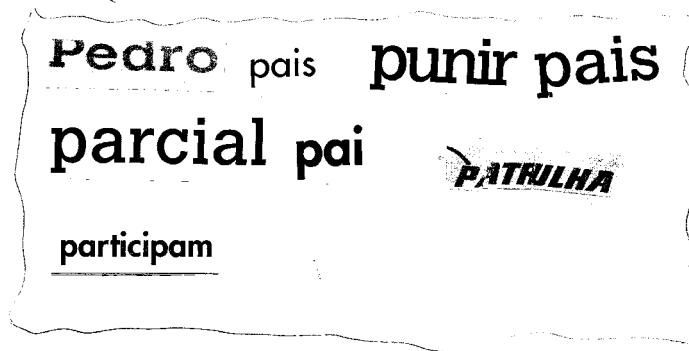
ATIVIDADE

ESTA SEMANA ESTUDAMOS UMA RECEITA MUITO INTERESSANTE: PANQUECA. NO DECORRER DA AULA FOI DISCUTIDO SOBRE OS PRODUTOS DERIVADOS DO LEITE (O QUEIJO, O DOCE, A COALHADA, A MANTEIGA, MASSA CABELO, ETC.)

ESCOLHA UM DOS PRODUTOS DERIVADOS DO LEITE E ESCREVA COMO ELE É FEITO:

*sega o leite Bota no maço de bala
quando coarha tira a nata
Bota no fogo Bate até ferver
tira nata fida o Amasecabelo*

PESQUISE EM REVISTAS OU JORNAIS PALAVRAS ESCRITAS COM P E COLE NO QUADRO ABAIXO:



Reafirmando o que foi dito antes (ver p. 112), o aluno desde cedo já observa, antecipa, interpreta, interage com o mundo, dando significado aos seres, aos objetos e às situações que o cercam. Diante do texto ele vai utilizar esses mesmos meios para compreender o sentido do que lê ou ouve.

Além disso, deve-se desenvolver atividades que contribuam para o aperfeiçoamento de sua forma de dar sentido às coisas do mundo. Um dos modos de enriquecer esse processo é utilizar textos dos mais variados tipos que divirtam, emocionem, envolvam o aluno. Foi o que aconteceu com esta sequência didática, os alunos se interagiram, participaram e gostaram da aula.

Observando a produção de texto do aluno (A9 – ex. 39) com base no que foi pedido: escolher um dos produtos derivados do leite e escrever como ele é feito,

vimos que o aluno ao escolher a receita “massa cabelo”, conseguiu realizar a atividade de produção considerando todos os procedimentos para o preparo da receita, demonstrando o domínio da escrita desse gênero textual.

Isso demonstra que propor atividade de interação leitura-escrita para assegurar a aprendizagem de escrita do aluno é muito importante. O professor, portanto, precisa estar consciente de que a leitura de uma grande variedade de textos fornece elementos (o contexto, os recursos linguísticos, o conhecimento prévio e outros) para compor o repertório de conhecimentos do aluno. A aluna conseguiu atender ao objetivo pretendido na produção, tornando-se e mostrando ser importantíssimo o processo de produção em sala e a professora, também, conseguiu seu objetivo no momento da didatização do conteúdo.

O que faltou, na realidade, nessa sequência de aulas, foi uma atividade de compreensão do texto base, analisando as características do gênero e, por sua vez, a própria compreensão, focalizando: o que é uma receita, o que compõe uma receita, onde podemos encontrar a receita, a quem interessa uma receita, que receita foi usada pela professora, quais os ingredientes, dentre outros questionamentos para a atividade escrita.

O trabalho com esse gênero textual foi de suma importância, visto que as situações didáticas levaram o aluno a desenvolver habilidades de produção oral e escrita. Nesse processo de ensino/aprendizagem, esse trabalho permitiu ao aluno participar de situações reais de leitura. Dessa forma, mesmo os alunos iniciantes na leitura devem estar em constante contato com os textos.

Aula 5:

Continuando, na perspectiva do uso de gênero, a próxima atividade a ser escolhida para análise se refere ao gênero textual “Charge”. Este texto teve por base o tema Política, já que no momento o país estava vivendo uma transição política, tendo que escolher alguém para assumir o poder – o prefeito e os vereadores. Para os alunos, este tipo de texto foi uma novidade, uma vez que não conheciam e nem sabiam da existência desse texto, nunca atentaram para este gênero embora já tenham tido contato com jornais. Na aula anterior, a professora pediu que os alunos trouxessem para aula folhetos de campanha, envolvendo candidatos a vereadores e prefeitos para confecção de um cartaz. Vejamos uns trechos das aulas envolvendo

este tema, o cartaz confeccionado em sala com os folhetos de candidatos e a charge usada abaixo:

Fragmento da aula 5:

“P – boa noite... né gente?... estão animados hoje né?... que bom... estão dispostos... hoje vamos falar de um assunto que muito interessa a nós né?... tá chegando o período eleitoral né?... vamos ter que escolher os candidatos que ficarão por quatro anos no poder né?...e eleição... como vocês sabem é coisa muito séria né?... a gente tem escolher as pessoas certa pra no representar... ficar cuidando da nossa cidade né?... e eles têm que ter compromisso...”

A7 – DUVIDO... só quer da gente o voto e nada mais...

P – vamos fazer a tarefa... vamos pesquisar?... pegue cada um a sua tesoura... e mãos à obra... tá certo?

(...)

P – terminamos... esse espaço aqui viu para a pesquisa de vocês em casa... tá certo?... vamos agora fazer uma leitura dos candidatos que vocês acharam no jornal?... vamos... vamos lê o nome desse primeiro aqui?...

A6 – rômulo e lígia feliciano...

P – pois é... RÔMULO GOUVEIA... mas aqui só tem RÔMULO e LÍGIA... e o próximo?...

(...)”

(Fragmentos da aula aplicada no dia 25/08/2008, ver anexo G)

(...)

“S – o que vocês vêem aí neste texto?...

A6 – tem urubu...

S – muito bem... tem dois urubus... e o que eles estão falando?

A8 – que eles quer ser político...

A7 – até os urubu... ((ri))

S – porque que eles querem ser políticos...

A8 – porque a política é suja como eles... eles num só come carniça... só vive no lixo...

S – é isso mesmo seu josé... quem deseja ler este texto?

P – eu posso ler?...

S – pode... depois faremos leitura individual com eles... leia em voz alta...

P – aqui né?... tem urubu falando pro outro... ACHO QUE QUERO ENTRAR PARA A POLÍTICA... aí o outro pergunta... ORA... POR QUÊ?... e o primeiro responde... MUITOS POLÍTICOS SÃO SUJOS... AS PROPOSTAS SÃO UM LIXO E A CAMPANHA É IMUNDA... TEM COISA MAIS FASCINANTE?...

((risos))

P – estão rindo né?... veja que a função deste texto é fazer uma crítica... esta crítica se refere a quem?...

A7 – aos políticos...

A6 – as eleições...

(...)

A8 – o diário da borborema...

S – sim... o diário da borborema... encontramos esse texto em jornais impressos... aqui né?... o jornal da borborema... também podemos achá-los em revistas... jornais televisivos... agora passa em forma de imagem na televisão... quem assiste o jornal nacional vê... passa todo dia... este texto que nós estamos estudando... nós chamamos de CHARGE... CHAR – GE ((registrando no quadro))

P – olha gente a charge... como já foi dito por rose... é um texto que faz sempre um crítica política... social... e essas críticas sempre são feitas com assunto da atualidade né?... sempre que ocorre algo importante... ou até mesmo algo que precisa ser chamado a nossa atenção... esse texto aqui a gente sempre encontra em jornais... vamos agora fazer uma leitura oral?... vocês lendo... todos juntos... tá certo?... vamos fazer?...

A7 – vamos né?... eu gostei desse texto... ele é pequeno e bem real..."

(Fragmento da aula aplicada no dia 01/09/2008, ver anexo G)

Estes fragmentos de aulas focalizam a identificação dos alunos com relação ao assunto, uma vez que é um tema que desenvolve muito o senso crítico e eles fazem questão de expor suas ideias, suas preferências, interesse em participar como cidadão de um ato cívico – que é o voto. Todos trouxeram folhetos de campanha, pesquisaram, participaram ativamente das aulas, dando sua opinião. O uso do gênero textual “charge”, em sala, foi um momento importantíssimo no processo de interação. Era um texto desconhecido por todos, mas que eles também se identificaram com esse texto, levando-os a compreender o seu sentido, a refletir, discutir, a demonstrar que têm consciência crítica da realidade (A7 – *vamos né?... eu gostei desse texto... ele é pequeno e bem real...*”).

Exemplo 41: Texto Base



Podemos notar que a charge acima faz uma crítica acerca da Política, mostrando quanto ela é suja, comparando o político ao urubu, personagem da charge, visto que esta imagem retrata o lixo, a imundície. A professora-alfabetizadora usou a charge para discutir de forma bem sucinta o tema política, focalizando apenas onde se encontra o texto e do que fala. Em seguida, foi pedido para que os alunos registrassem no caderno como forma de praticar a escrita e conhecer a finalidade da charge.

As discussões geradas em sala de aula serviram como reflexão não só acerca do uso do gênero textual, como também no desenvolvimento do senso crítico do aluno. O papel do professor foi importantíssimo, neste momento de interação, uma vez que ele foi o mediador das discussões geradas em sala.

Vejamos o que foi registrado acerca deste gênero:

Exemplo 42: A5

A CHARGE FALA
VOTO
POLÍTICA -
CANDIDATOS
URUBU
AVE
CONSCIÊNCIA
ONDE ENCONTRAMOS A CHARGE:
- JORNAIS IMPRESSOS
- REVISTAS
- JORNAIS TELEVISIVOS

É preciso observar que, nestas atividades aplicadas, envolvendo o assunto política, embora o uso do gênero textual “charge” pudesse ter sido mais explorado, uma vez que seria um ótimo momento para o professor fazer um exercício de compreensão e produção de texto, já que este texto é atual e reflete ainda um problema que é conhecido por todos, o seu uso foi eficaz para mostrar mais uma das práticas letradas. Além disso, oportunizou explorar a questão da imagem, do poder de persuasão que este tem, a questão da crítica com humor, que pode ser usada na política, no esporte, na religião, focalizando um momento atual, etc. Por ser uma turma de alfabetização, as discussões puderam se realizar situando oralmente, já que estes alunos têm um conhecimento de mundo riquíssimo.

Conforme Marcuschi (2003), os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Eles, portanto, contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. Esse gênero utilizado pela professora-alfabetizadora, mesmo tendo sido usado em sala apenas para refletir acerca de um tema que estava em evidência, durante o processo de interação se fez importante para caracterização e identificação do mesmo como um texto jornalístico escrito, podendo também estar presente em outros meios de comunicação.

Aula 6:

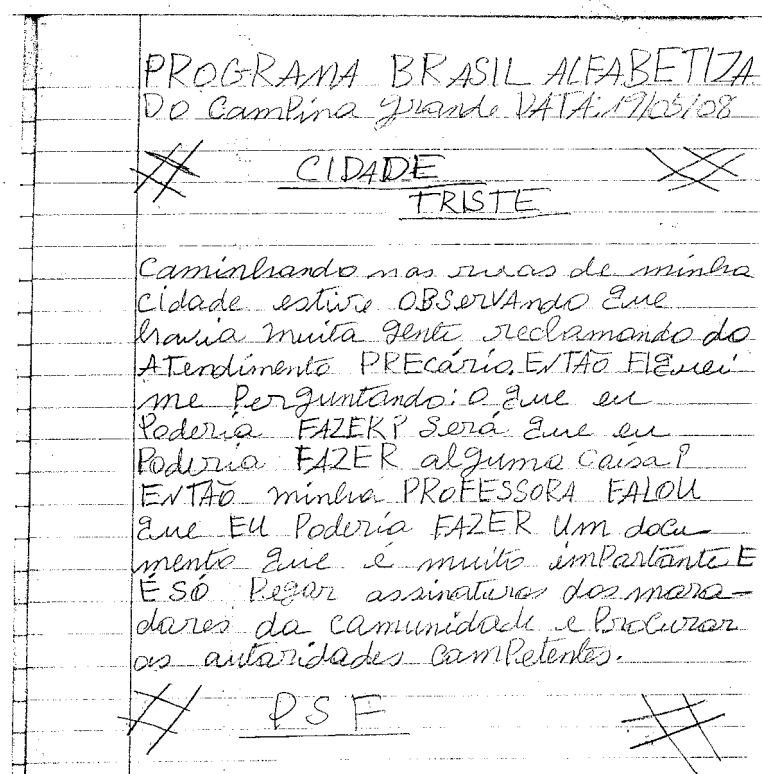
Uma outra atividade desenvolvida em sala, que iremos analisar, a seguir, é um texto retirado de um panfleto distribuído pelo PSF (Programa Saúde da Família) no bairro. A professora usou o texto dado para estudá-lo em sala com o objetivo de mostrar a precariedade do atendimento na saúde. Logo após a escrita do texto no quadro e o registro escrito no caderno, feito pelos alunos, a professora pediu para que os alunos estudassem o texto silenciosamente para que, em seguida, fosse feita a leitura oral-individual. Durante a leitura e discussão do texto, foi proposto por um aluno a produção de um texto, mudando o título, ou seja, em vez de ser “Cidade Triste”, produzir um texto intitulado “Cidade Alegre”.

É importante considerar que a atitude do aluno em sugerir a produção de um texto já demonstra que ele tem interesse em mobilizar todos os conhecimentos prévios que possui sobre a escrita. A escrita, para ele, já não passa a ser uma atividade mecânica e sim, desafiadora.

Aqui, se faz necessário situar dois momentos importantes durante a aula por parte da professora: Primeiro, por ela considerar relevante o domínio das práticas letradas, visto que, conforme o seu depoimento na aula ao ler o texto e perceber que este se tratava de um assunto atual de interesse de todos, trouxe para ser estudado em sala. Segundo, por ela ter considerado, no momento da interação, a proposta da aluna que, mesmo fugindo do contexto do texto, não impediu que os alunos realizassem a atividade.

Vejamos o texto base para a produção e, em seguida, o fragmento da aula em que o aluno propõe a produção do texto:

Exemplo 43: A6



Embora saibamos que produzir um texto é uma atividade complexa, uma vez que exige tomada de decisões de natureza diversas, tais como: a mobilização dos conhecimentos prévios relacionados ao assunto a ser desenvolvido; planejamento global do texto; a colocação do texto no papel etc., quando o aluno é motivado a essa prática, ele passa a interagir melhor, possibilitando o seu envolvimento com a aprendizagem dos novos conteúdos necessários para o aprimoramento de suas habilidades de produção escrita.

Durante a aula, após a leitura e discussão do texto pela professora, a aluna propôs uma produção mudando o título do texto. Observemos o trecho que ratifica o que foi dito:

Fragmento da aula 6:

“(...)”

A7 – oh professora... por que a gente não faz um texto... em vez de ser CIDADE TRISTE... por que a gente não faz cidade ALEGRE?... é tão bom a gente escrever... né? eu gosto escrever... lê... já acho mais complicado né?... juntar as letras e falar mais rápido... já dominando né?... mas gosto de lê também... é só ajudar a gente escrever né?... num é não?...

A6 – eu já acho irmã... mas importante lê... como é bom a gente lê... conhecer as coisa... entender direitinho... quem não lê irmã é burro... ((risos))... mas é mesmo irmã isabel... chega de ouvir só coisa ruim... a gente faz um texto... é só ajudar a gente escrever... né?...

A7 – é sim dona lindalva... tá... eu gostei!...

S – boa idéia... faz... por conta do tempo... escreve no caderno o enunciado e eles produzem um texto...

P – muito bem!... vamos fazer... vocês escrevem sobre a cidade alegre... eu vou preparar o caderno de vocês três primeiro... tá certo... viu DONA MARIA... ((ela estava conversando no momento)).

A9 – tá certo... minha filha...

P – qualquer dúvida de como se escreve as palavras é só perguntar... tá certo?... eu vou passando pelas carteiras de vocês... rose ajuda... é:::... a gente/e vocês vão fazendo... tá certo?”

(Fragmento da aula aplicada no dia 19/05/2008, ver anexo G)

Partindo da concepção de que a linguagem constitui e é constituída na atividade humana, como afirma Geraldi (1991), podemos notar que, com base no texto intitulado PSF e na proposta da aluna em produzir um texto mudando o título, que é fundamental trabalhar dentro de uma perspectiva sociointeracionista, considerando as práticas de letramento, uma vez que essa sugestão dada pela aluna foi considerada pela professora, tornando essa interação importantíssima para o processo de aprendizagem. Além disso, o assunto focaliza a importância da consciência crítica do cidadão em saber reivindicar seus direitos através também de documentos, sugerindo no próprio texto PSF a elaboração de um abaixo-assinado, pois, como sabemos, é um documento que registra as necessidades de mudanças de uma comunidade e para que ele tenha validade é importante a assinatura de todos os membros da comunidade.

A proposta de produção apresentada pela aluna, mudando de “Cidade Triste” para “Cidade Alegre”, como veremos a seguir, mesmo mudando o sentido do texto base, já que sua finalidade era criticar e refletir acerca da Saúde Pública, os alunos produziram seu texto expressando as suas próprias ideias sem se deter no contexto. As condições de produção aqui tinham em vista as intenções do aluno. O importante é que eles participem, sem se deter às convenções, como podemos ver a seguir:

Exemplo 44: A4

PRODUZA UM TEXTO
COM SUAS PRÓPRIAS
PALAVRAS.

CIDADE ALEGRE

minha cidade é muito bonita
Tem loja igreja
Parque escola
Padaria Posto médico.

Exemplo 45: A5

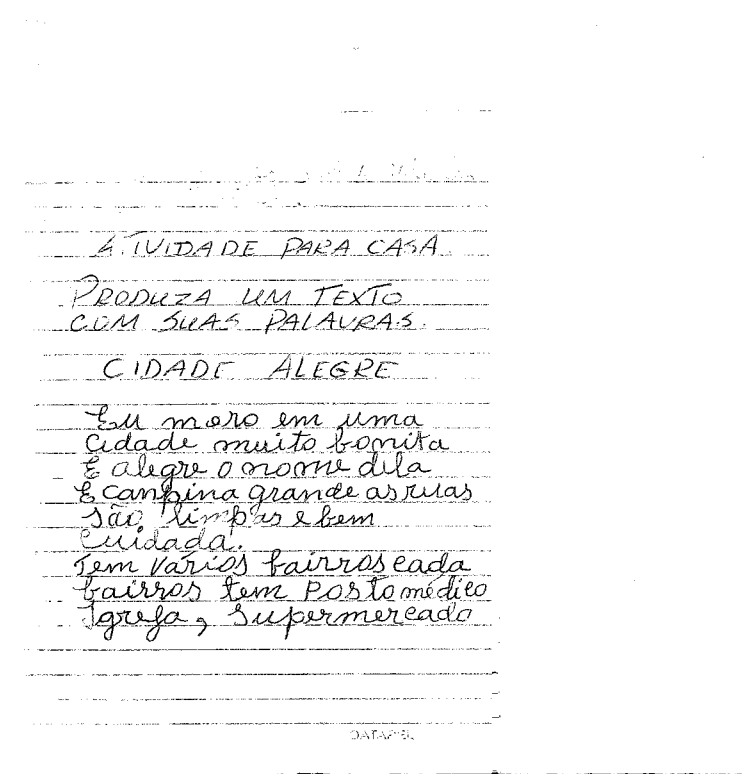
PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE
DATA: 19/05/08

PRODUZA UM TEXTO
COM SUAS PALAVRAS:

CIDADE ALEGRE.

minha cidade é Alegria
Porque tem Escola
Posto médico Igreja
Parque de recreio
que nos traz alegria

Exemplo 46: A6



Podemos observar nos textos feitos pelos alunos, que, embora tenham fugido do conteúdo apresentado no texto base, mesmo assim, os alunos produziram seu próprio texto com base no que eles consideram em seu imaginário como “Cidade Alegre”. Todos apresentaram uma mesma visão: que a cidade é alegre por ser bonita, por ter posto médico, parque de diversões, igreja, escola, e outros.

Ao realizar essa atividade, o aluno, também, teve a oportunidade de aprender de forma significativa conforme seu interesse, estabelecendo uma interação intensa com a professora e os colegas por meios de discussões e troca de ideias (ver aula em anexo G).

Aqui os conhecimentos prévios dos alunos foram mobilizados e contribuíram para facilitar a tarefa de escrever. Todos os alunos produziram o texto focalizando o porquê da cidade ser alegre e isso, portanto, para eles, têm significados.

É importante considerar, na prática de sala de aula, as influências recíprocas que a leitura e a escrita exercem. Nesse sentido, definir as experiências de leitura favoráveis à aquisição da escrita é muito importante, uma vez que pode-se levar em conta que a leitura é o primeiro passo no processo de alfabetização. Por outro lado, é também fundamental verificar que as experiências reais de escrita contribuem para direcionar o foco da leitura.

Sendo assim, é necessário que, desde a alfabetização, as atividades selecionadas para o desenvolvimento da escrita levem o aluno a construir uma concepção adequada de texto, unidade básica do ensino de língua. Além disso, ampliar, também, a capacidade de utilização dos recursos textuais e linguísticos.

Aula 7:

Considerando o material recebido pela coordenadora durante um dos encontros (este o único encontro para o planejamento durante o curso e, mesmo assim, apenas foi entregue o material, conforme já foi dito antes no primeiro, item da análise), a professora-alfabetizadora escolheu o seguinte texto para ser aplicado em sala:

Exemplo 47: Texto Base

ALUNA (O):

Cadê minha casa?

- Doutora Coruja Sábida,
por acaso saberia o endereço do meu ninho?
Saí de casa sozinho pra testar as minhas asas
e agora não sei voltar.

- Sinto muito, Passarinho, não posso ajudar você.
De dia não vejo direito.
De noite talvez dê um jeito!

- Senhorita Flor, por favor, onde é que fica meu ninho?
- Ah, meu amigo tontinho, sou uma planta rasteira,
não dou notícias do alto.
E dos bichinhos que voam só conheço as joaninhas,
os besouros, as abelhas, borboletas, pirilampos;
um ou outro beija-flor.

- Dona Nuvem, a senhora que assiste de camarote
o que acontece lá embaixo, pode dizer onde mora?

- Eu vivo sempre apressada, não sei informar quase nada
sobre árvores e ninhos.
Porém, era muito boa, (chorona como ela só!) ficou cinzenta de
pena e foi aquele toró.

Passarinho, assustado, tratou de se abrigar no primeiro galho
vago.

Mas o ramo onde pousou tinha ninho e morador.

Vamos ver se (adivinha) quem estava lá sentada com ar de
preocupação?
Isso! Mamãe-Passarinho, muito aflita a esperar o (filhotinho) fujão.

(Ângela Leite de Souza. Um homem cor de
limão. Belo Horizonte: Lê, 1990.)

Apesar de ter sido entregue apenas o texto como proposta de atividade e a professora-alfabetizadora tê-lo o escolhido para trabalhar a leitura em sala, elaboramos uma atividade de compreensão. Os alunos, ao ouvir a leitura do texto, se identificaram com o tema abordado, visto que o mesmo trata da questão da moradia, da importância de se ter uma casa para morar, de se ter para onde ir.

Durante as discussões (embora que esse texto não leve o aluno a ter uma reflexão crítica e social, mas o aproveitamos para introduzir uma discussão acerca da moradia, assunto de suma importância para o aluno) percebemos o quanto é importante levar o aluno a se reconhecer no texto, a perceber que tanto a leitura como a escrita são práticas sociais importantíssimas para a compreensão do mundo que o cerca, visto que, quando o aluno é exposto a uma prática de reflexão, de compreensão, o mesmo interage melhor com o texto, facilitando, portanto, o processo da prática do letramento. Vejamos, a seguir, a atividade de compreensão:

Fragmento da Aula:

“(...) eu trouxe um texto... é:: mas antes eu gostaria de saber né?... todos aqui tem casa pra morar?... como é casa de vocês?... mas antes eu quero saber se todos têm?...”

A7 – graças a deus... graças a deus eu tenho a minha...

A6 – eu tenho também... a melhor coisa do mundo é a gente ter uma casa pra morar... não depender de aluguel... sofri muito... na minha vida com essa história... mas deus é fiel... hoje eu tenho meu cantinho pra morar... presente de deus...

P – pelo q’eu sei né?... pelo q’eu sei aqui... graças a deus... todos têm casa... todos têm uma casa pra morar... isso é muito bom... o texto q’eu trouxe foi a coordenadora que me deu pra trabalhar... fala de um passarinho que se perde da sua morada... eu conversando com rose... conversando com ela/ela sugeriu que eu falasse sobre a moradia... a importância do lar... eu vou ler e depois entregar pra vocês o texto... tá certo?... vou fazer uma tarefa com as perguntas do texto... a gente discute e depois a gente vai fazer uma tarefa... preste a atenção na leitura... escute bem... e depois a gente faz a leitura... tá certo?... mas é bom saber que todos têm sua casa... não paga aluguel né?... isso é muito importante...

A7 – eu sempre digo... feliz daquele que tem um teto... eu amo minha casa... ela é grande... tem pé de jambo... jardim... minhas planta... garagem... só não tem quintal... mas eu gosto muito dela... foi a que deus me deu...

A6 – eu também... gosto muito do meu lugar... meu marido colocou um muro bem alto... parece uma prisão... é pequena né?... mas cabe todo mundo... cabe netos... genros... mas é minha casa... parece mais uma prisão com tanta gente ((risos))(...)"

(Fragmento da aula aplicada no dia 02/06/2008, ver anexo G)

Observando esse fragmento podemos notar que a professora-alfabetizadora introduziu a aula perguntando quem tinha casa e logo após ela apresenta o texto que foi dado pela coordenadora para ser trabalhado em sala. Apesar do texto falar do passarinho que perdeu seu ninho, foi usado, nessa abordagem, para falar da importância da moradia, problema que acarreta milhões de pessoas no Brasil, no entanto, nesta turma, todos já possuem sua casa e essa satisfação eles demonstram quando falam que tem um teto (A7 – *eu sempre digo... feliz daquele que tem um teto...*"; A6 – *eu também... gosto muito do meu lugar...*").

As discussões geradas produziram reflexões interessantes, pois o texto mesmo sendo muito infantilizado para uma turma de EJA, foi possível levá-los a tratar de outros assuntos do interesse deles.

Exemplo 48: A9

Compreensão do texto

1º) Na história, quem está procurando a sua casa?

O Passarinho

2º) Quem foram os personagens que o passarinho procurou para saber onde estava seu ninho?

A coruja, a flor e a nuvem

3º) Quem foi que disse ao passarinho as seguintes respostas?

a. De dia não vejo direito. De noite talvez dê um jeito.

(A coruja)

b. Sou uma planta rasteira não dou notícias do alto.

(A flor)

c. Eu vivo sempre apressada, não sei informar quase nada sobre árvores e ninhos. (A nuvem)

4º) O passarinho, no final da história, encontrou sua casa? O que foi que aconteceu?

Sim, mamãe Passarinho

muito aflito a esperar

O filhotinho fugiu.

Exemplo 49: A6

Compreensão do texto

1º) Na história, quem está procurando a sua casa?

O Passarinho

2º) Quem foram os personagens que o passarinho procurou para saber onde estava seu ninho?

Coruja, Flor e Nuvem

3º) Quem foi que disse ao passarinho as seguintes respostas?

a. De dia não vejo direito. De noite talvez dê um jeito.

(Coruja)

b. Sou uma planta rasteira não dou notícias do alto.

(Flor)

c. Eu vivo sempre apressada, não sei informar quase nada sobre árvores e ninhos. (Nuvem)

4º) O passarinho, no final da história, encontrou sua casa? O que foi que aconteceu?

Sim,

Dois mamães Passarinho, muito aflita
esperar o filhotinho fugiu.

Como podemos ver na atividade de compreensão do texto, no que se refere à elaboração das perguntas, podemos notar que é apenas mera cópia do que se tem no texto, tipo de atividade recorrente na alfabetização. Todas as respostas foram dadas conforme o texto, inclusive a última questão, que exigia do aluno uma elaboração mais espontânea da resposta. Mas estudar o texto como alternativa para a aquisição da prática de leitura e da escrita já é o primeiro passo para o aluno se tornar um leitor mais consciente, principalmente quando durante as discussões o texto foi usado para abordar um assunto do interesse dele, como podemos ver no trecho da aula.

Por outro lado, o programa não exige que este aluno domine textos complexos, apesar de se fazer necessário já que estamos lidando com sujeitos que têm uma larga história de vida, de maturidade e consciência crítica. A aplicação desta atividade se deu em decorrência de se considerar a proposta dada pelo programa através da coordenadora.

No entanto, tornar a produção escrita mais adequada à compreensão do leitor, deve-se proporcionar a oportunidade de produzir outros textos, dando aqui uma resposta mais clara, concisa. Uma das alternativas para o aluno ter uma relação favorável com o texto é o professor levar o aluno a vivenciar as mais diversas situações de uso da linguagem. Esse trabalho só pode ser eficiente se o aluno lê e analisa diferentes gêneros textuais.

Partindo do exposto, a formação continuada do professor neste momento da didatização dos saberes em sala de aula, tendo por base as práticas letradas, já é um indício de mudanças significativas para a sua prática. As tentativas dos alunos durante o aprendizado e a confiança na professora foram momentos preciosos para a condução da alfabetização desse grupo.

As atividades acima relacionadas focalizadas em sala de aula (rótulo, receitas, panfletos, dentre outros) têm como pressuposto a ideia de que o aluno, através da interação mediada pela língua escrita e através dos desafios que o professor propõe, é capaz de refletir sobre como a escrita se constitui. No entanto é indispensável perceber que não é a atividade em si que conduz o conhecimento, mas a ação do aprendiz, como afirma Kleiman (2003), mediadas pelas informações e intervenções que o professor realiza durante a atividade, bem como pelas trocas de informações entre os pares (professor x aluno).

Por fim, acreditamos que as análises dessas aulas mostraram diferentes possibilidades de construção de uma prática envolvendo de diferentes gêneros textuais que circulam na sociedade, articulando aspectos ligados à aquisição do sistema alfabético com aspectos relativos à linguagem que usamos para escrever.

Veremos, a seguir, na segunda parte da análise, a recorrência do uso do treino ortográfico durante o curso, visto que foi uma das atividades mais aplicadas em sala de aula com objetivo do aluno conhecer a escrita ortográfica das palavras, e, por sua vez, verificar se ele está escrevendo corretamente ou não (é interessante notar que os alunos desta turma se identificam com este tipo de atividade, levando-os a pedir com frequência para a professora sua aplicação). No entanto, é preciso deixar claro que esses exercícios devem ser aplicados para o aluno como alternativa de compreender o erro, auxiliar no processo de escrita ortográfica e como reflexão sobre a ortografia de nossa língua e não como mera alternativa de aula (tornando-se, muitas vezes, um passatempo) ou prática avaliativa, como veremos na tira introdutória da análise.

3.1.2.1 – O velho “ditado” como alternativa no ensino: práticas letradas ou velhos costumes?



A tira de Chico Bento retrata “velhas” práticas de uma mera decodificação dos signos linguísticos e, persistindo, inclusive, no ato de avaliar em que os ditados de palavras são usados como alternativa para atribuição de notas em função dos erros

ortográficos. O personagem, ao confundir “ditado popular” com os “ditados punitivos em sala de aula”, deixou clara a posição que a escola assume quanto à concepção de língua, mostrando, portanto, a importância que se tem em contextualizar para o aluno a palavra em estudo, uma vez que o que aconteceu nesta tira foi resultante da falta de compreensão do que foi pedido. E isso nos leva a refletir que escrever o que se dita com a intenção de avaliar o desempenho do aluno é sempre indesejável. Pode até ser engraçada a situação ocorrida na tira, porém é uma realidade que precisa ser discutida, refletida nas práticas de sala de aula.

As velhas práticas didáticas para o aprendizado da escrita ortográfica persistem até hoje, mesmo diante de uma clientela de Jovens e Adultos que deixaram/ou nunca tiveram acesso à escola. O ditado tem grande significado, uma vez que é usado como alternativa para escrever corretamente, tendo boa aceitabilidade tanto para o professor na sua aplicabilidade como para o aluno. Na realidade, o próprio aluno já se identifica com este tipo de atividade, pois, segundo depoimentos, acham que fazendo o ditado aprendem melhor a escrever:

Trecho da aula:

“(…)

A6 – professora... vamos fazer um ditado hoje?... eu acho tão bom... assim a gente escrever melhor...

A7 – é... ditado é muito bom... eu também gosto... faça professora...

A8 – vamos fazer um ditado com as palavras das profissão... é bom a gente aprender a escrever o nome faxinera... cabelereira... estudante... a gente vai treinando né?... e é bom...

P – eu também acho importante né?... eu aprendi também assim... na escola minha professora sempre fazia pra gente... até nota ela dava... isso é importante...

(...)”

(Fragmento da aula aplicada no dia 20/02/2008 – ver anexo G)

O espontaneísmo dos alunos e também da professora acerca da concepção da escrita ortográfica padrão nos faz mergulhar em práticas passadas, mas que continuam cada vez mais presentes na construção do conhecimento. Professores e alunos de academias, por exemplo, já fizeram este tipo de atividade, porém, atualmente, acreditamos que orientam ou ensinam a fazer de forma mais adequada à realidade, considerando o assunto abordado em sala de aula.

Estas antigas práticas, que chamamos hoje de treino ortográfico, revelam um conteúdo ideológico de práticas corriqueiras, apreendidas e repetidas por décadas nas quais considera o ditado tradicional como forma de escrever corretamente, o que é muito comum em sala. A didatização deste tipo de atividade é que torna a aplicação eficaz, visto que não se deve descontextualizá-lo do assunto abordado, não tendo como função em sala de aula de ser mero passatempo e muito menos com o objetivo de atribuir notas, práticas corriqueiras consideradas pelo professor.

Como sabemos, o ditado é um instrumento que serve bem como uma forma de avaliação, esporadicamente, nas séries iniciais, durante o aprendizado do sistema ortográfico, ele pode funcionar como um mapa de possíveis dificuldades que a classe apresente em relação a um grupo de palavras que tenham sido objeto de estudo.

Segundo Moraes (2003), na maioria das vezes, as escolas continuam não tendo metas que definam que avanços esperam promover nos conhecimentos ortográficos dos aprendizes a cada ano do ensino fundamental. Nesse contexto de indefinição, a ortografia continua sendo mais um objeto de avaliação, de verificação, que de ensino. Nota-se que essa atividade feita com o mesmo espírito de “verificação de erros e acertos” sem se que discuta o porquê da resposta dada, não sendo, portanto, o aluno ajudado a refletir e organizar seu conhecimento ortográfico, de modo a poder elaborar uma compreensão das regras que estão por trás da sua escrita. Geralmente os alunos são conduzidos a reescrever a palavra corretamente como forma de memorização, automatizando na mente a escrita.

Neste contexto, é amplamente reconhecido que a escola ao considerar o ensino de língua como regras gramaticais, artificializou a escrita na intenção de “facilitar” a aprendizagem do aluno e, com isso, restringiu a aprendizagem da língua ao domínio do código escrito, considerando que estar imerso num ambiente letrado é condição para aprender sobre a linguagem que se usa para escrever, mas somente o contato com diferentes tipos de textos não é suficiente para garantir a alfabetização, pois, como sabemos, a criança ao nascer já começa a participar das práticas sociais, quer seja letrada ou não, e isso percorre por toda vida.

Por outro lado, acreditando que vão aprender a ler e a escrever para resolver situações específicas (ler a bíblia, placas, revistas etc.) e sem conseguir estabelecer pontes entre um processo mecânico e sem sentido e as suas expectativas, os alunos vão, aos poucos, desanimando e acabam incorporando como sua a

incompetência da escola em lhes garantir a apropriação desse saber. Ainda assim, muitos professores insistem, em atividade aplicada como o ditado, utilizá-lo como uma estratégia de ensino para trabalhar ortografia e normas gramaticais. No entanto, ditar pequenos textos ou listas de palavras descontextualizadas para os alunos escreverem, fazer a correção coletiva registrando no quadro a forma correta e pedir que corrijam o que erraram é uma dinâmica pouco útil para ensinar regras. Isso porque ela deixa a turma em uma postura passiva, apenas conferindo o que acertou ou errou. Como se pode observar, o foco da atividade é realmente avaliar o que é sabido ou não. Além disso, a prática evidencia o erro e categoriza os alunos entre estão “bem” em ortografia e os que estão “mal” e precisam copiar. E a cópia, por sua vez, acaba funcionando, muitas vezes, como uma punição.

Partindo disso, podemos dizer que o ditado por ser uma atividade linguística muito comum nas práticas de sala de aula, torna-se “agrado” não só dos professores como também dos alunos. É o que podemos ver nos depoimentos acima dados pelos informantes, reconhecendo que, ao escrever uma palavra quando ditada, eles conseguem memorizar e só assim conseguem escrevê-la corretamente.

Buscando analisar esta estratégia linguística como modelo para aquisição da escrita, vejamos a produção do primeiro ditado de palavras aplicado no dia 20/02/2008 pela professora-alfabetizadora, tomando por base as discussões em sala sobre as profissões exercidas pelos alunos. A aplicação desta atividade linguística tinha como objetivo, além de estudar as profissões, a prática de leitura e escrita ortográfica das palavras e o que podemos observar é que o aluno transfere para a escrita o uso que faz da língua ao comunicar-se oralmente.

Exemplo 50: A3

26/02/08

DITADO DE PALAVRAS

1. Oea
2. Vao
3. Aua
4. OFEA
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.

Podemos observar nessa tentativa de escrita por parte do aluno (embora não tenha concluído a atividade), que ele tenta representar o que imagina ser a escrita de determinadas palavras. A predominância do uso das vogais e de algumas letras agrupadas para simbolizar a palavra demonstra que ele já possui uma ideia do que seja a escrita, processo comum no início da alfabetização.

O aluno, ao utilizar a linguagem, demonstra que faz associações, constrói hipóteses, experimenta. No exemplo 50(A3), mesmo diante das dificuldades, mas sua tentativa não foi em vão, visto que o processo de aquisição da escrita já é um começo.

EXEMPLO 51: A1

20/02/08

Ditado de Palavras

domo
vedoa
gestura
lavadia
Passaro
ntosta
Cabelva
studate
Fritila
Fanea

No exemplo 51(A1), como podemos ver, o uso frequente das consoantes na formação de palavras já mostra uma certa capacidade por parte de análise da fala, não significa que este aluno possa reconhecer as palavras em sua forma individual. Mostrando, portanto, que as situações reais de uso da língua, quando aplicadas, oferecem ao aluno a oportunidade de adquirir conhecimentos e de ampliar sua capacidade de uso.

É preciso deixar claro que não é fácil para o aprendiz o domínio da escrita, principalmente palavras com um maior número de sílabas, além disso, com formação de sílabas simples e complexas. Principalmente, palavras envolvendo as profissões, que não são tão fáceis para o aprendiz. No entanto, se faz necessário para o contexto de sala de aula, aliando-as à outras atividades.

O professor, neste contexto, pode criar condições para uma experiência organizada e dirigida que facilite ao aluno a observação dos aspectos relevantes da escrita, a formulação de hipóteses mais adequadas a essa observação. No caso de sala de aula, a professora, no momento da aplicação, estava ditando cada palavra silabando para que o aluno percebesse (por exemplo: do – més – ti – ca) a escrita e às vezes dizia os nomes das letras para facilitar o processo de escrita.

Exemplo 52: A5

20/02/08

ditado de Palavra

- 1- doméstica
- 2- vedora
- 3- costurera
- 4- lavadeira
- 5- Professora
- 6- motorista
- 7- cabeleira
- 8- estudante
- 9- frentista
- 10- faxineira

No exemplo 52(A5), podemos notar que o aluno, no geral, conseguiu escrever as palavras. Suas dificuldades não impedem a compreensão do que foi escrito, para isso, precisa oferecer-lhe condições e instrumentos que o levem a ter acesso às formas linguísticas das mais variadas e a saber operar sobre elas. Mas é preciso expor os alunos à essa prática, visto que o processo inicial da escrita é complexo.

Nesse caso, pode-se afirmar que construir hipóteses, verificá-las, reconstruí-las e sistematizar o que foi aprendido são pressupostos necessários para a aquisição da escrita. O aluno, mesmo diante das dificuldades, consegue realizar a atividade conforme seu conhecimento acerca do código.

Exemplo 53: A7

20/02/08

DITADO DE PALAVA

DOMÉTICA
 VEDEDORA
 COSTURA
 LAVADERA
 PROFESSORA
 MOTORITA
 CABELERA
 ETUDATE
 FETISTA
 FAXINERA

Exemplo 54: A9

20/02/08

DITADO DE PALAVRAS

(1º) Domética
 (2º) Vendedor
 (3º) Costura
 (4º) Lavadeira
 (5º) Professora
 (6º) Motorita
 (7º) Cabeleleira
 (8º) Estudate
 (9º) Fetista
 (10º) Faxinera

Exemplo 55: A6

20/02-08/

DITADO

- 1-Doméstica
 - 2-Vedado
 - 3-Costura
 - 4-la Vadera
 - 5-Professora
 - 6-Motorista
 - 7-Cabeleira
 - 8-Fretista
 9. estudante
 - 10-Faxineira
-

Exemplo 56: A8

20/02/08

DITADO DE PALAVRAS

- 1-DOMÉTICA
- 2-VEDEDORA
- 3-COSTURERA
- 4-LAVADERA
- 5-PROFESSORA
- 6-MOTORISTA
- 7-CABELELEIRA
- 8-ESTUDANTE
- 9-FRETISTA
- 10-FAXINERA

Como podemos perceber nos exemplos (53 –A7), (54 – A9), (55 – A6) e (56 – A8), mesmo os alunos apresentando problemas quanto a ortografia de determinadas palavras, mas verificamos que eles já dominam muitas regras que lhe permitem estabelecer uma comunicação com o interlocutor, por exemplo: (“dometica” , nos exemplos 53, 54 e 56; “vededora” nos exemplos 46 e 49; “costura” nos exemplos 52 e 55, e, “costurera”, nos 53 e 54; “lavadera” em todos os exemplos; “cabelera” nos exemplos 53 e 54; “estudate” nos exemplos 54 e 56; “fretista” nos exemplos 48 e 50; “faxinera” nos exemplos 53, 55 e 56).

É bom lembrarmos que o aluno já desenvolve uma série de operações sobre a linguagem. É capaz de fazer associações, criar expressões que nunca ouviu, e dominar uma série de princípios e regras que lhe dão as condições para comunicar-se. Ao entrar na escola, ele já traz um conhecimento sobre a linguagem que utiliza. Além disso, a aquisição e o desenvolvimento da linguagem não se dão em virtude de uma atividade isolada do sujeito, mas principalmente a partir da interação com o adulto.

É preciso deixar claro que, em todo processo de alfabetização, deve-se cuidar para que as formas escritas (quando dadas para reconhecimento dos alunos ou grafadas por eles) apareçam contextualizadas e associadas a uma significação. A atividade que iremos abaixo apresentar foi fruto de discussões em sala de aula sobre “receitas” e nas discussões geradas tornou-se importante na escolha dos alunos estudarem os produtos usados na receita da “Panqueca”. A professora, mais uma vez, sentiu a necessidade de aplicar um treino ortográfico, focalizando o nome dos produtos, aula esta aplicada no dia 20/08/2008. Logo após a aplicação do treino, a professora registrou cada palavra no quadro, enfatizando o processo de escrita e leitura da mesma, para que, em seguida, os alunos reescrevessem e separassem as sílabas. É válido salientar que esta atividade, como outra envolvendo o treino ortográfico (ver quadro 6) foram resultados de uma sequência didática. Observemos os exemplos abaixo, atentando-nos para o desenvolvimento das atividades:

Exemplo 57: A4

Treino ortografico

- 1-leite c 6-Desfiado c
- 2-trigo c 7-panqueleta c
- 3-Fango c 8-Sal c
- 4-tomate c 9-óleo c
- 5-ovo c 10-massa c

- 1-lei-te 6-Des-fia-do
- 2-tri-go 7-pan-que-ea
- 3-Fran-go 8-Sal
- 4-to-ma-te 9-o-leo
- 5-o-vo 10-ma-ssa

Exemplo 58: A1

Revisão ortográfica

Treino ortografico

- 1-ZEITE ZEITE
- 2-TRIGO TRIGO
- 3-OVO- OVO
- 4-FRIGIDEIRA FRIGIDEIRA
- 5-tomate- ÓLEO-
- 6-OLEO- TOMATE
- 7-TOMATE SAL
- 8-SAL- MASSA
- 9-OLEO DESFIADO
- 10-massa

ZEI-TE mas sa
 TRI-go-
 O-VO
 FRI-GI-RA-
 tom-ate-
 sal-
 OL-EO

Exemplo 59: A6

ESCOLA BRASIL ALFABETIZA

Aluna: _____

Três Oitogrfico

1 leite	leite
2 trigo	tri-go
3 Ovo	O-vo
4 Frango	fran-go
5 desfiado	des-fi-a-do
6 Panquecas	pan-que-cas
7 Sal	Sal
8 óleo	ó-leo
9 Massa	ma-sa
10 tomate	to-ma-te

Exemplo 60: A5

Programa Bil

Programa Brasil

Alfabetizado

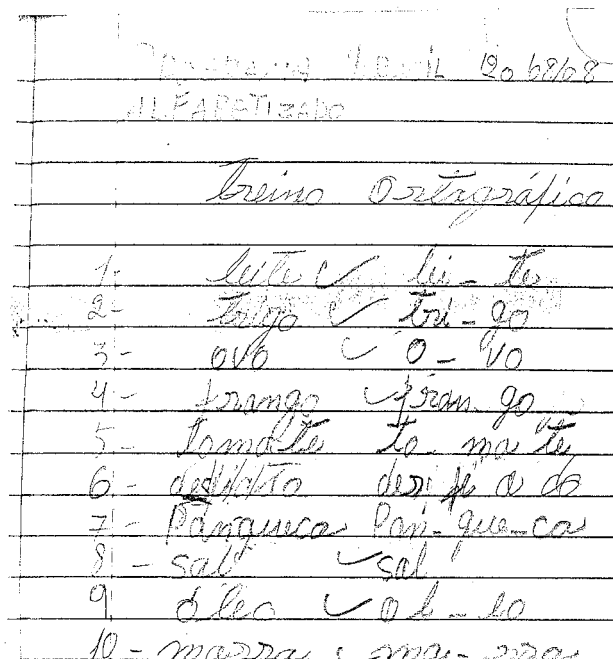
Aluna: _____

Campina grande 20 de 8

Três Oitogrfico

1-leite	leite
2-trigo	tri-go
3-Frango	fran-go
4-tomate	to-ma-te
5-ovo	ovo
6 desfiado	des-fi-a-do
7 Panquecas	pan-que-cas
8 Sal	Sal
9- óleo	ó-leo
10-massa	ma-sa

Exemplo 61: A7



Podemos perceber que, do ponto de vista da aprendizagem propriamente dita, a atividade apresentada não tem como finalidade levar o aprendiz a adquirir conhecimentos e adotar comportamentos, mas ao incorporar, interiorizar, apropriar-se da escrita de modo peculiar, num processo contínuo, é sabido que a escola (como espaço em que experiências e palavras se forjam e se confrontam), obtém resultados melhores na medida em que as práticas corriqueiras são apropriadas pelo aprendiz, quando são expostos cotidianamente. No entanto, temos que considerar, que tal prática (o treino ortográfico) está longe de ser uma atividade plena de linguagem e muito longe da possibilidade de uma atividade de escrita autônoma.

É importante que se observe a escrita e reflita sobre as razões que levam o aluno a escrever as palavras de uma forma ou de outra. Considerar, também, que é necessário levar o aluno a identificar as regularidades que existem na língua, a observar que a língua oral pode influir na escrita. Sendo assim, é necessário analisar o que se escreve e refletir sobre sua adequação ou não. Como podemos ver nos exemplos acima (57, 58, 59 e 60), os alunos não sentiram muitas dificuldades na produção da atividade.

Diante do exposto, podemos ver que, quando se escreve o que se dita com a intenção de avaliar o desempenho dos alunos é sempre indesejável, porém fazer ditados de textos interessantes para os alunos guardarem pode ser uma prática saudável. O que se deve considerar é o contexto em sala de aula e como podemos ver pelos próprios depoimentos dos alunos, o treino ortográfico para eles se insere num contexto natural, sendo assim, vai depender de como o ditado será feito e qual a sua finalidade.

Como podemos notar, o aluno quando erra, o faz quanto à ortografia, desviando-se do modelo estabelecido pela gramática escolar ou pela comunidade linguística em ascensão social. O fato, portanto, de o aluno não escrever ou transcrever corretamente da lousa para seu caderno, também, tal desvio ou omissão indica outras dificuldades linguísticas. É o caso na grafia de palavras por parte do aluno (A5) do exemplo 52 que, para escrever “doméstica” ele escreve “domtica”, o próprio enunciado “ditado de palavras” (“Ditado de palavra”, exemplo 53: “Treino Ortográfico” – “Treino Ortografico” – exemplo 57), além disso, o uso das maiúsculas no meio de palavras.

No geral, percebemos que a prática do treino ortográfico/ditado também se configura como uma prática letrada, o que vai definir como concepção “tradicional” ou “prática letrada” é o modo como será didatizado em sala. Aqui, especificamente, a professora-alfabetizadora usou o treino ortográfico como prática linguística, considerando o contexto, a sequenciação didática e o interesse do aluno, levando-o a refletir o seu uso. Além disso, é válido salientar que, em nenhum momento a professora usou esta prática com o intuito de atribuir notas ou constranger o aluno.

3. 3 – Uma prática equivocada na formação

Com base no exposto, podemos afirmar que a professora-alfabetizadora, mesmo diante de suas dificuldades e por também ser uma aprendiz das teorias focalizadas na academia com a ajuda da pesquisadora, conseguiu didatizar os conteúdos linguísticos com base nas práticas do letramento. Embora saibamos que não é fácil aliar teoria à prática, se você considerar que este professor é um “leigo” em relação ao que viu na sua formação como professora do magistério numa Escola Normal. A concepção anterior à proposta aplicada neste curso, tinha por base o

saber da tradição escolar, ou seja, o estudo da leitura e da escrita como mera decodificação dos signos linguísticos. No entanto não é só isso, formar um leitor/escritor implica em formar alguém que sabe ler placas, letreiros de ônibus, rótulos, anúncios e outros gêneros que contenham informações simples, curtas, já que estamos tratando de uma alfabetização.

A análise dessas primeiras atividades nos mostrou que é possível um professor “leigo” interagir e construir saberes teóricos abordados nas academias. O que precisa, na realidade, é de um acompanhamento sistemático, principalmente no início. Acreditamos que a formação continuada é o primeiro passo para que haja mudança em programas emergenciais (no caso aqui o PBA – CG).

Trabalhos acadêmicos de pesquisadores como: Silva (2009), Lima (2010) e Oliveira e Teixeira (2010) mostram que, no campo da formação, as experiências tendo em vista o que propõe o programa, em sala de aula não funcionam.

Conforme Silva (2009), as práticas de ensino na alfabetização de EJA através da formação dos professores alfabetizadores do PBA, mostram que existem pouca familiaridade dos alfabetizadores com a elaboração e operacionalização de instrumentos relevantes para alfabetizar satisfatoriamente. O trabalho, portanto, não funciona por conta da ausência de um modelo de formação específica para estes professores, impossibilitando que estes estabeleçam com frequência, um paralelo entre os conteúdos escolares e a leitura de mundo que os alunos trazem para a sala de aula.

Além disso, foi constatado em sua pesquisa que muitos dos alfabetizadores não tiveram uma formação capaz de ajudá-los a compreender e fazer uso da multidimensionalidade que o processo de ensino-aprendizagem requer. Ainda, a maioria dos alfabetizadores pesquisados não tem uma formação que comporte saberes teórico-práticos para a atuação nas turmas de alfabetização de jovens e adultos. Portanto, esta prática não funciona.

Segundo Lima (2010), percebe-se que, mesmo diante de uma legislação que assegura a EJA ser uma modalidade específica de ensino, ainda há uma lacuna na formação de professores para ensinar na mesma, uma vez que a má formação nos cursos de professores também é ocasionada pela falta de tempo que os docentes universitários encontram para formar os professores. Muitas vezes o ensinar na universidade, o formar professores fica em segundo plano, quando os docentes

optam para investir mais em pesquisas, em estudos que os revelem como cientistas, para assim contrair status de especialistas.

Conforme Lima (2010), as dificuldades na formação de professores não se encerram por aqui, há ainda cursos que se direcionam por uma metodologia de ensino pragmático, que não leva em conta as especificidades dos sujeitos, uma forma de educar neutra que não discute as ideologias dominantes que estão por trás da ação do ensino.

Para Oliveira e Teixeira (2010), que também mostram o não funcionamento destas práticas no PBA, isso se dá devido aos cursos de graduação não oferecerem bagagem teórica suficiente para que sejam analisados, discutidos e experimentados elementos primordiais referentes à EJA e suas especificidades, que podem ocorrer pela tradição em enfatizar as disciplinas voltadas para a educação de crianças, ainda amparadas por uma base legal que não exige uma formação específica para o professor.

Como podemos observar, é consensual entre esses e outros pesquisadores que a formação do professor no PBA não funciona, seja ela inicial ou continuada, há uma série de fatores que interferem na não eficácia da proposta do programa.

Entretanto, como já vimos ao longo desse estudo, quando o professor-alfabetizador tem um acompanhamento sistemático de alguém que pode auxiliar, acompanhar e intervir, se necessário, embora saibamos que a tradição escolar, o ajudou a cristalizar a necessidade, primeiro, da aquisição de saberes teóricos para, depois, se adquirirem os práticos; ele consegue atingir seus objetivos como um aprendiz das práticas letradas, como também a perceber a complexidade do que significa o ensino-aprendizagem da língua. Para isso, é fundamental que ele se reconheça como profissional e se solidarize com as mudanças, visto que é preciso ter uma atitude de ação-reflexão.

O depoimento final da professora-alfabetizadora, do que foi essa nova experiência para ela, ratifica a importância da formação continuada em programas emergenciais, pois as mudanças só ocorrem se as decisões forem consolidadas:

“(...)faz também dez anos q’eu deixei de estudar... tudo mudou... tudo q’eu fiz com você foi VALIOSO né?... eu agora... em outra turma... já sei como trabalhar em sala... temos que trabalhar com textos da realidade dele né?... praticar também... lembra quando fizemos a panela... como eles gostaram da aula... isso é bom... porque aí eles aprendem de verdade... não esquece... o letramento né?... tudo foi muito proveitoso... aprendemos juntas né?...((ri))

S – é verdade... foram momentos bons... aprendi com você e com os alunos também... o conhecimento de mundo deles é riquíssimo.

P – você sabia dos conhecimentos da universidade e me ensinou/me ajudou a trabalhar em sala... foi pra mim... é:... foi um grande aprendizado... essa troca de experiência foi muito boa... eu gostei demais... esse aprendizado vai ser importante para eu para eu colocar sempre em prática né?... pesquisar o que é adequado para o aluno né?... eu aprendi que pra trabalhar com letramento o professor tem que ser um pesquisador... trazer a realidade para eles... com textos escritos reais... que tenha significado para aluno... como eu aprendi...”

Esse depoimento mostra que se houvesse uma formação continuada que funcionasse, conforme a resolução do MEC para o professor, os conhecimentos por ele adquiridos teriam relevância para a prática de sala de aula. O problema é que essas resoluções só funcionam no papel. Acreditamos ainda, ser relevante a investigação das práticas de leitura e escrita nos espaços de formação, visto que, são nesses espaços que os professores vão lidar com outros atores e na troca de experiências vividas enquanto sujeitos socialmente situados vão favorecer na eficácia das práticas de sala de aula.

3.4 – Avaliação: caminhos contraditórios no percurso das propostas – observando a prática

A avaliação, como vimos anteriormente, é um processo imprescindível para identificar como anda o processo de aprendizagem do aluno e como o professor pode redirecionar sua prática em sala de aula, devendo, neste sentido, funcionar como forma de solucionar, na construção do conhecimento, os problemas de maneira autônoma. A alternativa para esse método pode estar numa avaliação que, ao invés de medir ou julgar, se preocupe em formar melhor, levando em conta as reais necessidades de aprendizado do aluno.

No contexto do ensino, como veremos a seguir, limites estreitos tendem a ser interpostos às diferentes avaliações. Não há como ignorar o privilégio atribuído à avaliação como mera decodificação das atividades aplicadas em sala, atribuindo-lhe notas ou conceitos como exclusão do aluno no processo educativo, ilustrando, assim, um reducionismo que acaba por descaracterizar esta mesma prática, visto que, determina muitas vezes o destino dos sujeitos.

A desvalorização, por parte da escola, dos conhecimentos que os alunos trazem de sua vivência no cotidiano faz com que, em muitas situações, estes fiquem quase que totalmente desmotivados para a aprendizagem que deles vai ser exigida pelo currículo escolar. Se o aluno não conseguiu apreender os conhecimentos e competências que a instituição pretendia que ele o fizesse, é classificado como fracassado.

Segundo Esteban (2001), a forma pela qual o saber e o não saber são vividos no cotidiano escolar torna-se relevante para a compreensão dos mecanismos que possibilitam a construção do sucesso de alguns e o fracasso de muitos. Os saberes construídos fora do contexto escolar perdem sua validade na escola, uma vez que só são valorizados os padrões determinados pela instituição, e o aluno da camada social menos favorecida, fracassa diante da expectativa a seu respeito.

Tomando por base os dados coletados, explicitados no capítulo anterior, a partir dos pressupostos teóricos discutidos, realizaremos análises sistemáticas dos critérios de avaliação aplicados pelo PBA–CG, considerando o processo de aquisição da escrita e da leitura, fundamentados em Vygotsky, (1984); Abaurre, (1997); Perrenoud, (2001); Moraes e Albuquerque (2006), e outros. O que veremos a seguir, através de uma prova aplicada pelo Programa Brasil Alfabetizado, no terceiro mês de aula, como forma de avaliar se o aluno já havia adquirido conhecimentos suficientes para dominar o sistema de leitura e escrita e, por sua vez, se desligar do programa e procurar, em seguida uma escola regular para dar continuidade aos estudos, nos leva a refletir acerca da verdadeira política pública aplicada emergencial nestes sistemas de avaliação e quais os reais interesses¹⁹, uma vez que esta avaliação não foi marcada com antecedência, sendo uma surpresa para os alunos, inclusive para a professora-alfabetizadora que só soube que iria aplicar no dia (14/04/2008), informando, em seguida, para a pesquisadora que, por sua vez, por determinação da coordenadora, não poderia participar do processo.

Em decorrência do teste cognitivo ter sido dividido em três partes, analisaremos cada questão conforme páginas. Não foi possível ter acesso às respostas dadas pelos alunos, uma vez que após a aplicação do teste este foi entregue à coordenadora, no mesmo dia, não tendo possibilidade, portanto, de analisar as respostas dadas para compará-las com o teste cognitivo final. O acesso à cópia da avaliação, que é a mesma aplicada nas demais cidades do estado e do Brasil, já que é feita pela SECAD, foi dada à pesquisadora por uma professora que também participa do programa, pois o número de cópias estava limitada à turma, nem mesmo a professora-alfabetizadora ficou com uma cópia. Neste dia da avaliação, a professora gravou todo processo em fita cassete e juntas, no planejamento, discutimos como foi a aplicação.

Esta avaliação, denominados pelo programa de “testes cognitivos”, segundo o MEC, pretende revelar quais as habilidades e competências que os alfabetizandos possuem na área da leitura, da escrita e da matemática. Como o próprio nome diz, a intenção é de diagnosticar para conhecer e agir, permitindo, assim, que os alfabetizadores organizem as atividades que desenvolverão em sala de aula de uma maneira que contemplem desde o início as necessidades específicas de cada alfabetizando. Da mesma forma, os resultados dos testes permitirão que os alfabetizadores encaminhem para turmas iniciais de EJA os alunos que se encontrarem aptos para tal. (ver www.portal.mec.gov.br)

Tomando por base esses pressupostos apresentados iremos observar a sua aplicação na prática. Vejamos abaixo a primeira parte avaliação do PBA:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC)
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (FNDE)
GOVERNO DO ESTADO DA PARAIBA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

ALFABETIZANDO: _____
ALFABETIZADOR: _____
MUNICÍPIO: _____ DATA: ____/____/____

TESTE COGNITIVO DE LEITURA E ESCRITA

1) Reproduzimos um título de eleitor.
Escreva o seu nome completo no lugar indicado com um X.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

X

POLEGAR DIREITO

ASSINATURA OU IMPRESSÃO DIGITAL DO ELEITOR

VÁLIDO SOMENTE COM MARCA D'ÁGUA - JUSTIÇA ELEITORAL

1

1º teste cognitivo aplicado em LP pelo PBA-PB, 14/04/2008

Tendo em vista esse novo paradigma de avaliação, que o PBA tinha como pressuposto apenas aferir o desempenho cognitivo dos alunos, visando identificar o que eles já dominavam acerca do processo de aquisição da escrita, podemos verificar que a concepção levava em consideração a perspectiva do ensino da tradição escolar, estabelecendo o conceito de ler e escrever como mera

decodificação dos signos linguísticos. Mesmo assim, algumas questões (1 e 4) elaboradas neste primeiro teste cognitivo, como podemos ver, leva o aluno a refletir a linguagem enquanto uso, apesar de sabermos, como já foi dito acima, que os critérios desta avaliação inicial do PBA tenham como objetivo apenas conhecer habilidades de decodificação da leitura e da escrita, uma visão completamente desvinculada do letramento. Esta perspectiva de avaliação, conforme questão 1, e as demais, se caracteriza com a mesma visão do que seja um cidadão alfabetizado para o IBGE, visto que esse Instituto considera ser alfabetizado aquele que consegue ler e escrever um bilhete simples, palavras, frases e assinar seu nome (ver ibge.gov.br). Considerando o conhecimento de mundo adquirido nesta longa caminhada, vejamos os depoimentos dos alunos acerca deste teste cognitivo durante a aplicação em sala:

A2 – a gente num sabe fazer... a senhora ajuda?

P – eu não posso... eu já disse que vou apenas lê e vocês tente responder sozinho...

A3 – eu nem o nome ainda sei fazer...

P – o seu nome do... dona ana eu vou ajudá-la a fazer... use a sua ficha... ela tem seu... seu nome

A4 – é::... e a gente vai assinar o título de eleitor é professora?....

P – é sim...

A1 – parece que é só a gente aprender o nome que já sabe de alguma coisa... né?

P – eu não sei qual é o verdadeiro objetivo do programa... mas quem responder tudo correto irá sair... vai ser desligado... tá certo?... foi o que disse a coordenadora...

A1 – e a gente vai pra onde?... nunca vi isso... é só saber um pouquinho que já é pra sair... mas eu sei o que é isso/isso eu sei o que é... PRA ELEIÇÃO... eles é besta... a gente assina o título e ele já sabe que a gente sabe e não precisa mais estudar... eu sei fazer meu nome mas não quero sair não... viu professora?

P – é preciso que vocês respondam esta prova... só assim... a secretaria vai ver como estão... eu vou lê a prova e vocês façam sozinho... dona lindalva não é pra ensinar pra ensinar a jacqueline... viu? NÃO PODE... ela tem que fazer SOZINHA... sem olhar a sua prova... eu preciso que vocês façam hoje... tá certo?... respondam tudo que a coordenadora vem buscar ainda hoje... não converse não... tá certo?...

A1 – o valor da gente é só quando vota... depois... só deus sabe... bando de interesseiros...

A3 – é seu José... o valor da gente é o voto... mais nada...

A2 – por isso eu voto no cabiludo... ((risos))

((a professora pede silêncio e lê a prova pausadamente))”

Como já foi dito a turma não sabia que ia fazer este teste, levando-os a questionar com a professora o porquê daquela avaliação. A professora, por sua vez, por desconhecer que fazia parte do programa este teste, não foi clara durante as indagações feitas pelos alunos. Por outro lado, no momento desta avaliação, as discussões geradas pelos alunos levaram a criticar o processo, tendo em vista a 1ª e a 4ª questão, a relacionando-as ao ano que seria de eleição.

Diante disso, para os alunos, a avaliação causou alguns efeitos destrutivos, uma vez que: em nível afetivo, gerou a perda da auto-estima (os alunos se sentiram usados); em nível cognitivo, negação do já construído (aprender a ler e escrever para ser um cidadão crítico e participativo na sociedade, demonstrando frustração).

Diante dos depoimentos dos alunos, podemos notar que eles têm consciência crítica do propósito deste teste cognitivo, reconhecendo e demonstrando através das questões, que, mesmo pouco escolarizados ou não alfabetizados apresentam um grau desenvolvido de atitudes e de conhecimento de mundo quando percebem que há uma real intenção na avaliação aplicada. Vejamos, ainda, mais um fragmento dos depoimentos que ratificam o senso crítico dos alunos:

“(…)

A1 – parece que é só a gente aprender o nome que já sabe de alguma coisa ... né?

P – eu não sei qual é o verdadeiro objetivo do programa... mas quem responder tudo correto irá sair... vai ser desligado do programa... tá certo?... foi o que disse a coordenadora...

A1- e a gente vai pra onde?... nunca vi isso... é só saber um pouquinho que já é pra sair... mas eu sei o que é isso/isso eu sei o que é... PRA ELEIÇÃO... eles é besta... a gente assina o título e ele já sabe que a gente sabe e não precisa mais estudar... eu sei fazer meu nome mas não quero sair não... viu professora?

(...)”

Podemos ver ainda neste trecho que a própria professora, quando questionada, desconhece o porquê desta avaliação, ou seja, quais os critérios utilizados para aplicação da atividade, apenas menciona que se eles conseguirem responder tudo corretamente seriam desmembrado do programa. Essas discussões geradas em sala de aula mostram que os alunos conseguem reutilizar seus

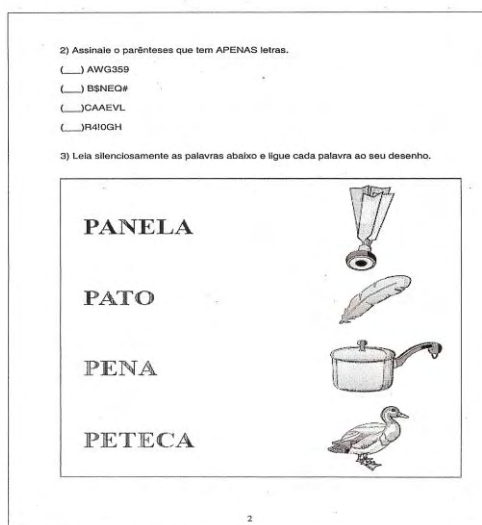
conhecimentos em situações diferentes, expondo suas ideias e confrontando-as conforme o contexto, tendo um senso crítico bem aguçado.

Ao contrário do que se pensa, os alfabetizandos conseguem perceber qual o objetivo de um teste cognitivo como este, embora possamos reconhecer que se faz importante que todo cidadão deva dominar, pelo menos, a escrita de seu nome. Porém, temos que saber que a alfabetização é a aprendizagem da escrita e da leitura e que o processo de alfabetização inclui muitos fatores (afetivo, cognitivo, psicomotor), e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, mais ele está livre para saber colocar em prática a realidade vivenciada pelos alunos. A aprendizagem da leitura e da escrita, desde o início da escolarização, como sabemos, torna-se uma prioridade, sendo, portanto, um ato linguístico que diariamente está inserida nas práticas sociais de uso.

O uso do título de eleitor, como proposta para a assinatura do nome completo, levou os alunos, durante a aplicação da prova do PBA, a questionarem acerca da função da escrita desse documento obrigatoriamente usado em épocas de eleição e, principalmente, por 2008 ser um ano eleitoral. Para eles, a avaliação aplicada tinha como intenção apenas observar se eles dominavam ou não a escrita do nome, porque era um ano de eleição e por ser o título de eleitor um dos documentos obrigatórios usado no dia da eleição pelo cidadão.

Outro fato questionado pelos alunos se refere à prova ser aplicada como forma de saber se eles podem ou não continuar na turma. Uma vez que, conforme determina o programa, dominando as habilidades apresentadas na avaliação o aluno aprovado pode ser desligado da turma em exercício para estudar numa escola, dando continuidade ao processo. Eles, no entanto, não concordaram com a ideia, visto que era do interesse deles permanecerem. Além disso, para os alunos, escrever o nome completo no título não era condição para estarem alfabetizados, levando-os, nesse sentido, a ter como concepção de avaliação um jogo político de interesses próprios e não, sua função real, que é avaliar o processo ensino-aprendizagem.

Se observarmos a seguir a continuação do teste cognitivo de leitura e escrita veremos que este tipo de avaliação torna o conhecimento muito limitado, sem haver produção de sentido e de linguagem.



Assinalar apenas letras para diferenciá-las dos demais códigos (números e outros símbolos), ler silenciosamente e ligar simples palavras descontextualizadas não é condição para um aluno já estar alfabetizado em tão pouco tempo.

Temos, no entanto, que refletir sobre esta prática de avaliação e repensar acerca do ensino nestes programas, para que não se torne apenas um discurso midiático com intuito de manipular a população, através do slogan de que o analfabetismo está sendo erradicado. Já que o processo de alfabetização começa quando o jovem e o adulto se vêem envolvidos com a exigência do saber ler e escrever para resolver situações cotidianas. Pois à medida que os alfabetizando vão exercitando o anotar recados, as compras da feira ou supermercados, para dar notícias a um parente distante, preencher cheques, formulários etc. vão poder identificar palavras semelhantes, compreender seus significados e aí levantar questões que revelam como estão compreendendo a escrita no dia a dia.

A maneira como são propostas as questões leva apenas a verificar quantas informações o aluno “guardou em sua cabeça” durante este período de ensino, tornando-se um instrumento mecânico de avaliação, sem o aluno construir ou reconstruir conceito da aprendizagem, além de explicitar os objetivos e ações que devem ser cumpridos pela realização dessa prova, ser desmembrado do programa.

Ainda, percebe-se que, essas questões não se referem a temas atuais que tenham relevância para a compreensão do mundo e nem contribui para a reflexão do aluno sobre o contexto histórico em que vive, visto que a concepção de leitura e escrita é muito elementar, reduzida à mera decodificação dos signos linguísticos.

Conforme Moraes e Albuquerque (2006), a avaliação das aprendizagens realizadas pelos estudantes durante a etapa de alfabetização inicial precisa ser um exercício que promova a inclusão, uma vez que os estudantes estão envolvidos num processo de que são eles os principais beneficiários, podendo participar com mais autonomia na busca do sucesso nessa empreitada que é o alfabetizar-se.

Neste sentido, acreditamos, pelo contexto apresentado, que esses sentidos não vêm indicando uma compreensão do importante papel que a avaliação desempenha no processo ensino-aprendizagem, pois, usualmente a avaliação é vista pelo aluno como um ato unilateral para promoção, e não como parte constituinte do processo de ensino-aprendizagem. No entanto, podemos notar que, levando-se em consideração a proposta inicial e a final do curso desenvolvido, conforme os objetivos específicos e fundamentos teóricos propostos na intervenção, os alunos demonstraram progresso no processo ensino-aprendizagem.

Observemos o que se pede na questão seguinte:

4) Complete o que está sendo pedido abaixo:

a) Meu nome é _____

b) O nome de minha mãe é _____

c) O nome de meu pai é _____

d) Meu endereço é _____

e) Minha idade é _____

Boa Sorte!!!

3

Na última questão, por exemplo, que leva o aluno a completar o que está sendo pedido abaixo, podemos perceber que, se espera desse aluno o domínio da escrita dos seus dados pessoais que se faz importante no exercício da sua cidadania, já que essas informações são comuns em documentos e cadastros usados em várias instâncias sociais. No geral, as questões se limitaram apenas a decodificar palavras. Em nenhum momento foi apresentado um texto para ter como base estas questões.

Seria interessante, portanto, se o aluno tivesse o que escrever e uma razão para fazê-lo, dando à escrita um sentido real e não o de levá-lo a perceber sua inabilidade para interpretar, para desenvolver a competência leitora, ou seja, aprender a ler procurando dar sentido e questionar algo escrito a partir de uma realidade, colocando, assim, em prática estratégias de leitura que auxiliam os alunos a interpretar e compreender textos lidos de forma mais autônoma.

Além disso, saber escrever é uma das capacidades indispensáveis para a adaptação e integração do indivíduo no meio social, já que a escrita é um elemento de dominação, daí a nossa preocupação diante de adultos que já frequentaram a escola por sucessivos anos (ou que nunca frequentaram) e que não fazem uso crítico da mesma, tornando-se vulneráveis à ação do dominador que o explora política, social e culturalmente. A cada dia percebemos que se torna mais essencial o domínio da língua escrita, não apenas como instrumento codificante, mas como meio de compreender criticamente o ambiente à nossa volta.

No entanto, o que se percebe na prática é que muitas pessoas, apesar de terem passado por experiências escolares e estarem inseridas numa sociedade letrada, ainda não adquiriram as competências básicas para o uso da língua escrita. As práticas avaliativas em LM são possíveis quando se constroem situações e relações em que a escrita e a leitura se fazem presentes de maneira significativa para os alunos, visto que se faz necessário que os indivíduos sejam capazes de adaptar-se às diversas situações discursivas, adquirindo a competência leitora para obter informações, interpretar dados e fatos, recrear-se, recriar, observar, comparar e compreender textos, (como já vimos). Sendo assim, o ato de avaliar é essencialmente interpretativo, e exige a colaboração entre pares (professor e aluno).

Perrenoud (1999) evidencia que a avaliação escolar cria hierarquia de excelência em função das quais se decidirá o prosseguimento no curso seguido, o papel na sociedade e, também, a entrada no mercado de trabalho. Enfatiza que o que separa o êxito do fracasso é um ponto de ruptura, introduzido em uma classificação e, qualquer que seja sua justificativa teórica ou prática, esta ruptura introduz uma dicotomia no conjunto de alunos. A dicotomia, portanto, do êxito e do fracasso.

Dessa forma, é de suma importância que o processo ensino/aprendizagem tenha os seus objetivos bem definidos, tendo que adequar a avaliação à natureza da aprendizagem, levando em conta não só os resultados das tarefas realizadas, o produto, mas também o que ocorreu no caminho, o processo.

Portanto, o programa precisa perceber o aluno como um ser social e político, construtor do seu próprio conhecimento. Deve percebê-lo como alguém capaz de estabelecer uma relação cognitiva e afetiva com o seu meio, mantendo uma ação interativa capaz de uma transformação libertadora e propiciando uma vivência harmoniosa com a realidade pessoal e social que o envolve. O papel do professor,

por sua vez, é o de ser o "mediador" entre o aluno e o conhecimento, proporcionando-lhe os conhecimentos sistematizados. Assim, nessa visão, o professor deixa de ser considerado "o dono do saber" e o aluno, um mero receptor de informações.

Neste contexto, o ato de avaliar não pode ser entendido como um momento final do processo em que se verifica o que o aluno alcançou. A questão não está, por conseguinte, em tentar uniformizar o comportamento do aluno, mas em criar condições de aprendizagem que permitam a ele, qualquer que seja seu nível, evoluir na construção de seu conhecimento, uma vez que, a avaliação tem um significado muito profundo, na medida em que oportuniza a todos os envolvidos no processo educativo momentos de reflexão sobre a própria prática. Através dela, direciona-se o trabalho, privilegiando o aluno como um todo, como um ser social com suas necessidades próprias e também possuidor de experiências que devem ser valorizadas na sala de aula. Sendo assim, devem ser oportunizados aos alunos os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade.

Nesse sentido, faz-se necessário redimensionar a prática de avaliação no contexto de ensino/aprendizagem, levando não só o aluno, mas o professor e todos os envolvidos na prática pedagógica a refletir sobre sua própria evolução na construção do conhecimento.

Para se avaliar, portanto, o professor deve considerar durante a alfabetização alguns aspectos importantes, ou seja: o quê, como e para que avaliar?. De acordo com Suassuna (2007), é fundamental, em LP, que sejam contemplados durante a avaliação os diferentes usos sociais da leitura e da escrita, levando à produção dos mais variados discursos, tendo em vista:

- a) que as questões de leitura permitam ao aluno construir os caminhos pelos quais ele atribui sentido;
- b) que as propostas de produção de texto escrito levem o aluno a expressar sua visão de mundo;
- c) que as atividades de linguagem oral dêem margem a que o aluno participe, enquanto cidadão, do debate social;
- d) e, finalmente, que as práticas de análise linguística contribuam para que ele, refletindo sobre a língua, busque e construa explicações cada vez mais sistemáticas e articuladas sobre seu funcionamento.

Nessa direção, podemos partir do pressuposto de que a avaliação em LM, como prática escolar, não é uma atividade neutra ou meramente técnica, mas é dimensionada pelos processos sócio-cognitivos da linguagem, visando melhor identificar os fenômenos discursivos e cognitivos envolvidos no tratamento dos procedimentos avaliativos.

Um segundo pressuposto é que a prática de avaliação dos processos de ensino e de aprendizagem ocorre por meio da relação pedagógica que envolve intencionalidades de ação, objetivadas em condutas, atitudes e habilidades dos atores envolvidos e não uma mera avaliação diagnóstica para obtenção de dados estatísticos. A avaliação, portanto, é um processo contínuo que tem um fim.

Considerando que a avaliação é parte integrante de qualquer proposta pedagógica e deve partilhar dos mesmos princípios subjacentes a este, é necessário que tenha por base as concepções de ensino e de aprendizagem. Visto que, conforme Marcuschi (2001), a aprendizagem é um processo de elaboração pessoal do objeto do conhecimento com o qual o aluno interage e o ensino é um processo de medição entre o aluno e o conhecimento, propiciado por meio da criação de contextos dinâmicos e adequados à aprendizagem dos alunos.

Vale lembrar que, no primeiro momento da avaliação do PBA - CG, constatou-se que as questões se baseavam na concepção de leitura e escrita como decodificação dos signos linguísticos. No entanto, na avaliação final do programa, que veremos a seguir, as questões propostas ultrapassam os limites da decodificação, tendo o texto como base para avaliar o aluno.

Veremos ainda, durante a análise, que da maneira como a prática letrada é desenvolvida não garante a adequação do objeto avaliativo, já que muitos fatores interferem neste processo. Observemos o teste cognitivo final de Língua Portuguesa do Programa Brasil Alfabetizado, aplicado no dia 18/09/2008:

3.4.1 – Análise das respostas dos alunos na avaliação final do PBA-CG

Como já foi dito anteriormente, não tivemos acesso às respostas dos alunos na avaliação inicial aplicada pelo PBA e, além disso, a turma não foi informada acerca dos resultados obtidos. No entanto, tivemos acesso às respostas dadas pelos alunos na avaliação final, visto que os testes foram enviados com antecedência para a professora-alfabetizadora, cabendo a ela, a aplicação.

Desta vez nós participamos desse processo final, uma vez que o teste só seria enviado à coordenadora no dia seguinte. É válido salientar que nesta avaliação os alunos foram informados um dia antes da sua aplicação, a professora pediu-lhes que não faltassem neste dia, já que era uma determinação do programa e seria entregue à coordenadora, o contrário do que aconteceu no teste inicial, inclusive neste a pesquisadora participou da sua aplicação, foram, portanto, processos distintos, tanto nos procedimentos para sua aplicação como na própria atividade aplicada, mudando a concepção de alfabetização. O texto foi a base para analisar o desenvolvimento do aluno.

Tivemos, portanto, oportunidade de tirar cópia de cada avaliação para a análise que faremos a seguir. Neste sentido, tomando por base o que foi considerado como proposta de ensino pelo PBA-CG, para realização desta atividade, apesar de a professora não ter participado da correção e nem ter tido acesso aos resultados finais, consideramos de suma importância avaliar como foi o processo, mesmo porque ele serviu também como avaliação para a própria professora-alfabetizadora, já que ela recebeu uma ficha de avaliação quantitativa final para ser preenchida e devolvida para a coordenação.

Vejamos abaixo a avaliação final aplicada, o exemplo base:

Exemplo Base 63:

Teste cognitivo final em LP aplicado pelo PBA-PB, 18/09/2008 – Parte 1 (ver Teste Cognitivo no anexo 6).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
GERÊNCIA EXECUTIVA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

Nome: _____

Município: _____

Data: _____

Alfabetizador/a: _____

TESTE COGNITIVO FINAL – LEITURA E ESCRITA

MEU SONHO

Edna Cristina Duarte
(adaptação)

Meu nome é João Batista. Estou pensando, aqui com meus botões, o que eu devo fazer: comprar madeira, uns tijolos e umas telhas e fazer uma casinha de madeira para eu morar com meus filhos, ou continuar pagando todo mês o aluguel. Ô dinheirinho suado, meu Deus! Seu Joaquim, o dono do barraco em que moro, não perdoa atraso, faz a gente sair. Acho que vou até o depósito do seu José, perguntar o preço do material, para ver se consigo sair daqui.

I - De acordo com o texto acima, o sonho de João Batista é ter sua casa própria. Escreva na linha abaixo: Quais os materiais de construção que ele deseja comprar?

II - O que faz Seu Joaquim se o aluguel não for pago?

III - Copie do texto uma palavra que tenha cinco letras:

IV - Retire do texto uma palavra com:

2 sílabas

3 sílabas

VI - Responda: Como é a sua moradia?

BOA SORTE!

Parte 2

Se tomarmos como base o processo de ensino aprendizagem da LM, tendo como unidade básica o texto e sua diversidade social de uso, veremos que o teste final já considera o texto como critério base para avaliação, apesar das questões ainda serem muito limitadas, uma vez que os alunos apenas respondiam as perguntas tirando-as do texto, no entanto, correspondem aos assuntos estudados no decorrer das aulas.

Quanto ao tema abordado no texto, podemos perceber que ele tem relação com o cotidiano dos alunos, já que o assunto está presente na vida desses indivíduos, para eles, todos buscam realizar um sonho. No texto, por exemplo, o personagem João Batista retrata a realidade social vivenciada por muitos cidadãos brasileiros (não no caso dessa turma, uma vez que todos já possuem casa própria, porém seus familiares vivenciam este tipo de realidade, afetando-os também).

Outro dado relevante que podemos observar na última questão do teste é a produção de texto, como podemos ver, mesmo sendo de forma elementar, leva o aluno a produzir um pequeno texto acerca de como é a sua moradia.

Se levarmos em consideração as condições de avaliação em LM, veremos que é necessário que o aluno desenvolva habilidades de leitura, produção oral e escrita, análise e reflexão sobre a língua. Sendo assim, ao escolher um texto para os alunos, devemos levar em conta as finalidades desse texto, a forma como o texto se

organiza, ou seja, como suas partes são combinadas e, por fim, as informações e os dados que o texto traz e com os quais o aluno poderá identificar-se e participar na interação com o próprio texto.

Portanto, o que se entende é que a alfabetização transcende a mecânica do ler e do escrever (codificação/decodificação), ou seja, na alfabetização a leitura e a escrita não devem ser vistas apenas como tarefas escolares, mas precisarão estar engajadas nos usos sociais que envolvem, principalmente, como formas especiais de expressão de uma cultura, ambas são um processo histórico-social.

Nesta direção, os estudos sobre letramento já discutidos no capítulo 1 (Rojó, 1998; Soares, 2002; Kleiman, 2003, Tfouni, 2004) focalizam as dimensões sócio-históricas na aquisição da língua escrita. Mostram que os indivíduos não-alfabetizados, mas participantes das sociedades letradas (da cultura, dos modos de produção e dos valores sociais), constroem concepções a respeito do sistema de escrita e identificam seus diferentes usos e funções.

É preciso deixar claro diante destas análises que aprender a ler e escrever na alfabetização não significa saber tudo sobre a produção da leitura e da escrita, tampouco saber de cor a forma ortográfica de todas as palavras, principalmente, nestas turmas de alfabetização de jovens e adultos. Visto que, por trabalharem durante o dia, já estão cansados, fadigados, mas o desejo em aprender, em determinados momentos, é vencido pelo cansaço. Dessa forma, se faz necessário levar em conta o ato de avaliar nestas turmas de alfabetização como um processo de inclusão.

Exemplo 64: A10

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
GERÊNCIA EXECUTIVA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

Nome: _____
Município: CAPIBARA DE
Data: 10/07/2010
Alfabetizador/a: _____

TESTE COGNITIVO FINAL – LEITURA E ESCRITA

MEU SONHO

Edna Cristina Duarte
(adaptação)

Meu nome é João Batista. Estou pensando, aqui com meus botões, o que eu devo fazer: comprar madeira, uns tijolos e umas telhas e fazer uma casinha de madeira para eu morar com meus filhos, ou continuar pagando todo mês o aluguel. O dinheirinho suado, meu Deus! Seu Joaquim, o dono do barraco em que moro, não perdoa atraso, faz a gente sair. Acho que vou até o depósito do seu José, perguntar o preço do material, para ver se consigo sair daqui.

I - De acordo com o texto acima, o sonho de João Batista é ter sua casa própria. Escreva na linha abaixo: Quais os materiais de construção que ele deseja comprar?

MADEIRA, TIJOLOS E TELHAS

II - O que faz Seu Joaquim se o aluguel não for pago?

SAI DA CASA

III - Copie do texto uma palavra que tenha cinco letras:

PREÇO

IV - Retire do texto uma palavra com:

2 sílabas to do

3 sílabas ti bo los

VI - Responda: Como é a sua moradia?

BOA SORTE!

No que concerne ao exemplo 64(A10), como se pode notar, as dificuldades apresentadas no início do programa persistiram, visto que o processo de aquisição da escrita por parte desse aluno apresenta-se de forma segmentada. Uma vez que o sujeito percebe o segmento silábico, mas ainda não conhece a sua constituição, isto é, escreve fazendo rabiscos.

O caminho que percorre esse aluno para compreender as características, valor e função deste objeto cultural, que é a escrita, deve merecer estudos sistemáticos no processo de alfabetização. Pois o conhecimento da concepção de escrita por esse aprendiz é o princípio de toda atividade de alfabetização, o nível que ele demonstra estar é bem característico do período preparatório da pré-escola.

Na realidade, a escola funciona baseada no código escrito, sendo a instrução escolar o pré-requisito necessário para o sucesso do indivíduo. A primeira coisa que o aluno aprenderá ao ingressar na escola será ler e escrever. E este será o enfoque durante os primeiros anos de vida do aluno, uma vez que, para se desenvolver no ambiente de ensino, necessita dominar o código escrito. No entanto, acreditamos na proposta de estudar o código com base nos gêneros textuais que circulam na sociedade.

Exemplo 65: A1

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
GERÊNCIA EXECUTIVA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

Nome: _____

Município: M. João G. GrandeData: 11/11/2008

Alfabetizador/a: _____

TESTE COGNITIVO FINAL – LEITURA E ESCRITA

MEU SONHO

Edna Cristina Duarte
(adaptação)

Meu nome é João Batista. Estou pensando, aqui com meus botões, o que eu devo fazer: comprar madeira, uns tijolos e umas telhas e fazer uma casinha de madeira para eu morar com meus filhos, ou continuar pagando todo mês o aluguel. O dinheirinho suado, meu Deus! Seu Joaquim, o dono do barraco em que moro, não perdoa atraso, faz a gente sair. Acho que vou até o depósito do seu José, perguntar o preço do material, para ver se consigo sair daqui.

I - De acordo com o texto acima, o sonho de João Batista é ter sua casa própria. Escreva na linha abaixo: Quais os materiais de construção que ele deseja comprar?

tijolos, telhas, madeira

II - O que faz Seu Joaquim se o aluguel não for pago?

Botar para fora

III - Copie do texto uma palavra que tenha cinco letras:

Dinheirinho

IV – Retire do texto uma palavra com:

2 sílabas ma-dei-ra

3 sílabas Pa-qui-ntar

VI - Responda: Como é a sua moradia?

milha Casa grande

BOA SORTE!

O processo de escrita no exemplo 65(A1), como podemos ver, até no tipo de letra do teste anterior (antes letra de imprensa maiúscula e agora cursiva, porém devemos considerar a realidade de cada aluno) já apresenta avanços no que se refere à grafia, prevendo relações entre unidades gráficas (as letras) e unidades sonoras (os fonemas).

Deve-se, no entanto, considerar que o aluno, nesse nível, já tem escalado algumas etapas em sua evolução na compreensão das propriedades da representação da escrita, apesar de esse aluno, no decorrer das aulas, não ter conseguido ler convencionalmente, apenas conseguiu decodificar algumas sílabas simples.

Sendo assim, quando nos preocupamos somente com a adequação do texto às estratégias da alfabetização (em sentido restrito: domínio graduado do sistema gráfico), transformamos os textos em pretexto, excluindo a construção contextualizada do sentido que deve envolver ativamente os pequenos leitores. Neste sentido, precisamos, muitas vezes, sacrificar o aprendizado da leitura devido à ênfase no processo de avaliação para obter resultados emergenciais.

Desse modo, temos, em primeiro lugar, de entender as condições de produção dessa avaliação diagnóstica, já que os resultados a serem obtidos serão utilizados para diminuir dados estatísticos, uma vez que se trata de um programa emergencial.

Exemplo 66: A6

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GOVERNO DO ESTADO DA PARAIBA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
GERÊNCIA EXECUTIVA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

Nome: _____

Município: Campina Grande

Data: 28.09.2009

Alfabetizador/a: _____

TESTE COGNITIVO FINAL – LEITURA E ESCRITA

MEU SONHO

Edna Cristina Duarte
(adaptação)

Meu nome é João Batista. Estou pensando, aqui com meus botões, o que eu devo fazer: comprar madeira, uns tijolos e umas telhas e fazer uma casinha de madeira para eu morar com meus filhos, ou continuar pagando todo mês o aluguel. O dinheirinho suado, meu Deus! Seu Joaquim, o dono do barraco em que moro, não perdoa atraso, faz a gente sair. Acho que vou até o depósito do seu José, perguntar o preço do material, para ver se consigo sair daqui.

I - De acordo com o texto acima, o sonho de João Batista é ter sua casa própria. Escreva na linha abaixo: Quais os materiais de construção que ele deseja comprar?

telhas tijolos madeira

II - O que faz Seu Joaquim se o aluguel não for pago?

Bota para fora

III - Copie do texto uma palavra que tenha cinco letras:

tembo

IV - Retire do texto uma palavra com:

2 sílabas ba al ara

3 sílabas pa ga ndo

VI - Responda: Como é a sua moradia?

A minha morada é nia casa
Penpena o muar e Perdra

BOA SORTE!

É importante notar no exemplo 66(A6) que, apesar de escrever palavras soltas, podemos perceber que o aluno identifica, de certa forma, o sistema gráfico, uma vez que é possível compreender suas respostas, atendendo às questões solicitadas, o que, por conseguinte, se aproxima do sistema ortográfico.

A produção de texto, por exemplo, pela situação de uso (tanto do texto como do enunciado) apresenta condições para se entender o que o aluno quis dizer. Aqui, como podemos ver, há um avanço conceitual importante, já não em relação à escrita, mas em relação à noção de texto. É possível recuperar o sentido do texto, vejamos como o aluno escreve:

*"A minha morada e nia casa
Penpena o muar e Perdra"*

Para dizer:

*"A minha morada é minha casa
Pequena / o muro é de pedra."*

Diante disso, é importante lembrar que escrever não deve ser considerado como algo fácil de se fazer, ou um “dom” ou um resultado de uma inspiração, mas é um processo contínuo que exige prática. O professor, portanto, deve saber que a definitiva incorporação desse aprendizado circunstancial à “normalidade” de escrita não é trabalho para um só ano: deve-se estender a todos os anos de estudo, principalmente, para os aprendizes. Neste contexto, é praticando que o aluno aprende a escrever.

Por outro lado, quando se defende que a alfabetização deve acontecer em situações de letramento, o papel do professor é determinante para assegurar a possibilidade de seus alunos se tornarem leitores e escritores de fato.

Exemplo 67: A9

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA GERÊNCIA EXECUTIVA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO	
Nome:	_____
Município:	<u>Campina Grande</u>
Data:	<u>18/01/2008</u>
Alfabetizador/a:	_____
TESTE COGNITIVO FINAL – LEITURA E ESCRITA	
MEU SONHO	
Meu nome é João Batista. Estou pensando, aqui com meus botões, o que eu devo fazer: comprar madeira, uns tijolos e umas telhas e fazer uma casinha de madeira para eu morar com meus filhos, ou continuar pagando todo mês o aluguel. Ô dinheirinho suado, meu Deus! Seu Joaquim, o dono do barraco em que moro, não perdoa atraso, faz a gente sair. Acho que vou até o depósito do seu José, perguntar o preço do material, para ver se consigo sair daqui.	Edna Cristina Duarte (adaptação)
I - De acordo com o texto acima, o sonho de João Batista é ter sua casa própria. Escreva na linha abaixo: Quais os materiais de construção que ele deseja comprar?	
<u>Madeira tijolos telha</u>	

II - O que faz Seu Joaquim se o aluguel não for pago?

III - Copie do texto uma palavra que tenha cinco letras:

Copie

IV - Retire do texto uma palavra com:

2 sílabas Pago?

3 sílabas palavra

VI - Responda: Como é a sua moradia?

Eu tenho minha casa e Boa
gosto muito dela Tenho muita
Falta colo manga

BOA SORTE!

No exemplo 67(A9), apesar de o aluno não ter respondido uma questão e algumas respostas não terem relação com texto (acontecendo o mesmo também nos exemplos 58 e 59), na questão final, pelo próprio espontaneísmo da pergunta, o aluno conseguiu atender ao que se pede no enunciado, realizando uma boa produção, se considerarmos os conhecimentos que tem sobre o sistema de escrita, o tipo de pergunta e concepção pessoal de que não sabe nada.

Quando o aluno diz: *“Eu tenho minha casa e boa gosto muito dela tenha muita Falta colo manga”*

Conforme a resposta dada, podemos obter alguns dados concretos:

- 1º - que o aluno tem casa própria;
- 2º - que a casa é boa e que ele gosta muito dela;
- 3º - hopotetizamos que falta colocar uma mangueira.

Diante dessas informações, pelo contexto, podemos recuperar o que o aluno diz, embora saibamos que a resposta ainda está longe de ser uma atividade plena de linguagem e muito longe da possibilidade de uma atividade textual de escrita autônoma, mas já é um indício. Segundo Kleiman (2004), um problema que parece

central na alfabetização de crianças e adultos é o de ausência ou da redução extrema dos momentos e dos instrumentos teóricos e práticos para a mediação entre a oralidade e a escrita. Sendo assim, deve levar em conta o fato de uma correlação entre a fala e a escrita.

Exemplo 68: A5

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
GERÊNCIA EXECUTIVA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

Nome: _____
Município: _____
Data: _____
Alfabetizador/a: _____

TESTE COGNITIVO FINAL – LEITURA E ESCRITA

MEU SONHO

Edna Cristina Duarte
(adaptação)

Meu nome é João Batista. Estou pensando, aqui com meus botões, o que eu devo fazer: comprar madeira, uns tijolos e umas telhas e fazer uma casinha de madeira para eu morar com meus filhos, ou continuar pagando todo mês o aluguel. O dinheirinho suado, meu Deus! Seu Joaquim, o dono do barraco em que moro, não perdoa atraso, faz a gente sair. Acho que vou até o depósito do seu José, perguntar o preço do material, para ver se consigo sair daqui.

I - De acordo com o texto acima, o sonho de João Batista é ter sua casa própria. Escreva na linha abaixo: Quais os materiais de construção que ele deseja comprar?

madeira tijolo telha

II - O que faz Seu Joaquim se o aluguel não for pago?

ele sai da casa

III - Copie do texto uma palavra que tenha cinco letras:

Dinheirinho

IV - Retire do texto uma palavra com:

2 sílabas mo-ro

3 sílabas per-gu-tar

VI - Responda: Como é a sua moradia?

A minha casa é muito grande

Observando o exemplo 68(A5), veremos que as respostas dadas também correspondem ao que se pede (apesar da questão 3 o aluno ter demonstrado não compreender a pergunta), mesmo que seu processo de escrita ainda se limite apenas à frases curtas (“ele sai da casa”; A minha casa e muito grande”). O aluno, neste sentido, poderia, de forma espontânea, falar um pouco mais acerca da sua moradia, por exemplo.

Por isso, se faz refletir a avaliação, pois não fica explícito o “Para que avaliar?”, uma vez que a mesma requer mudanças, em passos sucessivos, principalmente na alfabetização. Os critérios usados por esses programas precisam ser bem planejados já que está em jogo a aprendizagem destes alunos, pois não se pode ver apenas resultados, visto que é objetivo da educação tornar o aluno um cidadão crítico e participativo na sociedade, para isso é necessário que ele domine a leitura e a escrita.

Portanto, para que o aluno tenha esse domínio é imprescindível que se conceba a linguagem como um trabalho, uma atividade construtiva, histórica e social que supõe a interação, pois para o aprendiz, a escrita é um processo muito complexo e para aprendê-la, desde o início, deve ter finalidade, tendo significado na sua prática social, uma vez que, no dia a dia, o aluno vivencia usos da escrita, percebendo que se escreve para comunicar alguma coisa, para auxiliar a memória, para registrar informações. E que da mesma forma recorremos, através da leitura, para, também, obter-se informações, e buscar entretenimento.

Neste contexto, é preciso levar em conta que em todo processo de alfabetização, deve-se cuidar para que as formas escritas (quando dadas para reconhecimento dos alunos ou grafadas por eles) apareçam contextualizadas e associadas a uma significação.

Não podemos, portanto, deixar de ressaltar que a aprendizagem da escrita é processual e que se constrói em ritmo diferente em cada indivíduo. Assim, é natural que, numa situação de alfabetização, os alunos de EJA, estejam em níveis diferentes de analfabetismo.

Diante do exposto, percebe-se que deveria haver mais flexibilidade em relação ao tempo para ser trabalhado na EJA, pois, a alfabetização de jovens e adultos tem um tempo curto de programação, ou seja, alfabetizar e sistematizar conteúdos, sabendo que esta é uma clientela mais difícil de ser trabalhada, devido

toda sua história de vida e fracasso escolar já vivido. O que deveria acontecer, na realidade, era uma política de maior incentivo para este tipo de clientela.

Exemplo 69: A8

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
GERÊNCIA EXECUTIVA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

Nome: _____
Município: Campana, Goiás
Data: 10.9.2008
Alfabetizador/a: _____

TESTE COGNITIVO FINAL – LEITURA E ESCRITA

MEU SONHO

Edna Cristina Duarte
(adaptação)

Meu nome é João Batista. Estou pensando, aqui com meus botões, o que eu devo fazer: comprar madeira, uns tijolos e umas telhas e fazer uma casinha de madeira para eu morar com meus filhos, ou continuar pagando todo mês o aluguel. O dinheirinho suado, meu Deus! Seu Joaquim, o dono do barraco em que moro, não perdoa atraso, faz a gente sair. Acho que vou até o depósito do seu José, perguntar o preço do material, para ver se consigo sair daqui.

I - De acordo com o texto acima, o sonho de João Batista é ter sua casa própria. Escreva na linha abaixo: Quais os materiais de construção que ele deseja comprar?

madeira, uns tijolos e umas telhas

II - O que faz Seu Joaquim se o aluguel não for pago?

Sai do case

III - Copie do texto uma palavra que tenha cinco letras:

Sua do

IV – Retire do texto uma palavra com:

2 sílabas fo se

3 sílabas com si go

VI - Responda: Como é a sua moradia?

Minha casa é de madeira e é confortável
tem ar condicionado, porta
na Rua Paraíba

Podemos perceber no exemplo 69(A8) que o aluno, no geral, levou em consideração o que foi pedido na atividade, apenas na questão 2 a resposta não se adequou ao enunciado, ficando, inclusive, difícil de entender o que está escrito (“Saú da rose”), dando uma resposta conforme seu conhecimento, não considerando a pergunta.

Quanto à produção da última questão, vejamos que, apesar dos problemas ortográficos, no entanto, é possível recuperar tudo o que o aluno diz:

Vejamos:

*“ní casa e grade e confontardo. tem caAuge, jardim, porta
na rua picapau”*

(minha casa é grande/ tem garagem/ jardim/ porta/ na rua picapau)

Como explicar este desempenho diante de pouca escolaridade formal? A incidência de erros no texto não impede de mostrar claramente como o aluno pensa, como faz para escrever, que tipo de solução dá para suas dúvidas, o mesmo não fugiu do contexto, produzindo adequadamente um texto com coerência.

Este processo inicial de escrita é comum na alfabetização. O aluno escreve sem levar em conta as normas ortográficas, visto que, no processo de alfabetização, as normas de convenção podem se situar em segundo plano. É necessário neste, primeiro momento formar os alunos usuários da língua, planejando situações didáticas em que a leitura e a escrita façam parte de sua vida. Isso significa dizer que é preciso planejar o trabalho pedagógico de alfabetização, articulando as atividades de uso da linguagem com as atividades de reflexão sobre a escrita. Além disso, significa dizer que a alfabetização, tomada como aprendizagem inicial da leitura e da escrita, não pode se dar fora de contextos de letramento que potencializem o domínio da linguagem.

Exemplo 70: A7

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
GERÊNCIA EXECUTIVA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

Nome: _____

Município: Campina GrandeData: 18/10/2018

Alfabetizador/a: _____

TESTE COGNITIVO FINAL – LEITURA E ESCRITA

MEU SONHO

Edna Cristina Duarte
(adaptação)

Meu nome é João Batista. Estou pensando, aqui com meus botões, o que eu devo fazer: comprar madeira, uns tijolos e umas telhas e fazer uma casinha de madeira para eu morar com meus filhos, ou continuar pagando todo mês o aluguel. Ô dinheirinho suado, meu Deus! Seu Joaquim, o dono do barraco em que moro, não perdoa atraso, faz a gente sair. Acho que vou até o depósito do seu José, perguntar o preço do material, para ver se consigo sair daqui.

I - De acordo com o texto acima, o sonho de João Batista é ter sua casa própria. Escreva na linha abaixo: Quais os materiais de construção que ele deseja comprar?

Comprar madeira e tijolos e telhas

II - O que faz Seu Joaquim se o aluguel não for pago?

faz gente sai de casa

III - Copie do texto uma palavra que tenha cinco letras:

telhas

IV – Retire do texto uma palavra com:

2 sílabas Paga

3 sílabas Palavra

VI - Responda: Como é a sua moradia?

minha moradia é muito boa, a casa é grande e eu tenho filhos

BOA SORTE!

O exemplo final 70(A7), como podemos notar, a escrita para o aluno é uma representação gráfica da fala, o que evidencia as dificuldades por ele apresentadas, uma vez que em alguns momentos o mesmo consegue responder as questões considerando o que se pede (1,2 e 5), em outros não. A segunda questão, por exemplo, ele não conseguiu responder (fato que aconteceu com quase todos os alunos – pesquisar palavras no texto com 2 e 3 sílabas e, por conseguinte, separá-las). Isso se deu em decorrência da forma como foi feita a pergunta: Retire do texto uma palavra com: 2 sílabas e 3 sílabas; podendo ser: Retire do texto uma palavra com 2 sílabas e 3 sílabas, separando-as no quadro abaixo)

A última questão, como podemos ver a seguir, mostra que o aluno se empenha em escrever as palavras (ou seja, compreende e domina o sistema alfabético) e o texto, considerando suas adequações.

Vejamos:

Minha morada e maraimhoza a casa é grande boa tem plnta.

(Minha moradia é maravilhosa/ A casa é grande/ boa/tem planta)

Fica, portanto, notório que a modalidade-padrão da escrita deste aluno tem relação com a modalidade de fala, ratificando o contínuo entre as duas modalidades. Para Marcuschi (2001), a língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade, visto que a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais, não se tratando de espelhamento, mas de uma funcionalidade em geral mais visível na fala. Portanto, fala e escrita são duas práticas sociais de uso da língua e não duas propriedades de sociedades diversas: ambas são usadas em contextos sociais básicos da vida cotidiana (na escola, no trabalho, no dia a dia, na vida burocrática, na atividade intelectual, etc.)

Dessa forma, a adequação dessas modalidades ao padrão da escrita depende, é claro, de um aprendizado que diz menos respeito à grafia do que à aquisição de um domínio da modalidade culta da língua. Nesse caso, é preciso estabelecer, com base em pressupostos cognitivos, linguísticos e psicológicos, os passos graduais da alfabetização segundo uma hierarquia de dificuldades.

Logo, a avaliação deve ser redimensionada para que possa recuperar a dimensão pedagógica na alfabetização e, também, sirva para o professor como tomada de consciência acerca do lado político de sua prática, pois a avaliação é apenas um instrumento.

Nesse sentido, se faz necessário rever o papel do aluno e do professor nos processos de avaliação, visto que eles são os atores principais para um melhor andamento do processo ensino-aprendizagem. Para que se tenham bons resultados requer investimentos, principalmente nos programas de formação inicial e continuada do professor, pois, como vimos na metodologia, os recursos investidos durante o PBA – CG se resumiu apenas em uns textos para o professor estudar com os alunos em sala e pouquíssimo material didático para uso do aluno.

No término do teste cognitivo final, o programa enviou uma ficha para ser preenchida através de dados quantitativos para a obtenção do resultado final de aprovação e não-aprovação. Este preenchimento foi feito entre a professora-alfabetizadora e a coordenadora, porém, antes discutimos acerca desses resultados, já que anexa a prova veio também esta ficha. Observemos a ficha abaixo:

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
GERÊNCIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - GEEJA
PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

***AVALIAÇÃO QUANTITATIVA FINAL**

Alfabetizador/a: _____

Município: _____ Telefone: _____

Número de alunos/as matriculados/as	Número de alunos/as evadidos	Número de alunos/as concluintes		Dos alfabetizados	
		Alfabetizados	Não Alfabetizados	** Matricula na Educação de Jovens e Adultos	Não se matricularam na Ed. de Jov. e Adultos

*O preenchimento da ficha deverá ser feito pelo (a) alfabetizador (a), conjuntamente com o coordenador (a) de turma

** Listar os nomes dos alunos matriculados na EJA, informando o nome da Escola.

Vejamos como se deu o resultado final do teste cognitivo:

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
GERÊNCIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - GEEJA
PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

***AVALIAÇÃO QUANTITATIVA FINAL**

Alfabetizador/a: _____

Município: _____ Telefone: _____

Número de alunos/as matriculados/as	Número de alunos/as evadidos	Número de alunos/as concluintes		Dos alfabetizados	
		Alfabetizados	Não Alfabetizados	** Matrícula na Educação de Jovens e Adultos	Não se matricularam na Ed. de Jov. e Adultos
10	3	3	4	1	2

*O preenchimento da ficha deverá ser feito pelo (a) alfabetizador (a), conjuntamente com o coordenador (a) de turma.
** Listar os nomes dos alunos matriculados na EJA, informando o nome da Escola.

Esta ficha foi entregue pela coordenadora para a professora preencher os dados conforme a sua concepção de avaliação, dando os dados quantitativos de quantos alunos estavam alfabetizados, não-alfabetizados, evadidos, quantos deviam permanecer na EJA e quantos seriam desligados.

De acordo com o depoimento em entrevista com a professora, percebe-se ao ler a legenda da ficha acima que era objetivo do programa que esta ficha fosse respondida pelo professor e pelo coordenador conjuntamente, no entanto, quem preencheu foi a professora individualmente, enviando em seguida para a coordenadora.

Quanto à correção das provas, cabe à professora apenas aplicar, prática comum desenvolvida pelo MEC nos últimos tempos no Brasil (Prova Brasil, GESTAR, ENEM, e outros) e a mesma desconhece quem as corrige, uma vez que todas as avaliações devem ser entregues à coordenadora.

Ainda, segundo a professora-alfabetizadora, nem na avaliação inicial e nem na final, ela teve acesso aos resultados obtidos, não sabendo, portanto, quem a corrigiu, que critérios foram utilizados na correção, para que avaliar, o que avaliar, como avaliar, por que avaliar. É o que podemos ver, a seguir, no depoimento da professora:

S – ela lhe falou o porque da avaliação?... os critérios que seriam utilizados?... quem ia avaliar...

P – não... olhe... ela mandou eu aplicar a prova... e pediu pra não ensinar... depois eu entreguei pra ela e a correção quem fazia era eles lá... eu não sei te responder...

S – você recebeu algum resultado desta primeira avaliação?...

P – da primeira não... e nem da última... não sei...

A partir do que vimos nas análises das avaliações aplicadas neste programa, podemos notar a não-autonomia por parte do professor, visto que ele aplicou a atividade, mas desconhece os objetivos, os resultados que são necessários para o processo. Além disso, a avaliação apresentada tinha como característica apenas diagnosticar o aluno sem considerar o retorno que esta deve ter para o processo ensino/aprendizagem.

Por isso não se pode acreditar nos resultados desta prática escolar, já que a reflexão sobre a prática através da avaliação é o que dignifica a função do professor e do papel social da escola, uma vez que o ato de avaliar requer resultados e esses resultados, por sua vez, requerem mudanças eficazes, tanto para o aluno como para o professor, principalmente na avaliação inicial.

Mesmo alguns alunos tendo passado, em algum momento, pela escola, apenas alguns apresentavam conhecimentos do sistema alfabético, conseguindo ler e escrever.

Com base nestes dados apresentados, nos testes cognitivos inicial e final do Programa Brasil Alfabetizado no Estado da PB/2008, podemos ver que:

No que se refere à avaliação, deve-se repensar acerca da concepção de leitura, escrita e produção proposta na alfabetização, ou seja, qual a função social da escrita diante desta clientela, não esquecendo que estes alunos ainda estão atarefados com as primeiras experiências de codificação e decodificação da escrita.

Considerar, também, que os adultos não-alfabetizados, da nossa sociedade letrada, não desconhecem o sistema da escrita, pelo contrário, diariamente eles estão tendo contato com diversos gêneros textuais, quer sejam orais, quer sejam escritos.

A avaliação não deve ser algo emergencial para obtenção de dados e exclusão social, pois é preciso investir no campo específico da educação, tendo

consciência de seus limites e acreditando que pode contribuir para a formação de cidadãos autônomos e críticos para realizar mudanças mais amplas.

Ter como pressuposto que a prática docente com adultos não-alfabetizados ou pouco escolarizados necessita de uma organização curricular que considere o texto de uso social como principal recurso (é válido lembrar que o texto só foi considerado no teste cognitivo final).

No caso da EJA, torna-se mais relevante que o processo ensino-aprendizagem seja compreendido como uma construção social, uma vez que os alunos, com frequência, já estão inseridos no mercado de trabalho e participam de interações sociais mais definidas.

Neste estudo, constatamos que, avaliação no PBA é nacional e que ela pressupõe que todos os professores estão inseridos no processo de letramento. No entanto, após a observação e acompanhamento das etapas da formação do professor, reconhecemos que, dentre as dificuldades enfrentadas pela professora-alfabetizadora era a incompreensão da nova abordagem de ensino/aprendizagem de língua. Consequentemente, uma das causas da sua dificuldade na didatização em sala de aula, já que a formação inicial não a proporcionou momentos em que pudessem vivenciar estas teorias já mencionadas durante o capítulo 1. Entretanto, se este professor estiver inserido na formação continuada, como a tese tenta mostrar, ele consegue desenvolver em sala de aula um trabalho eficaz, percebendo que a linguagem como atividade não se faz em palavras e frases isoladas, mas realiza em processos reais.

Constatamos ainda que avaliação aplicada se caracteriza como uma avaliação diagnóstica, já que possui caráter investigativo e seu objetivo é diagnosticar no momento inicial e o final, se detendo nas habilidades e competências adquiridas pelos alunos. Este tipo de avaliação é bastante usual pelo MEC, um exemplo deste tipo de avaliação é a que o MEC aplica no Programa GESTAR. No entanto, este diferencia do PBA, uma vez que os resultados são repassados para a escola, requerendo mudanças, já PBA, esse retorno dos resultados não foram repassados para o professor. Neste sentido, não houve influencia para o professor na tomada de decisão sobre o processo de planejamento do ensino e da aprendizagem a ser concretizado e nem auxiliou no replanejamento da prática profissional do ensino, considerando os efeitos do desempenho do professor sobre o desempenho dos alunos como afirma Marcuschi (2004).

Se a professora-alfabetizadora tivesse obtido os resultados iniciais ou até ter tido acesso às correções da prova, poderíamos ter direcionado melhor a sua formação continuada, aprimorando ainda mais a sua prática pedagógica.

Sendo assim, o mais viável seria acompanhar, avaliar e divulgar os resultados das ações e experiências pedagógicas, definindo e implementando um sistema dinâmico de informação estatística para que todos tenham acesso aos dados, já que nesta turma, por exemplo, isso não aconteceu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos realizados neste trabalho nos permitiram tecer algumas considerações relevantes para as pesquisas em Língua Materna. Inicialmente, nos possibilitaram conhecer os desafios enfrentados durante a longa caminhada da EJA no Brasil, assinalando alguns momentos e experiências ocorridos ao longo da nossa história. Muitas experiências ocorridas em relação à alfabetização de adultos no Brasil se organizaram, ainda, como vimos no decorrer deste texto, no formato de campanha. Foram ações emergenciais que, desconsiderando a educação como um processo que exige tempo e maturação, buscaram, primordialmente, baixar as estatísticas do analfabetismo. As histórias aqui reconstruídas também nos fazem pensar que, na medida em que muitas ações foram pensadas em forma de campanhas, não houve, de modo geral, uma preocupação com a continuidade dos estudos após a aprendizagem inicial da leitura e da escrita.

Por outro lado, certamente as experiências de alfabetização mais significativas aqui apresentadas ocorreram de maneira mais localizada, no caso das ONGs – como o Instituto Paulo Freire e como a Ação Educativa, dentre outros. Nesse sentido, em algumas dessas experiências, mais importante do que o método ou a elaboração de um material didático padronizado para o processo de alfabetização, parece ter sido a tomada de consideração das vivências sociais e das experiências do uso da leitura e da escrita dos alfabetizandos.

O Programa Brasil Alfabetizado nessa rede de histórias se apresenta com uma compreensão acerca do processo de que em oito meses (antes seis) é possível alfabetizar um adulto, no pressuposto de que qualquer pessoa com nível médio é capaz de alfabetizar, na disseminação do discurso de erradicar o analfabetismo. Por outro lado, o Programa tem sido colocado como uma prioridade, vinculado ao Ministério da Educação, possibilitando uma relação mais permanente com as redes de ensino, garantindo a continuidade do processo educacional. O PBA, como vimos durante a pesquisa, tem-se apresentado de forma estruturada, considerando a formação inicial e continuada do professor, a avaliação inicial e final como direcionamento para a prática pedagógica. Entretanto, ficou constatado que a forma

como está sendo conduzido requer mudanças eficazes para a efetivação do ensino neste tipo de modalidade, que é a alfabetização de jovens e adultos.

Como já falamos ao longo desta tese, trabalhar com os alunos da EJA permitem-nos observar melhor as práticas de letramento nos diversos contextos, uma vez que, como afirma Moraes e Albuquerque (2004), essa clientela volta à escola nas turmas de EJA ou entra em projetos de alfabetização de adultos, a fim de desenvolver autonomia em relação à leitura e à escrita. Isto é provado, como vimos, nos depoimentos dos alunos durante as aulas, o que nos leva a defender uma prática de ensino que alfabetize esses alunos letrando, ou seja, levando em conta as diversas práticas ou experiências em que a leitura e a escrita estão inseridas, pois desde cedo circulam ao nosso redor textos diversificados, com características, estilos, usos e finalidades diferentes.

Mesmo reconhecendo a importância desse Programa para a história da EJA no Brasil, algumas ações, como já mencionamos, ainda não funcionam, principalmente no que se refere à formação continuada. Por conta disso, se faz necessário um acompanhamento sistemático do seu funcionamento em determinadas instâncias, já que este professor só tem em sua formação o técnico-pedagógico e sua concepção de alfabetização ainda permanece na concepção da tradição escolar, ou seja, vendo o processo inicial de leitura e escrita como decodificação dos signos linguísticos.

O passo fundamental na mudança da prática pedagógica deste professor seria, se caso tivesse funcionado, a formação continuada. No entanto, como vimos, esta alternativa, que consideramos como eficaz, para que o professor interagisse com as novas propostas de ensino na alfabetização, resumiu-se apenas em um encontro para entrega de textos para serem aplicados, alguns fora do contexto. Sendo importante aqui a intervenção da pesquisadora, através da formação continuada com a professora-alfabetizadora em exercício para dar andamento à proposta de trabalho. Acreditamos, em função disso, que se priorizem políticas de formação continuada de maneira a possibilitar a articulação de diversos saberes que transitam nas teorias linguísticas e em sua própria prática docente, buscando nesta articulação subsídios para fortalecer e reformular seus conhecimentos e metodologia para sua prática pedagógica.

Considerando as condições de produção dos alunos, concluímos que os alfabetizando apresentam marcas e características textuais que vão além da

simples tarefa de escrever para a escola. Através dos textos eles operam e selecionam informações de um determinado momento sócio histórico e se tornam sujeitos ativos que interagem com a linguagem. Estabelecem por meio de uma das práticas sociais - a aquisição da escrita e a produção textual - relações de envolvimento com o outro, de comunicação e de desenvolvimento de seus conhecimentos. É através da manifestação verbal - o texto - que ocorre uma situação concreta de interação social e para os alfabetizandos muito mais que ler e escrever é tornar-se cidadão.

O que deve ser pretendido com um ensino tendo por base em gêneros textuais é que o aluno tenha a oportunidade, no contexto escolar, de explorar diversos gêneros que fazem ou não parte de suas interações sociais. Não é possível trabalhar todos os gêneros textuais com que o aluno irá deparar-se ao longo da vida, mas, no ambiente escolar, pode-se apresentar e ensinar muitos dos gêneros nos quais o discente se insere e com os quais age socialmente. Para muitos alunos da EJA, a escola representa o principal meio de contato com o universo da escrita. Nessa perspectiva, o trabalho elaborado e desenvolvido pelo professor pode garantir aos alunos o acesso a uma grande variedade de gêneros textuais, proporcionando a habilidade de lidar com eles no cotidiano.

Sendo assim, o nosso pressuposto de que a prática pedagógica em sala de aula do PBA – CG (incluindo materiais didáticos) reflete os objetivos do PBA e de sua avaliação. Levando em conta o processo de formação do professor, os materiais disponibilizados, a prática didática pedagógica e os mecanismos avaliativos do PBA – CG não se concretizam, visto que não há acompanhamento deste professor e sua prática. A EJA do PBA requer um olhar diferenciado para esses atores (professor x aluno), principalmente, se considerarmos o objetivo que tem o programa que é erradicar o analfabetismo.

Constatamos, ainda, que a maneira como a prática letrada é desenvolvida no PBA – CG não garante a adequação do objeto avaliativo, uma vez que o processo de avaliação se caracteriza como uma avaliação externa, que tem como objetivo diagnosticar os momentos iniciais e finais do curso, para obtenção de dados estatísticos, não havendo retorno dos resultados para o professor e, por sua vez, para o aluno. É válido salientar que, durante a formação continuada, o uso dos gêneros textuais como práticas letradas para a aquisição da leitura e da escrita serviram de base tanto para a professora-alfabetizadora como para os alunos

interagirem vendo a língua enquanto uso. É, portanto, dentro desta perspectiva que se concebe o letramento.

Além disso, podemos dizer ainda que esse caminhar que está se iniciando na prática dos professores de EJA vem sendo lento e gradual, considerando suas histórias de ausência de formação inicial e de um passado recente da existência de uma política de formação continuada para esses profissionais. É preciso investir neste professor que muitas vezes tem apenas o técnico-pedagógico, como no caso do professor desta pesquisa.

Acreditamos, ainda, que uma das alternativas eficazes para o professor se engajar nas práticas letradas e, por sua vez, direcionar melhor seu trabalho em sala de aula seria se os coordenadores do programa fizessem uma formação continuada quinzenalmente ou pelo menos duas horas por semana, como propõe no documento em anexo 1, para se trabalhar na perspectiva teórica abordada pelo programa.

Como afirma Kleiman (2004), é interessante que se priorizem políticas de formação continuada de maneira a possibilitar a articulação de diversos saberes que transitam nas teorias linguísticas e em sua própria prática docente, buscando, nesta articulação, subsídios para fortalecer e reformular seus conhecimentos e metodologias contribuindo para seu trabalho em sala de aula.

Podemos assegurar ainda que a pesquisa em foco permitiu que o professor fizesse uma reflexão sobre o ensino da língua materna, bem como possibilitou em redirecionamento na programação e no desenvolvimento da sua prática pedagógica, que constituem parte da formação continuada.

Por fim, não tivemos pretensão de exaurir o tema, temos consciência de que várias questões continuam em aberto, e esperamos que outros pesquisadores venham contribuir para um melhor andamento na EJA deste país.

REFERÊNCIAS:

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques (Org). **Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e trabalho com o texto**. Campinas.: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1997. (Coleção Leituras do Brasil)
- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (Orgs). **A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia na prática escolar**. Campinas: Papirus, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BLAYA, Carolina. **Processos de avaliação**. Disponível em: www.ufrgs.br/transe/med/textos/2004_07_20_text.htm. Acesso em 20/08/2009.
- BLOOM, Benjamin et al. **Taxonany of Educational objectives**. Hand Book I, Nova Iorque, 1956.
- BORGES, R. C. B. O professor reflexivo : crítico como mediador do processo de inter-relação da leitura – escrita. In: PIMENTA, S. G. e GHEDIN, Evandro (Orgs). **Professor reflexivo no Brasil : gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. 1988. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/constitui%C3%A7%C3%A3o do Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/constitui%C3%A7%C3%A3o_do_Brasil). Acesso em:08/07/2010.
- BRONCKART, J. P. e GIGER, I. P. La transposition didactique: histoire et perspectives. In: **Pratiques**, maio, 1998, pp.35-58.
- CARDINET, J. Objectifs pédagogique et fonctions de l'évaluation. Neuchâtel: Institut romand de recherches et de documentation pédagogiques, 1977.
- CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena. **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- CAVALCANTI, M. C. e MOITA-LOPES, L. P. Implementação de pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro. In: **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, nº 17, IEL/UNICAMP, Campinas, SP, 1991, p.138-140.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 2.ed.1995.

CUNHA, Myriam C. Chaves da. **Une approche interactionnelle pour l'apprentissage du portugais langue maternelle**: integration de l'évaluation formative à la demarche didactique. 1998. Tese de doutorado. Université de Toulouse-le-Mirail, 1998.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B., BRITO, K. S. (orgs). (2006). **Gêneros textuais**: reflexos e ensino. 2. ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, (p.131 -144)

DI PIERRO, Maria Clara, JOIA, Orlando e RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. In: Vóvio, C.L.; MOURA, M.P. e RIBEIRO (Orgs.) .In: **Fundamentos de Educação de Jovens e Adultos**. DF: CNI – SESI, MI, 2000 (pp.107 – 113).

DURANTE, Marta. **Alfabetização de adultos**: leitura e produção de textos. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ESTEBAN, Maria Teresa. **O que sabe quem erra?**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

EVANGELISTA, Aracy. A. M. et alli. **Professor-leitor. Aluno-autor**: Reflexões sobre a avaliação escolar. Intermédio. Cadernos CEALE, V.III, ano II. Belo Horizonte: CEALE/Formato, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREITAS, Maria Teresa. **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. Campinas: Papirus, 1994.

GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José E. (Orgs.). **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. 19.ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2007. (Guia da escola cidadã; v.5).

GALVÃO, A. M. O. Leitura: algo que se transmite entre as gerações?.In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2004. (pp. 125-153).

GARCIA, Regina Leite (Org.). **A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula: leitura & produção**. 3. ed. São Paulo: ASSOESTE, 1984.

_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Texto e linguagem).

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Recorde, 1999.

GUEDES, Rosinete Barbosa. **O ensino da escrita na escola: o processo de retextualização em sala de aula**. 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística) UFPB; João Pessoa: 2004.

HADDAD, Sérgio e DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. In: **Revista Brasileira de Educação**. Nº 14, maio/jun/jul/agosto 2000. (no prelo)

HALLIDAY, M. A. K. **Spoken and written language**. Oxford University Press, 1989.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1999.

_____. **Avaliação Mito e Desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Copyright, 1995.

KATO, Mary Aizawa (org.). **A concepção da escrita pela criança**. 3.ed. Campinas,: Pontes, 2002.

_____. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística**. São Paulo: Ática, 2003. (Série Fundamental)

KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas.: Mercado de Letras, 2003.

_____. Aquisição da escrita e textualidade. **Cadernos de Estudos Lingüísticos da UNICAMP**, Campinas, S.P., n. 29, p.109 – 117, Jul/Dez. 1995.

_____. Letramento e suas implicações para o ensino de Língua Materna. **Signos**, Santa Cruz do sul, v.32, p.4 – 25, dez – 2001.

KLEIMAN, A. B., MATÊNCIO, M. de Lourdes M. (Orgs). **Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber**. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

KLEIMAN, Ângela B., SIGNORINI, Inês e colaboradores. **O ensino e a formação do professor**: alfabetização de jovens e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KOCK, Ingedore & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1991.

LE MOS, C. T. G. de. Sobre a aquisição da escrita: algumas questões. In: ROJO, Roxane (Org.). **Alfabetização e letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção magistério, 2º grau). Série Formação do Professor.

MAGALHÃES, Izabel. Práticas discursivas de letramento: a construção da identidade em relatos de mulheres. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, (p.201 – 235).

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Ática, 2001.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, Beth. **As categorias de avaliação da produção textual no discurso do professor**. 2004. 252 f. Tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2004

_____; SUASSUNA, Lívia. **Avaliação em língua portuguesa**: contribuições para a prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. In: **D.E.L.T.A**, v.10, nº 2, São Paulo: PVC, 1994, p. 329 – 338.

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia**: ensinar e aprender. 4.ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. e ALBUQUERQUE, E. B. C. de (Orgs.). Alfabetização e letramento: o que são? Como se relacionam? Como “alfabetizar letrando?”. In: ALBUQUERQUE, E. B. C., LEAL, T.F. (Orgs.). **A alfabetização de jovens e adultos**: em uma perspectiva de letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PENNA FIRME, Thereza. **Avaliação: tendências e tendenciosidades**. 1994, Ensaio, vol.1, nº2.

PERRENOUD, Philipe. **A pedagogia na escola das diferenças**: ciclos pedagógicos e projetos escolares: é fácil dizer! Porto Alegre: Artmed, 2001, p.179-191.

_____. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G. e GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. (pp.17-52)

RATTO, I. (2003). Ação política: fator de constituição do letramento do analfabeto adulto. In: KLEIMAN, A. B. (Org.) (2003). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, (p. 267 – 290).

ROJO, Roxane (Org.). **Alfabetização e letramento**: perspectivas lingüísticas. CampinasMercado de Letras, 1998.

_____. Concepções não-valorizadas de escrita: a escrita como “um outro modo de falar”. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2003 (p. 65 – 89).

_____. Letramento escolar em três práticas: perspectiva para a multivocalidade. **Revista ANPOL**, nº 11, p. 235-262, julho/dezembro 2001.

ROSSATO, Liana Bertolin. **História da avaliação**. Disponível em: http://www.ufrgs.br/tramse/med/textos/2004_08_16_tex.htm. Acesso em: 20/11/2007.

SCRIVEN, Michael. **Evaluation Thesaurus**. 4. ed. Newbury Park, Londres e Novo Déli: Sage, 1991.

SIGNORINI, Inês. Letramento e (in) flexibilidade comunicativa. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de letras, (p.161 – 199), 2003.

_____. **Significados da inovação no ensino de língua portuguesa e na formação do professor**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

_____. **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. (Coleção Idéias sobre linguagem).

_____. O relato autobiográfico na interação formador/formando. In: KLEIMAN, A.B.; MATÊNCIO, M. L.M. (Orgs.). **Letramento e formação de professor**: práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005. (Coleção Idéias sobre Linguagem).

RAFAEL, Edmilson L. Atualização em sala de aula de saberes lingüísticos de formação: os efeitos da transposição didática. In: KLIEMAN, A. B. (Org.). **A formação do professor**. Campinas: Mercado de Letras. 2001. (pp.157-180)

SILVA, Lílian Lopes Martin da *et.al.* **O ensino de língua portuguesa no 1º grau**. São Paulo: Atual, 1986.

_____. **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. 2ª reimpressão. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2002. (Letramento, Educação e Sociedade)

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed., 5ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. Paulo Freire e a alfabetização: muito além de um método. In: VÓVIO, C. L.; MOURA, M. P. e RIBEIRO, V. M. **Módulo I Fundamentos de Educação de Jovens e Adultos**. DF: CNI – SESI, MI, 2000.

SOARES, Leôncio. **Aprendendo com a diferença** : estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (Diretrizes Curriculares Nacionais).

STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.

_____. **Social literacies**. Critical approaches to literacy in development, ethnography and education. Harlow, Longman, 1995

_____. (2003). **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento**. King's College, Londres, outubro/2003. (Trabalho apresentado durante a Teleconferência Unesco Brasil sobre 'Letramento e Desenvolvimento'.

SUASSUNA, Lívia. Instrumento de avaliação em língua portuguesa: limites e possibilidades.. In: MARCUSCHI, B. e SUASSUNA, L. **Avaliação em língua portuguesa**: contribuições para a prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. (p. 111-125).

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 10. ed. Petrópolis,: Vozes, 2010.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Questões da Nossa Época; v.47).

VÓVIO, C. L.; MOURA, M. P. e RIBEIRO, V. M. **Módulo Integrado I – Fundamentos de Educação de Jovens e Adultos**. DF: CNI – SESI, MI, 2000.

VYGOTSKY. L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticia_visualiza.php?id_noticia=13758id_pagina=1.

http://www.webartigos.com/articles/34649/1/pba_-_programa_brasil_alfabetizado/pagina_1_.htm/

http://portal.mec.gov.br/secad/index2.php?option=com_content&task=view&p...

5/11/2008

ANEXO A – DOCUMENTO DO PBA –PB



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
GERÊNCIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

INFORMAÇÕES GERAIS DO PROGRAMA

números dos referidos documentos, os quais serão repassados à GEEJA e, em seguida, ao MEC/FNDE.

10. Os alfabetizadores serão orientados a, no decorrer do processo de alfabetização, aplicar teste de acuidade visual em seus alfabetizados, a fim de que possam ser identificados problemas visuais que impliquem no uso de óculos ou tratamento oftalmológico, para posterior encaminhamento ao SUS.

11. Obrigatoriamente, durante a etapa, dois testes cognitivos serão aplicados pelos alfabetizadores em sala de aula, para aferição de conhecimentos de leitura/escrita e matemática: o primeiro, em até quarenta e cinco dias após o início das aulas; o último, quando da conclusão do curso, ou seja, até quinze dias antes do término do processo. Serão orientados e acompanhados pelos coordenadores de turmas. Os resultados serão enviados em relatório ao MEC, pela GEEJA.

12. Os coordenadores de turma encaminharão ao gestor local, mensalmente, uma produção escrita de cada aluno, para avaliação de desempenho e posterior arquivamento.

13. Os alunos alfabetizados, ao final do processo, serão encaminhados pelos alfabetizadores para a rede pública de ensino, a fim de que possam dar continuidade aos estudos.

14. Ao município que atingir mais de noventa e seis por cento de pessoas jovens e adultas alfabetizadas, de acordo com o censo IBGE de 2010, será concedido pelo Ministério da Educação o selo de MUNICÍPIO LIVRE DO ANALFABETISMO. Um outro selo, o de MUNICÍPIO ALFABETIZADOR, será conferido pelo MEC às cidades que apresentarem redução mínima de cinquenta por cento no índice de analfabetismo a partir de quinze anos de idade, entre os censos de 2000 e 2010.

*"A utopia está lá no horizonte. Eu me aproximo
dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho
dez passos e o horizonte corre dez passos. Por
mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para
que serve a utopia? Serve para isso: para que eu
não deixe de caminhar". (Paulo Freire)*

MUITO SUCESSO EM SUA ETAPA DE TRABALHO!

Coordenação do Programa Brasil Alfabetizado: 3218-4046 / 4026

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

INFORMAÇÕES GERAIS DO PROGRAMA

O Programa Brasil Alfabeticado no Estado da Paraíba resulta de uma parceria entre o Governo do Estado da Paraíba, o Ministério da Educação (MEC), e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), intermediada pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura (SEEC/PB). É desenvolvido no Estado desde o ano de 2003, sob a supervisão da Gerência Executiva de Educação de Jovens e Adultos (GEEJA/SEEC/PB).

O Programa visa a universalização do ensino fundamental por meio de ações de alfabetização de jovens e adultos e de seu respectivo apoio, tais como a formação inicial e continuada de alfabetizadores da rede pública e educadores populares, e do atendimento educacional, com qualidade e aproveitamento, aos jovens e adultos em processo de alfabetização.

Os beneficiários do Programa são os jovens e adultos com 15 anos de idade ou mais, não alfabetizados, os professores da educação básica da rede pública dos Estados e dos Municípios, os educadores populares que tenham, no mínimo, nível médio de escolaridade, os coordenadores de turmas, os tradutores intérpretes de LIBRAS.

Para o ano de 2007, o Programa segue as orientações da Resolução FNDE/CD nº 045/07 de 18 de setembro de 2007, cujos principais pontos passamos a considerar:

1. Os alfabetizadores presentes à formação inicial devem ter encaminhado, em tempo hábil à GEEJA, cadastro de inscrição com xerox dos documentos solicitados e ficha de cada alfabetizando matriculado, devidamente preenchida. A assinatura do Termo de Compromisso é fundamental para formalizar a participação do alfabetizador e do coordenador no processo educativo, com o FNDE, sendo, inclusive, condição para o recebimento do valor da bolsa paga.

2. A título de bolsa, o FNDE pagará mensalmente o valor de R\$ 200,00 (duzentos reais) para o alfabetizador, que deverá ter frequência mensal mínima de 90% das aulas ministradas, bem como 75% de participação nas atividades de formação continuada. O valor será depositado em conta individual, na agência do Banco do Brasil indicada no momento do cadastramento. A conta ficará bloqueada até que o bolsista, no período informado, compareça à agência onde sua conta foi aberta, e apresente os documentos solicitados pela instituição bancária. Todos terão direito a um cartão magnético e senha individual para

movimentação da conta. Em caso de perda ou extravio do cartão magnético, o banco poderá cobrar uma taxa para fornecimento da 2ª via do mesmo.

3. O pagamento das bolsas aos alfabetizadores será efetivado até o décimo quinto dia subsequente ao recebimento de relatório mensal enviado pela GEEJA ao MEC.

4. Os relatórios de frequência dos bolsistas, assim como todas as alterações ocorridas no processo, deverão ser encaminhadas pelos coordenadores ao gestor local até o dia 10 de cada mês. Cabe à GEEJA, formalizá-los e enviá-los mensalmente em relatório de ocorrências ao MEC/FNDE. A observação do prazo determinado para entrega desses documentos é fundamental para que não haja atrasos no pagamento das bolsas aos alfabetizadores.

5. O processo educacional que se inicia terá oito meses de duração com, no mínimo, 320 horas/aula. Será desenvolvido em quatro dias por semana (duas horas ao dia), e deverá estar reservado um dia por semana, quinzenalmente, (quatro horas) para a formação continuada dos alfabetizadores.

6. As turmas de alfabetização deverão ter, no mínimo, catorze e no máximo vinte e cinco alfabetizados, sendo que, para a zona rural, é permitido que a turma funcione com um número entre sete e vinte e cinco alunos. Não poderão coexistir, no mesmo local e horário de funcionamento, turmas com menos de treze alfabetizados.

7. Os alfabetizadores e alfabetizados serão acompanhados pelos coordenadores de turmas, os quais deverão monitorar in loco a estratégia de alfabetização, fazendo supervisão pedagógica, planejando e ministrando a formação continuada dos alfabetizadores, acompanhando a aprendizagem dos alfabetizados, identificando e relatando dificuldades, supervisionando ações, dentre outras atribuições. Esses coordenadores serão orientados pelo gestor local do Programa na Paraíba, designado pela SEEC. Atuam também no processo consultores a serviço do MEC, contratados pela UNESCO, os quais visitarão periodicamente os municípios e supervisionarão toda a ação do Programa.

8. As substituições de alfabetizandos e alfabetizadores poderão ocorrer a qualquer momento da etapa, desde que devidamente justificadas e registradas nos relatórios mensais. Ao aluno que ingressar depois de iniciado o processo, será garantido o direito de permanência em nova turma após o término da etapa, caso seu processo de alfabetização não seja considerado satisfatório.

9. Logo após o início das aulas, os alunos que não possuem documentação civil básica devem ser encaminhados a adquiri-la. Cabe aos alfabetizadores, ao constatar a posterior aquisição, comunicar de imediato aos coordenadores os

ANEXO B – MATERIAL ENTREGUE AO PROFESSOR DURANTE O CURSO

Governo do Estado da Paraíba
Secretaria de Educação e cultura
Coordenadoria de Educação de Jovens Adultos - EJA
3º Centro Regional de Educação e Cultura
Grupo de Ação Pedagógica - EJA

Gosto de gente...

Gosto de gente com brilho nos olhos, que incendeia os outros com a chama do fogo da paixão, o que é próprio das pessoas que escolheram fazer o que gostam...

Presto mais atenção ainda, naquela gente que aprende a gostar do que está fazendo.

Gosto de gente que não recua, frente ao desafio de modificar o que precisa ser modificado.

Essas pessoas sabem que a força e o sucesso da transformação está em saber que o primeiro e o mais importante passo é modificar a si próprio.

Gosto de gente que se emociona com o singelo da vida. Esses são diferenciados pois nunca perdem a oportunidade de enxergar o óbvio e desfrutar da beleza, nem sempre aparente das coisas simples.

Gosto de gente que planta, de gente que colhe e de quem sabe plantar para colher. Esses têm a iniciativa dos empreendedores.

Gosto de gente, que resiste às tentações do ilícito e do mal e repudia todas as suas outras formas de manifestação.

Esses podem ter convivido uma vida inteira na pobreza, mas nunca conhecerão a sua pior forma de expressão: a pobreza de espírito.

Admiro muito os que sabem reconhecer e compartilhar o crédito com o autor da obra!

Gente assim tem uma maneira a mais de se realizar e crescer pelo sucesso do outro.

Gosto daquele que tem o hábito de agradecer.

Essa prática combina gratidão e humildade, dois ingredientes imprescindíveis para a manutenção do sucesso.

Gosto de gente perseverante, pois, sem dúvida, a tenacidade é a forma mais certa de superação.

Admiro as pessoas que brilham como as estrelas.

Mas aprendi gostar e apreciar o brilho maior, muitas vezes invisível dos produtores de estrelas.

Gosto de gente que repudia o preconceito em todas as suas formas de manifestação.

Esses sabem o valor da inclusão e da importância de conviver com a diversidade.

Gosto de gente que engravida além do biológico.

Esse ser, masculino ou feminino, gera a vida por solidariedade e dá abrigo ao próximo.

Gosto de estar perto de gente jovem de qualquer idade.

Pessoas com essa característica jamais criarão rugas na alma.

Gosto de gente que sabe que o crescimento, como pessoa, vem da capacidade de tolerar o intolerável, de conviver com o que parece impossível de conviver e muito, mas muito acima, perdoar o que todos imaginam imperdoável.

Gosto de gente que faz da atitude do presente, a grande construtora do passado.

Esses terão sempre sua história conspirando a seu favor.

Gosto dos amantes do belo.

E, estou desconfiado, que é de gente assim que Deus também gosta.

Jogo dos VIZINHOS

Material:

- Três dados, 24 fichas coloridas, grãos ou tampinhas de garrafa e o tabuleiro abaixo ou um semelhante.

Se julgar necessário, reproduzir o tabuleiro que está no Guia e Recursos Didáticos para os alunos.

Nº de jogadores: de 2 a 4

Objetivo: Colocar a maior quantidade das suas fichas no tabuleiro.

Como jogar:

- Os jogadores dividem igualmente as fichas coloridas entre si (cada um com uma cor, se possível).
- Determinar a ordem que cada jogador irá jogar.
- O primeiro jogador joga os três dados e tenta fazer, com os números sorteados nos dados, várias operações para chegar a um dos números do tabuleiro. Se conseguir, cobre o número com uma de suas fichas.
- Os jogadores vão jogando alternadamente, lançando os três dados e fazendo diferentes operações com seus resultados. A partir da segunda rodada, só podem ser cobertos os números que estiverem nos quadrados vizinhos de outro que já estiver coberto com uma ficha.
- Quando um jogador joga os dados e não consegue chegar a um número do tabuleiro, ele deve passar a vez. Se o próximo jogador encontrar uma maneira de cobrir um número do tabuleiro, utilizando os dados jogados pelo adversário que passou a vez, pode cobri-lo com uma de suas fichas.
- O jogador que colocar no tabuleiro a maior quantidade de suas fichas é o vencedor.

1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12
15	16	18	20	24	25
30	36	40	45	50	60

O objetivo desse jogo é explorar o cálculo mental envolvendo as 4 operações. Observar planilha no Guia e Recursos Didáticos.

2. Leia esta página do diário de Rafael e registre todos os números usados por ele.

Hoje o meu relógio digital P-350 despertou às 7 horas anunciando que estava um dia de manhã! Liguei a TV e fiquei assistindo meu desenho favorito no canal 44. Às 7h20 min. fui para o banheiro. Minha mãe preparou o café e um copo de leite e a panela chegou às 7h40 min. Eu vou primeiro a ver recebido pela panela, pois minha avó fica a mais ou menos a 1,5 km da escola. A segunda é a menina que eu acho mais linda da escola! Ela mora pela primeira vez do meu lado e tiramos uma 5 fotos! Chegamos às 7h55 min na escola e nos separamos na bagunça das 3ª séries, da 4ª e da 4ª B no meio do corredor. O 4º está viajando!

- Agora, registre, em seu caderno, a utilização dos números que Rafael fez para:

a) contar b) medir c) ordenar d) codificar

3. Observe estas outras situações e, em seu caderno, escreva se os números estão sendo usados para contar, medir, ordenar ou codificar.

Vou comprar 24 ovos para a minha mãe fazer bolos.

Meu computador é um K6 500.

Meço 1 metro e 42 centímetros e peso 38 quilogramas.

Ganhei a medalha de 1º lugar na natação!



DINÂMICA DE REFLEXÃO: PROFISSÃO: PROFESSOR(A)

PERGUNTAS:

- 1- Quando pensei em ser professora(a), o que aconteceu?
- 2- Ao encontrar alunos com dificuldades, o que disse?
- 3- Quando um aluno me magoou, em que pensei?
- 4- Mas quando começou o meu trabalho, qual a sensação?
- 5- Quando os meus alunos estão desanimados pelos problemas do dia-a-dia, o que digo?
- 6- Como reajo as inovações?
- 7- Ser professor(a) é?
- 8- E quando quero descobrir se estou no caminho certo?
- 9- Quando está chegando o dia do pagamento?

RESPOSTAS:

- 1- “ Os sonhos mais lindos, sonhei. De quimeras mil, um castelo ergui”.
- 2- “Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”.
- 3- “Ainda vai levar um tempo, pra fechar o que teria por dentro, natural que seja assim, tanto pra você, quanto pra mim”.
- 4- “Quando eu estou aqui, eu vivo este momento lindo. Olhando pra você e as mesmas emoções sentindo”.
- 5- “Canta, canta minha gente, deixa a tristeza pra lá. Canta forte, canta alto que a vida vai melhorar”.
- 6- “Tudo que se vê não é igual ao que a gente viu a um segundo. Tudo muda o tempo todo no mundo. Não adianta fugir, nem mentir pra si mesmo, agora, há tanta vida lá fora, aqui dentro, sempre, como uma onda no mar”.
- 7- “ Viver e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar e cantar e cantar, a beleza de ser um eterno aprendiz. Eu sei, que a vida seria bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita: é bonita, é bonita, e é bonita”.
- 8- “Olho pro céu e vejo uma nuvem branca que vai passando, olho pra terra e vejo uma multidão que vai caminhando. Como essa nuvem branca essa gente não sabe a onde vai. Quem poderá dizer o caminho certo é você meu pai. Jesus Cristo, Jesus Cristo, Jesus Cristo eu estou aqui”.
- 9- “Então vem, eu conto os dias, conto as horas pra te ver, eu não consigo te esquecer. Cada minuto é muito tempo sem você. Então vêm.

LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO – ONDE ESTÁ A DIFERENÇA?

A alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo, enquanto o letramento "focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade" (TFOUNI, 1995), e ainda, é o estado e a condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita.

Quanto às diferenças entre letramento e alfabetização é necessário alertar que, estes dois processos estão diretamente ligados, contudo, devemos separá-los quando ao seu abarcamento. Há verificações de que a concepção de alfabetização também reflete diretamente no processo de letramento. Por outro lado, o que também se observa é que, com frequência, estes dois de maneira confusa têm sido fundidos como um só processo. Essa confusão implica no exercício de um e de outro. Pois, onde entra a alfabetização? E o letramento? Ou, se trabalham os dois simultaneamente?

Se afirmarmos que a alfabetização é algo que não tem um ponto final, então dizemos que ela tem um continuum, e ainda, poderíamos dizer que este é o letramento. Com isto, pode-se acordar que os dois processos andam de mãos dadas. Não se quer estabelecer uma ordem, ou seqüência, pois já defendemos que todo tipo de indivíduo possui algum grau de letramento, mesmo que seja mínimo. O que se pretende é incentivar o educador a fazer uso do conhecimento nato de mundo que o educando possui e sua relação com a língua escrita, assim ele poderá alfabetizar letrando.

Ao saber de algumas distinções básicas destes dois termos pode-se, também, levantar questões sobre as desigualdades de alfabetizado para letrado. Uma nota no livro "Letramento: um tema em três gêneros" de Magda Soares (2003: 47) faz um apanhado, sobre o assunto, visto de uma maneira prática e real. O texto exemplifica como um adulto pode até ser analfabeto, contudo, pode ser letrado, ou seja, ele não aprendeu a ler e escrever, todavia, utiliza a escrita para escrever uma carta através de outro indivíduo alfabetizado, um escriba, mas é necessário enfatizar que é o próprio analfabeto que dita o seu texto, logo, ele lança mão de todos os recursos necessários da língua para se comunicar, mesmo que tudo seja carregado de suas particularidades. Ele demonstra com isso que conhece, de alguma forma, as estruturas e funções da escrita. O mesmo faz quando pede para alguém ler alguma carta que recebeu, ou texto que contém informações importantes para ele: seja uma notícia em jornal; itinerário de transportes; placas, sinalizações diversas. Este indivíduo é analfabeto, não possui a tecnologia da decodificação dos signos, mas, ele possui um certo grau de letramento devido a sua experiência de vida em uma sociedade que é atravessada pela escrita, logo, este é letrado, porém não com plenitude.

Esse exemplo nos remete a outro, muito conhecido, que talvez não tenha sido percebido por quem assistiu, é a personagem de Fernanda Montenegro no filme "Central do Brasil" de Walter Salles, que fez uso de sua capacidade de ler e escrever uma profissão, a de "escriba", já quase desconhecida, em que a personagem escrevia correspondências para pessoas analfabetas em troca de dinheiro. Os indivíduos que a usavam como ferramenta para se envolver em uma prática social, a de se corresponder mesmo que indiretamente, utilizavam os códigos da escrita. E, de forma peculiar a sua condição eles demonstram possuir características de grupos letrados.

Ainda na nota de Magda Soares (2003: 47) eles também exemplificam o caso de uma criança que mesmo antes de estar em contato com a escolarização, e que não saiba ainda ler e escrever, porém, tem contato com livros, revistas, ouve histórias, lidas por pessoas alfabetizadas, presencia a prática de leitura, ou de escrita, e a partir daí também se interessa por ler mesmo que seja só encenação, criando seus próprios textos "lidos", ela também pode ser considerada letrada. E ainda, há casos de indivíduos com variados níveis de escolarização e alfabetização que apresentam níveis baixíssimos de letramento, alguns "quase" nenhum. Estes, são capazes de ler e escrever, contudo, não possuem habilidades para práticas que envolvem a leitura e a escrita: não lêem revistas, jornais, informativos, manuais de instrução, livros diversos, receita do médico, bulas de remédios, ou seja, apresentam grandes dificuldades para interpretar textos lidos, como também podem não ser capazes de sequer escrever uma carta ou bilhete. Se constata aí, que existem diferentes tipos e níveis de letramento, e estão eles ligados às necessidades e exigências de uma sociedade e de cada indivíduo no seu meio social.

O PAPEL DO EDUCADOR NO LETRAMENTO COMO "PROFESSOR-LETRADOR"

Paulo Freire afirma que para o educador, o ato de aprender "é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito". Esta constatação não está relacionada somente ao educando, pois sabemos que o educador tem que estar sempre adquirindo novos aprendizados, lançando-se a novos saberes, e isto, resulta em mudanças de vários aspectos, como também, gera o enriquecimento tanto para o educador quanto para o educando, que com certeza lucrará com esse desenvolvimento. Então, necessário é que o educador atente-se para aquilo que é sumariamente importante na sua formação, ou seja, "o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática", e, "quanto mais inquieta for uma pedagogia, mais crítica ela se tornará" (FREIRE, 1990). O mesmo afirma que a pedagogia se tornará crítica se for investigativa e menos certa de certezas, pois o ato de educar não é uma doação de conhecimento do professor aos educandos, nem transmissão de idéias, mesmo que estas sejam consideradas muito boas. Ao contrário, é uma contribuição no "processo de humanização". Processo este de fundamental papel no exercício de educador que acredita na construção de saberes e de conhecimentos para o desenvolvimento humano, e que para isso se torna um instrumento de cooperação para o crescimento dos seus educandos, levando-os a criar seus próprios conceitos e conhecimento.

O profissional de educação deve ser capaz de fazer sua interferência na realidade, o que certamente, gerará novos conhecimentos, e isto, é bem mais elevado do que simplesmente se enquadrar na mesma. Já mencionamos por várias vezes que o letramento é um fenômeno social: logo, essa intervenção que se faz necessária pode ser proporcionada por ele.

O letramento não está restrito ao sistema escolar, mas considera-se que cabe à escola, fundamentalmente, levar os seus educandos a um processo mais profundo nas práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita. Saber ler e escrever um montante de palavras não é o bastante para capacitar o indivíduo para a leitura diversificada, neste ponto entendemos que surge a necessidade de se letrar os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. Para o educador se tornar um "professor-letrador" necessários se faz que primeiramente, obtenha informações a respeito do tema, as suas dimensões e, sobretudo, a sua aplicação. Essa última é desenvolvida através de pesquisas e investigação, que geram subsídios-suportes.

Entretanto, medrar subsídios para educadores é uma tarefa difícil de ser exercida, pois sabemos que alguns desses profissionais, num determinado momento, se colocam em uma posição quase inatingível, completos de suas certezas. Porém, se há mutações contínuas na sociedade contemporânea, e essas refletem em todos os setores, inclusive na escola, é lógico que a cristalização dos saberes do educador é um equívoco, pois o conhecimento nunca se completa, ou se finda, e o letramento é um exemplo claro disso. Reconhecidamente, enfatiza-se a importância da aplicação, ou a prática do letramento por parte do professor, e em análise, ainda não finalizada, pode-se destacar alguns passos fundamentais para o desempenho do papel do "professor-letrador".

- 1) Investigar as práticas sociais que fazem parte do cotidiano do aluno, adequando-as à sala de aula e aos conteúdos a serem trabalhados;
- 2) Planejar suas ações visando ensinar para que serve a linguagem escrita e como o aluno poderá utilizá-la;
- 3) Desenvolver no aluno, através da leitura, interpretação e produção de diferentes gêneros de textos, habilidades de leitura e escrita que funcionem dentro da sociedade;
- 4) Incentivar o aluno a praticar socialmente a leitura e a escrita, de forma criativa, descobridora, crítica, autônoma e ativa, já que a linguagem é interação e, como tal, requer a participação transformadora dos sujeitos sociais que a utilizam;

- 5) Reconhecimento, por parte do professor, implicando assim o reconhecimento daquilo que o educando já possui de conhecimento empírico, e respeitar, acima de tudo, esse conhecimento;
- 6) Não ser julgativo, mas desenvolver uma metodologia avaliativa com certa sensibilidade, atentando-se para a pluralidade de vozes, a variedade de discursos e linguagens diferentes;
- 7) Avaliar de forma individual, levando em consideração as peculiaridades de cada indivíduo;
- 8) Trabalhar a percepção de seu próprio valor e promover a auto-estima e a alegria de conviver e cooperar;
- 9) Ativar mais do que o intelecto em um ambiente de aprendizagem, ser professor-aprendiz tanto quanto os seus educandos;
- 10) Reconhecer a importância do letramento, e abandonar os métodos de aprendizado repetitivo, baseados na descontextualização.

Contudo, as insuficiências do sistema escolar na formação de indivíduos absolutamente letrados não sucedem somente pelo fato de o "professor não o ser um representante pleno da cultura letrada, nem das falhas num currículo que não instrumentaliza o professor para o ensino" (KLEIMAN, 1995: 47), pois essas falhas são mais enraizadas, porque são produtos do modelo imposto pelo sistema padrão de ensino.

Quando nos damos conta de que o processo natural de desenvolvimento do ser humano é massacrado pela escola, o por suas equivocadas práticas de ensino, seremos aptos a promover o letramento.

Adaptação do texto: LETRAMENTO: VOCÊ PRÁTICA? De *Cyntia Santuchi Peixoto* (FAFIA), disponível em www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno09-06.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo; DONALDO, Macedo. *Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

KLEIMAN, Ângela B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

SILVA, José Pereira da. *Filologia é o estudo da língua na literatura. A visão de J. Maltoso Câmara Jr.* In: *América Latina y lo Clássico*. Santiago de Chile: Unviuersidad Metropolitana de Ciências de la Educación – Facultad de Historia, Geografía y Letras, 2003, tomo II, p. 619-629.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2ª ed. 6ª reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

Concepções sobre Alfabetização

É interessante considerar inicialmente a diferença entre alfabetizar a letra, pois torna mais ampla a concepção de aprendizagem.

Alfabetização e a ação de ensinar/aprender a ler e escrever (decodificação); letramento e o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mais interpretar, compreender, cultivar e exercer as práticas sociais decorrentes da linguagem.

Apesar da alfabetização e do letramento serem ações distintas em sua essência, faz-se necessária uma harmonia entre ambas, objetivando o ideal de alfabetizar o letrando, e faz-lo compreender a leitura, a escrita de textos e seus usos, de modo que se tornem os educandos cidadãos crítico-autônomo-participativos.

Dentre as diversas concepções de alfabetização para a cidadania, destacam-se algumas visões:

“Paulo Freire-” alfabetizar-se é adquirir a língua escrita através de um processo de construção do conhecimento, com uma visão crítica da realidade. Quando se trata do adulto, a técnica que proponho é a consequência natural da tomada de consciência dos problemas vividos pelo grupo. Com a escrita, ele exerce a plena cidadania. “Revista nova escola agosto/1990, pág. 12).

EMÍLIA FERREIRO - a alfabetização não é “um estado, mas um processo. Ele tem um início muito cedo e não termina nunca” (...) o conceito de alfabetização “muda de acordo com sua época, as culturas e as chegadas da tecnologia” (revista escolar, maio/2003, pág.28). “temos de alfabetizar para dar ao homem do povo sua palavra, para que ele possa escrevê-la, para ajudá-lo a não destruir seu discurso em troca de um discurso escolar estereotipado”. (...). Mas isso não é o mesmo que saber desenhar letras ou saber pronunciar palavras que não entende. É o direito de apropriar-se da língua escrita em toda sua complexidade (...) o direito de saber ler criticamente a palavra escrita pelos outros e o direito de, escrevendo seus próprios textos, colocar suas próprias palavras” (Revista Nova Escola, Julho/1990, pág.12-16).

CANDIDO BC NETO - Alfabetização não é apenas uma ação politizante, tampouco só personalizante. Ela é, hoje, uma articulação contextualizante, na qual o homem e o mundo enfrentam desafios visando a aprimorar o perfil da sociedade. O trecho de meu poema musicado traduz com singeleza e maestrias o real significado de letramento. (extraído do livro “caminhos do letramento”-editora livro técnico).

VERA MASAGÃO-alfabetizar-se em nossa sociedade significa introduzir-se nessa diversidade de práticas de leituras e escritas, significa ser apresentados a essa variedade de textos e não simplesmente à “carta do ABC”. diversos estudos comprovam que, para se tornar de fato um usuário da língua escrita, um alfabetizando necessita mais que um conhecimento rudimentar do código escrito. ele precisa experimentar um conjunto relativamente amplo de práticas de leitura, pelo menos daquelas que correspondem aos usos mais comuns dessas habilidades da nossa sociedade.

MAGDA SOARES- “alfabetizar é propiciar condições para que o indivíduo - criança ou adulto- tem acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto a habilidade de decodificação e codificação do sistema de escritas, mas, e sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento na luta pela conquista da cidadania plena”.- “analfabeto é aquele que não o usufrui do mundo da escrita, por não ter as habilidades ou por tê-las, mas não usa-las por não poder ou não querer fazê-lo” (Revista Nova Escola, agosto/1990, pág.16)

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Como negar nossa história

Moacir Gadotti, 63.

Professor titular da Universidade de São Paulo e
Diretor do Instituto Paulo Freire.

A alfabetização tem sido entendida tradicionalmente como um processo de ensinar e aprender a ler e escrever, portanto, alfabetizado é aquele que lê e escreve. O conceito de alfabetização para Paulo Freire tem um significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois, enquanto prática discursiva, "possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social" (Paulo Freire, *Educação na cidade*, 1991, p. 68). Ele defendia a idéia de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, fundamentando-se na antropologia: o ser humano, muito antes de inventar códigos lingüísticos, já lia o seu mundo.

O termo *letramento* tem sido utilizado atualmente por alguns estudiosos para designar o processo de desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita nas práticas sociais e profissionais. Por que esse termo surgiu? Segundo alguns autores, a explicação está nas novas demandas da sociedade, cada vez mais centrada na escrita, que exigem adaptabilidade às transformações que ocorrem em ritmo acelerado, atualização constante, flexibilidade e mobilidade para ocupar novos postos de trabalho. Os defensores do termo "letramento" insistem que ele é mais amplo do que a alfabetização ou que eles são equivalentes. Emília Ferreiro nega-se a aceitar esse "retrocesso conceitual". Em vez de se curvar a esse novo anglicismo, ela traduz *literacy* por "cultura escrita", e não por letramento. Mas não se trata só de um retrocesso conceitual. Trata-se, lamentavelmente, de uma tentativa de esvaziar o caráter político da educação e da alfabetização, uma armadilha na qual muitos educadores e educadoras hoje estão caindo, atraídos e atraídas por uma argumentação que, à primeira vista, parece consistente. Não se trata só de palavras, de brigar por terminologias. Trata-se de uma posição ideológica que busca negar toda a tradição freiriana. A palavra alfabetização tem um peso, uma tradição, no contexto do paradigma da educação popular que é a maior contribuição da América Latina à história universal das idéias pedagógicas. O uso do termo "letramento" como alfabetização é uma forma de contrapor-se ideologicamente à essa tradição, reduzindo a alfabetização à "lecto-escritura", como se diz em espanhol. A alfabetização não pode ser reduzida a uma tecnologia ou técnica de leitura e de escrita. Ser uma pessoa letrada não significa ser alfabetizada, no sentido que Paulo Freire dava ao termo. O termo "alfabetização" não perdeu sua força significativa diante da emergência dos novos usos da língua escrita, como argumentam alguns. Nem o termo inglês *literacy* (letramento) traduz melhor as práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita. Já estão adotando o termo "letramento digital". Daqui a pouco, deveremos nos referir às alfabetizadoras como letramentadoras? Além do equívoco conceitual, sonoramente seria uma lástima! Emília Ferreiro tem razão. É um retrocesso.

CONTEÚDOS BÁSICOS PARA A ALFABETIZAÇÃO DE EJA

I-LINGUAGEM

- 1-Identificação do nome;
- 2-letas que compõem o nome;
- 3-contagem das letras do nome;
- 4-escrita do próprio nome;
- 5-leitura do nome;
- 6-escrita do nome completo;
- 7-agrupamento de outros nomes que iniciam com a letra do próprio nome;
- 8-conjunto e subconjunto dos nomes que iniciam com a mesma letra;
- 9-descrição de pessoa, objetos, ambientes, cenas e situações (ampliação do vocabulário);
- 10-grafismo com letra de forma maiúscula;
- 11-palavras iniciadas com vogais;
- 12-leitura de rótulos e embalagens;
- 13-identificação e leitura de símbolos;
- 14-identificação de vários tipos de textos (bula, receita, aviso, lista compras, material, carta, poema, etc.);
- 15-leitura de pequenas palavras;
- 16-escrita de pequenas palavras;
- 17-leitura e escrita de pequenos textos.

MATEMÁTICA

- 1-identificação de números;
- 2-leitura de números;
- 3-escrita dos numerais no contexto diário;
- 4-relação de numeral à quantidade;
- 5-identificação de posição de um objeto ou número numa série (seqüência numérica);
- 6-comunicação de quantidades, utilizando a linguagem oral, anotação numérica e/ou registros não convencionais;
- 7-exploração das operações em situações reais (vivenciadas);
- 8-noção simples de cálculo como ferramenta para resolver problemas de multiplicação e divisão simples usando material concreto;
- 9-noção simples de cálculo como ferramenta para resolver problemas de multiplicação e divisão simples usando material concreto;
- 10-registro de números que fazem parte da rotina dos alunos;
- 11-criação de problemas a partir de situações vivenciadas;
- 12-introdução às noções de medida de comprimento, peso, volume e tempo (utilizando unidades convencionais contextualizadas);
- 13-marcação do tempo por meio de calendários (hora, dia, semana, mês ano);
- 14-situações de compra e venda de mercadoria.

Adição com reserva

Subtração

Zero na subtração

A relação entre soma e subtração

Subtração com reserva

Contagem de 2 em 2

Contagem de 5 em 5

Contagem de 10 em 10

Dúzia

Multiplicação

O dobro

Multiplicação por 3

O triplo

Multiplicação por 4

O quádruplo

Multiplicação por 5, 6, 7, 8, 9 e 10

Multiplicação com reserva

Divisão

Divisão por 2

A metade

Divisão por 3

Terça parte

Divisão por 4

Quarto ou quarta parte

Divisão por 5, 6, 7, 8 e 9

Divisão com resto

Exercícios de revisão

DITADOS POPULARES

Cachorro que late não morde.
Em casa de ferreiro espeto é de pau.
Quem com ferro ferir, com ferro será ferido.
Quando os gatos dormem as raposas fazem a festa.
Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
Filho de peixe peixinho é.
Quem não arrisca não petisca.
Quem tem pressa, come cru.
Quem é coxo, parte cedo. Por isso, acordo de madrugada.
Amarro o burro onde o dono manda.
Quem vê cara não vê coração.
Pau que nasce torto, morre torto.
O que os olhos não vêem o coração não sente.
Quem avisa amigo é.
Isto é conversa pra boi dormir.
Santinha do pau oco.
Sem eira nem beira.
Antes tarde do que nunca.
A fruta proibida é a mais apetecida.
Esse menino tem uma memória de quem come piqui.
Quem canta seus males espanta.
Antes só do que mau acompanhado.
Santo de casa não faz milagres.
Na terra de cego quem tem olho é rei.
Uma andorinha só não faz verão.
Melhor é um pássaro na mão do que dois voando.

O garotinho chamado amor.

Era uma vez um garotinho chamado Amor. Ele sonhava com a paz! Um belo dia, ele sonhou que a vida se teria sentido quando descobrisse a paz, e foi justamente em um belo dia que Amor saiu a procura da paz.

Chegando no colégio onde estudava encontrou todos os amigos a sua espera. E foi simplesmente naquele momento que ele começou a perceber que a paz estava dentro de cada um deles.

Quando menos espera a turma gritou bem forte e com grito!

Amor, encontrou a paz que procurava? Sim, eu a

ANEXO D – MATERIAL DIDÁTICO ENTREGUE PELA COORDENADORA À PROFESSORA- ALFABETIZADORA DURANTE O CURSO

Distância do grupo

Estórias sobre gestos

Promover a integração

Refletir acerca dos sentimentos observados na Estória

Desenvolvimento:

Fazer gestos cada vez que na estória aparecer as seguintes palavras:

Paz = aperto de mão

Amor = abraço

Grita = pulso

Seja bem-vindos = salva de palmas

O garotinho chamado amor.

Era uma vez um garotinho chamado Amor. Ele sonhava com a paz! Um belo dia, ele sonhou que a vida só teria sentido quando descobrisse a paz, e foi justamente em um belo dia que Amor saiu a procura da paz.

Chegando ao colégio onde estudava encontrou todos os amigos a sua espera. E foi simplesmente naquele momento que ele começou a perceber que a paz estava dentro de cada um deles.

Quando menos espera a turma gritou bem forte e com garra!

Amor, encontrou a paz que procurava ? Sim, eu a encontrei.

Então se encontrou, seja bem-vindo ao nosso meio, e traga a paz que nós também queremos possuí-la para viver bem unidos com Amor.

Dinâmica de grupo

Estórias com gestos

Promover a integração

Refletir acerca dos sentimentos abordados na Estória.

Desenvolvimento:

Fazer gestos cada vez que na estória aparecer as seguintes palavras:

Paz = aperto de mão

Amor = abraço

Garra = pulinhos

Seja bem-vindos = salva de palmas.

Mães malvadas

Um dia, quando meus filhos forem crescidos o suficiente para entender a lógica que motiva os pais e mães, eu hei de dizer-lhes: Eu os amei o suficiente para ter perguntado aonde vão, com quem vão e que horas regressam.

Eu os amei o suficiente para que soubessem que aquele novo amigo não era boa companhia.

Eu os amei o suficiente para fazê-los pagar as balas que tiraram do supermercado ou revistas do jornaleiro, e fazê-los dizer ao dono: "Nós pegamos isto ontem e queríamos pagar".

Eu os amei o suficiente para ter ficado em pé junto de vocês, duas horas, enquanto limpavam o seu quarto, tarefa que eu teria feito em 15 minutos.

Eu os amei o suficiente para deixá-los ver além do amor que eu sentia por vocês, o desapontamento e também as lágrimas nos meus olhos.

Eu os amei o suficiente para deixá-los assumir a responsabilidade das suas ações, mesmo quando as penalidades eram tão duras que me partiam o coração.

Mais do que tudo, eu os amei o suficiente para dizer-lhes não, quando eu sabia que vocês poderiam me odiar por isso (e em alguns momentos até odiaram). Essas eram as mais difíceis batalhas de todas.

Estou contente, venci... Porque no final vocês venceram também!

E em qualquer dia, quando meus netos forem crescidos o suficiente para entender a lógica que motiva os pais e mães; quando eles lhes perguntarem se sua mãe era má, meus filhos vão lhes dizer: "Sim, nossa mãe era má. Era a mãe mais má do mundo..."

As outras crianças comiam doces no café da manhã e nós tínhamos que comer cereais, ovos e torradas.

As outras crianças bebiam refrigerantes e comiam batatas fritas e sorvetes no almoço e nós tínhamos que comer arroz, feijão, carne, legumes e frutas.

E ela nos obrigava a jantar a mesa, bem diferente das outras mães que deixavam seus filhos comerem vendo televisão.

Ela insistia em saber onde estávamos a toda hora (tocava nosso celular de madrugada e "fuçava" nos nossos e-mails). Era quase uma prisão!

Mamãe tinha que saber quem eram nossos amigos e o que nós fazíamos com eles. Insistia que lhe disséssemos com quem íamos sair, mesmo que demorássemos apenas uma hora ou menos.

Nós tínhamos vergonha de admitir, mas ela "violava as leis do trabalho infantil".

Nós tínhamos que tirar a louça da mesa, arrumar nossas bagunças, esvaziar o lixo e fazer todo esse tipo de trabalho que achávamos cruéis.

Eu acho que ela nem dormia à noite, pensando em coisas para nos mandar fazer.

Ela insistia sempre conosco para que lhe disséssemos sempre a verdade e apenas a verdade. E quando éramos adolescentes, ela conseguia até ler os nossos pensamentos. A nossa vida era mesmo chata!

Ela não deixava os nossos amigos tocarem a buzina para que saíssemos; tinham que subir, bater à porta, para ela os conhecer.

Enquanto todos podiam voltar tarde da noite com 12 anos, tivemos que esperar pelos 16 para chegar um pouco mais tarde, e aquela chata levantava para saber se a festa foi boa (só para ver como estávamos ao voltar).

Por causa de nossa mãe, nós perdemos imensas experiências na adolescência: - Nenhum de nós esteve envolvido

em drogas, em roubo, em atos de vandalismo, em violação de propriedade, nem fomos presos por nenhum crime
OU TUDO POR CAUSA DELA!

Agora que já somos adultos, honestos e educados, estamos a fazer o nosso melhor para sermos "PAIS MAUS",
 Como minha mãe foi.

**EU ACHO QUE ESTE É UM DOS MALES DO MUNDO DE HOJE: NÃO HÁ SUFICIENTES MÃES
 MALVADAS!"**

Este texto foi publicado há um ano, por ocasião da morte estúpida de duas jovens de 16 anos, em Porto de Galinhas.
 Foi uma tragédia que abalou a opinião pública e inspirou o médico psiquiatra Dr. Carlos Hecktheuer (Brasília, 28 de
 julho de 2004) a escrever este texto, chamado "Mães malvadas"

Converse com os seus colegas sobre o título do texto
 abaixo: Do que se trata este texto?

Cartão minha mãe?

— Dona Coruja Sabia,
 por acaso sabia
 o endereço do meu irmão?
 Sai de casa sozinho
 para testar as minhas asas
 e agora não sei voltar.

— Sim, meu filho! Mas não
 não posso ajudar você.
 De dia não vejo direito.
 De noite a luz é um pouco!

— Se soubesse, por favor,
 onde é que fica a minha casa?

— Ah, meu amigo, não sabia,
 sou uma planta testista,
 não dou notícias do alto.
 E dos bichinhos que vivem
 lá em baixo, as abelhas,
 as borboletas, os pulgões,
 nem eu sei falar.

Este texto foi publicado há um ano, por ocasião da morte estúpida de duas jovens de 16 anos, em Porto de Galinhas.
 Foi uma tragédia que abalou a opinião pública e inspirou o médico psiquiatra Dr. Carlos Hecktheuer (Brasília, 28 de
 julho de 2004) a escrever este texto, chamado "Mães malvadas"



ATIVIDADES DE LEITURA

Conversa inicial

Como é a casa onde você mora? Onde ela fica? Você sabe o que é endereço e para que ele serve? Você sabe dizer o seu endereço?

Converse com os seus colegas sobre o título do texto abaixo. Do que será que o texto trata?



Cadê minha casa?

— Doutora Coruja Sábia,
por acaso saberia
o endereço do meu ninho?
Saí de casa sozinho
pra testar as minhas asas
e agora não sei voltar.

— Sinto muito, Passarinho,
não posso ajudar você.
De dia não vejo direito.
De noite talvez dê um jeito!

— Senhorita Flor, por favor,
onde é que fica meu ninho?

— Ah, meu amigo tontinho,
sou uma planta rasteira,
não dou notícias do alto.
E dos bichinhos que voam
só conheço as joaninhas
os besouros, as abelhas,
borboletas, pirilampos;
um ou outro beija-flor.



Professor: Faça uma leitura que evidencie a musicalidade poética. Ao final dela, chame a atenção dos alunos para a diferença entre o texto poético e o texto em prosa quanto à formulação gráfica.



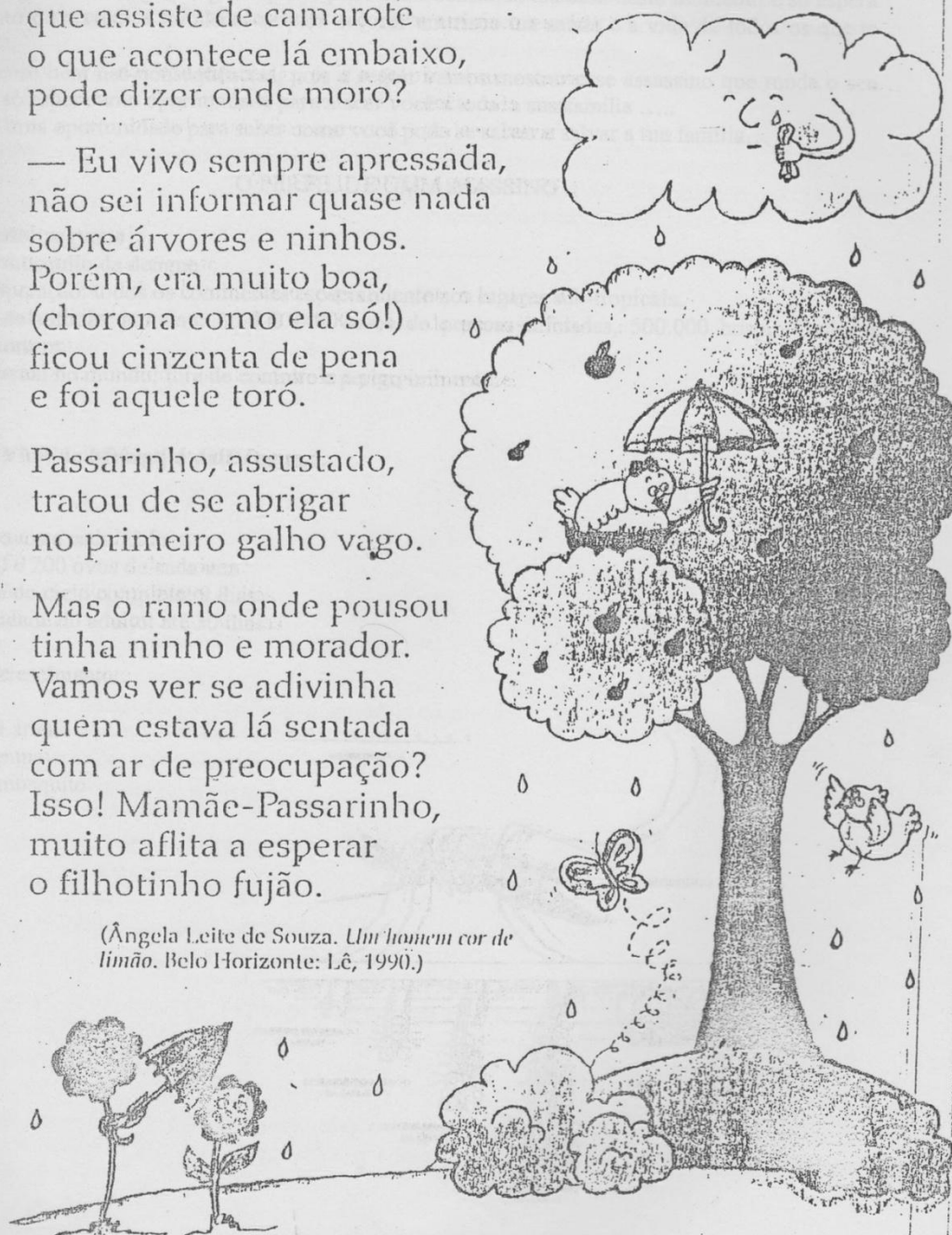
— Dona Nuvem, a senhora
que assiste de camarote
o que acontece lá embaixo,
pode dizer onde moro?

— Eu vivo sempre apressada,
não sei informar quase nada
sobre árvores e ninhos.
Porém, era muito boa,
(chorona como ela só!)
ficou cinzenta de pena
e foi aquele toró.

Passarinho, assustado,
tratou de se abrigar
no primeiro galho vago.

Mas o ramo onde pousou
tinha ninho e morador.
Vamos ver se adivinha
quem estava lá sentada
com ar de preocupação?
Isso! Mamãe-Passarinho,
muito aflita a esperar
o filhotinho fujão.

(Ângela Leite de Souza. *Um homem cor de
limão*. Belo Horizonte: Lê, 1990.)



Saúde: Utilidade Pública

DENGUE

Você pensa que seu lugar é um lugar seguro e que dentro dele você e a sua família estão a salvo ?

Existe um inimigo perigoso que já pode estar dentro da tua casa neste momento e só espera o momento de crescer e fortalecer-se para colocar em risco tua saúde e a vida de todos os que te rodeiam.

Pense bem nas consequências, pois a seguir vamos mostrar esse assassino que ronda o seu quintal e só espera uma oportunidade para atacar você e toda a sua família
Só existe uma oportunidade para saber como você pode se salvar e salvar a tua família...

O PERFIL DE UM ASSASSINO

Nome: *aedes aegyptis*

Apelido: mosquito da dengue

Área de operação: todos os continentes especialmente nos lugares sub-tropicais.

Número de vítimas por ano: 50.000 000 casos de pessoas infectadas, 500.000 hospitalizados e 20.000 morrem.

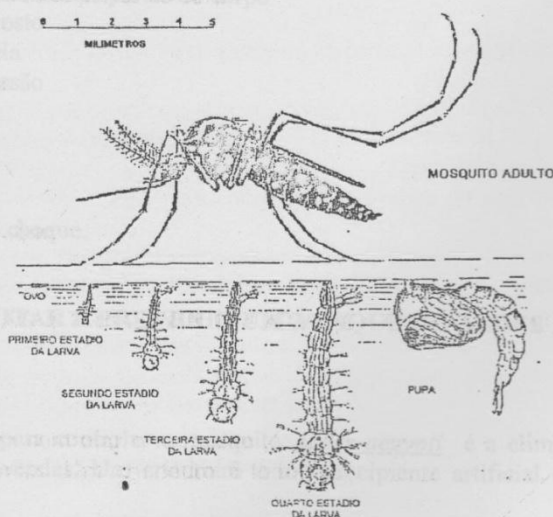
Situação atual no mundo: fora de controle e perigo iminente.

Ciclo de Vida do Mosquito da Dengue.

- Coloca ovos a cada 72 hr
- Entre 50 e 200 ovos de cada vez
- Duração do ciclo completo: 9 dias
- Longevidade do adulto: até 30 dias

Ciclo de crescimento

1. - Larva
2. - pupa
3. - mosquito



**SE VOCÊ PENSA QUE A DENGUE NÃO É UMA DOENÇA SÉRIA OU MORTAL
REFLETE NO SEGUINTE E COMPARA:**

AIDS	DENGUE
Vírus do HIV mais conhecido como AIDS Expectativa de vida depois do contágio: 3 anos.	Aedes aegyptis ou mosquito transmissor da dengue, dengue hemorrágica e síndrome de choque por dengue. Expectativa de vida depois do contágio na sua forma mais grave: 48 hr.
Camisinha: proteção pessoal contra o vírus do HIV ou AIDS: 85% de efetividade	Não existem dispositivos pessoais, só a prevenção através da destruição dos criadouros dos mosquitos transmissores.

Características da Dengue

Clássico

- Febre alta repentina
- Dor intensa de:
 - Músculos
 - Articulações
 - Ossos
 - Cabeça
 - Olhos

Hemorrágica

- Sangramento em diferentes partes do corpo
- Vermelhidão no rosto
- Vômito ou Diarréia
- Alterações na pressão
- Falta de apetite
- Palidez
- Sudoração
- Sonho
- Edema, estado de choque.

POSSÍVEIS FORMAS DE EVITAR E PREVENIR UM ATAQUE DO Aedes Aegyptis

AÇÕES IMEDIATAS

A única medida efetiva para controlar o mosquito *Aedes aegypti* é a eliminação de seus criadouros dentro e fora das viviendas. Um criadouro é todo recipiente artificial ou natural que armazene água.

SEM LARVAS NÃO HÁ MOSQUITOS

Como fazer?

vasilhas, tanques, latas, etc. sempre que armazenar água por mais de 2 dias com tapas metálicos, plásticos, telhas, mosquiteiros, outros materiais caseiros pai de família mãe de família filhos todos!

Garrafas, latinitas, coisas velhas Vasilhas que possam da chuva Sempre que armazenar água virar para abalxo todos os recipientes que possam conter água pai de família mãe de família filhos todos!

Caixas de água, depósitos, Piscinas infáveis sempre que armazenar água por mais de 2 dias lavar e escovar fortemente a linha deixada pela água, uma vez por semana nos recipientes onde acostumas armazenar água pai de família mãe de família filhos todos!

Plantas dentro ou fora de casa sempre que armazenem água por mais de 2 dias troca a água cada três dias pai de família mãe de família filhos todos!

Fundo de vasilhas, pneus e... Onde está A Dengue? perfura os recipientes para que a água drene pai de família mãe de família filhos todos!

Nos criadouros.... eliminê-los
Lembra é por teu próprio bem e o de tua família

Este é um documento dedicado ao maior assassino de pessoas inocentes em climas quentes e temperados.

Você não construiria um monumento a este inseto assassino? Então, por que permite o nascimento de filhos dele, dentro de sua casa ou quintal? Já está na hora de fazer alguma coisa para evitar sua propagação.

Não sabes o quanto à morte está perto de ti, ao permitires ao mosquito transmissor da dengue fazer seus criadouros na tua casa.

Se concordas com o que te informamos, reenvia esta mensagem para teus amigos ou seres queridos porque longe de ser dramáticos queremos prevenir algo que está acontecendo atualmente e a o que todos estamos expostos.

Se você quer saber mais sobre a dengue e outras doenças que os mosquitos transmitem, comunique-se com o hospital ou posto de saúde de sua cidade, ou qualquer outro centro de saúde do estado, eles podem orientá-lo para prevenir tão terrível situação.

Obrigado pela sua atenção

Ricardo Zea Salas Garcia

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

06/03/2003

Mãe, Deus criou na mulher uma poderosa habilidade de marcar as coisas que lhe são tão preciosas.

Unida sempre amor, trabalho e paciência.

Louvada, muitas vezes, por sua delicadeza e paciência.

Hoje, através da luta, vem alcançando seus direitos a mulher.

ANEXO E – MENSAGEM ENTREGUE NO

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Quero em construir sua identidade de Mulher na sociedade.

HOMENAGEM DE DEUSINIA

A SUA ESPERANÇA PELA O FUTURO

Líder Comunitária e Assistente Social de Santa Rita

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

08/03/2008

Mãe, Deus criou na Mulher uma poderosa habilidade de marcar as vidas que lhe são tão preciosas.

Unido sempre amor, trabalho e renúncia.

Louvada, muitas vezes, por sua dedicação e paciência.

Hoje, através da luta, vem ocupando seus espaços de mulher.

Está sempre exigindo seus direitos, que em certos momentos são atropelados pela incompreensão.

Reluta em construir sua identidade de MULHER na sociedade.

HOMENAGEM DE DEUSINHA

A SUA ESPERANÇA PRA O FUTURO

Líder Comunitária e Assistente Social de Santa Rosa



ANEXO F – AVALIAÇÃO FEITA PELO PBA-PB

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC)
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (FNDE)
GOVERNO DO ESTADO DA PARAIBA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

ALFABETIZANDO: _____
ALFABETIZADOR: _____
MUNICÍPIO: _____ DATA: ____/____/____

TESTE COGNITIVO DE LEITURA E ESCRITA

- 1) Reproduzimos um título de eleitor.
Escreva o seu nome completo no lugar indicado com um X.

2) Assinale o parênteses que tem APENAS letras.

() AWG359

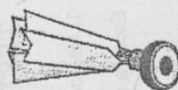
() B\$NEQ#

() JCAAEVL

() JR410GH

3) Leia silenciosamente as palavras abaixo e ligue cada palavra ao seu desenho.

PANELA



PATO



PENA



PETECA



4) Complete o que está sendo pedido abaixo:

a) Meu nome é _____

b) O nome de minha mãe é _____

c) O nome de meu pai é _____

d) Meu endereço é _____

e) Minha idade é _____

Boa Sorte!!!

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
 GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
 SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
 GERÊNCIA EXECUTIVA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
 PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

Nome: _____

Município: _____

Data: _____

Alfabetizador/a: _____

TESTE COGNITIVO FINAL – LEITURA E ESCRITA

MEU SONHO

Edna Cristina Duarte
 (adaptação)

Meu nome é João Batista. Estou pensando, aqui com meus botões, o que eu devo fazer: comprar madeira, uns tijolos e umas telhas e fazer uma casinha de madeira para eu morar com meus filhos, ou continuar pagando todo mês o aluguel. Ô dinheirinho suado, meu Deus! Seu Joaquim, o dono do barraco em que moro, não perdoa atraso, faz a gente sair. Acho que vou até o depósito do seu José, perguntar o preço do material, para ver se consigo sair daqui.

I - De acordo com o texto acima, o sonho de João Batista é ter sua casa própria. Escreva na linha abaixo: Quais os materiais de construção que ele deseja comprar?

II - O que faz Seu Joaquim se o aluguel não for pago?

III - Copie do texto uma palavra que tenha cinco letras:

IV - Retire do texto uma palavra com:

2 sílabas		
-----------	--	--

3 sílabas			
-----------	--	--	--

VI - Responda: Como é a sua moradia?

BOA SORTE!

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
GERÊNCIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - GEEJA
PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

*AVALIAÇÃO QUANTITATIVA FINAL

Alfabetizador/a: _____

Município: _____ Telefone: _____

Número de alunos/as matriculados/as	Número de alunos/as evadidos	Número de alunos/as concluintes		Dos alfabetizados	
		Alfabetizados	Não Alfabetizados	** Matrícula na Educação de Jovens e Adultos	Não se matricularam na Ed. de Jov. e Adultos

*O preenchimento da ficha deverá ser feito pelo (a) alfabetizador (a), conjuntamente com o coordenador (a) de turma.
** Listar os nomes dos alunos matriculados na EJA, informando o nome da Escola.

Anexo G – Transcrição das aulas do PBA-CG

Transcrição das aulas

Aula – 20/02/2008

P – vocês estudaram né?... vocês estudaram as palavras que eu passei para vocês lê em casa?... agora eu vou entregar pra cada um... um envelope que tem as palavras que nós... que nós estudamos ontem... tá certo?... eu coloquei em cada envelope o nome de vocês... e... no final a gente/eu vou tomar leitura com vocês... tá certo?... eu vou entregar pra vocês uma folha de papel ofício... uma folha em branco e vocês vão desenhar com um lápis a mão de vocês...

A1 – vamos desenhar a mão da gente?...

P – sim... cada um vai desenhar sua mão... eu vou dá uma caneta... cada um vai fazer sua mão... tá certo?...

A7 – vixe!... que mão feia!... tá gorda... a gente desenhou essa mão pra quê?...

P – termine que depois eu digo... tá certo?...

((tempo: 3 minutos))

P – já terminaram?...

A6 – eu já...

P – então vamos esperar os outros terminar... e depois eu digo o que quero... agora... terminou aí dona isabel?...

A7 – terminei...

P – pronto... na palma da sua mão você vai colocar o seu nome...

A7 – aonde?...

P – aqui... oh!... no meio da mão... aqui... oh!... ((apontando para a mão)) no meio você vai colocar o seu nome... na palma da mão...

F6 – o nome completo?...

P – não... só o primeiro nome mesmo...

S – mas se souber e quiser... coloque...

A1 – aqui...

P – sim... aí... dentro da mão... dentro da mão você vai colocar o seu nome...

A7 – todo?...

A2 – assim... do jeito q'eu escrevo mesmo... ou de letra

[
P - não... letra assim... letra maiúscula... toda maiúscula... ((Fala acompanhando os demais alunos))... aqui no meio amor... você vai colocar o nome...

[
A5 - o primeiro nome...

P – ela... pode colocar olhando por sua ficha o seu nome elizabeth... olhe as letras do seu nome e coloque... escreva só o primeiro nome... elizabeth...

A1 – aí... já fiz...

P – elizabeth... decore essa mão... com esse lápis piloto... pra ficar pretinho...

F6 – pra cubrir...

P – é... pra cubrir... em cima da mão/ao redor da mão... vocês escreveram o nome... não foi?... na palma da mão... agora eu quero que vocês escreva em cada dedo desse... ou sua profissão... ou... é o que você gosta de fazer... é::... a cor da roupa... você vai colocar suas qualidades dentro desses dedos... eu gosto disso/eu gosto de... de lavar louça... aí você vai colocar dentro de um dedo desse... né?... eu... a cor da roupa/você vai colocar suas qualidades... eu... o que você quiser colocar... até defeitos... né?... ((risos)) eu gosto de de... arroz... ou então... eu gosto de passear... eh!... eu gosto de estudar... o que você faz em casa... no seu trabalho... eh!... pode ser sua roupa... pode colocar a rua que você mora...

[
A2 – aonde?... aqui?...

S – direcione melhor france... para que eles entendam... peça pra escrever a profissão... o que gosta de fazer... a cor preferida... onde mora... quantos filhos... como você é...

P – dentro dos dedos... em cada dedo... você vai preenchendo cada dedo desse seu com uma qualidade sua... pode colocar a rua que mora... quantos filhos... sua profissão... o que gosta de fazer... pode colocar assim... limpar casa... né?... se você não souber a reescrita toda... você é só perguntar a gente... como é que se escreve a palavra... não é?... ah!... então eu gosto da cor rosa... minha cor preferida é rosa... né?... eu gosto de estudar... eu gosto de passear... eu sou morena... eu sou bonita... eu sou feia... você vai dizer o que você acha de você... ninguém é feia... eu me acho linda... eu vou dizer que eu feia... não é?... em cada dedo você vai dizer uma qualidade...

S – não é melhor daquele jeito?... fica bem melhor...

P – é verdade... eles vão ficar confundindo... então faz assim... num dedo você coloca qual a sua profissão... não é?... costureira... então coloca costureira... eu sou doméstica... eu sou costureira... eu sou faxineira... eu sou... é:: professora... eu sou isso eu sou aquilo... tou dando exemplo... né?... profissão... no primeiro dedin... você vai colocar profi/o que você é... qual a profissão exerce... aí no outro dedo você vai colocar a rua que mora... rua tal... rua fulano de tal/rua tal... elizabeth... qualquer coisa pergunte mais jacqueline a rose...

S – pode deixar que eu fico com elas...

[

A1 – eu nem fiz ainda não...

S – deixe... vamos eu vou ajudar você e elizabeth... vamos ficar ali no final da sala...

P – profissão... vamos primeiro pra profissão... é melhor... eu vou escrevendo no quadro a profissão de cada um de vocês... mas ninguém coloque esse nome profissão... só eu que coloco...

[

A4 – não entendi...

P – não... qual é a sua profissão damiana?...

A4 – faxineira... vendedoura...

P – vendedora... damiana vai botar a dela agora... eu vou botar a dela... aqui é a profissão de damiana... certo?... vendedora... agora vendedora... ((ela chama atenção

dos que estão conversando)) preste atenção!... por isso é que vocês não estão entendendo...

A7 – costureira...

P – COSTUREIRA... ((falando e registrando no quadro)) pronto... a de dona maria... qual é a sua profissão?... você não vai colocar a profissão que for a sua... você não vai colocar a do seu colega... é:: dona maria... qual é a sua profissão?...

A9 – costurar...

P – pronto... coloque então... é a mesma coisa... costureira... na sua profissão... lindalva... qual é a sua profissão...

A6 – sou costureira... eu tenho duas profissão... ser costureira e cabeleireira...mas...

[

P – coloque
 costureira... mas coloque costureira...
 ((a pesquisadora propõe colocar as duas))
 P – e:: elizabeth...
 S – coloque no quadro a outra profissão para dona lindalva porque é uma profissão diferente e mais uma palavra nova...
 P – tá certo?... você quer cabeleireira quer?
 A6 – é...
 ((incompreensível))
 P – eu coloco a profissão doméstica?
 S – coloque... não é uma profissão...
 P – é doméstica...
 [
 A2 – pode colocar no outro dedo
 P – não... no outro dedo é pra colocar a rua que mora... no segundo dedo você coloca a rua que você mora... qual é a rua que você mora?
 A8 – rua josefa ferreira...
 P – isabel bote rua do sol... ((escrevendo no quadro))... rua do sol... nove... dois... oito né?... acertou isabel?...
 A7 – tô fazendo... coloco bairro santa rosa...
 P – bairro santa rosa... acertou isabel... olha aqui... rua do sol... novecentos e vinte e oito... bairro santa rosa... damiana... qual é a rua?...
 A4 – rua joão francisco de aráujo...
 [
 A8 - joão francisco aráujo...
 P – joão... pronto... joão francisco aráujo...
 (incompreensível)
 A6 – não... é pra colocar no mesmo dedo... rua josefa ferreira... número... bairro santa rosa... pode colar...
 P – como é o nome de sua rua dona elizabeth...
 S – eu estou acompanhando ela... veja os outros...
 P – eles já tão terminando... colocando no quadro é melhor... eles vão olhando e fazendo...

S – agora você anota no quadro o que eles gostam de fazer... e depois o número de filhos...

P – vamos continuar... aqui nós só temos de solteira é jacqueline... os outros todos têm filhos... é só no outro dedo colocar quantos filhos você tem... já colocamos o nome... a profissão... a rua que mora e o número... o bairro no outro dedo... agora coloque o número de filhos... dona isabel tem quantos...

A7 – eu tenho seis...

P – seis... é só colocar seis filhos ((falando e registrando no quadro))

P – os outros é só colocar a quantidade de filhos...

A6 – no outro dedo né?...

P – é:: já colocaram...

A9 – já... eu tenho quatro filhos...

A6 – e eu tenho sete...

P – todos já fizeram?...

A8 – já...

P – agora... vamos colocar é::... vamos colocar o que vocês gosta de fazer...

A6 – eu gosto de ler a bíblia... ah! se eu pudesse... se eu conseguisse lê direito eu lia toda hora... ler a palavra de deus... entender aquilo tudo dona isabel... é muito importante pra gente...

A7 – é mesmo irmã... a gente vê aquele povo lá em cima... lendo tão direitin... é lindo!... é só o que eu quero...

P – então... vamos continuar?... o que você gosta de fazer?... vocês vão dizendo e eu vou escrevendo no quadro tá certo?...

A7 – tá... a gente vai escrevendo também...

P – o que vocês gostam de fazer?... no seu dia-a-dia...

A6 – costurar... orar... ficá vendo a bíblia... lê a bíblia...

A9 – costurar também... fazer ponto cruz... crochê... cozinhar...

P – e os outros...

A8 – eu mesmo gosto é de andar... andar... vou todo dia pra ceasa... me lavanto cedo e vou me bora... por isso eu acho que tenho tanta saúde...

A7 – eu gosto de passear... de arrumar a casa... lê a bíblia...

P – pois é... vejo que cada pessoa é:: gosta de uma coisa diferente né?... cada um gosta de fazer algo... isso é muito importante... então... olhando pro quadro... escreva no último dedo que falta o que gosta de fazer... tá certo?... quem terminar

pegue a tesoura para recortar a sua mão... pra gente colar no cartaz... tá certo?... vão recortando e quem for terminando... passa cola e coloca no cartaz...

A7 – eu já fiz... pois recorte e cole ali no cartaz...

A6 – professora... vamos fazer um ditado hoje?... eu acho tão bom... assim a gente escrever melhor...

A7 – é... ditado é muito bom... eu também gosto... faça professora...

A8 – vamos fazer um ditado com as palavras das profissão... é bom a gente aprender a escrever o nome faxinera... cabelereira... estudante... a gente vai treinando né?... e é bom...

P – eu também acho importante né?... eu aprendi também assim... na escola minha professora sempre fazia pra gente... até nota ela dava... isso é importante... quando vocês terminarem vamos fazer um treino ortográfico... né rose?... ((risos))... pra dominar a escrita das palavras... terminem... hoje tá até mais rápido...

A6 – a gente já terminou eu e dona maria...

P – então posso continuar né?... vamos lê aqui no quadro as profissões de vocês... e:: também tem outras que a gente pode escrever aqui pra vocês vê... vamos lê?... nós temos aqui DOMÉSTICA... é:: VENDEDORA... COSTUREIRA... PROFESSORA... CABELEIREIRA né... dona lindalva?... faxineira... vamos colocar mais?

A4 – lavadeira né?... eu também sou lavadeira... eu sou faxineira... vendedora e lavadeira...

P – é mesmo damiana... você esqueceu também de falar lavadeira... que mais...

A8 – ah:: tem um monte... MOTORISTA... FRENTISTA

S – estudante... estudante também podemos considerar... não é remunerado... mas é também uma ocupação...

A7 – que vale ouro...

((risos))

P – pois tá bom... vamos fazer ortográfico com essas palavras?... olhe tentem fazer sozinhos... sem olhar... porque é muito importante vocês saber escrever estas palavras...

A5 – é bom mesmo... é muito importante... nem se preocupe... eu vou tentar fazer sozinha... se eu não conseguir... eu olho ou pergunto...

P – eu vou falando bem divagarzinho... vocês escutem e depois escreve... o interessante é você tentar fazer sozinho... sem olhar... se não conseguir... não tem

problema... tá certo?... posso começar... escreva primeiro no caderno... ditado de palavras... é melhor colocar ditado de palavras né rose?... é mais... mais fácil deles escrever...

S – não tem problema...

P – escreva no caderno... ditado de palavras... vamos colocar a data tá certo?... qualquer dúvida é só perguntar... rose vai ajudando também...

S – com certeza...

P – posso ditar as palavras... façam sem medo de errar...

A8 – é só o que a gente sabe fazer...

((risos))

P – mas é bom porque vocês vai treinando... isso é o que importa né?... isso é muito importante... depois eu corrijo no quadro cada palavra e a gente faz uma outra atividade tá certo?

S – eu vou preparando o caderno de dona elizabeth... tá certo?...

P – vamos começar/já posso começar?...

A7 – já...

P – vamos pra primeira palavra... a primeira palavra é DO – MÉS – TI – CA... já escreveram?

A8 – calma aí... professora...

A6 – diga outra...

A8 – pode falar agora...

P – a outra é... VEN – DE – DO – RA

((em seguida, ditou as seguintes palavras: costureira, lavadeira, professora, motorista, cabeleireira, estudante, frentista e faxineira))

(...)

P – já terminaram?... vamos gente... agora vamos observar no quadro as palavras... eu deixei para vocês depois... e vê no que errou... eu sei que não são palavras fáceis...

A8 – é bom isso mesmo... porque a gente tá aprendendo o que a gente faz né?... é tão bom a gente saber disso... eu saber como escreve a minha profissão... o pouco q'eu aprender já é muito... num tô certo?

S – certíssimo... e se vocês tiverem interesse em outras coisas... é só nos falar... estamos aqui para ajudar...

A8 – minha filha... eu também quero aprender a fazer conta... no lápis... que é bom demais...

S – pois bem!... Depois veremos isso...

P – vamos lê as palavras do ditado?...

A7 – vamos...

P – olhe como se escreve... vamos lendo e olhando a escrita dela... tá certo?... veja cada palavra como se escreve... vamos?... vamos ler?...

((leitura das profissões coletiva, observando a escrita))

P – vamos agora separar as sílabas de cada palavra?... aí é que a gente aprender mais... cada vez que vocês treinarem as palavras... fazerem cópias... mas vão ajudar vocês... porque vocês vão lembrando como se escreve... e não esquece... vamos agora separar as sílabas... de pedacinho em pedacinho... pra vocês irem aprendendo... tá certo?... isso ajuda muito...

S – e sempre será feita uma revisão... vai ficar registrado no cartaz... facilitando a vocês aprenderem... tudo ficará exposto na sala...

A8 – pro povo daqui ficar vendo...

P – essa garagem fica fechada... a gente não tem carro... meu irmão tem um caminhão... mas não dá pra entrar aqui... é muito grande... é melhor entrar pelo terraço... que é do outro lado... eu tenho um sonho de um dia abrir um negócio aqui... colocar uma soparia...mas ta na mão de deus... nem se preocupe... ninguém mexe em nada...

A7 – pronto professora...

P – pronto... o quê?...

A7 – já acabei...

P – já separou as sílabas?...

A7 – e é pra separar?... já tou cansada...

P – mas eu vou fazendo no quadro mostrando a vocês como se separa... ta certo?

A7 – eu pensava que a gente já ia pra casa... hoje foi puxado...

P – mas não é bom?... hoje eu só tou dando língua portuguesa... um dia eu dou português e no outro eu dou matemática... pra rose descansar também um pouco...ela vem... coitada... da loja direto pra qui... de mala e cuia... com samuel... então ela vindo só dois dias... ou quando eu der português é melhor...

S – mas eu já falei isso com você... estaremos aqui levando em conta o aluno... a necessidade de cada um... o importante é o que vocês aprendam... se for necessário eu vir todo dia... eu venho...

P – tu vem até de manhã... pra gente planejar...

S – mas é um dia por semana... pra não tirar nem você e nem eu do culto de doutrina...

A6 – e nem a gente também... né irmã...

A7 – num é irmã... é bom porque a gente tem esse dia... num atrapalha...

P – então... vamos continuar a aula pra gente/vocês ir pra casa... vamos separando... veja como se separa as sílabas?... olhe::: preste atenção!... veja a palavra... DO – MÉS – TI – CA... quantos pedaços sai da minha boca?... veja... DO – MÉS – TI – CA... vão repetindo...

A6 – sai quatro irmã...

P – pois é... são quatro sílabas... a gente separa assim... primeiro... DO... depois... MÉS... depois... TI... e por fim... CA... estão vendo como se separa?... está dona francisca?

A5 – estou...

P – pois é::: vamos para a próxima...

(...)

((segundo esta mesma forma foram pronunciadas as demais palavras))

P – agora a tarefa de casa será vocês estudarem cada palavra que a gente viu hoje... tá certo... leia em casa pra gente fazer uma leitura individual amanhã... tá bem?... qualquer dúvida a gente tira amanhã... quem já terminou... pode ir... eu vou depois deixar dona ana e dona maria em casa...

A9 – todo dia... né minha filha? Além da paciência que tem com a gente... só deus um dia vai lhe pagar por tudo isso... porque a gente numa idade dessa... estudando... e ter uma professora TÃO boa como essa... é LUXO...

(...)

Aula: 21/02/2008

“P – vocês estudaram as palavras que eu mandei vocês lê em casa?...”

A1 – estudei... mas nem lembro mais...

P – tem nada não... a gente estuda agora...

A6 – eu nem tive tempo... vou ler agora com a senhora...professora... pense numa luta que eu tive hoje...

P – não tem problema dona lindalva...a gente faz... eu e rose vai fazendo as leituras individual... com a senhora e:: com jacqueline...rose... pra dona ana e dona elizabeth a gente faz/eu faço uma tarefa diferente pra ela fazerem né?... tu me ajuda né... rose?

S – pode deixar que eu faço... enquanto isso vá tomando as leituras com os outros... (...)

P – pronto rose...

S – pronto...

P – olha gente eu sei que tem pouca gente/também hoje ((incompreensível))... hoje eu trouxe pra vocês uma palavra... eu trouxe um rótulo... é um RÓTULO... vocês conhecem este rótulo?...

A3 – não é da água sanitária...

P – é::... é isso mesmo... é um rótulo da água sanitária... vocês conhecem esse rótulo...

A6 – conheço... professora... a gente usa/eu já usei dele... é a água sanitária IGUAL...a cor é azulzinha com branco... é esse mesmo... tem vermelho...

A3 – eu também uso...sabe irmã?... eu uso mesmo eu o que é mais barato... mas uso desse também...

P – é que mamãe usa também... é o rótulo da água sanitária IGUAL... vocês tão vendo como é o rótulo... o nome vem bem grande... que letra começa o nome I – GUAL...

A1 – com a letra I...

P – é isso mesmo dona lindalva... começa com a letra I... a letra é uma vogal... eu já falei à vocês que a letra/que o alfabeto... é::... que no alfabeto a gente tem/é formado por CONSOANTES e VOGAIS... como são chamadas as vogais?... a gente tem cinco vogais... quais são as cinco vogais?...

A1 – é::... A... E... I... O... U

P – muito bem jacqueline... olhe ali no cartaz... A... E... I... O... U... veja a palavra IGUAL começa com I/com a vogal I... então... como vocês estão vendo... o rótulo IGUAL começa com I. eu pesquisei a palavra no dicionário a palavra IGUAL... vocês sabem o que é/o significado da palavra IGUAL no dicionário?... o que é igual?... o que é a palavra igual...

A2 – num é::... num é a mesma coisa... professora... do mesmo jeito...

P – é::... a mesma coisa... a mesma aparência...

((a professora lê pelo dicionário Aurélio o significado da palavra))

P – no dicionário diz... é:: que tem a mesma estrutura ou proporção... que são semelhantes... igual... do mesmo jeito... deixa eu ler pra vocês o que diz o dicionário tá certo?... IGUAL... que tem a mesma APARÊNCIA... ESTRUTURA ou PRO-PORÇÃO... IDÊNTICO... que tem o mesmo NÍVEL... PLANO... que tem a mesma grandeza... valor... quantidade... quantia...ou mesmo número equivalente da mesma condição... categoria... natureza... a gente vendo esse significado sabe logo o que o dono quer dizer... porque ele quer dizer que a água sanitária é igual as outras...

S – isso mesmo... o sentido de igual também tem relação com o padrão de qualidade das demais...tem a mesma função não é?... que é tirar MANCHAS... o rótulo do produto também ajuda ao consumidor a ter conhecimento do que está comprando...

A6 – mas a brilux é melhor né?... é só mais cara... mas é melhor né?... eu acho melhor...

S – sim... eu também acho é melhor... mas o preço desta água com certeza é mais acessível para o consumidor... é mais barato...((continue))

P – eu também acho dona lindalva... vocês conhecem outros produtos que têm esta mesma marca?... esse mesmo fabricante?... vocês conhecem?...

A2... oxe... tem o desinfetante de banheiro... que eu conheço... já usei...

P – tem mais algum?... vocês conhecem outros produtos com a marca/que tem o mesmo rótulo IGUAL... tem mais... tente lembrar...

A1 – sabão...

P – sim... sabão em pedra... deixa eu ir anotando no quadro... eu vou anotar desse lado viu?...((apontando para o lado esquerdo do quadro))... SABÃO EM PEDRA... que mais?...

A1 – eu não to lembrada não... agora não...

P – mas tem... mas tem mais produtos... tem SACO DE LIXO... é::... sabão em PASTA... primeiro eu vou botar aqui no quadro... ÁGUA SANITÁRIA... então vamos lê/vamos lê as marcas/o rótulo... é:: vamos lê os produtos que têm a MARCA IGUAL... vamos lê... vamos minha gente... vamos to mundo... dona ana e irmã elizabeth também... pra aprender... vamos...

S – observem as letras... veja com letra começa cada palavra...

((leitura coletiva, silabando as palavras))

P – a gente sabe que a gente compra esses produtos no supermercado né?...

A6 – no mercadinho... na mercearia... na venda...

P – é verdade... também a gente compra... aqui mesmo no bairro não tem supermercado...você sabem também é:: o que é água sanitária e pra que serve... é:: pra que serve...

A2 – pra lavar roupa... banheiro... tira a mancha...

A6 – lá em casa eu boto também nas verduras... no alface...

A2 – é:: mata os micróbios...

A10 – eu também uso...

P – é:: esses produtos serve pra isso... lavar banheiro...lavar roupa... colocar nas verduras... é muito importante né?... tudo aqui em casa eu uso água sanitária... aqui tem cachorro né?... betoven... ((risos))... tá velho já... mas todos esses produtos a gente usa na nossa casa... toda dona de casa precisa comprar esses produtos para casa... se não é dessa marca... mas é de outra... compra o cloro e faz em casa né?...

A1 – professora tem também a dragão...

A6 – é aqui uso... é bom também...

P – é... também é boa... mas vamos voltar pro assunto... quem pode me dizer algumas palavras que comece com a letra A... com a vogal A... quem sabe...que palavra vocês conhecem que começa com a letra A

]

A1 – açúcar...

A6 – arroz...

A3 – é:: alho...

P – muito bem... açúcar... arroz... alho... e agora com a letra E... vamos...

A1 – escova...

P – é:: ES – CO – VA... escova começa com a letra... jacqueline... parabéns tá participando... muito bem... tem também espinafre... ESPINAFRE... e com a letra I?...

A6 – índio... é:: ilha

A1 – igual...

P – muito bem jacqueline... tá vendo jacqueline hoje... parabéns de novo... depois eu vou ler com a senhora dona ana e vou escrever essa palavra no caderno... tá certo?...

A10 – tá... num se preocupe comigo não... eu tô aprendendo... não sei escrever direito... mas eu vou tentar...

S – pode deixar que eu vou escrevendo no caderno dela...

P – ela hoje nem trouxe o óculos

A10 – não é?... eu esqueci... deixei na meã

P – vamos continuar... e com a letra O... vamos... preste atenção agora jacqueline e a irmã lindalva...

A6 – com a letra O...

P – é:: a letra O... que palavra começa com a letra O?...

A6 – OLIVEIRA... do nome do meu marido... é:: o nome dele tem oliveira...

A1 – olho...

P – é:: olho...

A6 – ÓLEO...

P – devagar pra eu ir colocando no quadro... Ó – LEO... Ó – LEO... que mais?...

A6 – OMELETE... irmã...

P – O – ME – LE – TE... vamos ler estas palavras... não tem mais espaço no quadro... vamos ler estas palavras... que eu quero que vocês duas copiem no caderno ((A1 e A6))... que amanhã a gente faz uma tarefa... tá certo?... mas eu quero primeiro que copie... vamos... olhe irmã... avise as outras que faltou... que elas pesquise preços dos produtos que a gente viu hoje... amanhã eu vou dar matemática... amanhã eu quero dá matemática... se deus quiser... vamos começar a copiar... enquanto vocês copia... eu vou ajudar dona ana e dona elizabeth... tá certo?... qualquer dúvida é só chamar que nós temos uma doutora aqui que me ajuda muito... como já aprendi com ela...

((registro por parte dos alunos no caderno))

(...)

Aula: 04/03/2008

P – estão com uma cara de cansados... mas vieram pra aprender não vieram?...

((risos))

P – eu vou começar hoje falando de nós... este mês comemoramos o quê?... quem sabe?...

A1 – não sei não...

P – não sabe... uma vez no ano nós somos lembrada... pelo menos... somos prestigiadas... e::... vocês não sabem?...

A6 – eu não tô lembrada não...

P – vocês não tão vendo na televisão... a unimed fazendo homenagem... a redepharma?... minha gente... é um dia muito especial para as mulheres...

A8 – é o dia da mulher...

P – muito bem seu josé... é o dia da mulher... nem a mulher lembra que tem seu dia...

A1 – eu mesma não lembrava não...

A7 – num sabia /sabia nem que mulher tinha dia... pensei que mulher só tinha casa... cozinha... porque mulher só tem vez no fogão ((risos))

P – que é isso dona isabel?... nós somos muito importante... a mulher hoje já é reconhecida

]

A7 - hoje minha filha... mas é muito pouco... o próprio marido não dá valor a mulher que tem...

A6 – é mesmo dona isabel... a gente trabalha tanto... cuida de casa... lava roupa... cuida de filho... tem que tá com tudo pronto... quando o homem chega/já chega reclamando...

]

A7 - vida de dona de casa é uma escravidão...

((risos))

P – dona isabel hoje as coisa são bem melhores... a mulher já tem espaço na sociedade... antigamente... as coisas era pior... hoje a mulher... já pode estudar... trabalhar fora... têm mulheres que ganha mais que seus marido... têm mulheres que é dona de sua casa... tem aquela que não é casada... mas tem seu emprego fora...

ajuda seus pais... são formadas... já tem sua independência financeira... é:.... isso é muito importante... antigamente não... a mulher sofria muito...

A7 – eu mesma perdi minha logo cedo... tive que criar meus irmãos junto com meu pai... não pude estudar... fui cuidar de casa... ainda uma menina... tive uma vida muito sofrida... meu pai também não deixava a gente estudar... fumo criada em roçado... criando galinha... vaca... depois aprendi a costurar... trabalhei muito... me casei... continuo trabalhando muito... até hoje... meus filho...

A3 – que isso fofinha!...

A7 – fofinha... verdade... ma criei meus filho tudinho... trabalhando também... mas que valor mulher tem?... não só vejo na televisão/no jornal os homem batendo na mulher... se dá queixa é pior...

S – é por isso que isso acontece... muitas vezes a mulher com medo de denunciar os maltratos... ficam com medo... mas já existe lei e punição para isso... só que as mulheres permanecem caladas... mas a lei maria da penha dá garantias a mulher... o homem é punido em caso de agressão... quanto a mulher não ter o valor merecido dona isabel... não bem assim... nós... mesmo dona de casa... temos nosso valor... sei que as dificuldades muitas vezes impedem e nós terminamos nos achando desvalorizadas... atualmente as mulheres já desempenham papéis importantes... muitas por conta dos estudos já tem uma vida melhor... quantas mulheres hoje não é dona do seu próprio lar?... porque quando casadas assumem a responsabilidade de casa... quantas dentro do ambiente de trabalho não se sobressai?... tudo isso são conquistas para a mulher... então nós somos importantes sim... na bíblia... por exemplo... quantas mulheres não são valorosas?... veja a história de sara... rute... raquel... maria... débora... então até na palavra de deus há o reconhecimento das mulheres... sei que não é tão fácil o dia-a-dia da mulher... não tem coisa mais cansativa do que cuidar de casa... mas também cabe a nós esta tarefa... a lei maria da penha é um importante passo para a valorização da mulher... quantas mulheres antigamente eram violentadas... eram espancadas até a morte pelo homem e nada era feito?... hoje temos algo por nós...

A7 – mas isso não dá em nada minha filha... desde que o mundo é gente... q'eu sei disso... sempre aconteceu isso e nunca deu em nada...

S – mas hoje é preciso a mulher ter coragem e denunciar...

P – então... é:: vamos continuar a aula?... MULHER... a palavra mulher começa com que letra...

S – escreve no quadro a palavra...

P – então a palavra MULHER começa com que letra?

A6 – com M... com a letra M

P – muito bem... a palavra mulher começa com a letra M... a família da letra M é:...MA... ME... MI... MO... MU... então vocês/no dia oito desse mês... o mês de março que é o mês que a gente tá... é o mês dedicado ao dia INTERNACIONAL da mulher... eu já falei com rose pra ela conseguir um texto falando o porquê desse dia e a gente vai ler e discutir com vocês... tá certo?... vocês vão ver como surgiu/ porque surgiu esse dia... mas voltando ao assunto... mulher começa com a letra M... e... a família da letra M é... MA... ME... MI... MO... MU... a gente também formar outra família... a do LH... que é LHA... LHE... LHI... LHO... LHU... vamos repetir comigo?

((a turma repete as famílias do LHE e, em seguida, do M))

S – pede para que eles formem palavras abençoada... para não ficar apenas nas famílias... oralmente e você registra...

P – vamos agora é:: formar palavras com essas famílias... vamos?... vocês vão dizendo e eu vou escrevendo no quadro tá certo?...

A6 – MOLHO...

P – que mais?...

A7 – milhar...

P – sim... outra...

A8 – MILHO

A5 – tem também molhados...

A7 - MULHER

P – muito bem... tá bom... vamos ler as palavras?...

((leitura coletiva))

P – vamos agora escrever estas palavras no caderno?... vamos escrever?... enquanto isso eu vou acompanhando vocês... tá certo?...

S – france... aproveite e fale sobre os meses do ano... já que estamos focalizando a importância dessa data... eu te ajudo...

P – é bom mesmo... a gente já trabalha até geografia né?... bem... continuando... a gente tá em que mês...

A8 – no mês de março... o mês da mulher...

P – é isso mesmo... março é o mês que se comemora o dia da mulher... como eu já falei antes né?... o mês de março faz parte de um dos meses do ano... vocês sabem quais são os meses do ano?...

A7 – janero... feverero... março...

A6 – abril... maio... junho... julho... agosto... setembro...

A7 – outubro... novembro... dezembro...

P – então os meses do ano são... ((registrando no quadro)) janeiro... fevereiro... março... abril... maio... rose não é melhor colocar num cartaz logo não?... só assim fica na parede para eles verem...

S – é melhor... eles vão citando e eu vou já elaborando no cartaz... tá certo assim?...

P – é melhor... faz com tua letra mesmo...

S – está bem...

P – vamos gente... vocês vão dizendo e rose já vai colocando no cartaz...

S – deixa eu fazer o título... meses do ano...

((tempo))

P – fala como acontece essa/como é formado os meses do ano pra eles...

S – podem começar...

A7 – janeiro...

S – então eu vou colocando e explicando... é melhor... então janeiro... janeiro é o primeiro mês do ano... com que letra começa a palavra JANEIRO...

A6 – com a letra J...

S – muito bem... o próximo mês seu José...

A8 – fevereiro...

S – é isso mesmo... fevereiro é o segundo mês do ano... é também o mês mais curto... só tem VINTE E OITO DIAS... agora de seis em seis anos acrescenta um dia... vocês sabiam?... a cada seis anos o mês de fevereiro passa a ter vinte e nove dias...

]

A6 – eu já... mas não entendo porquê... os outros meses têm trinta dias... outro tem trinta e um... mas não sei não... fevereiro só tem vinte e oito...

S – pois é... porque:: tudo isso acontece porque a terra... o nosso planeta TERRA... que é o planeta em que nós vivemos... vocês já sabiam disso né?... que nós moramos em um planeta chamado TERRA...

A7 – já ouvi falar...

P – pois bem... nós moramos num planeta chamado TERRA... fora este planeta temos mais nove... todos eles ficam num lugar chamado ÓRBITA... ou seja...no UNIVERSO... todos estes planetas giram em torno do sol... deixa eu ir para o quadro desenhar mais ou menos como é o universo... só pra vocês verem... não sei desenhar muito não... viu gente?... mas é mais ou menos assim... (a signatária da pesquisa diz desenhando no quadro))... então... todos estes nove planetas giram em torno do sol... e a terra faz dois tipos de giro... um ela gira em torno do sol... o outro ela gira em torno dela mesma... mas SEMPRE sendo também em torno do sol... quando ela gira em torno dela mesma... ela faz um movimento chamado de ROTAÇÃO... esse movimento em torno dela mesma dura 24 horas... que forma o dia... entenderam até aí?...

A7 – mais ou menos...

S – olhe... preste atenção... a terra... ela não é sozinha... ela vive no universo com mais nove planetas... vocês já ouviram falar nisso... não já?...

A8 – já ouvi na televisão...

S – é verdade... de vez em quando aparece noticiário sobre esse assunto... os pesquisadores vivem em busca de saber se há vida nos outros planetas...

A8 – se tem água...

S – é verdade... sempre eles estão estudando sobre isso... eles querem descobrir... como é a terra... como ela é formada... tudo eles tentam saber... se existe mais planetas... sempre sai notícias a respeito disso... não é?... mas estes movimentos que a terra faz... já faz um bom tempo que eles descobriram isso... a gente estuda esse assunto em geografia... mas voltando ao assunto... a terra ela gira em torno/em volta dela mesma... quando ela gira esse giro dura um dia... formando VINTE E QUATRO HORAS... esse movimento que ela faz se chama de MOVIMENTO DE ROTAÇÃO((registra no quadro o nome do movimento))... isso pra vocês entenderem o que acontece e porque existe os meses do ano... tá certo?... então a terra gira e esse giro forma o dia... cada dia vai ser dividido em meses... além do giro que ela faz em torno dela mesma... ela vai fazendo esse mesmo giro sempre em torno do sol... quando ela vai girando em torno do sol... que esse movimento se chama de TRANSLAÇÃO... ela vai formando os meses do ano... além disso ela/a terra ela faz uma pequena parada que forma as estações do ano... que se chama... vocês sabem como se chama as estações do ano?...

P – é primavera... verão... outono e inverno...

S – isso mesmo... a cada parada rápida... ela forma uma estação do ano... essas estações... a primavera... o verão... o outono e o inverno... vai acontecendo mudanças no nosso clima... mudanças na natureza né?... época fria... com chuva... época em que caem as folhas... que dizem que é o outono... época muito quente... o verão né?... enfim... cada época apresenta um clima diferente... uma ação da natureza diferente... então os meses do ano são formados por conta dos movimentos que a terra faz... então os meses são formados de dias... os dias vão formando as semanas... cada dia tem um nome né?... quais são os dias da semana?...

A6 – segunda... terça... quarta... quinta... sexta...

S – então... segunda-feira... terça-feira... quarta-feira... quinta-feira... sexta-feira... sábado... domingo... então cada vinte quatro horas forma um dia da semana... e a formação destas semanas... formam os meses do ano... ou seja... os meses podem ser formados por quatro ou cinco semanas... quatro e... às vezes cinco meses... vai depender como os dias estão sendo formados... o mês terá cinco semanas... ou pode ter somente quatro... então por isso que nós temos doze meses durante o ano... cada ano contém de trezentos e sessenta e cinco dias e seis horas... e a cada quatro anos temos um ano com trezentos e sessenta e sete dias... quando essas horas... de cada ano forma um dia a mais... com quatro anos temos um dia a mais/um dia a mais né?... que é acrescido no mês de fevereiro... cada mês tem... portanto... trinta ou trinta e um dias... não escreva agora não dona Francisca...

A5 – eu queria escrever... não é pra escrever não...

S – faça o seguinte depois da explicação eu anoto no caderno de vocês... tá certo?... mas não escreva nada agora não... isso é tão importante também...

A8 – e eu tô gostando muito de saber disso... e nunca imaginei que fosse por isso que existe os meses do ano... porque tem esses dia da semana... porque existe a hora... o meses do ano... é bonito o saber... entender as coisa é muito importante...

P – pois é... tudo... para TUDO se acha uma explicação...

A7 – menos para a morte... a morte é um mistério... só deus sabe...

S – é isso mesmo... aí só deus sabe... mas vamos continuar a aula... para não nos perdermos... tá certo?... deixe dona Francisca que eu escrevo no seu caderno... eu faço com a letra bem grande pra senhora estudar... tá certo?... então... tem mês que tem trinta dias... tem mês que tem trinta e um dias e o mês de fevereiro tem... é::

vinte oito dias... e:: a cada quatro anos tem 29 dias... a cada quatro anos se chama ANO BISEXTO... por conta das seis horas que há cada ano...por isso que existe os meses... a semana... o dia... por conta dos movimentos que a terra faz... veja... o mês de janeiro tem TRINTA E UM DIAS ((anotando no quadro))... o mês de fevereiro tem VINTE e OITO... março tem... TRINTA E UM... abril tem 30...

A6 – maio tem TRINTA E UM...

S – isso mesmo... vou botar tudo isso no cartaz... tá certo?... junho tem TRINTA... julho... trinta e um... agosto... trinta e um... setembro... trinta... outubro... trinta e um... novembro... trinta e dezembro... o último mês do ano... tem TRINTA e um dias... então é assim que formamos o ano... voltando para o cartaz agora... o segundo mês é fevereiro... qual é o terceiro?...

A7 – março...

S – MAR – ÇO ((silabando))... depois?... o quarto?

A6 – abril...

S – muito bem... ABRIL... o quinto?...

A8 – o mês de maio...

S – MAIO... o sexto?

A5 – junho...

S – o sétimo?

A6 – julho...

S – o oitavo?

A1 – agosto

S – muito bem jacqueline... pensava que não ia mais falar hoje... sempre tão calada...e agora... qual o nono mês?...

A1 – setembro...

S – certo... e o décimo?...

A8 – outubro...

S – o nono agora...

A9 – novembro...

S – e o último mês é:::

A7 – DEZEMBRO...

S – pois é... é assim que é formado os meses do ano... temos a todo... doze meses... DOZE meses...

A8 – é vivendo e aprendendo minha filha... hoje eu aprendi mais do que nunca... gostei muito dessa aula...

S – veja os meses aqui no cartaz... coloquei já na ordem... coloquei também com o número de dias... como é formado o ano... agora vamos observar com que letra começa cada mês... o mês de janeiro começa com a letra?...

A7 – J

S – e o mês de fevereiro... temos aqui algum aluno que começa com a letra J?

A6 – temos seu José né?... jacqueline também...

S – exatamente... José e jacqueline começam com a letra J... e fevereiro?

A6 – com F... aqui na sala também tem alguém com a letra F?

A7 – temos FRANCINEIDE... nossa professora... temos a irmã FRANCISCA...

S – parabéns... irmã isabel... e o mês março?... começa com que letra?...

A9 – M... temos também outro mês que começa com M?...

A6 – maio... e com a letra m... temos dona maria... que começa com a letra m...

S – muito bem... dona lindalva e dona maria... temos MARIA que começa com M... temos também outros meses que começa com a letra J... quais são?... pra não ficar cansativo... perguntando cada mês a letra inicial...

A1 – temos janeiro... junho e julho...

S – muito bem... jacqueline... parabéns... nós temos com a letra J... JANEIRO... JUNHO E JULHO... com a letra A? quais são meses que começam com a letra A?

A8 – abril... agosto...

S – quem aqui começa com a letra A?

A7 – ANA...

S – temos ana... temos ANTÔNIO também... que até hoje só veio um dia...

A7 – é verdade... mas cadê ele?...

P – disse que tá trabalhando... que qualquer dia vem... qualquer dia quem vai lá DE NOVO... sou eu...

((risos))

S – pois é temos... ANA e ANTÔNIO... com que letra começa o mês de setembro...

A6 – com a letra S...

S – e o mês de outubro?

A8 – com O de óculos... pra gente enxergar direito...

((risos))

S – e o mês de NOVEMBRO seu José?...

A8 – com N né?...

S – vamos agora ler oralmente os meses do ano?... vamos?... todos acompanhando... lendo no cartaz né?... vamos fazer uma leitura... só para lembrarmos...

((momento da leitura oral coletiva))

(...)

Aula: 07/03/2008

P – vamos hoje comemorar né?... prestar uma homenagem a vocês/ a nós né?... como o dia internacional da mulher é amanhã... e não vai ser possível nós comemorarmos porque deusinha não pode vir né?... vamos comemorar hoje...

A7 – tá tudo bonito né?...

P – fomos nós que preparamos esta homenagem para vocês né?... eu e rose... mas antes eu quero começar lendo um texto bíblico muito lindo... um texto que define bem a mulher... a MULHER VIRTUOSA... como é a MULHER VIRTUOSA... uma mulher VALOROSA... uma MULHER importante... deus... na bíblia... sempre mostra o quanto a mulher é importante... sempre mostra muitos exemplos de mulheres valorosas... aqui no texto/ texto q'eu diz que o VALOR da mulher excede/que o seu valor excede ao de rubis não é?... a uma pedra preciosa... mostra que a mulher tem mais valor que uma pedra preciosa...

A6 – mas não é qualquer mulher não... porque tem muita mulher nojenta por aí... que vive destruindo lar... prostituta... que abandona seus filhos... seu lar... não é essa que deus fala não...

P – é verdade... dona lindalva... a mulher virtuosa aqui no texto da bíblia... é aquela que tem virtude... uma mulher dona do seu lar... que cuida bem do seu marido...

A9 – uma mulher DIREITA...

P – é isso mesmo... deus mostra na bíblia muitas mulheres virtuosas... como ana... a mãe de samuel... uma mulher de oração... que mesmo nas suas atribulações... orava sem cessar... buscava a presença de deus... tem outra mulher... débora... uma mulher guerreira... talentosa... escolhida para ser juíza de deus... não tinha medo de

enfrentar o perigo... sempre na presença de deus... é tanto... deus a amava tanto... que ela foi ARREBATADA... temos também a história de maria... a mãe de jesus... deus a escolheu porque conhecia o seu coração... ela era considerada a bem aventurada... REALMENTE... uma mulher simples... humilde... amava a deus... e em nenhum momento... quando o anjo anunciou que ela ia ter um filho... ela rejeitou... ela enfrentou lutas... ela era virgem... noiva... não foi fácil... mas ela conhecia a deus... o seu poder... maria era uma discípula de deus... fala também de rute... a moabita... uma mulher perseverante... perdeu seu marido... mas nem por isso abandonou sua sogra... foi persistente... temos também a história de sara... mulher submissa... que amava seu marido... era estéril... e deus lhe deu um filho... isaque né?... e dele foi feita uma grande nação...então... se eu for falar das mulheres da bíblia... que deus mostra na bíblia a gente hoje não faz esta homenagem... então eu vou ler pra vocês/eu vou deixar como mensagem pra vocês o texto... que está em::: provérbios trinta e um... nos versículos... do dez ao trinta e um... que diz... ((leitura da texto))... que vocês continuem sendo estas mulheres virtuosa...como diz a bíblia... dona do seu lar... boa esposa... que eu sei que são... boa mãe... que o senhor só vai acrescentar na sua vida... que ele fortaleçam a vida de vocês...

]

A7 – AMÉM... a nós todas né?...

P – que vocês sejam essas mulheres guerreiras que são... como débora... aqui... nesse texto mostra a verdadeira mulher... a preciosidade que é... a mulher né?... se não somos preciosas para o homem aqui da terra... mas somos para deus... para deus somos... e logo no começo do texto né?... é questionado né?... mulher virtuosa... QUEM a achará?... aí em todo texto vai definindo como é essa mulher virtuosa... e eu deixo para vocês justamente esse primeiro versículo... eu não vou falar muito porque rose vai falar um pouco do porquê desta data... por que surgiu o dia da mulher né?... é muito importante da gente saber né?... da gente entender né?... conhecer o porquê de ter surgido esse dia né?... eu deixo pra vocês/para nós o parabéns... que deus abençoe a vida de vocês... que ele as cubra com todas as bênçãos celestiais...

A6 – amém... irmã...

P – agora eu passo pra rose falar um pouco... porque depois dona deusinha também vai deixar uma homenagem né?... ninguém aqui não conhece dona deusinha né?... ((rir))... dona deusinha é uma mulher que tem lutado muito por nosso bairro... é uma

assistente social que tem lutado pela melhoria do nosso bairro... é presidente da sab né?... da sab aqui do bairro... tem ajudado muito a nossa comunidade...

A9 – aqui a gente já conhece deusinha...

P – rose não... por isso esse convite à ela... pra ela vir prestar essa homenagem a nós né?... e nós também prestarmos à ela... deusinha... quando você quer alguma coisa procura deusinha e ela sempre se empenha em nos ajudar né?...

S – vamos france... olha a hora...

P – rose puxando minhas orelhas...

S – não é isso... é por conta do tempo né?... temos dona deusinha que vai falar também né?... temos um lanche coletivo a oferecer... temos uma lembrancinha... só uma lembrancinha... mas foi comprada com muito amor... por isso temos que diminuir a fala... pois é... ontem... na aula de matemática... dona maria me fez uma pergunta... não foi dona maria?...

A9 – foi...

S – dona maria queria saber o porquê de ter o dia da mulher... porquê se tem esta data... e eu disse à ela que sabia da existência da data... mas não sabia do porquê da data né?... por que surgiu o dia INTERNACIONAL DA MULHER?... como vocês vêem... é uma data comemorada em todo mundo... todos os países comemoram esta data... por isso que se diz DIA INTERNACIONAL... então eu resolvi pesquisar na internet... para dar uma informação real né?... uma informação correta... e estou aqui para falar um pouco dessa data... amanhã nós estudaremos melhor este fato... ta certo?... só quero focalizar aqui o verdadeiro motivo da data... pois esta data se tornou importante por conta de um grupo de mulheres que trabalhavam numa fábrica... naquela época a mulher era muito explorada né?... hoje ainda existe exploração... mas não é TÃO forte como antigamente... não é tanto...

A7 – mas ainda existe...

S – é verdade... dona isabel... ainda temos sim... mas voltando para o surgimento da data... isso/essa data... um grupo de operárias de uma fábrica de tecidos... revoltada com a carga horária de trabalho... pois elas trabalhavam mais de dez horas por dia... organizaram uma manifestação... fizeram uma greve... então o dono resolveu trancá-las... incendiando-a... mandou incendiar a fábrica com todas elas dentro... morreram CENTO E TRINTA TECELÃS...

A9 – misericórdia... isso foi aonde?...

S – em NOVA IORQUE... nos ESTADOS UNIDOS...

A6 – uma maldade muito grande...

S – então... em mil novecentos e dez... durante uma conferência que ouve... resolveram prestar uma homenagem a estas mulheres... dedicando o dia oito de março a mulher... por isso temos sempre esta comemoração... essas mulheres guerreiras morreram lutando por seus direitos... amanhã nós estudaremos este texto... e eu passo a palavra para a professora...

A7 – mas existe muita gente ruim no mundo... que maldade...

A5 – DESUMANO...

P – pois é né?... uma nossa comemoração vem de uma história muito triste... mas nos deixa uma lição... que devemos lutar por nossos direitos... elas foram fortes... guerreiras... elas lutaram né?... pagaram um preço né?... que foi a vida... mas lutaram... agora... agora dona deusinha vai falar um pouco... ela trouxe uma mensagem pra vocês né?... para também homenageá-las...

AS – primeiro eu quero agradecer o convite que france me fez né?... porque essa data é muito importante para todas nós né?...

A8 – e eu tô chegando né?... pra ficar na festa também...

P – entre... bendito entre as mulheres... seja bem vindo...

((risos))

A8 – tudo bom... né dona deusinha?... a coisa tá é boa aqui... festa né?...

AS – é seu José... hoje aqui nós estamos comemorando o dia da mulher... a data é amanhã... mas a gente comemora hoje...

A8 – PARABÉNS pra todo mundo...

AS – pois bem... a mulher hoje... como já foi dito... ela já luta mais por seus direitos... eu como assistente social... moradora deste bairro... como representante da sab daqui do bairro... a gente vê que ainda acontece muitas injustiças com as mulheres... mas há também... aquelas que batalham né?... mesmo dona de casa como vocês... digo porque conheço todas vocês... ando muito por aqui né?... vocês são muito importante para a construção da sociedade/da nossa sociedade... quantas mulheres hoje não lutam por seus direitos?... hoje nós temos mulheres em toda as instâncias... quem sabe se o nosso próximo passo é termos uma mulher presidente né?... o problema ainda... é porque a mulher além de trabalhar fora... ela também tem que ser dona de casa... esposa... mãe... eu mesma sou tudo isso... sem marido viu?... sozinha... mas a mulher avançou muito... graças a essas mulheres como rose falou... que foram as primeiras a dar um passo a frente... mesmo pagando com sua

própria vida... mas foram elas que deram o primeiro passo né?... então nós estamos de parabéns... não é a toa que nosso criador nos deu esta missão... de gerar... de ser mãe... as que ainda não são... deus tem propósito para cada uma... eu só sei que hoje a mulher ela já pode lutar... abrir a boca... coisa que antigamente né?... nem podia... temos hoje a lei MARIA DA PENHA... o importante passo para atender aquelas mulheres que sofrem abusos pelo homem... então eu vim... NA REALIDADE... deixar uma mensagem para vocês... eu quero deixar esta mensagem para vocês... parabenizando né?... por esta data tão importante... eu vou ler a mensagem né?... quero agradecer mais uma vez pelo convite... ((leitura da mensagem – ver anexo 5))... obrigada e parabéns a todas...

P – para você também... que a gente sabe que você está sempre desenvolvendo um trabalho com a comunidade... vive pra cima e pra baixo atrás desses políticos em benefício pra nosso bairro... eu é muito carente... violento... vejo seu empenho... sempre denunciando o descaso... denunciando nos rádios... pedindo providências... que você continue assim... seja como débora... muito obrigada por ter aceito nosso convite... e agora nós temos um lanchinho promovido... nós vamos primeiro entregar uma lembrancinha né?... pra não passar em branco né?... seu José é quem vai entregar... tá certo?...

A8 – eu...

S – sim... o senhor...

A8 – não tem o dia do homem também não?...

S – não... mas tem o dia dos pais... e você será o único homenageado...pelo que eu tô vendo né?... porque seu Antônio quase não vem... falta muito né?... vamos entregar seu José?...

A8 – começo com quem?...

S – com quem o senhor quiser...

A8 – tem pra professora?

S – tem para todas... inclusive para a assistente social... a das que faltaram a gente já guardou... depois France entrega... a de cada uma...

A8 – então eu dar primeiro pra minha professorinha...

((risos))

((entrega feita pelo alunos das lembrancinhas e em seguida o lanche))

(...)

Aula: 12/03/2008

P – vamos lembrar né?... vamos lembrar o que foi discutido naquela comemoração do dia da mulher né?...

A8 – vamos né?... tem festa de novo?

P – seu José é uma graça... nós vimos como surgiu o dia internacional da mulher né?... vocês viram né?... é uma história triste... mas também bonita né?... provou que essas mulheres eram guerreira... tinha fibra...

A7 – é... lutaram por seus direitos até morrer... é muito bonito... pagaram com a própria vida...

A6 – é::: é preciso ter coragem né?...

P – pois é... elas foram corajosas... isso aconteceu nos Estados Unidos né?... em Nova Iorque... estado que pertence a esse país... vimos também né?... a homenagem que Dona Deusinha trouxe pra vocês... foi muito bonita... falava/mostrava no texto... é:: o texto dizia/ a mensagem dizia que Deus fez a mulher pra ser Mãe... pra ser louvada né?... que ela reluta pra ter seu espaço... muito bonita a mensagem... eu também li né?... um texto da Bíblia mostrando o que é para Deus uma mulher virtuosa...

A6 – um texto muito bonito... eu gosto de ouvir a leitura desse texto...

P – é verdade... ele é lindo... então hoje vocês vão ler o texto sobre como surgiu o dia internacional da mulher... é uma história muito importante para nós mulheres... esse texto Rose tirou da internet... é um texto... né Rose?... é um texto adaptado...

S – eu fiz uma adaptação... fiz... na realidade um resumo... porque vinha falando muita coisa... e eu só coloquei o que realmente aconteceu... diminuindo o máximo que pude... mas aí contém as informações necessárias para vocês... para vocês entenderem o porquê da data...

A7 – achei uma história muito triste... todas morreram queimadas...

A9 – foi uma injustiça...

P – mas continuando... então eu dar pra vocês o texto... depois eu leio... tá certo?... vocês vão estudando as palavras... enquanto eu e Rose... nós/nós vamos fazendo uma atividade nos cadernos de vocês... olhando no texto... Rose tu faz/tu escreve a

de jacqueline e de dona ana... porque elas faz uma diferente... e eu vou escrevendo a atividade de dona isabel e dona lindalva... dos outros né?...

S – eu já terminei já... a de dona ana e de jacqueline... só pra elas assinalarem mesmo... eu te ajudo... eu já peguei mais dois cadernos pra preparar o exercício... e tu vai fazendo dos outros dois... tá certo?... por uma atividade tu fazes a outras...

P – vamos né?... eu vou ler agora o texto... eu vou ler o texto... eu já disse que esse texto foi tirado da internet né?... rose digitou com as letras grandes para a gente estudar as palavras... tá todo na letra maiúscula... igual a estas do cartaz né?... letra de imprensa... então vamos... eu vou ler o texto... vou ler alto... devagar... pra vocês irem acompanhando... tá certo?...

((leitura oral do texto pelo professor))

P – então vocês viram né?... a história como foi né?...

A9 – ouvimos... muito triste... será que esse dono da empresa foi preso?...

S – eu acho que sim... a justiça nos estados unidos é muito severa... bom... quanto a isso não diz nada a respeito... mas acho que algo foi feito... mas... dona maria... parabéns... gostei da sua pergunta... aliás... até este texto pesquisado foi fruto do seu questionamento... da sua curiosidade em saber... foi bom para você e para nós também... pois eu nunca me interessei em saber o porquê desta data...

P – é::: continuando... essas mulheres/diz no texto que essas mulheres eram tecelãs... trabalha com tecido né?... tecendo né?... ela trabalhavam muito... trabalhavam doze horas... era muito cansativo...

A7 – do jeito que tecer não dá trabalho...

P – pois é... elas queriam reduzir a carga horária... de doze para dez horas... por isso elas organizaram uma greve né?... uma manifestação... lutando por seus direitos...

A8 – nem um jumento trabalhava/trabalha tanto...

P – e então?... quem agüenta?... é muito cansativo... sem falar na remuneração... porque antigamente a mulher ganhava menos que os homens...

A7 – ainda ganha...

P – mas nós temos mulheres hoje que ganham mais que os homens... é pouco eu sei... mas existe... e isso já é um grande avanço... não é?... hoje a mulher trabalha fora... trabalha também em casa né?... então agora nós vamos fazer um exercício no caderno... rose tá fazendo de uns e eu vou fazendo dos outros... a gente vai fazer no caderno... a gente vai copiar as perguntas no caderno e vocês vão fazer... as

perguntas vão ser tiradas do texto... vai ser bem fácil... tá tudo no texto... a gente vai ajudando vocês... e quem for terminando vai pesquisar em revistas... tão aqui... vão pesquisar gravuras de mulher para a gente fazer um cartaz... para colocar aqui na sala... vamos deixar esta cheia de tarefas de vocês...

S – eu acompanho dona ana e jacqueline... pois eu vou ajudá-las a identificar as letras das palavras-chave do texto... e você acompanha os demais...

((exercício de compreensão))

P – bom gente... vocês já terminaram né?... as perguntas que nós colocamos foram bem fáceis né?... vamos lembrar?... em que data se comemora o dia internacional da mulher?... como foi que vocês colocaram?...

A7 – no dia oito de março...

P – qual foi a cidade norte americana que aconteceu as mortes/que cento e trinta mulheres foram mortas... queimadas?...

A9 – nova... nova o quê?...

P – nova iorque... muito bem...por que essas duas mulheres foram mortas?...

A7 – porque elas trabalhava muito

]

A6 – trabalhava doze horas...

P – elas tinha uma carga horária de DOZE horas e queria diminuir pra dez horas...

A7 – é uma maldade muito grande... porque num deram essas dez hora?...

A9 – esse mundo é muito cruel... minha filha...

P – foi perguntado também... no exercício de compreensão... qual a profissão que essa mulheres exerciam... e vocês colocaram o quê?...

A7 – tecelã...

P – muito bem... e agora é pesquisa né?... vamos agora fazer a pesquisa... vocês vão pesquisar gravuras com fotos de mulheres... e... depois... a gente cola no cartaz... que já tá com o nome... dia internacional da mulher...

S – dona ana e jacqueline já estão pesquisando né?... eu disse à elas que só precisa de uma gravura... cada um escolhe uma gravura...

A8 – eu já cortei um monte... cada mulher bonita...

A7 – seu josé é enxirido...

P – mas só vai escolher uma... eu já preparei o cartaz... quem achar... pega a cola e cola no cartaz... tá certo?... e por hoje é só... amanhã a gente continua...

((risos))

P – estude esse texto em casa... estude as palavras do texto pra gente fazer um ditado amanhã... estudem...

Aula 14/03/2008

P – boa noite né?... hoje estão agitados... foi que houve?...

((risos))

A7 – é as doidice de seu José... seu José é muito engraçado...

P – então... cada um tá com seu texto aí não tá?...

A6 – tá sim...

P – a gente já estudou bastante ele... não foi?... pois bem... eu hoje quero que vocês... pode riscar... tá certo?... eu quero que vocês pesquisem palavras que tenha as famílias silábicas da palavra MULHER... quantas sílabas têm a palavra MU – LHER?...

A6 – tem duas?...

P – sim... muito bem... sai da nossa boca dois pedaços... se sai dois pedaços... tem duas sílabas... tá certo?... a palavra UM – LHER/ a palavra MU – LHER tem duas sílabas... quantas famílias ela vai ter também...

A7 – vai ter duas também né?...

P – é verdade... vai ter duas famílias... a da letra M e da família do LH... que é quem?... qual é a família?...

A8 – ma – me – mi – mo – um

P – sim... e a do LH?...

A9 – lha – lhe – lhi – lho – lhu...

P – a gente... inclusive já estudou isso né?... mas circule no texto... no texto mesmo essas palavras... pra gente fazer uma leitura coletiva tá certo?... vamos gente... tente ler o texto pra fazer... vão fazer no texto mesmo... que depois eu vou fazer um ditado de palavras... com as palavras do texto... pra gente treinar a escrita né?... então vamos... pesquisem... vão lendo o texto com calma... estudando as palavras... eu vou ajudando vocês... só precisa circular... ou então vão dizendo e eu vou anotando no quadro... eu dividir o quadro... de um lado a gente coloca a família do M... do outro a gente coloca a do LH... vão olhando aí no texto...

((leitura e pesquisa das palavras com ajuda da professora))

(...)

P – pronto... já estudaram?... quais foram as palavras?... vamos primeiro olhar por linha tá certo?... a gente vai procurando e eu vou colocando no quadro viu?... vamos para a primeira linha... quais são as palavras?...

A6 – MAR – ÇO...

A7 – tem U – MA...

P – muito bem... tem mais alguma nessa linha?...

A6 – não... nem nessa... nem na outra...

A9 – só tem na terceira...

P – então diga...

A9 – é::... A – ME –RI- CA –NA... U – UMA

A7 – tem... FI – ZE – RAM

P – não... dona isabel... a palavra fizeram... a escrita já é de outra forma... eu quero com MA – ME – MI – MO – MU... e não com... AM – EM – IM – OM - UM – são sons diferentes... a gente usa essas famílias para formar outros tipos de palavras/outras palavras... como a palavra... é:: FI – ZE - RAM... AM – BI – EN – TE... entendeu?... para esses sons... então... quais foram as que vocês acharam mais?...

A9 – me – lho – res...

P – muito bem... a palavra ME – LHO – RES tem as duas famílias não é?...

A6 – tem também... é:: trabalho...

P – tra – ba – lho... que mais?...

A7 – COMO...

P – sim... tem a palavra TRABALHO outra vez... mas não precisa repetir né?... que mais?...

A6 – tem também é:: HOMENS... TRA – TA – MEN – TO...

P – muito bem... HO – MENS... TRA – TA – MEN – TO...

A8 – tem MANIFESTAÇÃO... RE – PRI – MI – DA...

A6 – tem MU – LHE – RES... que tem as duas né?...

P – parabéns... vocês estão craques...

A7 – tem essa aqui bem grande... A – PRO

]

P –

APROXIMADAMENTE...

A6 – tem MORRERAM...

P – tem também né?... TO – TAL – MEN – TE...

A9 – tem desumano...

P – DE – SU – MA – NO... SO – MEN – TE...

A6 – tem DI – NA – MAR – CA...

P – pronto... as outras a gente já viu né?... a gente já viu MAR – ÇO... e:: UM – LHE – RES... vamos agora né?... vamos agora fazer uma leitura coletiva...

((leitura coletiva))

(...)

P – pronto né?... não precisa escrever não... eu agora vou fazer com vocês um ditado de palavras... vou colocar também outras palavras... vou escolher uma dessas que vocês circularam no texto e colocar outras também... tá certo?... coloquem no caderno de vocês o nome PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO... depois a data... e... escreva DITADO DE PALAVRAS... eu espero...preparem o caderno...

((tempo))

P – pronto... posso começar?... posso dizer a primeira palavra?...

A9 – pode...

P – então escreva aí... MU – LHER... ((tempo))... já posso dizer a outra?...

A6 – pode...

P – foi que e houve dona lindalva?... por que jacqueline faltou?...

A6 – tá doente irmã... tá tossindo muito... essa frieza não é boa...

P – a próxima... CI – DA – DE... depois GRE – VE... ((tempo))... posso dizer a outra?...

A7 – calma... espere um pouco...

P – então coloque aí... FÁ – BRI – CA... ((tempo))... a próxima coloque é:: MA – NI FES – TA – ÇÃO... ((tempo))... já posso continuar?...

A6 – pode...

P – DE – SU – MA – NO... pode colocar... a próxima é::... RE – PRI – MI – DA... ((tempo))... posso dizer a outra?...

A7 – agora não?...

P – posso...

A8 – já...

P – O – PE – RÁ – RIAS... e depois... coloquem... MAR – ÇO... ((tempo))... pode... posso continuar?...

A8 – pode...

P – GRAN – DE... coloque GRANDE...

A6 – pode dizer a outra...

P – O – CU – PA – RAM... e depois... TRA – BA – LHO... coloquem...primeiro...
OCUPARAM... depois... TRABALHO... ((tempo))... posso continuar?...

A9 – já pode...

P – coloque... CON – FE – RÊN – CIA... CONFERÊNCIA... ((tempo))...

P – pode... CAR – BO – NI – ZA – DAS... CARBONIZADAS... acabou... somente...

A6 – terminou... hoje foi muita...

P – vamos agora corrigir?...

A7 – vamos...

((correção no quadro))

P – a atividade de casa é?... pesquisem em casa o nome de quantas fábricas que tem aqui em campina grande... se possível o salário... tentem saber... quais as fábricas nós temos em campina né?... onde elas se localiza... quanto é o salário dos operários... tá certo?...

A6 – nesse bairro a maioria trabalha nas alpargatas...

P – é pesquisem... e... e traga pra gente estudar... tá certo?... vão com deus...

Aula: 17/03/2008

P – na aula passada a gente discutiu sobre... a gente falou de quê...

A6 - a gente leu o texto falando do dia da mulher...

P – é isso mesmo... dona lindalva... a gente estudou mais uma vez o texto sobre como surgiu o dia internacional da mulher... fizemos um treino ortográfico com as palavras do texto né?... estudamos as famílias silábicas da palavra MULHER... eu pedi também que vocês fizessem uma pesquisa... vocês estão lembrados...

A8 – num foi sobre as fábricas... eu não procurei saber não... mas eu sei dum bucado...

P – então... quais são as fábricas que nós temos aqui... na nossa cidade?...

A8 – aqui tem as ALPARGATAS...

A6 – temos a BESA né?...

A7 – temos a CARDECIL...

P – muito bem... CA – DER – CIL... todas essas fábricas estão instalada aqui em CAMPINA...

A8 – fica lá no distrito industrial...

A9 – tem também COTEMINAS...

P – é sim... temos as IMPRESA...

S – nós tínhamos uma fábrica muito boa que acabou ser fechada... A SALUTE... ela era concorrente da CREMER... foi uma pena mais quatrocentos funcionários por turno perderam seus empregos...

A8 – eu vi... tudo pai de família... é uma pena... mas nessa cidade a gente quer o quê?... o governo não investe em nada...

S – é verdade seu josé... não há investimentos nesta área... o governo não cria estímulos para que se haja fábricas... tantas empresas que abrem e logo depois fecham...

A8 – minha filha nós perdemos uma grande empresa na paraíba naquela época... que foi a varig... e sabe quem foi o responsável pelo fechamento dela?...

S – sei sim... um ex-prefeito... que também foi governador...

A8 – ronaldo cunha lima... foi sim...

S – pois é... nosso estado poderia crescer... temos ótimas universidades... temos a cultura do algodão... do abacaxi... mas infelizmente... o governo não investe para o funcionamento das indústrias... porque quanto mais... fábricas/empresas... mas o índice de desemprego diminui... um dia desses estava uma maior confusão na câmara de vereadores por conta disso... a alpargatas dizendo que iria tirar suas fábricas daqui... eu sei que o salário não é muito...mas... para um pai de família que precisa trabalhar é muito importante...

A8 – ganha mais que um salário... a BESA e a ALPARGATAS paga a unimed...

A7 – também os que entra bom lá quando sai... só sai doente... com problema no braço...

S – é::: eu já ouvi falar... como inflamações grave... com tendinit...

A7 – eu digo isso porque meu vizinho tá doente... mas precisa trabalhar...

S – é... realmente... hoje o índice de desemprego é muito grande... muitos precisam se submeter a trabalhos que prejudicam sua própria saúde para sobreviver... é a lei da sobrevivência... mas é importante essas fábricas na cidade para que haja progresso... a cidade precisa crescer... campina grande já foi um dos grandes pólos

de desenvolvimento do nordeste... tanto campina como feira de santana... na bahia... hoje... por conta governamental mesmo... campina sofre as conseqüências de más administração... o governo deveria abrir acordos que facilitassem o empreendimentos no estado e municípios... deveria criar políticas para investir nessas empresas terceirizadas... qualificar a mão-de-obra... criar programas junto com SENAI – SESI – SESC – SEBRAE... que são instituições sérias... para ajudar mais no crescimento econômico do município... nosso estado perde muito com essas brigas internas de governo... sai governo e entra governo... e:: o quadro é o mesmo...continue professora abençoada...

P – pois é... vimos também que a mulher já exercem um papel importante na sociedade... hoje né?... já temos mulheres em cargos importantes... tivemos até uma prefeita na nossa cidade... pela primeira vez campina grande teve uma mulher prefeita né?

A8 – um desastre... se brincar vai a até presa...

S – porque... na realidade... ela não soube administrar...

A8 – é não... porque se juntou com cunha lima... olha aí no que deu?... se FERROU...

S – realmente ela conseguiu ser pior do que todos e foi nossa esperança de mudança... fez um excelente trabalho como presidente do sindicato... tornou o sindicato mais respeitado do estado... batalhava muito pelo funcionário público... foi uma ótima vereadora... quando se aliou com a bancada... que sempre foi contra... olha o resultado... se corrompeu... foi o maior rombo nas finanças do município... mais de seis meses o funcionalismo sem receber... e ela agora está com vários processos na justiça... mas têm muitas mulheres talentosas... que desempenham um importante papel...

P – é:: voltando ao assunto... as mulheres de antigamente a sua principal função era o lar... ser doméstica...

A7 – também bordava... costurava...

P – bordar... costurar... espere só um pouco dona isabel... eu vou anotar no quadro... pra vocês escreverem as profissões que as mulheres exerciam... ONTEM e HOJE... vocês vão dizendo e eu vou escrevendo... tá certo? vamos... deixa eu ir colocando no quadro tá?... ((registro no quadro))... antigamente: DO – MÉS – TI – CA... DOMÉSTICA... BOR – DAR... BORDAR...

A7 – costurar... eu mesma aprendi a costurar vendo minha tia... aprendi só de olho... foi como ganhava meu dinheiro... hoje não tenho mais saúde pra costurar...

P – COS – TU – RAR...

A6 – FAZER RENDA...

P – FA – ZER... REN – DA...

S – na realidade... eram mais trabalhos manuais...

A9 – as mulheres casadas antigamente... quando chegava visitas... elas tinha que ficar na cozinha... minha mãe e eu vivi isso... a gente colocava os filhos no quarto para não atrapalhar a conversa dos homens...

S – pense... a discriminação...

P – pois é... outra profissão comum e que continua até hoje é profissão de professora... PRO – FES – SO – RA... sim rose... tu falasse trabalhos manuais não foi?...

S – foi...

P – TRA – BA – LHOS... MA- NUAIS...

A6 – tecelãs...

P – muito bem... dona lindalva... TE – CE – LÃS...parabéns... e atualmente... as mulheres já exercem profissões que só homem antigamente podiam exercer né?... hoje a mulher ela é mais remunerada né?... já tem mais valor na sociedade..

A6 – é hoje já tem mulher que é médica... motorista né?...

A8 – tem até mulher pastora...

A7 – é mais isso tá fora da palavra... a bíblia não fala de mulher pastora não?... quem disser isso é mentira... vai pro inferno ((ri))... ninguém pode fugir da palavra não...

P – é:: isso é verdade... mas vamos voltar para as profissões que a mulher exerce HOJE... quais as profissões?... eu vou anotando no quadro enquanto vocês vão falando tá certo?... vocês vão dizendo e eu escrevendo... depois a gente faz uma leitura das palavras e vocês escrevem no caderno... e... ainda eu vou fazer um exercício da pesquisa que eu passei pra casa... e... quero tudinho pra hoje... por isso vamos... qual a profissão que a mulher exerce hoje?...

A8 – bote aí... MOTORISTA...

P – MO – TO – RIS – TA... quê mais?...

A7 – soldado...

P – SOL – DA – DO... SOLDADO...

A9 – POLÍTICA

P – PO – LÍ – TI – CA... POLÍTICA né?...vamos tem mais...

A1 – VEREADORA...

P – sim... VE – RE – A – DO – RA... VEREADORA...

A7 – deputada...

P – muito bem... DE – PU – TA – DA... quê mais?

A8 – tá enchendo o quadro pra gente escrever né?... pois coloque aí... FREN – TIS – TA...

((risos))

A8 – é isso mesmo...

P – esse seu josé não tem jeito mesmo...

S – ele é uma graça...

P – a próxima...

A8 – prepare o dedo... outra... TA – XIS – TA...

A7 – e eu vou dizer seu josé... INGENHERA...

P – EN – GE – NHEI – RA... ENGENHEIRA... eita dona isabel... muito bem...

A8 – então vai outra... AEROMOÇA...

P – A – E – RO – MO – ÇA... AEROMOÇA...

A7 – agora coloque aí... BANCÁRIA...

P – BAN – CÁ – RI – A... muito bem...

A10 – MÉDICA...

P – sim... MÉ – DI – CA...

A8 – temos mulher que é pedreira...

A7 – é... tem também né?... a mulher pra ter seu dinheiro trabalha em tudo...

A6 – a necessidade... é tão ruim depender de homem né?...

A9 – bom mesmo é ter seu dinheiro...

A8 – tem também BOM – BEI – RA...

P – é verdade... mas tá bom... não cabe mais não... eu agora/vamos fazer uma leitura coletiva dessas profissões... pra gente aprender a ler... vamos?... vamos ler dona maria?...

A9 – vamos... minha filha...

P – posso começar né?... então vamos...

((leitura coletiva das profissões))

(...)

P – agora... agora vamos fazer um exercício da pesquisa que vocês fizeram... eu pedi para que vocês fizessem uma pesquisa de algumas fábricas que temos na nossa cidade... e... vocês já disseram né?... CADERCIL... ALPARGATAS... HAVAIANAS... COTEMINAS... BESA... né?... todas essas fábricas se localizam né?... no distrito industrial NÉ?... é um pouco longe daqui né?... mas o distrito industrial é o nosso centro de indústria... essas indústrias precisam ser distante dos bairros né?... por conta que elas utilizam produtos químicos né?... são indústrias que fazem barulhos... por isso tem que ser longe da cidade né?... vimos que esses funcionários ganham pouco mais que um salário mínimo...

A8 – essas indústrias têm três turno... trabalha direto... sem parar... de domingo a domingo... muitos passam horas em pé...

S – questão da produtividade né?...

P – pois é... são empresas que a cada dia cresce...

S – o problema que aqui no nordeste a mão de obra é desqualificada... as pessoas não ganham o que é justo... mas é importante ter um emprego... ter um emprego fixo é garantia de no futuro ter uma aposentadoria...

A8 – quando já tá morto... ((risos))... eu ainda luto pela minha... nesse fun rural vei... pobre sofre minha amiga...

P – podemos fazer o exercício?...

A7 – pode né...

A9 – já tou de dedo duro...

P – vamos... quando terminar esta atividade... aí vocês podem ir... tá certo?... mas vamos fazer... só vou colocar três perguntas... só são três perguntas... então são três questões... a primeira vai ser... ((registrando no quadro))... QUAL O NOME DE SUA CIDADE... a segunda é::QUANTAS FÁBRICAS EXISTEM NA SUA CIDADE... QUE VOCÊ CONHECE... e a terceira... QUANTO É O SALÁRIO DE UM OPERÁRIO...

A8 – eles devem ganhar uns quinhentos e cinquenta...mais ou menos... deve ser isso...

P – então coloque quando vocês for responder né?... então copie e eu vou olhando vocês fazerem tá certo?... eu vou ajudando viu?... a gente já viu tudo isso... podem copiar no caderno... ((acompanhamento da atividade pela professora))

(...)

P – agora vamos fazer cartaz... para deixar é:: para deixar registrado as profissões de ontem e de hoje... tudo o que a gente viu... rose já está organizando...

S – mas já está tudo no quadro... é só ir colocando no cartaz...

A7 – é bom que fica já perto do outro cartaz que tem as figuras...

P – pois é... é bom... também... porque depois a gente faz uma leitura individual né?... pronto... a tarefa de casa vai ser vocês separarem as sílabas destas palavras... já está até escrito no caderno...

A9 – as profissões de ontem e hoje...

P – sim... dona maria... o que estudamos hoje... as profissões da mulher... é só separar as sílabas... pega essas palavras e separem as sílabas... que eu corrijo amanhã... quando terminarem pode ir... eu deixo dona maria e dona ana em casa...

Avaliação do Programa – 14/04/2008

P – gente... boa noite né?...

A1 – boa noite...

P – hoje... é:: a gente vai fazer uma prova do programa viu?... a coordenadora depois vem pegar... e eu gostaria que vocês respondesse o que sabe... tá certo?... eu vou apenas lê e vocês tentem fazer sozinhos... não pode olhar para o do colega...

A3 – cadê rose? ela não vem hoje não?...

P – não... ela não vem não... eu disse à ela que ela ficasse em casa... a coordenadora não permitiu nem que ela fosse pra primeira semana do encontro... mas para dar tempo vocês fazer tudo eu vou já entregando viu?... todos receberam?...

A4 – já...

P – agora eu vou ler... prestem atenção tá certo?... eu só posso lê uma vez...

A4 – não a senhora vai ajudar a gente((ri))

P – não... eu não posso não...

A1 – assim é bom...

P – vamos gente... pra não atrasar... eu vou ler... no final ela vem buscar... ou então deve mandar o mototáxi pegar... eu vou começar a leitura...

A4 – e é grande viu...

A2 – a gente num sabe fazer... a senhora ajuda?

P – eu não posso... eu já disse que vou apenas lê e vocês tente responder sozinho...

A3 – eu nem o nome ainda sei fazer...

P – o seu nome do... dona ana eu vou ajudá-la a fazer... use a sua ficha... ela tem seu... seu nome

A4 – é:... e a gente vai assinar o título de eleitor é professora?...

P – é sim...

A1 – parece que é só a gente aprender o nome que já sabe de alguma coisa... né?

P – eu não sei qual é o verdadeiro objetivo do programa... mas quem responder tudo correto irá sair... vai ser desligado... tá certo?... foi o que disse a coordenadora...

A1 – e a gente vai pra onde?... nunca vi isso... é só saber um pouquinho que já é pra sair... mas eu sei o que é isso/isso eu sei o que é... PRA ELEIÇÃO... eles é besta... a gente assina o título e ele já sabe que a gente sabe e não precisa mais estudar... eu sei fazer meu nome mas não quero sair não... viu professora?

P – é preciso que vocês respondam esta prova... só assim... a secretaria vai ver como estão... eu vou lê a prova e vocês façam sozinho... dona lindalva não é pra ensinar pra ensinar a jacqueline... viu? NÃO PODE... ela tem que fazer SOZINHA... sem olhar a sua prova... eu preciso que vocês façam hoje... tá certo?... respondam tudo que a coordenadora vem buscar ainda hoje... não converse não... tá certo?...

A1 – o valor da gente é só quando vota... depois... só deus sabe... bando de interesseiros...

A3 – é seu josé... o valor da gente é o voto... mais nada...

A2 – por isso eu voto no cabiludo... ((risos))

((a professora pede silêncio e lê a prova pausadamente))

(...)

A1 – parece que é só a gente aprender o nome que já sabe de alguma coisa ... né?

P – eu não sei qual é o verdadeiro objetivo do programa... mas quem responder tudo correto irá sair... vai ser desligado do programa... tá certo?... foi o que disse a coordenadora...

A1- e a gente vai pra onde?... nunca vi isso... é só saber um pouquinho que já é pra sair... mas eu sei o que é isso/isso eu sei o que é... PRA ELEIÇÃO... eles é besta... a gente assina o título e ele já sabe que a gente sabe e não precisa mais estudar... eu sei fazer meu nome mas não quero sair não... viu professora?

(...)

Aula: 15/04/2008

P – hoje né?... boa noite né?... a gente né?... a gente já estudou MUITO né?... o nome de vocês... a data de nascimento... em matemática né?... a profissão... o que gosta de fazer né?...

A6 – a rua... o nome da rua... do bairro...

P – é verdade... vimos o nome do bairro... a rua que vocês moram... quem é casado... quem é solteiro... e a gente aqui só tem uma solteira né?... vimos também o número da casa de cada um né?... o endereço completo né?... já está tudo inclusive no cartaz... tem aqui o cartaz com o nome completo de cada um... em ordem alfabética né?... de acordo com o alfabeto... tá nome de todo mundo... tem aí o cartaz com as profissões de vocês... o que gosta... que a gente fez desenhando com a mão... mas agora eu vou fazer/mas agora a gente vai produzir um texto contando a história da vida de vocês... é:: vocês vão falar da vida de vocês:... a gente já viu tudo isso né?... é importante que vocês escrevam contando uma história... cada um de nós temos uma história de vida... temos uma vida... que vive uma história... na REALIDADE... nós somos uma história né?... vocês vão escrever no caderno mesmo né?... e depois eu leio... cada um lê sua história né?... é importante a gente conhecer cada um né?... conhecer um pouco da vida de cada um... então eu vou escrever no quadro... vamos fazer né?... eu vou colocar no quadro...

S – enquanto você acompanha os alunos na produção... eu vou trabalhando o alfabeto móvel com dona ana e dona elizabeth... tá certo?...

P – tá... tá ÓTIMO... vamos... eu vou colocar primeiro o nome do programa... a cidade e data... e depois vocês escrevem o texto que é... é::... PRODUZA um texto contando a história de sua vida... eu vou deixar vocês a vontade... pra vocês escreverem como sabem... do jeito que vocês puderem né? vocês têm aqui os cartazes na parede que vão ajudar a fazer o texto...

A7 – tem no caderno também... professora...

P – mas faça do seu jeito... do jeito que vocês entenderam... vimos tudo já não é?... então não vai ser difícil... eu gostaria que vocês fizessem... tentassem fazer sozinhos... qualquer dúvida é só perguntar... então vamos fazer?... depois eu ainda quero dá matemática... quem terminar vai me avisando... rose vai precisar desse

texto que vocês tá fazendo... ela vai preparar comigo outra atividade tá certo... a gente faz matemática no caderno da casa viu?... enquanto vocês matemática... eu e rose vamos lendo o texto de vocês para preparar outra atividade com esse texto de vocês...

A8 – no caderno?...

P – sim... a gente vai fazer o texto no caderno de classe... esse texto que eu estou escrevendo no quadro pra vocês fazerem agora... e de matemática... a gente vai fazer no caderno de casa... tá certo?...

A9 – entendi... vamos né?...

P – então... vamos começar... qualquer dúvida é só perguntar...

((produção dos alunos e acompanhamento da professora))

(...)

Aula: 02/05/2008

P – gente... hoje nós vamos fazer uma atividade diferente né?... eu não conhecia essa... eu não ainda este tipo de atividade... mas rose me mostrou e achei muito interessante... a gente leu o texto/os textos de todos vocês né?... e:: é:: depois a gente escolheu um texto pra juntos corrigir... a gente vai corrigir o texto da colega de vocês... tentando é:: deixar o texto melhor... pra ficar mais correto... também não precisa ser rigoroso né rose?...

S – não... eles vão tentar lê... junto com você... como o texto foi escrito no original... e depois vão escrever... vão produzir este mesmo texto... mais adequado né?... tentando observar como é a escrita correta das palavras... você vai direcionando france... tirando as dificuldades deles... enquanto isso eu vou acompanhando dona ana... qualquer dúvida eu vou ajudando também... leia primeiro atentamente... ou melhor... leia coletivamente... lendo conforme está escrito no texto/da forma que foi feito no texto... eles mesmos vão identificando/sabendo como deve ficar o texto... olha gente ((se direcionando à turma))... a gente chama esta atividade de reescritura... vocês vão reescrever o texto que a colega fez... porque todos nós

fazemos isso... escrevemos um texto pela primeira vez... depois vai corrigindo... faz ele de novo... e assim vamos aprendendo a fazer um texto mais adequado...

A6 – mais correto né?...

S – muito bem... dona lindalva... mais correto... vocês acham que esses escritores famosos não fizeram?... ou melhor... não fazem desse mesmo jeito?... fazem SIM... eles também fazem assim... nós vamos também aqui né?... por isso não tem pressa... façam devagar... vão lendo junto com a professora... olhando o texto produzido pela colega...

A7 – tá certo...

P – vamos?... eu vou ler o texto... a gente escolheu o texto de dona isabel...

A7 – o meu?...((risos)) deve tá bem certinho... logo o meu...

P – gostamos muito do seu texto dona isabel... gostamos de todos os textos... mas a gente precisa escolher só um/tinha que escolher só um... então a gente escolheu o seu... mas todo o texto que vocês fizeram ficou/nós gostamos... cada um fez conforme sabe... isso é importante né?... agora eu vou dar o texto pra gente corrigir... tá certo?... vamos... pegue aqui seu texto... que pena... né rose... só ter quatro alunos hoje... eles faltam muito...

S – é::... mas a gente faz com os que estão... os outros fazem/tentam depois fazer sozinhos

P – amanhã eu entrego pra eles fazerem...

S – se continuar chovendo assim... dificilmente ele vêm...

A6 – olhe irmã... eu só falto se tiver doente... eu gosto muito dessas aula...

P – ainda bem... é tão bom quando tá todo mundo junto... mas... vamos continuar a tarefa?... eu vou ler o texto do jeito que foi escrito e vocês vão prestando atenção... tá certo?... a gente já vai vendo e vocês fazendo correto... tá bom?... eu vou ler devagar... e vocês... vão fazendo?... né melhor?... mas primeiro eu vou ler... tá certo?... e depois eu leio já fazendo as modificações com você...

A5 – tá sim...

((leitura da produção, levando em conta a escrita))

A7 – e eu escrevi assim... como a gente escreve errado... e é porque fiquei o olhando as coisas que já tinha feito nas outras tarefa... a gente precisa estudar muito... pra aprender a escrever direito né?...

S – mas seu texto ficou bom... como já disse antes... todos nós temos que lê atentamente o que escrevemos... depois corrigimos para que o texto fique melhor... escrever não é fácil... dona isabel...

A5 – é mesmo minha filha... é muito difícil... eu escrevo... mas se for olhando... eu copio TUDINHO ... do jeito que está... mas para escrever o que ta no meu pensamento é mais complicado...

S – a gente chama com aluno que só copia... de aluno COPISTA... mas é normal... aos poucos vamos aprendendo...

P – vamos continuar agora... eu vou ler de novo... mais uma vez... e... cada um faz sua atividade... respondendo/escrevendo outra vez o texto... observando como foi lido... corrigindo né?... tá certo?... vamos?... posso começar?... alguém tem mais alguma dúvida?...

A7 – pode começar...

P – eu sou isabel... tenho seis filhos... sou CASSADA... a gente diz CASSADA? ((lendo conforme escrito))

A6 – não... é casada...

P – pois é... a palavra é CASADA... com apenas um S... tenho SESSENTA ANO de idade...

A7 – espere professora... pra gente escrever... pra gente ir escrevendo...

P – tá certo... dona isabel... ((tempo))... pronto dona isabel?...

A7 – já fiz...

P – então vamos... tenho sessenta ANO de idade... como é que a gente diz?... ponha depois de casada uma VÍRGULA... olha como é uma VÍRGULA... ((apontando para o quadro)) a vírgula serve pra separar as palavras... sempre que vocês escrever assim... uma frase... coloque uma vírgula... esse sinal aqui ((mostrando no quadro))

A7 – não sei fazer isso não...

P – olhe dona isabel ((ensinando no caderno))... sou casada... vírgula... mas vamos voltar pro texto agora... tenho sessenta ANO de idade... como é que a gente deve falar?...

A6 – não tá certo?...

P – tá faltando uma coisinha só... vamos... preste atenção... tenho sessenta ANO de idade...

A7 – sessenta anos...

P – é sim dona isabel... a gente diz sessenta ANOS... no plural... um ano... dois anos... passou de um elemento... a gente já acrescenta um S... para o plural...vamos agora pra outra frase... gosto de FAZE

]

A6 – FAZER...

P – sim... dona lindalva... o certo é FAZER... com um erre – R no final... gosto de FAZER ponto... tá escrito... é:: C... R... ZÉ... para dizer ponto CRUZ... CRUZ se escreve assim ((registrando no quadro))... coloque uma vírgula também... veja gente... como foi a frase do texto... GOSTO DE FAZE... que não é FAZE... mas FAZER... ponto CRUZ... como vocês já viram no quadro né?... eu já escrevi... então... gosto de fazer ponto cruz... costura... é certo costura como foi escrito as outras palavras no texto?

A7 – costurar né?

P – sim... gosto de fazer ponto cruz... COSTURAR... com R no final... coloque outra VÍRGULA... outra vírgula viu?... veja agora... É PINTA...

((risos))

A7 – É PINTA... eu quis dizer e PINTAR...

P – é::: PINTAR... com R também no final...veja... GOSTO MAIS DE ARRUMAR CASA... vocês podem colocar...ARRUMAR CASA... colocando uma virgula de novo depois de PINTAR...

A6 – tira aqui esse gosto mais...

P – pode tirar... não tem problema... E PASSEAR... esse E PASSEAR não é com I NÃO é com E... tá certo?... façam que eu espero... dona francisca só fez a primeira frase... não entendeu não?... não sabe fazer não?...

A5 – não... depois eu copio pelo de dona lindalva...

P – pronto gente... já fizeram?...

A7 – espere um pouco...

P – tá com dúvida dona lindalva?

A6 – não é porque eu tô olhando pelo texto...

((a professora ficou aguardando as duas alunas concluírem))

P – gente... vocês podem colocar depois de passear um PONTO... porque terminou uma idéia... porque agora vai falar de outro assunto... que a aluna é evangélica e que ela gosta de falar com Deus... vamos colocar um ponto?... continuando... tá dizendo aqui... SO A EVANGÉLICA... ela quis dizer o quê?

A7 – que sou evangélica...

P – muito bem... SOU... S... O... U... ((pronunciando cada letra)) EVANGÉLICA...
GASTO MUITO...ela quis dizer o quê?...

A6 – que gosta muito de ler a bíblia

P – é... GOSTO com A... MUITO... não tem esse N não ((escrevendo no quadro))... é
MUITO... GOSTO MUITO DE LER A BÍBLIA... E FALAR COM DEUS... esta outra
frase está certa é só vocês escreverem do jeito que tá aí... vão escrevendo... quando
terminar... me avise

((tempo))

P – PRONTO... vamos continuar?...

A6 – já pode...

P – então vamos... GOSTO MUITO DE LER A BÍBLIA E FALAR COM DEUS... ela
colocou agora... É MAIS IMPORTANTE... ela quis dizer né?... QUE É MAIS
IMPORTANTE... ela quis dizer isso... vocês podem deixar desse jeito... ou então::
colocar uma VÍRGULA e dizer... PORQUE É MAIS IMPORTANTE...((registrando no
quadro)) vocês é quem sabe... fica do jeito que vocês quiserem... tá certo?...
terminem... pra gente fazer uma leitura oral do texto que vocês corrigiram... pra
gente ver como ficou... ou então eu vou ler como ficou?... tá certo?... o meu já tá
pronto/eu já trouxe pronto... eu leio como ficou... terminem...

((tempo para conclusão da atividade))

P – então eu vou ler agora né?... vou ler como ficou... pelo meu...

((Leitura da reescritura feita oralmente))

(...)

Aula: 19/05/2008

P – vamos gente... vamos gente... hoje eu trouxe um texto... me lembrei logo de
rose... eu tava lá no posto de saúde e vi esse texto e me lembrei logo dela... tudo ela
diz que é texto né?...

S – se tiver função... sentido... se transmitir conhecimento... ter coerência... você
entender o que se refere... é um texto... se tem unidade né?... nós já falamos sobre
isso...

P – eu vi esse texto... aí eu li e achei interessante e trouxe pra vocês lê...só tinha ele e a moça me deu... eu achei muito interessante... eu achei muito interessante porque fala que atitude a gente tem que tomar é... diante dos problemas né?... veja só a gente chega nesses posto de saúde e não é atendido... eu mesma vivo esses problemas... quem não tem plano de saúde neste país é um morto... mas a gente tem que tomar ATITUDE/a gente tem que ter atitude... não pode a gente ficar de braços cruzados... veja só que texto interessante... eu vou ler primeiro pra vocês... depois eu copio no quadro... tá certo?... é um texto muito real... trata do que acontece na realidade... eu vou ler... tá certo?...

((a professora-alfabetizadora lê o texto))

P – olha gente que texto interessante... rose sempre tem me mostrado que a gente tem que trabalhar com a realidade do aluno... com a realidade de vocês... é por isso que ela é quem/é ela que pesquisa esses textos pra vocês... ela tem computador... ela tem assinatura de jornal... ela já trabalha em escola... isso é importante... mas o texto que eu trouxe ele é um texto atual... interessante... que fala da realidade... do que a gente vive hoje né?...

A7 – é mesmo... é verdade...

P – vocês gostaram do texto?... do que fala o texto?... vocês acharam que esse texto fala da realidade?... fala da verdade?...

A6 – fala sim... é muito real né?... a gente precisa fazer isso mesmo...

P – é::... veja só... qual título do texto?... qual título do texto?...

A8 – num é cidade triste?...

P – é... cidade TRISTE... é::: o título é cidade triste... o texto é:: o texto fala é:: do atendimento nos posto de saúde que é precário...

A6 – é muito... minha filha... pobre sofre muito... só deus sabe...

P – pois é... fala dos postos como é precário... sucateado né?... a gente paga imposto tão caro... tudo a gente paga imposto... é::: mas o governo não investe... nem na saúde e nem na educação...né verdade?...só deus na nossa vida... o descaso é grande...

A7 – a gente só vê na televisão as pessoas morrendo porque não é atendido nos hospitais... fica nos corredor... passa noite lá... e ninguém atende né?... aqui também...

A8 – minha irmã... pra pobre tudo é difícil... a gente bota o povo pra cuidar desse país... e::: o que a gente ganha com isso?... a gente... só faz sofrer... só tem um por nós... que se chama JESUS CRISTO... é::: jesus cristo e mais ninguém...

S – é:::... eu concordo... só jesus por nós... mas também como diz france... temos que tomar uma atitude... é importante que todos tenham ação... lute por nossos direitos... realmente pagamos impostos e diga de passagem... pagamos e MUITO CARO... dentro de um hospital... por exemplo... temos que falar... chamar a atenção de médicos... enfermeiros... até mesmo em ameaçá-los caso não atenda ao paciente... denunciar à imprensa... porque temos nossos direitos e eles devem ser cumpridos... fazer um abaixo assinado colhendo assinaturas para solução dos problemas... o abaixo assinado é documento importantíssimo para que possamos reivindicar os nossos direitos...

A7 – nesse país?... só sendo mesmo... minha filha...

S – então devemos pensar BEM que representantes escolher para não pagarmos pelo erro...

P – mas... vamos gente... eu vou escrever esse texto no quadro e a gente depois toma a leitura... tá certo?... qualquer coisa é só perguntar... viu?... eu vou escrever no quadro e a gente toma a leitura... tá certo?... mas primeiro vamos escrever...

((a professora-alfabetizadora escreve o texto no quadro para os alunos))

P – pronto... já escreveram... tentem fazer uma leitura estudando a palavra do texto em voz baixa... estudando as palavras... olhando as letras... fazendo uma leitura silenciosa... tá certo?... rose... quando os alunos terminarem de estudar o texto... tu pode ir fazendo a leitura individual com um... e eu com outro?... tá certo?... eu vou fazer uma outra atividade no caderno pra dona ana e dona elizabeth...

S – tudo bem...

P – bom gente... vocês já estudaram o texto e rose junto comigo já fez a leitura individual... mas vamos continuar as discussões né?... que vocês viram quando estudaram o texto que a gente precisa também... é::: tomar uma posição né?... não dá pra ficar esperando as coisas como ta né?... a gente tem que ter uma posição... ter consciência né?... então a professora no texto deu uma idéia muito boa e muito importante... é::: fazer um abaixo assinado... um documento que todo mundo assina e manda para as autoridades competentes...

A7 – num dá em nada...

P – não é bem assim dona isabel... às vezes as pessoas consegue... vai de pender do empenho das pessoas né?... mas é importante que a gente participe... né?... como é que as coisas vai mudar se a gente também não quer tomar uma posição?... né?... a gente precisa TAMBÉM... ajudar a mudar né?... não deve ficar acomodado minha gente... a gente TAMBÉM tem culpa... porque aceita TUDO... aceita tudo... eu vou passar uma atividade pra vocês do texto tá?...

A7 – oh professora... por que a gente não faz um texto... em vez de ser CIDADE TRISTE... por que a gente não faz cidade ALEGRE?... é tão bom a gente escrever... né? eu gosto escrever... lê... já acho mais complicado né?... juntar as letras e falar mais rápido... já dominando né?... mas gosto de lê também... é só ajudar a gente escrever né?... num é não?...

A6 – eu já acho irmã... mas importante lê... como é bom a gente lê... conhecer as coisa... entender direitinho... quem não lê irmã é burro... ((risos))... mas é mesmo irmã isabel... chega de ouvir só coisa ruim... a gente faz um texto... é só ajudar a gente escrever... né?...

A7 – é sim dona lindalva... tá... eu gostei!...

S – boa idéia... faz... por conta do tempo... escreve no caderno o enunciado e eles produzem um texto...

P – muito bem!... vamos fazer... vocês escrevem sobre a cidade alegre... eu vou preparar o caderno de vocês três primeiro... tá certo... viu DONA MARIA... ((ela estava conversando no momento)).

A9 – tá certo... minha filha...

P – qualquer dúvida de como se escreve as palavras é só perguntar... tá certo?... eu vou passando pelas carteiras de vocês... rose ajuda... é:::... a gente/e vocês vão fazendo... tá certo?"

((produção do texto))

(...)

Aula: 02/06/2008

P – boa noite né gente?... desculpe eu ter chegado atrasada... foi a correria de hoje...((incompreensível))... mas vamos dar início né?... hoje eu trouxe um texto pra vocês... foi até rose que preparou... vocês sabem que eu não tenho computador né?... e nem sei mexer nisso... mas deus tem usado muito... ((incompreensível)) foi até um texto dado pela professora/coordenadora do programa... eu trouxe/ela deu um material né?... pra estudar com vocês... eu trouxe um texto... é:: mas antes eu gostaria de saber né?... todos aqui tem casa pra morar?... como é casa de vocês?... mas antes eu quero saber se todos têm?...

A7 – graças a deus... graças a deus eu tenho a minha...

A6 – eu tenho também... a melhor coisa do mundo é a gente ter uma casa pra morar... não depender de aluguel... sofri muito... na minha vida com essa história... mas deus é fiel... hoje eu tenho meu cantinho pra morar... presente de deus...

P – pelo q'eu sei né?... pelo q'eu sei aqui... graças a deus... todos têm casa... todos têm uma casa pra morar... isso é muito bom... o texto q'eu trouxe foi a coordenadora que me deu pra trabalhar... fala de um passarinho que se perde da sua morada... eu conversando com rose... conversando com ela/ela sugeriu que eu falasse sobre a moradia... a importância do lar... eu vou ler e depois entregar pra vocês o texto... tá certo?... vou fazer uma tarefa com as perguntas do texto... a gente discute e depois a gente vai fazer uma tarefa... preste a atenção na leitura... escute bem... e depois a gente faz a leitura... tá certo?... mas é bom saber que todos têm sua casa... não paga aluguel né?... isso é muito importante...

A7 – eu sempre digo... feliz daquele que tem um teto... eu amo minha casa... ela é grande... tem pé de jambo... jardim... minhas planta... garagem... só não tem quintal... mas eu gosto muito dela... foi a que deus me deu...

A6 – eu também... gosto muito do meu lugar... meu marido colocou um muro bem alto... parece uma prisão... é pequena né?... mas cabe todo mundo... cabe netos... genros... mas é minha casa... parece mais uma prisão com tanta gente ((risos))... foi a única coisa boa que meu marido fez... a escritura é escondida irmã... pra ele não vender... porque ele bebe muito e toda vez diz que vai vender... eu só deixo minha casa se deus me levar... sou feliz por ter um lar/uma casa...

P – é verdade... tantos têm este sonho...

S – eu mesma sonho com a minha casa... no tempo certo terei... eu creio...

P – nós estudamos antes né?... onde moramos... vimos que moramos em que bairro?...

A1 – santa rosa...

P – muito bem... moramos no bairro de santa rosa... vimos também que uns moram na rua do sol... outros... na rua josefa ferreira... já vimos quantos filhos cada um tem... agora vamos vê como é importante ter um lar... uma casa... o texto... vocês não vê tá certo?... mas qual é a parte da casa que vocês mais gosta...

A8 – eu:: é a cama... pra dormir...

((risos))

A6 – seu josé é engraçado demais...

A8 – brincadeira... eu gosto da sala... do meu quarto... quando chego... me deito... assisto meu pica-pau... gosto de assistir jornal... eu tenho uma televisão pequena no meu quarto... aí eu assisto jornal... gosto de saber de tudo que te acontecendo né?...

S – é muito bom nos mantermos informado... saber o que acontece no brasil... no mundo... no nosso estado né?... na nossa cidade...

A8 – eu também gosto de assistir zé cláudio... pra vê os cabra safado do bairro daqui... porque... ô:: bairro pra ter ladrão... tudo que não presta também... é perigoso aqui minha filha... a gente num pode deixar porta aberta... de noite tem que tá tudo trancado... aqui tem as maior boca de fumo da cidade... aqui por anda tem uma boca de fumo... só escuto tiro da polícia de noite... essa rua do sol...é perigosa... mas tem gente bom também viu?...

P – agora... antes de ler o texto... vocês/cada um vai desenhar sua casa... sua morada e depois vai apresentar pro seus colegas...

A7 – desenhar...

P – sim... desenhe sua casa e depois apresente pro seu colega... eu vou dar uma folha de papel pra cada um fazer seu desenho... depois pinta... tá bem?...

A8 – vamos... cadê a folha... eu quero desenhar minha linda casa...

P – pois agora eu quero que vocês desenhe a casa de vocês... faça bem bonita... vamos... aqui tem lápis de pintar... tem hidrocor... tem régua viu?... é só pegar...

((todos começaram o desenho))

P – todos terminaram o desenho/já fizeram o desenho...

A8 – tô terminando...

A7 – eu:: só falta pintar... eu num sei desenhar direito...

P – mas faça como sabe... depois eu quero que vocês mostre o desenho feito para seus colega... tá certo?... pra gente pregar num cartaz... tudo a gente vai deixar na parede... pra vocês ver... já terminou dona lindalva...

A6 – tô terminando irmã...

P – vamos gente eu ainda quero lê o texto... e eu vou fazer leitura com cada um... a gente precisa estudar leitura... mas antes quero vocês estudando o texto...

A1 – eu já terminei...

P – já... você vai apresentar...

A1 – eu não quero falar não...

P – mas você precisa falar... mostrar o que fez pro seus colega... tem que deixar de lado sua timidez... a gente tá aqui pra aprender né?...

A6 – mas ela é assim irmã... não dá uma palavra... tem vergonha...

P – vergonha de quê?... não precisa ter vergonha... estamos aqui pra aprender...

A1 – mas eu não quero...

P - tá certo... a senhora pode apresentar dona isabel...

A7 – eu já falei tanto... mas aqui veja meu desenho... tem a garage... aqui é a garagem... a sala... meu quarto... tem mais dois né?... dos meus filho... eu tenho né seis filhos... tenho quatro casado... um mora em sousa... quando vem pra ceasa ele dorme aqui também... tenho meus neto... que vem sempre aqui... dorme tudo aqui... e tenho em casa mais dois... minha casa é sempre cheia... dos meus filho... das mulheres dele... do meu genro... minha filha... minha casa é cheia... tem duas cozinha bem grande e dois banheiro... amo a minha casa... é toda minha fortuna...

P – agora cole seu desenho no cartaz... tome a cola... seu josé agora...

A8 – eu:: mande outro... já falei demais...

P – mas mostre pelo menos seu desenho...

A8 – minha casa é essa aqui... tem quarto... sala... cozinha... banheiro... jardim... tá bom...

P – vamos dona

]

A6 – minha casa é pequena... mas três quarto... sala... um banheiro... uma cozinha... mora cinco filhos... duas netas né?...duas é casada... mas também fica lá em casa... às vezes né?... mas fica... come quase todo dia lá em casa né?... só deus sabe minha luta... meu marido irmã só dá cento e vinte pra passar o mês... ele tem uma bicha lá pedregal... é porque os outro me ajuda...

P – cole no cartaz... e dona maria... tá tão calada hoje... já deu tanto cochilo... hoje ela não abriu a boca... fale um pouco... mostre seu desenho...

A9 – tô com sono... mas minha casa... eu gosto muito dela também... moro aqui pertinho... na josefa ferreira... ela é grande também... tem três quartos... sala... banheiro... moro com uma filha... meus netos... só isso...

P – tá certo... eu agora vou ler o texto pra vocês... vou fazer a leitura do texto...
((leitura do texto oral pela professora))

P – foi que vocês que vocês entenderam do texto?... vocês gostaram do texto...

A9 – gostei...

P – fala de que o texto?

A6 – fala do passarinho que se perdeu do ninho...

A8 – a gente é passarinho?...

((risos))

A8 – passarinho tem ninho e a gente tem casa...

P – seu José é uma ONDA... a gente tem casa e passarinho tem ninho... mas o ninho é casa do passarinho... todos nós precisamos de um lugar para morar... uma casa... ele se perdeu do seu ninho e ficou muito preocupado...então ele saiu procurando... ele perguntou pra quem?...

A6 – perguntou pra coruja... pra flor... pra joaninha...

A7 – é:: pra nuvem...

P – todos conseguiram dizer o local...

A8 – não né?...cada um dizia uma coisa diferente...

P – pois é... ninguém sabia responder... cada um tinha seu problema... o passarinho deixou o seu ninho... a noite né?... sua mãe ficou preocupada...

A7 – quem não fica?... o bem mais precioso é um filho... sei que aí era um passarinho... mas... é::: mas no real... toda se preocupa com seu filho...

P – é verdade... a coisa melhor do mundo estar perto da nossa família... o passarinho quis ficar independente e terminou se perdendo... sem saber voltar para casa... teve que sair perguntando para um e para outro... mas nenhum pode ajudá-lo... ainda bem que ele encontrou sua morada... sua casa... por coincidência... parou justamente na árvore que estava sua mãe... já aflita né?... agora eu vou fazer leitura individual com cada um de vocês... amanhã eu continuo as atividades do texto e eu vou dar uma tarefa do texto... rose já preparou... tá certo?... vou começar pela

dorminhoca do dia ((risos))... enquanto os outros vão estudando o texto... tá certo?... rose acompanhando né?... ajudando eles a estudar...

S – pode deixar...

((leitura individual))

(...)

Aula: 10/06/2008

P – continuando a aula passada... vocês viram o texto que nós já estudamos né?... já vimos o texto cadê minha casa... já discutimos o texto... já fizemos leitura... individual né?... e... coletiva também... pesquisamos no dicionário as palavra desconhecidas... rose arranhou o dicionário pra todo mundo... foi difícil... mas a gente/mas vocês viram como é né?... isso é importante... rose até falou o quanto é importante a gente saber dos significados das palavras... a gente aprende a entender melhor o texto né?... foi muito bom... fizemos a leitura das palavra... uma coisa não... mas a gente tem sempre treinado a leitura... isso é bom...eu sei que é difícil... mas um dia a gente chega lá... (risos))... ninguém já nasce sabendo de tudo né?...

A6 – é verdade... a gente vê um bebê... demora tanto pra andar né irmã?... vai fazendo tudo devagar...

A9 – os animais não... têm deles que logo quando nasce já começa a andar...

S – a natureza né?... mostra como o homem é frágil... precisa um do outro...

A9 – você pode vê o jumento... o bezerro... uma HORA DEPOIS... ele já levanta... pode vê... eu morava no sítio... e a gente/ meu pai criava... a gente tava acostumado a ver isso...

S – disso aí eu não entendo ((risos))

A9 – é minha filha... eu também sei das coisa... ((risos))

S – com certeza... sabe muito mais que eu... a senhora tem um conhecimento de mundo muito grande... por isso que é bom essa interação/essas discussões... porque um vai aprendendo com o outro... escola é um aprendizado...

A9 – tá vendo professora?... nós também sabemos... ((risos))... sabe que isso... minha filha... o mundo ensina muitas coisa a gente... já tou velha... já passei por muitas coisa... você vai aprendendo mesmo...

S – pois é... mas continue france...

P – agora... nós vamos apenas lembrar um pouco do texto... vocês lembram que o passarinho se perdeu do ninho né?... então ele procurou a coruja... procurou a flor... a nuvem né?... para encontrar sua casa... todos eles viviam muito ocupados... é:: cada um com seu problema e não sabia informar ao passarinho onde estava seu ninho... ele cansado né?... pousou numa árvore e lá estava sua mãe desesperada procurando seu filho... isso é comum acontecer... quantos casos a gente já não ouviu falar...

A9 – esse passarinho era um fujão... mal nasceu já queria voar...

P – quem não quer ser livre?... mas também mostrou como é bom a gente ter um lar... um canto pra morar né?... a gente viu também... a gente/vocês desenharam a casa de vocês... mostraram um pro outro né?... hoje nem dona isabel e nem seu josé veio... que pena!... dona isabel tá doente... esse tempo frio... chovendo é ruim...

S – licença france... este texto também... como vocês puderam ver na forma como foi feita a leitura... ele é um texto poético... é um poema... ele tem musicalidade né?... ontem foi comentado isso aqui né?... a leitura também tem essa característica... apresentar textos com musicalidade... através das rimas... esse texto é um poema... vocês podem olhar que ele é diferente... por exemplo... do texto... è:: sobre o dia internacional da mulher... por exemplo...

P – agora eu vou entregar uma atividade pra vocês responderem tá certo?... um exercício de compreensão... eu vou ajudando a vocês... qualquer coisa eu vou anotando no quadro... as palavras que vocês não sabem... mas no texto tá tudo lá... é só vocês ir lendo tá certo?... eu vou ajudando a jacqueline... primeiro eu vou ler as perguntas... e depois vocês começam a responder tá certo?... tá muito fácil... eu vou entregar a atividade... tome a sua dona maria... tome dona lindalva... e tua jacqueline...

S – deixe que eu acompanho jacqueline...

P – tá certo minha abençoada... não sei de mim sem você aqui na sala... vamos... vamos começar a leitura do exercício... ((leitura do exercício))... tá tudo no texto... eu vou ajudar a vocês procurarem...

((nesse momento, a professora acompanha as alunas na atividade))

P – pronto gente... vamos ler as respostas... vamos ver como ficou... foi difícil...

A6 – não... tá tudo no texto...

P – posso começar a discutir as respostas... eu vou lendo e vocês vão dando as respostas tá certo?...

A9 – tá... pode começar...

P – eu vou anotando no quadro... a primeira pergunta foi... na história... quem está procurando a sua casa... quem está procurando a sua casa?... só precisa ser oralmente mesmo né rose?... eles já responderam tudo...

S – é... faça oralmente...

A6 – o passarinho

P – pois bem... o passarinho... foi ele que fugiu... quis testar suas asas...

((discutiu todas as questões, lendo e os alunos respondendo))

(...)

P – agora... se vocês olharem no texto... é::: tem muitas palavras com nh... vamos ler as palavras que tem no texto com NH... vamos circular... e depois colocar no caderno e separar as sílabas... ainda dá tempo... né rose?...

S – dá... eles retiram do texto e depois separam as sílabas... pede pra eles ir procurando no texto... e você prepara o caderno... pra ser mais rápido já que elas demoraram a responder...

A6 – tem um bucado no INHO...

S – não é?... até parece que é pra menininho... tudo pequenininho...

A9 – a gente tudo uma velha...

S – mas não deixamos de ser criança ((risos))... pelo menos é isso que esta proposta de atividade dada pela coordenadora a professora propõe para vocês...

P – não é... por isso que nada funciona nesse país... a gente era pra ter um acompanhamento melhor... pra aprender mesmo... porque a escola normal não prepara a gente não... eu mesma... tô aprendendo agora... ((risos))... com a minha professora... agora eu sei o que é trabalhar a realidade... vou dar mais um tempo... circule no texto... depois eu escrevo no quadro... pra vocês separarem... tá certo?... (pesquisa dos alunos no texto))

P – vamos... já terminaram...

A6 – já...

P – então vamos... dona maria as que a senhora não fez... a senhora escreve agora... tá certo?... vamos... a primeira palavra foi?...

A6 – NI – NHO...

P – aí... dona lindalva já falando separando... a próxima...

A6 – sozinho... minhas... passarinho...

P – muito bem... tem mais...

A9 – senhorita...

P – muito bem... dona maria...

A6 – ninho de novo... tontinho... é::BICHINHO...

S – haja INHO... ((risos))

A9 – JO – A – NI – NHA

P – JOANINHAS... tem um S no final...

A6 – tem ninho de novo...

P – é:: mas só precisa colocar uma vez...

S – este é NINHOS...

A6 – tem passarinho de novo... mas não coloca né?... tem adivinha... filhotinho...

P – muito bem dona lindalva... agora separem as sílabas... quando terminar... já pode ir... tá certo?... eu levo dona maria pra casa...

A6 – tô doida pra chegar em casa... tenho tanta coisa pra fazer... vou fazer o almoço do meu filho pra ir ele trabalhar amanhã... eu faço toda noite... já deixo pronto... porque ele sai cedo...

S – ele trabalha aonde?

A6 – ele trabalha lá no ligeiro... ele é funcionário da limpeza da prefeitura de queimadas... sai bem cedinho...

P – quando terminar dona lindalva... a senhora pode ir com jacqueline...

A6 – tá certo irmã...

P – amanhã eu corrijo...

Aula: 12/06/2008

P- hoje... a gente vai mudar um pouco o assunto... pra falar... pra gente estudar uma coisa muita séria... a gente tá vendo todo dia na televisão o que tá acontecendo né?... por isso eu achei importante... primeiro a gente falar desse assunto... porque todo mundo tá vendo né?... nos noticiários... as pessoas vindo a nossa casa... é o caso da DENGUE gente... é muito sério... ontem passou no jornal que este bairro está tendo um grande número de foco da doença... por isso é preciso a gente falar sobre isso... acho que todos aqui já ouviram falar de casos... com vizinhos... com amigos... e a dengue é um problema que afeta a todos nós... é um problema que prejudica a todos nós né?...

A7 – porque todos nós temos que ter cuidado... e mata viu?...

P – mata... é verdade... se ela for hemorrágica... por isso que vamos falar sobre esta doença... a dengue é uma doença causada por mosquito...

A7 – o pior é porque ele parece com uma muriçoca... e aqui tem muriçoca demais...

A9 – é verdade... eu vi na televisão... é muito parecido com uma muriçoca...

P – é::... parece... eu trouxe aqui no cartaz... no cartaz que eu consegui emprestado de uma amiga minha que trabalha no posto de saúde... e/e eu trouxe pra vocês verem... veja... veja ele... tá aqui no cartaz bem grande... olha aqui o bicho... ele tem um nome bem esquisito...

]

A7 – o MARVADO...

((risos))

A5 – como é que o bicho como esse causa um estrago tão grande?...

A7 – num é...

A5 – eu digo isso porque meu marido teve... ele sofre muito... teve muita febre... doía o corpo todinho... diarreia...

A7 – o problema maior minha irmã é porque a gente também tem culpa... a gente água parada e ele vem logo pra lá...

P – dona isabel está muito bem informada... é isso mesmo... a DENGUE... vou escrever esse nome aqui no quadro... DEN – GUE... esse problema causado pela dengue é um caso de saúde pública... todos nós temos culpa... justamente porque deixamos água acumulada... nas plantas... no vasos das plantas... garrafas que o

homem joga no lixo... que pode acumular água... se tiver de cabeça para cima... pneus velhos... que também junta água... o nome desse mosquito... transmissor da dengue é::... é o AEDES AEGYPTI... deixa eu escrever no quadro que o nome do bicho é difícil...

A9 – que nome mais esquisito...

P – é dona maria... ele tem um nome bem estranho... AEDES AEGYPTI... onde eu tava mesmo?...

A9 – aonde esse mosquito gosta de ficar...

P – onde mesmo gente?... aonde mais?...

A7 – em latas...

P – também... latas... piscina... tudo que pode acumular água...

A1 – o problema maior é o lixo...

P – é isso mesmo dona ana o LIXO... e a culpa é nossa... é no lixo que se acumula maior quantidade de água... e nós não podemos ter controle disso...

A8 – é porque as pessoas não tem conciência...

S – é isso mesmo seu josé... é um problema de CONSCIÊNCIA... muitos deixam/jogam o lixo em terrenos baldios... é problema nosso também... porque as causas da existência/da proliferação desse inseto são provocadas por nós mesmos... quando jogamos o lixo em lugares não permitido... quando deixamos acumular água dentro da nossa casa... quando... também... passamos por algum lugar em tenha um objeto com água dentro e não derramamos aquela água... ou... mudamos a posição do recipiente para que não haja esse acúmulo... nós também somo culpados... é uma ação que tem ser minha... sua... de todos... porque afeta a todos... sem distinção de raça... cor... padrão financeiro... o mosquito vive no ar... é parecido com uma muriçoca... a diferença é porque ele tem uma listras acinzentadas... mas é muito parecido... então ele vive no ar... e::: isso pode afetar qualquer um de nós... meu marido também já teve... a sua avó... o caso da avó dele foi pior... ela teve dengue hemorrágica... só sobreviveu... porque a medicação veio de fortaleza... a vigilância esteve em sua casa... mas não encontrou nem o mosquito e nem os ovos... depois... porque o vizinho também estava com a doença... depois... foi descoberto que era uma casa fechada... que ficava nos fundos da casa deles... foi preciso localizar a família... para que se tomasse as providências... então veja... veja que é um problema social... é um problema que diz respeito a todos... e as conseqüências são essas... febre alta... dor forte em todo corpo... meu marido teve

falta de apetite... dizem que é uma sensação horrível... minha irmã teve... minha mãe também... e elas acham que foi na escola onde trabalha... pois também a vigilância esteve em sua casa... quer dizer... a solução desse problema também depende de nós... o problema maior é quando chove... fica difícil controlar... porque existe muitos lugares que se acumulam chuva... então o mosquito vai na água limpa... coloca de cinquenta a duzentos ovos de uma vez...

A8 – tá danado... tudo isso?...

S – sim... segundo o texto que nós lemos no planejamento... eu e france... sim... e em nove dias ele já está prontinho para nos morder/picar né?... e o bicho ainda dura trinta dias...

A7 – ah envenenado...

((risos))

S – é envenenado mesmo... então temos procurar ter cuidado né?... no sentido de prevenção mesmo... e ter consciência... que todos nós podemos ajudar... prevenindo dentro da nossa própria casa... a começar pela nossa casa... não se admite hoje... a gente tá passando por isso... isso é um problema também educacional... educação... países civilizados dificilmente acontece casos... como está acontecendo aqui no brasil... muitas mortes por conta de um inseto...

A6 – irmã... até os artista da globo tá tendo...

S – estão tendo todos... veja na minha casa... minha mãe... minha irmã... roseli... meu marido... a avó dele... que teve a hemorrágica... que não morreu por um milagre...

A8 – e porque... também... tem dinheiro... pergunte pra hospital foi...

((risos))

A7 – porque quem vai pra esses hospital público morre...

A9 – é mesmo...minha filha e o meu genro quase morre... eles diziam que doía tanto... dói o corpo todinho... disse que os olhos doía demais...

P – é isso mesmo... doe os músculos... as articulações... os ossos... cabeça... é horrível... a gente já falou tanto... vimos que todos já ouviram falar... nós hoje... nós trouxemos um texto pra vocês... a gente já viu antes... é um panfleto... lembra qual foi o outro/os outros panfletos que a gente viu?...

A6 – o da água sanitária... o da redepharma

P – muito bem... veja... dona lindalva está lembrada... é isso mesmo... o texto que eu vou entregar agora pra vocês verem fala... mostra isso que a gente já falou né?... é

um panfleto que chama logo a atenção da gente... eu vou entregar... tu já entregou rose?...

S – já...

P – então vamos ver né?...

A7 – olha ele aqui...

P – é ele mesmo... mas vamos ver né?... logo no começo... quem fez o panfleto chama atenção logo da gente né?... aquele da água sanitária IGUAL estava querendo convencer a gente de comprar o produto né?...

S – ali era um rótulo... o da redefarma era um panfleto...

P – é mesmo eu me atrapalhei... pois é... o panfleto da redefarma estava fazendo uma propaganda da sua loja... pra vender seus produtos... aqui não... aqui neste panfleto... ele está chamando a atenção da gente para um problema sério... mostrando que é um dever MEU... SEU e de TODOS... todos nós temos que ajudar né?... é também um trabalho de conscientização... esse panfleto também chama atenção disso... que temos que nos conscientizar... o título é bem grande pra chamar a atenção da gente... pra gente ter o interesse em ler né?... depois ele mostra o desenho do inseto...

S – veja que o inseto está no sentido de proibido... símbolo usado em sinais de trânsito... mostrando proibição...

P – é verdade... logo depois ele aponta para quais os sintomas no caso das doenças... que se caso a pessoa estiver com estes sintomas... procure imediatamente um serviço de saúde... e depois ele mostra no texto o que devemos fazer né?... ENCHA DE AREIA ATÉ A BORDA OS PRATOS DAS PLANTAS... GUARDE GARRAFAS SEMPRE DE CABEÇA PARA BAIXO... JOGUE NO LIXO TODO OBJETO QUE POSSA ACUMULAR ÁGUA... MANTENHA BEM TAMPADOS TONÉIS E BARRIS D'ÁGUA... LAVE SEMANALMENTE POR DENTRO COM ESCOVA E SABÃO OS TANQUES UTILIZADOS PARA ARMAZENAR ÁGUA... MANTENHA A CAIXA D'ÁGUA SEMPRE FECHADA COM TAMPA ADEQUADA... ENTREGUE SEUS PNEUS VELHOS AO SERVIÇO DE LIMPEZA URBANA OU GUARDE-OS SEM ÁGUA EM LOCAL COBERTO E ABRIGADOS DA CHUVA... REMOVA FOLHAS... GALHOS E TUDO QUE POSSA IMPEDIR A ÁGUA DE CORRER PELAS CALHAS... então ele mostra a forma de como a gente pode ajudar...

S – e podemos denunciar também... caso veja as pessoas jogando produtos que acumulam água nas ruas... nos terrenos baldios...isso é questão também... como já foi dito de educação... esse texto.. na realidade... é uma campanha promovida diário da borborema... pela casa do agricultor... diário associados da paraíba... mas seu formato aqui é de um panfleto... que estamos distribuindo entre vocês para discutirmos sobre o problema... e ajudarmos também/colaborarmos para solução do problema... ou pelo menos... amenizar... eu achei este panfleto muito importante... aqui ele mostra o problema... a doença... os sintomas... as causas... como evitar... o que fazer em caso de estar apresentando os sintomas da doença... e diz ainda... bem pequenininho... que ela pode matar...

A7 – deveria que pode matar bem grande... só assim o povo passa a ter medo e tem cuidado...

S – acho que é porque eles ainda não conseguiram comprovar cientificamente que é o mosquito... a causa da morte... então vocês gostaram do texto?...

A8 – eu gostei... é muito importante a gente saber assim... direito né?... porque cada um diz uma coisa...

S – é porque também... muitas informações são desencontradas... cada um diz uma coisa diferente... se é quando está doente... um diz que teve isso... outro diz que teve aquilo... mas é porque pode vir a dengue de forma diferente...

A7 – tudo hoje o povo diz/o médico diz que é virose...

S – EXATAMENTE ISSO... nem os médicos... às vezes... nas sabem definir o problema por conta das doenças... hoje... ser parecidas... por isso muitas vezes há essa confusão... por exemplo meu marido teve febre... dor no corpo... já a minha irmã teve manchas... diarreia... que parecia uma infecção intestinal... mas que na realidade era dengue... os exames confirmaram isso... então pode acontecer reações diferentes... agora vamos continuar... france é com você...já discutimos muito... agora vamos fazer uma leitura coletiva né?... eu até já li... mas vamos tentar mais uma vez a leitura... depois eu vou fazer uma atividade escrita pra vocês escreverem no caderno tá?... vamos ler...

((leitura coletiva))

P – agora vamos... eu vou escrever no quadro e vocês copiam no caderno viu?... só são duas perguntas... tá certo?... primeira pergunta é... de quem é a responsabilidade do combate a dengue...

A7 – da gente...

A8 – nossa e da natureza... porque quando chove a água fica parada e o mosquito vai pra lá...

P – no panfleto diz como?...

A9 – diz que é minha... sua e de todos...

P – muito bem... dona maria...

P – e a segunda pergunta é::... quais os sintomas da doença...

A5 – dor no corpo... febre...

P – pois é... ta tudo escrito aí no panfleto viu?... vocês vão olhando... lendo devagar e depois responde... quando terminar a atividade já pode ir... amanhã a gente continua viu?... tô vendo que já tem gente cansada por aí...

A7 – tô morrendo de sono... mas aula foi muito boa... gostei muito... a gente só faz aprender aqui... aqui a gente só vê falar de coisas importantes para a gente saber...

P – pois termine a atividade e depois a senhora já pode ir...estudem as palavra do texto pra gente amanhã fazer um ditado... não falem não...

(...)

Aula: 17/06/2008

P – ontem a discussão foi boa em...

A9 – foi sim... eu mostrei o texto pra minha filha e ela gostou muito... elogiou vocês... por trabalhar sempre coisas importantes...

P – que bom né?... é como rose diz... temos que trabalhar em sala textos que tenha importância... texto que tenha significado pra vocês né?... tá vendo?... a senhora mostrou pra sua filha e ela achou importante... aprende também né?... então vocês gostaram da aula né?...

A7 – foi muito boa...

P – vocês estudaram o texto em casa?... ontem nós falamos né?... nós falamos da dengue... um problema que tem nos preocupado muito...

A6 – professora... minha vizinha está com dengue também... ta muito água...

P – é preciso tomar muito líquido...

A5 – mas também dá falta de apetite... meu marido não comia nada... era uma luta pra comer...

P – ele foi pro hospital...

A5 – não... eu dei tylenol né?...

P – é a única medicação que paciente deve tomar... o TYLENOL...

S – só podemos tomar remédio a base de paracetamol... e o tylenol contém essa substância...

P – pois é... a gente tá justamente no período de chuva né?... período que chove... a gente tem que ter muito cuidado... cuidado com a água parada... a gente precisa fazer a nossa parte né?... olhar nossas plantas... não colocar muita água... olha os vasos... ter cuidado né?... agora eu vou fazer um ditado... nós vamos fazer um treino ortográfico... vamos fazer um treino ortográfico?... eu vou colocar no quadro a palavra treino ortográfico tá?... vamos fazer um treino ortográfico com as palavras do texto... ((registrando no quadro a palavra treino ortográfico))

P – posso começar...

A7 – já...

P – a primeira palavra... coloque a primeira palavra... DEN – GUE...

A6 – já coloquei...

P – a próxima... a segunda... SER – VI – ÇO... eu vou corrigir no quadro com vocês tá?... coletivamente... posso dizer a outra?

A9 – já...

P – a terceira... SA – Ú – DE... tá fazendo irmã francisca?...

A5 – tô...

P – posso continuar?... a próxima... COR – PO... aí depois coloque a palavra... DOR...

A7 – calma professora... ainda tô na palavra corpo...

P – tá procurando no texto né?...

((risos))

P – eu vou corrigir no quadro e vocês respondem no caderno... tentem fazer sozinhos... só assim vocês aprendem... a gente tá aqui pra aprender... posso agora dizer a próxima palavra?...

A9 – pode...

P – então coloque aí... FE – BRE.... FEBRE...

A6 – diga a próxima...

P – deixe irmã isabel escrever... já pode irmã isabel?

A7 – pode...

P – DE – VE – RES... coloque... DE – VE – RES... DEVERES...

A5 – já tá na sete... vamos agora para a oito... a número oito...

P – já posso ir?...

A6 – por mim... pode...

P – então vamos... COM – BA – TER... COMBATER gente... temos que combater a dengue...

S – dizem não sei se é verdade que banana é bom pra dengue... só não sei se é verdade...

A5 – era o que eu dava ao meu marido... me ensinaram...

P – será se é porque a banana tem potássio...

S – não sei...

P – posso dizer a próxima?...

A7 – pode...

P – A – GRI – CUL – TOR... olha gente a gente estudou... a gente viu esta palavra ontem... tá nesse texto... posso falar a outra...

A7 – ainda não...

P – tá certo...

A6 – professora... dona isabel já terminou...

P – então vamos... CA – BE – ÇA... CABEÇA... enquanto vocês escreve eu vou preparando o quadro... já colocando os números pra gente corrigir tá?... vocês vão dizendo as palavras e eu vou escrevendo no quadro... pra vocês verem se escreveu corretamente... tá ouvindo irmã isabel?

A7 – tô ouvindo...

P – então... podemos começar?... posso começar a correção?

A5 – pode...

P – então vamos...

((correção do treino no quadro))

(...)

P – agora eu quero que vocês formem frases usando as palavras do treino ortográfico... cada um de vocês formem frases... tá certo?... cada um SOZINHO... não pode olhar a do outro... depois das frases formadas eu vou fazer uma leitura individual com cada um... tá certo?... vão me pedindo ajuda e a rose também... a gente vai ajudando vocês... podem começar...

((leitura oral-individual pelos alunos das frases formadas)) (...)

Aula: 23/07/2008

P – vocês estudaram o assunto dengue né?... vocês viram na televisão que aqui em santa rosa e pedregal são os lugares que ta tendo mais dengue?...

A9 – essas chuva... tem muito bueiro por aqui...

A7 – e também porque o povo não tem cuidado... sabe que a doença pode matar... mas continua nem aí... a minha vizinha tá... tá com dengue...

P – pois é... chove... tem plástico também no meio da rua todo cheio d'água... como o mosquito só quer um pé para produzir os seus ovos... vai lá e coloca... eu peguei essa semana aqui na rua e fui tirando os plástico com água da rua... porque eu posso ter também né?... é um problema social...

A9 – a gente tem que tá falando sempre...

P – pois é... o aumento é grande casos... na igreja mesmo... ontem as pessoas estavam falando sobre isso... tem gente que já teve mais de uma vez... e tem que ter cuidado com a segunda vez né?... pode vir mais forte...

A7 – num é nem isso... a pessoa pode tá fraca da outra né?... e morrer...

S – pois é... o organismo pode estar debilitado... porque dá falta de apetite né?...

P – pois é... eu estava lendo no texto que recebi que... a dengue pode matar em quarenta e oito hora... quando é hemorrágica...

S – morreu esta semana uma moça bem novinha... com este problema...

P – e a única forma de prevenir é::... só destruindo os criadores

S – criadouros...

P – é... ((ri))... então a gente que quem tem a dengue... quem é picado pelo mosquito... que a gente de aedes aegypti... tem que ter muito cuidado... tomar muito líquido...

S – licença... devemos procurar com urgência uma unidade de saúde... um posto de saúde... o hospital né?... foi mostrado no jornal como estão os leitos né?... os leitos dos hospitais né?... mas é importante procurar pra eles terem idéia do que está acontecendo... tomar logo as devidas precauções... observando os sintomas... tem que ter cuidado com que medicação está tomando né... porque só podemos tomar remédio a base de paracetamol... e o único indicado é o TYLENOL... muito cuidado... evitem até mesmo de passar em terrenos baldios... por conta do foco... eu sei que o mosquito ta no ar... mas toda prevenção... cuidados é pouco... é um

problema social... que mobiliza toda sociedade... como diz no panfleto... é um problema e dever MEU... SEU e de TODOS... então temos que combater de alguma forma... chamando... por que não?... a atenção de um vizinho seu quantos aos cuidados... principalmente dona francisca... que mora... como ela já disse... que por trás da sua casa... nos fundos da sua casa... tem vários quartinhos alugados... ela pode fazer... até mesmo... um trabalho de conscientização né?... todos os podemos ajudar...eu acho que todos nós temos que nos dar as mãos para o combate... e não esquecer depois né?... continuar... porque como já foi dito nas aulas anteriores... eles/o mosquito... um mosquito põe de cinqüenta a duzentos ovos... quantos bichos desses não existem por aí?... por isso que temos que ter cuidado né?...desculpe abençoada... pode continuar...

P – que nada... é por isso q'eu gosto das nossas aulas... todo mundo participa... isso é muito importante...então continuando... quais mesmo os sintomas da doença?... o que ela provoca na pessoa?...

A5 – dor né?... dor no corpo... febre...

A10 – falta de apetite...

A7 – dor nos olhos né?...

P – pois é... a gente viu isso... vimos aqui também... que vocês conhecem casos que já aconteceram com pessoas da família de vocês... com vizinhos né?... então nós vamos hoje produzir um texto falando/de vocês contando algum caso que... ou já aconteceu com um parente seu... ou algum caso que vocês já conhecem... de algum amigo... vizinho... então eu quero que vocês faça um texto contando algum caso conhecido por vocês... olha aqui a tarefa pra vocês/a atividade... eu vou ler pra vocês o que estamos pedindo... pra dona ana eu vou fazer uma outra atividade tá certo?... mas vamos... ((entregando a atividade))... então eu vou ler pra vocês... SABEMOS QUE EM NOSSO PAÍS VIVEMOS UMA GRANDE LUTA CONTRA A DENGUE... GRANDE PARTE DA POPULAÇÃO JÁ FOI VÍTIMA DA PICADA DESTE MOSQUITO... ALGUNS... INCLUSIVE... MORRERAM EM DECORRÊNCIA DISSO... NA SUA FAMÍLIA JÁ ACONTECEU ALGUM CASO?... OU... VOCÊ CONHECE ALGUM CASO DE PESSOAS AMIGAS?... FAÇA UM RELATO ESCRITO SOBRE O QUE ACONTECEU E DIGA QUAIS OS SINTOMAS APRESENTADOS POR ELES... então a atividade tá pedindo que vocês produzam um texto relatando algum caso que vocês conhecem... aqui na aula a irmã maria contou... a irmã francisca disse que seu esposo teve também... então vocês vão escrever... contar né?...eu vou

acompanhando vocês tá certo?... eu vou ajudando... depois eu quero que vocês leiam... mostrem como vocês fizeram tá certo?...

((produção textual e leitura da produção))

(...)

Aula: 28/07/2008

P- começamos hoje a aula sem falar mais de dengue... viu gente?... já falamos muito... não é?... mas agora eu trouxe pra vocês algo... e... quero que vocês tentem saber o que é... só sei que toda dona de casa... que gosta REALMENTE de cozinha... acho que deve ter... pelo menos uma deve ter... não é possível que não tenha... mas se não tem... mas já ouviu falar... então nesta caixa tem algo que eu gostaria que vocês descobrissem... vamos tentar saber...

A7 – é de comer...

P – sim... é... mas não é comida...

A6 – e o que é?

P – tentem saber... ou até mesmo adivinhar...

A6 – ninguém é feiticeiro... cartomante pra querer adivinhar... vamos mesmo saber...

P – é verdade dona lindalva...perdão... adivinho... só feiticeiro... TÁ REPREENDIDO... mas vamos... o que vocês acham que tem nesta caixa...

A7 – só pode ser um presente... na festa do dia da mulher... nós ganhamos presente... no dia das mães... também... deve ser mais um...

((risos))

P – não... eu já falei que é de cozinha... que toda dona de casa já ouviu falar ou tem também em casa... a senhora ta mal acostumada né?... brincadeira... mas não é isso não... aqui tem... eu vou dizer... aqui tem três textos... três textos de coisa/que fala de um assunto que TODA dona de casa gosta de fazer... pelo menos aquela que gosta de cozinha...

A9 – já sei... é bem receita... toda dona de casa gosta de cozinhar...

A6 – se é texto né?... só pode ser receita...

P – é isso mesmo dona maria e dona lindalva... toda dona de casa que gosta da cozinha... gosta de cozinhar não é?... e eu trouxe três receitas... quem aqui tem receita em casa...

A7 – eu tenho um livro... minha filha sempre lê... gosta de fazer receita...

A6 – lá em casa tem também...

P – pois é... eu trouxe hoje três receitas... dessa três... nós vamos escolher uma para fazer aqui na sala... tá certo?... vocês é que vão dizer qual das receitas vocês querem estudar em sala... então... aqui... tem a receita de PANQUECA... de como fazer panqueca... de BOLO ELÉTRICO e de PÃO DE QUEIJO... de pão de queijo... são três receitas... a receita é um texto muito usado PRINCIPALMENTE pela dona de casa... todo mundo sabe o que é uma receita?... todo mundo já ouviu falar de receita?... na televisão é só o que a gente escuta né?... virou moda...

A6 – é:: ana maria braga todo dia mostra uma receita... eu vejo/eu assisto ela... ela sempre tem uma receita...

P – pois é... hoje existe programa direcionado para a dona de casa... sempre... pela manhã... a gente vê programa que mostra receita né?... a receita é um texto muito importante... ele mostra todos os procedimentos para se fazer uma comida... se você for fazer uma receita... você tem que ter os ingredientes né?... os produtos né?... os produtos para fazer a receita... então faz parte da receita ensinar como se fazer determinado prato...

A7 – tem que também saber fazer né?... lê direito né?... como preparar...

P – isso mesmo... temos que saber o modo de fazer... como preparar a receita... vem também na receita... às vezes... não é obrigado... mas às vezes vem dizendo para quantas pessoas aquela receita dá... as porções não é?... então a receita é um texto muito IMPORTANTE... nós vamos aqui escolher qual das receitas a gente vai fazer né?... rose já preparou os textos né?... o que for escolhido... a gente vai trabalhar em sala... depois ela vai dá os outros também... pra vocês terem a receita também dos outros... se um dia quiser... é só fazer... tá certo... mas aqui vamos escolher uma para estudar em sala... o tempo também... e eu quero ainda estudar outras coisa com você né?... que eu também acho importante né?... então... vamos escolher a receita?... que receita a gente vai estudar em sala... os outros textos eu vou dar também... pra vocês estudarem também em casa... mas vamos escolher a receita?... qual receita você acha que deve estudar em sala?

A7 – é melhor a gente estudar panqueca né?... até pra fazer mesmo... é::: é mais rápido né?... a gente vai fazer também?... a gente vai aprender também né?...

P – vai sim... dona isabel... é muito importante a gente aprender todos os textos que a gente tem convivência... e a receita também é um deles... sem falar que a receita da panqueca é gostosa e eu vou mostrar como se faz... a gente vai colocar a mão na massa...

A9 – sem falar que é gostosa...

A10 – é mesmo dona maria... eu já comi... é muito bom...

A6 – na igreja de vez em quando vende... é bom demais... quando tem cantina... mas nunca mais teve cantina né?...

A1 – é bom mesmo...

P – então nem precisa fazer votação né?... vai ser panqueca mesmo né?... então vamos... bem q'eu te disse rose...

S – não foi...

P – continuando... vocês sabem quais são os ingredientes de uma panqueca?... quais os ingredientes para se fazer uma panqueca/o que a gente usa?...

A7 – leva trigo... leite...

A6 – tem de carne né irmã?... de frango...

P – que mais?...

A7 – ovo...

A9 – sal...

P – muito bem... já sei que conhecem panqueca né?... leva todos esses ingredientes e mais duas colheres de gordura vegetal ou manteiga... margarina... como queira... eu vou anotar no quadro os ingredientes ta certo?... tem o que mesmo?...

A7 – sal... ovo... farinha de trigo...

P – espere... estou escrevendo... ((tempo)) tem o que mais... já coloquei sal... OVO... FARINHA DE TRIGO... que mais?

A6 – leite...

P – sim... LEITE... MAR – GA – RI – NA né?... muito bem... também tem o recheio que pode ser de carne moída ou uma carne que possa ser triturada... pode ser de frango... sardinha... o recheio que a pessoa quiser... aqui... na receita... o recheio é de frango... mas a dona de casa faz com o que quiser né?... ela coloca o que quiser... depende dela... do que ela tem em casa... o gosto é dela... do que ela tem

em casa... então são esses os ingredientes para a massa... o LEITE... que começa com que letra?... que letra começa a palavra LEI – TE?

A9 – com L...

P – o OVO... que começa com O... o TRIGO/a FARINHA DE TRIGO... a MARGARINA... que começa com que letra?...

A7 – com M...

P – o SAL... que começa com que?

A6 – com S...

P – vamos ler estas palavras/os ingredientes da receita?... todos vamos ler... tá certo?... vamos fazer uma leitura coletiva?...

((leitura coletiva dos ingredientes da receita))

P – agora eu vou entregar pra vocês o texto né?... rose digitou pra vocês... porque vamos sempre usar esse texto... não perca não tá?... tragam amanhã... porque a gente vai ficar estudando por ele... tá certo?... agora vocês vão estudar... cada um vai estudar esse texto... estudando todas as palavras... depois eu vou discutir sobre a receita... tá certo?... vão estudando... vocês já fizeram já leitura dos ingredientes comigo... já ajuda... vão estudando o texto baixinho sem conversar... tá certo?...

((estudo do texto pelo aluno))

P – terminaram gente... posso fazer a leitura do texto?...vocês têm alguma dúvida?... o que vocês viram nesta leitura?... a primeira coisa que fala neste texto é sobre o quê?... o primeiro diz...

A6 – o nome da receita...

P – sim... é verdade... o nome da receita... logo em seguida vem o quê?... o que foi que nós vimos agora pouco...

A7 – os ingredientes?...

P – depois do título/do nome da receita... vem os ingredientes... depois dos ingredientes que são... UM COPO DE LEITE... UM COPO DE TRIGO... UM OVO... DUAS COLHERES DE GORDURA VEGETAL... SAL A GOSTO... depois dos ingredientes vem o quê?...

A6 – o recheio...

P – muito bem... o recheio... aqui... na receita... temos FRANGO desfiado... mas eu já disse que pode ser outros... fica a critério da pessoa... que mais?... o que vem depois?...

A7 – o MO – LHO ((lendo silabando))

P – sim... muito bem... o molho... aqui... o molho é extrato de tomate... que a dona de casa ou quem está cozinhando pode escolher o molho que quiser né?... a seu gosto... e depois vem o quê?...

A6 – o modo de fazer...

P – muito bem dona lindalva... o modo de fazer... ((lendo)) e ainda tem uma observação falando que devemos colocar pouca massa na frigideira para não ficar grossa... para as panquecas não ficar grossa... que é o segredo... o segredo da massa ficar gostosa... né?... então a gente pode ver que uma receita... se for de comida... porque tem a receita que o médico passa pro doente... se for uma receita de comida temos que saber que nela vem... os ingredientes... o RECHEIO... MOLHO... o MODO DE FAZER e tem outras que vem também dizendo as porções... pra quantas pessoas a receita dá... nessa não veio... mas vocês podem encontrar em outras e saber que vem isso também... tá certo?... hoje... não vai dar mais tempo fazer uma atividade e nem a leitura... mas eu quero que vocês pesquisem os preços dos produtos que a gente usa nesta receita/na panqueca tá certo?... traga essa pesquisa porque só assim a gente trabalha matemática também tá certo?... vocês até já sabe... vocês escrevem olhando pelo texto os nomes dos ingredientes e põe o preço do lado... até amanhã...

Aula: 29/07/2008

P – boa noite... abençoados... fizeram a pesquisa que eu passei pra casa...

A6 – oh irmã... eu nem tive tempo...

A9 – mas eu fiz... fui no mercadinho e perguntei o preço...

A7 – eu também fiz...

A10 – eu não saí de casa... não tive tempo...

P – não tem problema não... dona ana... eu sei dos afazeres de cada uma...

A1 – eu fui e perguntei...

P – que bom jacqueline... então vamos... primeiro vamos lembrar o que vimos ontem tá certo?... então nós vimos que... para se fazer uma panqueca... a panqueca leva... LEITE... OVO... MARGARINA... é::: TRIGO... EXTRATO DE TOMATE... SAL...

FRANGO... porque vamos fazer uma panqueca de frango né?... vimos também que receita... de COMIDA... toda receita tem... INGREDIENTES

]

A6 – recheio...

P – sim... que mais?...

A7 – tem o molho...

P – muito bem...

A9 – tem como fazer...

P – estão craques... também né?... TUDO dona de casa... ((risos))

A7 – então...

P – mas vamos ver o preço dos alimentos/produtos... eu vou primeiro anotar no quadro o nome dos produtos e depois ao lado eu coloco o preço... tá certo?... mas vamos primeiro colocar os preços e deixar aí no quadro porque eu vou dar matemática viu?... vamos... deixa eu escrever primeiro ((registro no quadro dos produtos: leite, ovo, trigo, margarina, frango e extrato de tomate))

A8 – aqui os preços é caro DEMAIS... no centro... no supermercado grande o preço é melhor... na feira também... eu quando quero comprar... ((incompreensível)) eu faço minha feira na feira da prata... todo domingo eu vou...

S – é:: dizem que o preço é muito bom...

A8 – mas sabe por quê?... porque é o restante das coisa que não vendeu na feira central... eu compro de cem laranja... o preço sai mais em conta...

A7 – é::: eu seio... mas eu mesmo não tem coragem de ir praquela longura... é muito longe...

A9 – não é dona isabel... e andar nesses ônibus?... deus me livre...

A7 – eu também...

P – pronto?... vamos continuar?...

A7 – vamos...

P – qual foi o preço que vocês achou do leite?...

A9 – eu encontrei o litro do leite a um e vinte...

A1 – eu também...

P – alguém achou em outro valor?... outro preço?

A7 – foi esse mesmo...

P – mas a gente só vai usar na nossa receita só um copo... por quanto será que vai ficar?...

A8 – vai ficar por trinta centavos...

P – seu José é bom de conta...

A9 – também né?... ele é VENDEDOR...

((risos))

P – e o preço do TRIGO?... quanto custa?...

A7 – um quilo do trigo custa dois real e nove centavos...

S – tá caro?...

A8 – eu não digo... aqui tudo é mais caro... na rua você acha mais barato...

P – e o preço do ovo...

A1 – eu só perguntei de um ovo...

P – e é de UM mesmo...

A1 – eu achei a vinte centavos...

A6 – falando em ovo me dá logo vontade de comer ovo com cuscuz... é bom
DEMAIS... ele cozido com cuscuz...

S – cozido?...

A6 – sim... você coloca uma cebola cortada em rodela... é bom demais...

P – e o preço do frango?... que é o mais caro?...

A9 – eu perguntei do peito... e ele custa seis reais e cinquenta...

S – eu encontrei no rede compras... no valor de quatro reais e oitenta centavos...

P – SEIS E CINQUENTA... QUATRO E OITENTA ((registrando no quadro))... e o
molho de tomate/o extrato de tomate...

A7 – esse também é caro... eu encontrei uma caixa por dois reais... mas já é uma
caixa maior...

P – DOIS REAIS ((registrando))... sal não precisa... é só um pouco que a gente usa
mesmo...

A9 – eu também não procurei o preço do sal não...

P – pois é... deixa aí tudo anotado no quadro pra gente estudar matemática... tá
certo?... porque a gora nós vamos fazer a leitura individual... eu vou tomar a leitura
de vocês... eu pedi que vocês estudasse o texto em casa... não foi?... então... vamos
agora fazer a leitura individual... tu ajuda... né rose?... porque eu ainda quero
estudar matemática com eles...

S- ajudo... pode deixar...

((leitura individual))

(...)

Aula: 04/08/2008

P – vamos começar a aula hoje voltando pra o que a gente viu sobre a receita... tá certo?... a aula passada né?... a gente leu a receita... estudou tudo... como é feita uma receita/o que se tem numa receita... os preços dos ingredientes da receita...

A7 – é:::...

P – vimos também cada produto... agora nós falar um pouco de um dos produtos que tem muita importância para o ser humano... eu ouvindo dona isabel e dona maria conversando sobre o que fazia no sítio com o leite... eu achei muito importante falar sobre ele/o leite... que é um alimento muito rico em vitaminas... proteínas... o leite é completo...

A8 – eu fui criada comendo para de farinha... mandioca... araruta... é:: cuscuz com leite... angu com leite... xerém... tudo minha fazia pra gente comer... ôh vida boa...

A9 – num é seu José... a gente era feliz e não sabia...

A7 – as comida de hoje só faz mal a gente... a gente compra esses sacos de leite... ninguém sabe o que eles coloca... passa dias na geladeira... o leite puro de vaca não... é aquele leite GROSSO... FORTE... gostoso...

S – o leite pasteurizado dona isabel... que são esses leite vendidos em saquinhos... para ter mais durabilidade... é:: a empresa coloca FORMOL... substância... creio que seja é:::... a mesma substância que dão ao paciente com câncer... é químico né?... hoje é o que se vende no mercado... os produtos são de maioria industrializados... o que... na realidade... prejudica a nossa saúde... temos muito enlatados né?... enlatados é o que mais prejudica ao homem... as frutas e verduras que são colocada agrotóxico... é VENENO... isso tudo acarreta a população... por isso temos muitos casos de câncer...

A9 – olhe minha filha... a gente compra... mas eu acho que deve ser muito ofensivo... esses leite de lata... esse leite em pó... com será que eles fazem?...

S – como deve ser feito mesmo para transformá-lo em pó... eu não sei... mas acho que começa com um processo para torná-lo desnatado... deve ter relação com a nata né?... não sei... vou procurar saber...

P – continuando né?... rose disse uma coisa muito importante... como os alimentos hoje contém coisas químicas não é?... a gente vê o povo doente... tudo isso vem

também desses alimentos... então o leite é um alimento muito importante... principalmente porque contém muito cálcio... o cálcio fortalece os ossos né?...

A9 - a doença de velho minha filha... a gente vai ficando velha e os ossos vão ficando fraco...

A7 – tem dia q'eu amanheço toda dolorida...

A9 – e na época fria... eu fico toda enxombrada...

P – pois é o leite contém cálcio... ele é muito importante para a vida das pessoas... porque a criança assim que nasce toma leite... é o primeiro alimento dela... não é?...

A7 – e você vê né?... vem DE GRAÇA... vem de um animal... vem da mulher... a fêmea produz o leite... para alimentar o filhote... que coisa linda...

P – mas a gente compra né?... ((risos))

A7 – eu sei... mas deus dá a gente... dá a gente de GRAÇA... vem de graça pra gente/prá mulher... como deus é bom...

P – é verdade... são os segredos que deus reserva... tudo eu vejo a mão de deus na nossa vida... muitas vezes aqui em casa... nós vivemos situações que é somente a mão de deus... tudo é muito difícil... mas vamos voltar né?... voltar pro assunto... o leite é muito importante...

A7 – irmã... quando eu morava no sítio minha mãe... eu era pequena mais me lembro... antes de morrer... minha mãe pegava o milho... deixava secar... debulhava... deixava de molhos pra fazer cuscuz no pano... pra gente comer... como era bom... aquele cuscuz no pano... ela tinha um prato fundo de barro... e cozinhava o cuscuz coberto no pano... cobria bem direitinho... e... o cuscuz era cozinhado no bafo da panela... meu pai logo cedo... tirava o leite... ela fervia e dava a gente pra comer... mas era bom... esse tempo não volta nunca mais... minha filha...

S – seus/seus olhos estão lacrimejando...

A7 – não é minha filha... perdi minha mãe muito nova... eu era pequena ainda... tive que ajudar pai a cuidar dos meus irmão...

S – eu perdi meu pai...

A9 – ô... dona isabel a senhora lembra... que era do meu tempo que a minha mãe mesmo gostava de fazer... a senhora lembra... que minha mãe costumava a fazer... massa cabelo...

A7 – oxe... lembro DEMAIS dona maria... aprendi com a minha tia... mas era bom...

S – como é o nome?

A9 – MASSA CABELO...

S – nunca ouvi falar...

A9 – é muito bom é feita com leite...

S – como é que se faz?... nunca ouvi falar...

A7 – você pega o leite... bota numa vasilha pra coalhar...

]

A9 – tira a nata... vai tirando a nata...
pega a nata bota num litro e vai batendo até embolar... ((incompreensível))... mas é gostoso minha filha...

A7 – é mesma dona maria... é bom demais...

P – então... vamos ver quais são os produtos derivados do leite... vocês/pelo que vocês já discutiram aí... dá pra ver que com o leite se faz muita coisa... então vamos ver quais são os derivados do leite... quais são os produtos derivados do leite?...

A7 – temos queijo... manteiga...

P – repita dona isabel que eu vou colocar/escrever no quadro... pra depois vocês escreverem no caderno... tá certo?... então repita...

A7 – queijo...

P – QUEI – JO...

A7 – MANTEIGA...

P – é MAN – TEI – GA... que mais?...

A9 – coalhada... nata...

P – CO – A – LHA – DA... NA – TA... tem mais?... seu José agora...

A8 – eu?...

P – sim... gosto do senhor falando também...

A8 – então coloca aí... creme...

P – tá certo?... temos o creme... creme de leite... que mais?

A9 – massa cabelo... que a gente já conversou... dona isabel?...

P – o MASSA CABELO...

A7 – o doce... a cocada...

P – DO – CE... CO – CA – DA... tá bom né?... tem muita coisa... mas têm muitas coisas que se faz com o leite né?... por exemplo... agora a pouco dona maria... junto com isabel né?... elas deram duas receitas né?... a do massa cabelo e de como sua mãe fazia o cuscuz para se comer com leite... né?... tinha todo um preparo... deixava o milho de molho... depois moia... tinha todo preparo... mas existe receitas... outras

receitas feita com o leite... a colhada... que tem a forma de se fazer... tem a manteiga... que se não souber fazer... não dar certo...

A7 – tem a borra... que já vem da manteiga... que vem do leite... que é uma delícia... tem bolo que é feito com leite...

P – pois é... há várias receitas com o leite...

A7 – antigamente a gente fazia o bolo e assava na palha da bananeira... num fogão de lenha... mas ficava gostoso... o bolo de milho... ficava gostoso demais...

A9 – dá uma saudade... né dona isabel?...

A7 – mais não é?...

A8 – o leite era puro... não era essa poiquera de hoje não... só tem água... esses que vende na porta... não presta nem pra coalhar... eles mistura com água...

P – vamos agora anotar no caderno... os derivados/os produtos derivados do leite?... vamos escrever no caderno... vamos?...

A7 – vamos...

((registro da atividade no caderno))

P – quando terminarem me avise... por favor... porque depois eu quero que vocês escrevam também outras receitas que utilizamos o leite... tá certo?... o quadro é pequeno... se não fosse pequeno eu teria/faria do outro lado...

S – é:: mas espere... não tem problema...

((tempo))

P – terminaram...

A7 – eu já escrevi...

P – e a senhora dona maria...

A9 – tô terminando...

P – pois termine...

A8 – já terminei...

A9 – eu também já acabei...

P – então... vamos agora... eu vou agora anotar no quadro algumas receitas que nós também já falamos... que utilizamos o leite... vocês vão citando e eu vou escrevendo também... tá certo assim? Vocês sabem... como vocês já viram... têm muitas receitas que a gente faz que usamos o leite né?... é muito comum a dona de casa usar o leite...

A7 – eu uso muito o leite no purê... felipe... meu filho... gosta muito... usa leite também no bolo né?...

P – deixa eu ir anotando no quadro... pra depois vocês escrever... tá certo?... vocês vão dizendo e eu vou anotando... é muito importante a gente escrever... porque assim a gente vai memorizando como se escreve as palavras né?...

A7 – é sim...

P – então... PU – RÊ ((registrando no quadro))... purê tem um acento circunflexo no E... um chapeuzinho... PU – RÊ começa com que letra?...

A7 – com o P de PANQUECA...

P – muito bem... qual foi a outra palavra que a senhora falou dona isabel?...

A7 – BOLOS... a gente faz bolos com leite... o bolo leva leite...

P – tá certo... BO – LOS... PANQUECAS... não é?... PAN – QUE – CAS... o que nós vamos fazer para experimentação... e o que mais?...

A9 – cabeça de galo...

S – CABEÇA DE GALO... coloca leite?...

A9 – eu coloco e fica é GOSTOSO... ponho na sopa...

P – CABEÇA DE GALO... mais...

A8 – SUCOS...

P – em SU – COS...

A7 – vitaminas de frutas...

P – VITAMINAS DE FRUTAS... que mais?...

A9 – em canjica... pamonha... papa

P – muito bem... CAN – JI – CA... PA – MO – NHA... PA – PA... parabéns... se a gente se for escrever... tem uma infinidade de receitas com leite né?... têm muitas... agora escrevam no caderno de vocês...

A8 – DE NOVO?

P – sim... seu josé... só isso... quando terminar o senhor pode ir... tá certo?... é importante vocês aprenderem a escrita destas palavras...

((registro no caderno por parte dos alunos))

(...)

Aula: 18/08/2008

P – hoje nós vamos fazer... nós vamos fazer agora o melhor né?... que é a receita...

A6 – vamos comer panqueca...

P - a abençoada trouxe até refrigerante...

S – claro... vamos saborear a receita que tanto já falou...

A9 – num é... dava água na boca só de falar...

S – pois é... vamos agora colocar a mão na massa...

P – primeiro eu vou colocar todos os ingredientes na mesa... e juntas vamos ler... colocando as medidas conforme está no texto tá certo?... temos aqui o frango já desfiado e cozinhado né?...

S – fale como você fez o frango...

P – olha gente... o frango eu cozinhei com todos os temperos... os temperos seco e os temperos verde... coloquei alho... sal... cuminho... colorau... tomate...cebola... pimentão... coentro... BASTANTE COENTRO... eu gosto muito... refoguei BEM... mas antes de temperá-lo... coloquei no limão pra tirar aquele cheiro dele.. quando cozinhou... deixei esfriar e desfiei... está aqui... dona isabel trouxe o trigo?...

A7 – trouxe... tá aqui...

P – aqui está... o OVO... o leite... que só vai levar um copo né?...

S – mas vamos dobrar a receita... né france?...

P – sim... nós... como combinamos na aula de matemática... nós vamos dobrar a receita... tá certo?... eu já disse né?... que o dobro significa duas vezes... duas vezes a mesma quantidade né?... então se eu tenho um copo de leite...para dobrar... vou colocar quanto?... quantos copos?...

A6 – DOIS...

P – muito bem... DOIS copos de leites... sim gente... eu coloquei dos peitos de frango... rose comprou dois... quando eu cozinhei/quando vocês um dia fizerem esta receita em sua casa... deixe o frango com caldo... eu deixei o frango com caldo... esse caldo tava bem grossinho... então eu passei no liquidificador... depois misturei com o frango viu?... pra ele ficar molhadinho... e a panqueca dentro não ficar seca né?...

A5 – quer dizer que a senhora deixou o caldo...

P – foi... e se quiser pra ficar mais gostoso... é:: você pode colocar um caldo knor no molho... fica bem gostoso... sim... e mais... o trigo... o TRIGO... tá aqui o trigo... eu ponho quantos copos?...

A7 – dois também...

P – pois é... vai levar também dois copos de TRIGO...dois ovos... sal a gosto né?... então vamos... vamos ver como diz que é pra fazer...

A1 – falta falar da margarina...

P – é verdade... na receita diz que são duas colheres... mas aqui nós vamos colocar quatro.. tá certo?... vamos colocar quatro colheres de manteiga... já está aqui o liquidificador... um prato pra ir colocar as panquecas já assada né?... outro para colocar ela já recheadas... aqui está o recheio... e... o refratário para levar ao forno... tá certo?... então vamos... o que diz o texto?... vamos cada aluno com seu texto e vai acompanhando a leitura... vamos ler... na medida que a gente for lendo vocês fiquem vendo como se faz... tá certo?... primeiro... já temos aqui todos os ingredientes... temos o recheio... temos o molho né?... agora vamos ler o modo de fazer... vamos ver como é que se faz?... primeiro faz o que...

A6 – coloca os ingredientes no liquidificador...

P – muito bem... tem dizendo no texto... PONHA NO LIQUIDIFICADOR O LEITE, O TRIGO, O OVO, A GORDURA... mas aqui vamos colocar a MARGARINA né?... e eu vou dividir a massa... vou fazer primeiro com a metade dos ingredientes e depois eu farei o restante... tá certo?... pra não derramar...

A7 – não tem problema... no minuto a gente faz... têm duas frigideiras... eu faço com uma e dona isabel com outra... eu vou assando em uma e ela na outra...

A8 – manda rose...

P – não... eu não confio não... irmão iramir... da nossa igreja... disse que já tomou até suco de carne moída feito por rose...

A8 – o quê menina?...

((risos))

S – é uma história longa... vamos mudar de assunto...

A8 – coitado do marido...

S – que conversa é essa?... coitada de mim...

P – vamos continuar o aula...

S – vamos...

P – colocar o sal... DEIXE BATER BEM... ((nesse momento ela liga o liquidificador))... FEITO ISTO COLOQUE UMA FRIGIDEIRA PEQUENA NO FOGO... vamos irmã isabel... já vá untando a frigideira com óleo... sim... continuando a leitura... UNTE COM UM POUCO DE ÓLEO... DERRAME UM POUCO DA MASSA E DEIXE ASSAR UM POUCO... olha gente eu e dona isabel vai assando... porque a panqueca não pode demorar muito no fogo para não queimar... tá certo?... eu vou colocando as assadas no prato raso e dona francisca pode ir colocando o recheio...

A5 – não... coloque você o recheio... eu não sei colocar a quantidade... e eu... e eu vou assando com dona isabel... tá certo?...

P – pois tá bem... vá assando com dona isabel e eu vou recheando...

S – quer minha ajuda?...

P – vai ligando o forno rose... pra ele já ir esquentando... porque num minuto ele aquece ele derrete o queijo... eita eu esqueci... seria tão bom se tivesse queijo ralado para colocar em cima...

S – tem nada não... se você tivesse dito antes... eu teria comprado...

P – não... já tá bom... tu trouxesse o peito de frango... refrigerante...

A8 – a coisa tá é boa nessa cozinha...

A7 – ÓH professora... já tem duas assadas... vá recheando...

A6 – quer ajuda irmã...

A7 – não irmã... é rápido... eu vou ganhar quanto... pra fazer essas panquecas?...

P – vai comer... e vou fazer pra vocês levarem pra casa...

S – o jantar de stenio hoje...

A7 – ele só janta quando a irmã chega é?... todos dois... eu venho DIRETO da loja pra cá... venho de mala e cuia... trago comida pra samuel... stenio fica na igreja e samuel fica aqui comigo... não vê como ele dá trabalho irmã... mas é o jeito... é preço que ele também... o inocente tem que pagar... não tenho com quem deixá-lo... preciso trazê-lo... e também não confio deixá-lo com estranhos... aqui não... ele está em casa... digo que eu ganhei nesta casa um pai... uma mãe e uma irmã... e samuel também... aqui é a minha segunda família...

A7 – mas é uma luta muito grande...

S – tudo tem um retorno dona isabel... é bom... pra gente também dar valor as coisas... valorizar a vida que temos... conhecer novas coisas... eu estou encantada com tudo que estou vivendo... pra mim... tem mais valor que o próprio doutorado que tô fazendo...

A8 – vivendo com pobre né?...

S – eu também sou pobre... aliás... pobre é o CÃO... eu sou rica... da GRAÇA de DEUS... somos todos ricos... GLÓRIA A DEUS...

P – amém... ma vamos continuar né?... olha aqui como fica depois de recheada...

((todos observam o processo, assar e rechear))

P – olha gente... veja que receita econômica... com esta primeira medida deu para ser feita doze panquecas... o segredo é deixar a massa bem fininha viu?... que rende muito... agora coloco por cima dessas que já estão prontas...

S – que eu arrumei no refratário...

P – também... tem que fazer alguma coisa né?... ((risos))... agora é só colocar o molho... que também tá pouco...irmã lindalva corte... pra mim... por favor...neste prato esses dois tomates... essas duas cebolas... esse pimentão que está na pia... eu já deixei de reserva porque eu achava que não ia dar... pegue um prato e corte tudo... não precisa ser pedaços pequenos não... pode ser grande porque eu vou levar para cozinhar... que eu vou fazer mais molho e uso essa caixa nesse primeiro aqui ((apontando para o refratário))... e vai ficar gostoso o molho/esse outro molho que eu vou fazer... depois de picado... vou colocar no fogo com um pouquinho de leite... margarina... caldo knor... depois passo no liquidificador e vai ficar uma DELÍCIA... e... a gente põe nas outras panquecas... tá certo?... tá vendo?... tá todo mundo trabalhando aqui... todo mundo com a mão na massa...

S – isso se chama IN -TE-RA-ÇÃO... todos participando...

P – vamos agora repetir a receita... fazer tudo de novo... tá certo?... dona lindalva quando terminar é só me avisar... jacqueline tá lhe ajudando também né?...

A6 – tá irmã... a gente já tá terminando viu?...

P – lave as mãos depois pra não ficar com cheiro de cebola... viu?... tem toalha pindurada aí... viu?... é só secar as mãos...

((repetição da receita))

(...)

P – vamos agora pro melhor... COMER... EXPERIMENTAR... coloquei pouco sal por conta de dona maria e dona isabel... elas não podem comer muito sal... hoje dona maria tá cansada... quase nem falou...

A9 – eu tava só olhando...

S – mas a senhora vai comer não vai?...

A9 – vou sim... eu como...

A6 – irmã eu quero levar o meu pra casa...

P – que conversa é essa?... a senhora vai comer aqui... rose trouxe copo descartável... refrigerante... irmã isabel fez também uma garrafa de café... a senhora come pelo menos uma e leva pra casa outra... olhe... nós temos aqui... deu... na primeira... deu doze panquecas... nesse agora... dona isabel fez/deu pra fazer catorze...

S – eu como uma só...

P – e eu também... dá pra cada um comer uma panqueca e levar outra pra casa... eu também fiz... hoje... de manhã... um bolinho pra gente tomar com café... mas só depois de comermos a panqueca... de experimentarmos a panqueca... tá certo?...

S – mas o importante é que todos experimentem... inclusive o bolo que france fez... foi o BOLO ELÉTRICO... uma das receitas que estava na caixa... pra gente experimentar também...

P – mas eu fiz porque rose me deu os ingredientes... quando for no recesso de junho... já combinei com rose... vamos comprar pamonha... canjica... milho cozido que eu vou fazer em casa...

A8 – eu dou o queijo...

P – tá vendo... já ganhamos o queijo...

A8 – eu trago um quilo de queijo de coalho...

S – tá vendo?... vamos ter a CANJICA... a PAMONHA... o QUEIJO... BOLO... trarei também um bolo pé-de-moleque... todos estes produtos levam o leite... já tá tudo combinado... agora vamos comer?...

((experimentação da receita))

P – vocês gostaram da aula...

A6 – muito...

P – tá vendo... aqui também foi uma aula... a prática né?... a prática... vimos como se faz uma receita olhando e lendo pelo texto né?... primeiro estudamos o texto na sala... agora estamos colocando o texto na prática... isso também é uma aula...

A7 – e a gente aprende muito também né?... foi muito boa a aula... a gente nem sente o tempo passar...

P – a gente aqui teve aula de matemática... de português...

S – de ciências... foi muito boa a aula... vocês viram que o texto tem uma função... esse aqui era uma receita... cada texto tem que ter um sentido real... o texto precisa ter uma finalidade... vocês gostaram da receita?...

A6 – eu gostei... tava deliciosa...

A7 – tava muito gostosa... estamos de parabéns...

S – é mesmo... todos aqui estão de parabéns... todos participaram... colaboraram... tivemos uma aula muito boa... para bens também professora... pelo seu esforço...

Aula: 20/08/2008

P – vamos... continuando o texto receita né?... nós já fizemos muita coisa né?... com esse assunto... mas ainda vamos dar continuidade... hoje nós vamos fazer... nós agora vamos fazer um treino ortográfico... já estudamos várias vezes o texto... as palavras... como se escreve cada ingrediente né?... vimos várias vezes... escrevemos no quadro... vocês escreveram no caderno... mas agora... agora vamos fazer um TREINO ORTOGRÁFICO... vamos treinar a escrita... tá certo?... com as palavras que já estudamos...

A7 – no caderno?

P – no caderno mesmo... escreva o nome do programa... eu vou anotar no quadro e vocês vão escrevendo no caderno tá?...

A4 – tá...

P – vão preparando o caderno... coloquem o nome... TREINO ORTOGRÁFICO... veja como se escreve tá?... ((apontando para o quadro))... coloque de um até dez... quando terminarem me avise... eu vou corrigir no caderno... depois que eu corrigir... eu quero que vocês separem as sílabas... eu vou ajudando tá certo?...

((registro no caderno por parte dos alunos preparando para o treino))

P – já terminaram...

A6 – ainda não... espere um pouco...

P – tô esperando...

A7 – já terminei...

A4 – já terminei também...

P – pronto... dona lindalva...

A6 – já terminei...

P – a primeira palavra... no número UM... no número um coloque a palavra LEI – TE... LEI – TE... já escreveram...

A5 – espere um pouco...

P – nunca mais tinha visto a irmã damiana... que bom que veio...

A4 – é porque eu saio das faxina tarde... aí chego muito cansada... já é tarde... às vezes saio pra vender minhas calcinha... a noite né?... eu preciso trabalhar... eu sou sozinha pra tudo...

P – tá certo?... coloquem agora a palavra... TRI – GO... se não tiver entendendo é só perguntar... viu dona damiana?... nós já estudamos estas palavras já... a senhora já ganhou o texto?...

A4 – já... rose já me deu...

P – já colocaram TRI – GO...

A6 – já...

P – vamos colocar agora a palavra... é:: a palavra O – VO... O – VO... com que letra começa a palavra O – VO?

A7 – com O...

P – muito bem... a próxima palavra é:: FRAN –GO...

A5 – eita... eu me atrapalhei coloquei primeiro frango...

P – não tem problema... não já colocou frango?... coloque agora ovo... tem problema não... o importante é que a senhora tente escrever...

A5 – tá certo...

P – nós já estamos em que número?... quantas palavras eu já ditei?...

A7 – já falou quatro...

S – a cola aqui corre solta... é olhando pro caderno... outros para o texto... mas são estratégias não é?...

((risos))

P – é... vamos para a quinta agora... escreva agora a palavra TO – MA – TE... TOMATE... já escreveram?...

A7 – ainda não...

P – vamos... eu espero... já terminou dona lindalva...

A6 – já irmã...

P – posso falar a sexta...

A7 – pode...

P - a sexta... o número seis é:: DES – FI – A – DO... DESFIADO...

A6 – diga a sétima...

A7 – espere irmã... deixa a gente escrever... pra pressa...

P – não precisa pressa... tentem fazer...

A7 – já pode...

P – posso?... então vamos... agora é a sétima... no número sete escreva a palavra... a palavra mais estudada por nós... PAN – QUE – CAS... com um S no final...

A6 – a gente não pode errar essa não... a gente leu demais... esta palavra...

P – é mesmo... é bom a gente tá sempre revisando o assunto... só assim a gente aprende mais... rose vai preparar uma produção de texto ainda com esse assunto... mas eu quero falar antes de um assunto muito importante... a gente precisa estudar esse assunto... posso continuar... posso dona francisca...

A5 – pode...

P – rose tá ali... ajudando dona damiana... a número oito... a palavra número oito é:: SAL... sal começa com que letra?...

A1 – com S?

P – sim... com S... essa palavra é pequena... no minuto escrevem... já escreveram?...

A7 – já...

P – então vamos... a nona... a do número nove é::... Ó – LEO... OLEO tem um acento o primeiro O... tá certo?... um palito no primeiro O... posso já falar a última...

A7 – calma professora... estou ainda terminando...

A6 – já terminei viu?...

P – dona lindalva... quando terminar essas aula... tá bom de já procurar uma escola... a senhora está tendo um bom desenvolvimento...

A6 – mas eu quero estudar aqui...

P – mas não pode... a senhora na escola... vai aprofundar ainda mais... vai ler melhor... vai dar continuidade... não pare... é muito importante...

A7 – já terminei...

P – já dona isabel... pois vamos colocar a última... a décima... que é a palavra MAS – SA... eu vou corrigindo de quem terminou tá certo?...

A6 – pode corrigir o meu...

((correção do treino nos cadernos, individualmente))

P – pronto... eu agora vou escrever estas palavras no quadro para vocês separarem as sílabas... tá certo?... eu copio primeiro... depois vocês separam...

((registro no quadro das palavras do treino: leite, trigo, ovo, frango, tomate, desfiado, panquecas, sal, óleo, massa e correção no quadro da separação de sílabas – apenas anotação de campo))

Aula: 09/09/2008 (seqüência desta aula está conforme o assunto)

P – rose... dona maria e dona ana... preparou uma atividade de produção pra vocês fazerem... pra vocês produzirem escolhendo um dos derivados do leite que vocês estudaram... vocês estão lembradas?... dona ana... pelo menos vai fazendo a pesquisa né rose?... hoje só tem elas duas... tá dona isabel e dona lindalva doente... jacqueline só vem com dona lindalva... seu josé nem deu notícias... dona francisca foi pra cuité... visitar a mãe que tá doente...

S – é... né?... tem nada não... faz atividade com só com dona maria... e eu vou ajudando dona ana a pesquisar nos jornais... ela vai estudando a letra P... pelo menos eu vou pesquisando/ajudando ela a pesquisar... eles têm as limitações deles... têm seus problemas né?... cabe a nós... aceitar... acho que eles já progrediram muito... aqui/esta sala para eles é um espaço até para eles se distraírem... isso é muito importante... vai... continua tua aula...

P – é verdade... quais foram os derivados do leite que nós estudamos?...

A9 – a pamonha... doce... a canjica...

P – muito bem... dona ana sabe de alguma receita que a gente faz com o leite...

A10 – sei... o bolo... o queijo...

P – muito bem... vejo que estão lembradas... pronto... eu vou entregar as duas... só tem vocês duas... mas vamos fazer assim mesmo né?... eu vou ler pra vocês a produção... e... vocês fazem tá?... eu vou ler... esta última fica pra depois que terminar/que você fizer o texto... tá certo dona maria?... é uma pesquisa em revista e jornais de palavras com P... mas você só vai fazer depois que escrever o texto... viu?... e dona ana vai fazendo a pesquisa com rose...

A9 – tá certo?...

P – olha como/o que está pedindo pra vocês fazer... eu vou ler... ESTA SEMANA ESTUDAMOS UMA RECEITA MUITO INTERESSANTE... PANQUECA... NO DECORRER DA AULA FOI DISCUTIDO SOBRE OS PRODUTOS DERIVADOS DO

LEITE... O QUEIJO... O DOCE... A COALHADA... A MANTEIGA... MASSA CABELO... ETICETRA... ESCOLHA UM DOS PRODUTOS DERIVADOS DO LEITE E ESCREVA COMO ELE É FEITO...

A9 – posso fazer a receita do MASSA CABELO...

P – pode dona maria... a receita que a senhora quiser fazer... qualquer dúvida é só me chamar... tá certo?...

A9 – então eu fazer a receita da massa cabelo...

P – faça a receita que a senhora quiser... é isso que pede o texto...

((a professora ficou acompanhando as aluna))

P – pronto... dona maria já terminou de fazer o texto e agora ela vai fazer a pesquisa...

S – é... deixa ela a vontade... no final da pesquisa ela lê... individualmente... pra gente ouvir...

P – quando terminar... me avise... dona maria...

A9 – tá certo...

((a aluna começa a pesquisa))

(...)

A9 – já terminei...

P – pronto?... a senhora pode ler o que/o texto que a senhora fez...

A9 – posso né?... a senhora me ajuda... minha vista não anda boa...

P – pode deixar que eu ajudo...

((leitura oral da produção))

P – muito bem dona maria... seu texto produzido ficou ótimo... a senhora está de parabéns...

A9 – é::: mas você me ajudou...

P – mas a senhora já está escrevendo... e lendo também...

A9 – mas ainda é muito pouco...

P – mas a gente já vê seu progresso... vamos ler agora as palavras que a senhora pesquisou?...

A9 – posso ler...

P – pode... oralmente...

A9 – eu achei o nome PE – DRO... PAIS... PU – NIR... PAIS DE NOVO... PACIAL...

P – PAR – CI – AL...

A9 – sim... PAI... outra vez... como é mesmo esse nome aqui professora?...

P – qual?...

A9 – esse ((apontando))

P – PAR – TI – CI – PAM... e... PA – TRU – LHA... acho que é... PATRULHA... mas muito bem... dona maria... eu agora vou deixar a senhora e dona ana em casa... tá certo?...

Aula: 25/08/2008

P – boa noite... né gente?... estão animados hoje né?... que bom... estão dispostos... hoje vamos falar de um assunto que muito interessa a nós né?... tá chegando o período eleitoral né?... vamos ter que escolher os candidatos que ficarão por quatro anos no poder né?...e eleição... como vocês sabem é coisa muito séria né?... a gente tem escolher as pessoas certa pra no representar... ficar cuidando da nossa cidade né?... e eles têm que ter compromisso...

A7 – DUVIDO... só quer da gente o voto e nada mais...

A8 – cadê?... eles vêm aqui... são tudo amigo da gente... na eleição né?... mas depois nem sabe que a gente vive... um tempão pra ruas daqui ser calçada... e o esgoto que passa na porta de casa... tem dia que nem se pode comer...

S – é verdade... o quadro sempre é o mesmo... escolhemos os nossos representantes para apenas se limitarem a ficar por traz de um birô... realmente... não há a preocupação em vir ao bairro... conhecer a realidade... fazer um trabalho direcionado... mas nós não temos alternativa... temos que escolher um representante... temos também candidatos sérios... que tentam ter o mínimo de comprometimento... veja só eu me lembro que esta rua do sol... por exemplo... na era calçada... mas estava no plano do atual prefeito... ou seja... o projeto vias abertas... está sendo colocado em prática... e este projeto é muito importante para nossa cidade... veja... abriram vias que foram ligados os bairros de santa rosa... como é mesmo no nome desse bairro aqui vizinho?...

A7 – liberdade...

S – sim... liberdade... com catolé... avenida Brasília... que vai a via para o José Pinheiro... do José Pinheiro vai para o centro... isso foi muito importante... pra isso/prá acontecer isso foi preciso abrir ruas... indenizar casas... então é um projeto que

favorece a cidade... quantas ruas não foram abertas?... esta rua mesma teve que ser calçadas... o precisa investir mais é na educação... saúde...o descaso maior...

A6 – na segurança...

S – na segurança... este bairro... por exemplo... é considerado um dos bairros mais violento... porque... como já foi dito antes... aqui nas aulas... é o bairro em que se concentra o maior número de bocas de fumo... temos casos de pessoas amigas... da casa daqui da professora... que é envolvido... e isso tem prejudicado... a violência tem prejudicado a cidade...

P – o pior que muitos adolescentes daqui já é aviãozinho para os traficantes...

S – pois é... é o quadro hoje dos grandes centros do país... o narcotráfico... problema que tá tirando os jovens da escola... futuramente do campo de trabalho...

A8 – e tudo morrendo... porque é um caminho sem volta viu?...

S – é verdade... por isso temos que pensar em pessoas sérias para nos representar no poder... temos gente boa também...

A7 – olhe... aquele vereador olimpico... ele faz um trabalho com drogados...

S – pois é... ele tem esse projeto né?... uma casa de apoio a essas pessoas envolvidas com drogas... que vivem no meio das drogas... é uma clínica de restauração... era para o governo buscar estratégias para desenvolver um tipo de trabalho com estas pessoas... é preciso também investir na saúde... tem descaso maior?... quantas pessoas não morrem na porta do hospital por não ter atendimento?

A7 – falta remédio... a gente chega nesses posto de saúde e não tem nada...

S – por falta de programa... de uma sistematização no trabalho... falta de planejamento... na realidade... o governo não quer investir...

P – mas aqui também... o vereador inácio falcão... tem aqui uma clínica popular... essa clínica popular é muito boa... ajuda muita gente...

A6 – é... têm médicos bom... eu vou muito lá...

S – tá vendo... temos pessoas envolvidas também... que fazem alguma coisa pela população... o problema maior é que as pessoas esquecem de candidatos como esse... que tenta trazer algum benefício para a população e vende seu voto...

A8 – minha filha eu já tô velho viu... já votei muito... mas esse velho aqui nunca vendeu um voto...

S – que bom... fico feliz por isso... mas há aqueles que quando vai votar não vota numa pessoa séria... envolvida com a causa... voto é coisa séria...

A8 – mas tem um que eu voltei... ele é arrochado todo... olhe minha filha... pra tirar cunha lima do poder... tem que ser arrochado... e aqui em campina teve um... O CABILUDO...

A9 – mas não faz nada...

A8 – faz sim... veja o a professora acabou de dizer... o das vias... num foi ele?...

A7 – ele acabou com a micarande... que foi a melhor coisa que ele fez... uma festa que só terminava em morte... casamento destruído... filhos nas drogas... assaltos... gente em hospital... foi muito bom... só queria que ele acabasse com esse são joão também...

A8 – epa... não diga isso não são joão é bom...

P – TÁ REPREENSIVO... por isso que o senhor faltou muitas as no mês de junho né?...

A8 – eh... eu ia pra lá vê o povo dançar... ((ri))

A7 – é mesmo...

((risos))

P – mas deus vai lhe libertar disso... continuando... então a gente tem que escolher pessoas sérias... com compromisso... vocês sabem quando vai ser o dia das eleições?...

A8 – sei... vai ser no dia cinco de outubro...

P – é exatamente... no dia cinco de outubro nós iremos escolher nossos representantes... por isso gente que temos pensar direito em que vamos votar... temo que voltar em pessoas sérias... que tenha vontade de trabalhar pelo povo né?... pensar BEM... falta menos de dois meses para começar as eleição...

A7 – é uma coisa feia a campanha... a gente só vê um falando mal do outro...

A8 – o cabiludo bota o gordo na palma da mão...

A9 – não é assim não...

P – vocês já estão assim né?... cada um vota em quem achar melhor... vai da vontade do interesse de cada um né?... uns vota em rômulo... outros vota em veneziano... só que pense no melhor pra nossa cidade... veja o que é melhor... a gente tem que saber que eles vão muito administrando a cidade e a cidade precisa crescer...

A6 – é verdade...

P – vamos agora... nós temos muito jornais... rose trouxe muito jornais... e nós vamos pesquisar em jornais gravuras que tenham candidatos...

S – eu estava procurando e estou vendo que tem pouca foto... vocês têm fotos... outros chamam santinhos... de candidatos à eleição de campina em casa...

A9 – eu tenho mais o dona deusinha...

S – é mesmo... dona deusinha está como candidata... olha gente é uma mulher que pertence ao bairro de vocês... que faz algo através desses próprios políticos em busca da melhoria do bairro e que também é uma opção pra vocês...

A8 – mas eu num voto nela não... porque ela só se junta com quem não presta...

S – não é bem assim não... seu josé... cada pessoa tem sua concepção política... se alia ao partido que ela acha ou idealiza ser o melhor... ela precisa ter suas alianças... isso acontece em todas as instâncias... deixe de ser radical... agora vote na pessoa que você achar certa...

A9 – eu mesma voto nela...

P – eu também dona maria... ela mora aqui perto da nossa casa... luta pelo bairro... eu gosto muito dela... mas respeito seu josé que já deve ter seu candidato... vote em quem o senhor quiser seu josé... o gosto é seu...

A8 – voto mesmo ((ri))

A6 – seu josé é muito engraçado...mas vamos fazer a pesquisa né?... rose já preparou ali o cartaz... só falta a gente pesquisar no jornal... recortar e colar... a gente deixa um espaço no final para colar os que faltam...

A9 – professora... deixe um lugar bem legal pra gente botar o de dona deusinha...

S – não se preocupe... deixaremos...

(...)

((risos))

P – vamos fazer a tarefa... vamos pesquisar?... pegue cada um a sua tesoura... e mãos à obra... tá certo?

(...)

P – terminamos... esse espaço aqui viu para a pesquisa de vocês em casa... tá certo?... vamos agora fazer uma leitura dos candidatos que vocês acharam no jornal?... vamos... vamos lê o nome desse primeiro aqui?...

A6 – rômulo e lígia feliciano...

P – pois é... RÔMULO GOUVEIA... mas aqui só tem RÔMULO e LÍGIA... e o próximo?...

S – france... pergunte a eles o número que representa cada um... já que na urna eletrônica

]

P – explica tu... tu explica melhor... ((ri))... eu já aprendi muito com tu minha abençoada... agora sim... eu sei como o professor deve trabalhar... trabalhar em sala... é preciso o professor ser pesquisador... trabalhar com a realidade... lá no curso as coordenadoras sempre falava trabalhar a realidade... mas não ensinou... aqui eu estou também aprendido... este aprendizado tá sendo valioso para mim...

S – olha gente... para o político ser candidato ele precisa se filiar a um partido e cada partido é representado por um número... a legenda... na hora da gente votar... porque nós votamos numa urna eletrônica... hoje é bem mais de se votar... é só digitar o número do candidato... quando vocês termina de digitar o número que representa aquele candidato... em seguida já sai a foto dele... que é igual a que eles registram e sai nesses santinhos... quando vocês vêem a foto deles é somente vocês apertarem a tecla verde... que é:: confirma o seu voto... então o candidato RÔMULO está se candidatando a que posto?... está se candidatando a quê?...

A7 – a prefeito...

S – muito bem... o candidato RÔMULO GOUVEIA é candidato a prefeito... e LIGIA?... que está como figura de fundo... ou seja está logo atrás dele...

A6 – ela é a vice...

S – muito bem... ela é candidata a vice-prefeita... que partido eles pertencem?... porque todo candidato é coligado a um partido... e ainda tem outras coligações... pra se unirem e formar uma legenda... e dependendo do número de votos... eleger outros candidatos para formar uma bancada... quem define os vereadores... na realidade é a legenda do partido... não é número de votos propriamente ditos... deixa eu explicar melhor... quando o candidato mais votado tem um número expressivo de votos... ele consegue eleger outros do mesmo partido... entendeu?...

A7 – entendi...

S – então é isso que acontece... quem lembra do negão do café?... todos sabem que... quem votou em negão... que foi um voto de repúdio...

A8 – lembro demais...

S – pois é... ele foi eleito não pelo número de votos que ele teve... mas foi por conta da legenda... do partido que ele estava... é tanto que iramir teve mais votos do que uns seis que entraram... embora tenha ficado na primeira suplência do partido... tinha votos para uma colocação boa... mas não conseguiu entrar... vocês estão lembrados disso né?... pelo dona isabel... france... seu josé... lembram disso...

sabemos que os votos que negão do café teve foi um voto de repúdio... mas ele foi eleito... mas não como não sabia nem mesmo o papel de vereador... voltou a vida de antes... vender seu café na praça da bandeira né?...

A7 – ele foi pra lá fazer o quê?...

S – mas ele foi esperto... assumiu uma bandeira... creio que tenha sido por incentivo de alguém... mas conquistou um lugar na câmara... por isso a gente tem ver que... para um político se eleger... vai depender do partido que ele está... da legenda e do número de votos... veja só... qual é o partido do candidato rômulo gouveia...

A8 – psdb...

S – muito bem... quem é o candidato concorrente a uma vaga na prefeitura?...

A8 – O CABILUDO...

((risos))

S – é::: mas ele tem nome... como é o nome dele?...

A9 – é não gosto nem do nome...

A7 – diga isso não... é VENEZIANO...

S – pois é... VE – NE – ZI – A – NO... vou colocar o nome dos dois aqui no quadro... então esses são os candidatos principais a pleitear uma vaga né:... porque tem outros... mas a gente sabe que eles buscam apenas formar uma equipe para o partido né?... são pessoas que não tem nem serviço prestado a comunidade... por exemplo... este corretor de imóveis... que é candidato né?...

A8 – muitos deles entra na campanha só pra prejudicar o adversário...

S – é mesmo... isso é jogo político...tem isso na política... mas continuando... VE – NE – ZI – A – NO... começa com que letra?...

A7 – com V...

S – isso mesmo com V... temos além desses candidatos a prefeito... e desculpa eu esqueci... qual o partido que o prefeito veneziano é coligado?

A8 – PMDB...

S – é verdade... PMDB... PT... tem a mesma coligação... então quais foram os candidatos a vereadores que vocês encontraram nos jornais?...

A7 – eu achei padre zé vanildo...

A8 – fernando carvalho... joão leite

A9 – daniella... inácio falcão...

S – muito bem... todos eles começam com que letra?... zé vanildo começa com que letra?...

A7 – com Z...

S – e fernando carvalho...

A8 – com F

S – joão leite...

A6 – J... daniella... D...

S – muito bem... inácio... começa com que letra?...

A8 – I...

S – pois é... pesquisem mais palavras para o cartaz ficar preenchido e depois dar continuidade as discussões... tá certo?... pois façam a pesquisa e tragam...

(...)

Aula: 01/09/2008

P – boa noite né?... eita... já estamos perto de terminar as aulas né?...

A7 – não é... é uma tristeza... as aulas termina este mês né?... vou sentir falta...

P – mas não se preocupe... estarei sempre aqui para ajudá-las viu?... no que precisar de mim... é só contar... mas continuando as aulas passadas... campina está fervendo... tô doida que termine essas eleições... por isso nós iremos concluir esse assunto hoje... vocês trouxeram os papéis da campanha?... as fotos dos candidatos?...

A9 – eu consegui o santinho de dona deusinha...

P – cadê?... me mostre... ela ficou foi bonita...

A7 – foi... ela ficou muito bem na foto...

P – vou colocar no lugar que a senhora pediu dona maria... dona deusinha é uma pessoas muito boa... mas vocês trouxeram outras fotos?

A6 – eu trouxe a de renato feliciano... o número dele é um... dois... dois... dois... dois... e trouxe também o de valmir...

P – pois é... VAL – MIR... começa com que letra e renato?...

A7 – um começa com V e o outro com R...

P – dona isabel trouxe algum?...

A7 – eu trouxe o de INÊS e o de MARCO RAIA...

P – dona isabel também conseguiu dois santinhos... I – NÊS... nunca ouvi falar dessa e trouxe MAR – CO raia...

A5 – eu trouxe esse de veneziano com FÁBIO MAIA... e... achei também o de ANTÔNIO PEREIRA...

A1 – eu trouxe o de I – RA – NI...

P – pois é né?... eu tô vendo que todos fizeram pesquisa... tem muito mais que esses aqui... se a gente for falar... não cabe né?... tem NELSON... TOVAR... LAERCIO...

A7 – tem um monte... tudo atrás de ganhar dinheiro... tem esse outro aqui que você esqueceu...

]

P – ah... é verdade... RO – GE – IL – DO... que nome...

A8 – quem não quer ganhar dinheiro fácil... as custa dos bestas... como a gente... eu só vou votar mesmo em prefeito... só vou votar no CABILUDO... ((ri))

P – mas precisamos escolher também os vereadores né?... principalmente porque são eles que vão aprovar os projetos para ser realizados...

A7 – se fosse em benefício da gente... até que eu também dava um voto com gosto... mas eu digo isso... mas eu vou votar...

S – olha gente... é um direito nosso... de querer escolher ou não nosso candidato... agora votar nulo ou em branco é também aceitar o continuísmo... temos total liberdade de escolher nossos representantes... mas para que possamos exercer nossa cidadania... porque votar... para mim... é um ato de cidadania... nós temos que ter consciência... precisamos escolher alguém... se esta pessoa não nos agradou... votaremos na outra campanha... em outro... lembre-se... nós somos responsáveis pelo que colocamos no poder... a responsabilidade é nossa... por isso temos que pensar BEM... lendo o jornal desta semana... me lembrei de vocês e trouxe esse texto para vocês... france... discutindo comigo no planejamento... achou também o texto muito interessante...

P – vou ser aluna hoje... ((ri))

S – é... vou mostrar o texto que eu trouxe para que possamos discutir... distribua france... façam uma leitura desse texto...

A7 – e isso é um texto...

S – é sim... é um pouco diferente dos textos que vocês estudaram... mas é um texto... e muito usado... falando em texto... vocês lembram os textos que vocês já viram?...

A6 – lembro...

S – diga alguns que vocês lembram...

A7 – a gente estudou uma receita...

S – muito bem...

A8 – estudamos o texto do dia da mulher...

A6 – estudamos a propaganda da redepharma...

S – muito bem... o panfleto né?... estudamos outros textos também... foram trazidos para sala diversos textos... todos esses textos vocês podem encontrar em revistas... jornais... cadernos de receita né?... contas... porque tudo isso é texto... e são textos que são vistos por vocês no dia-a-dia... então esse texto agora não é muito usado em turmas iniciais... como vocês... mas mesmo assim nós iremos mostrar para vocês... porque se um dia vocês encontrarem um texto parecido vão lembrar desta aula... vão fazer referência a este momento... e além disso... é um texto atual... que trata da realidade... é um assunto que está em evidência... hoje o que mais se discute... o que mais se discute hoje?...

P – a política...

S – isso mesmo... a política... se você liga a TV é só o que fala... horário eleitoral... os carros de sons propagando... os comícios... as visitas... é um período em que os candidatos buscam o boca boca... busca se aproximar das pessoas... mostram suas propostas... tentam convencer o eleitor de que ele é a pessoa ideal para ser seu representante... este primeiro momento é o papel do candidato... convencer o eleitor de que ele é a pessoa certa... que vai desenvolver projetos em benefício da população... por outro lado... ocorre durante o percurso as críticas né?... normal diante do contexto que a gente da vivendo/da situação né?... muitas pessoas estão descrente... não acredita mais... também né?... pudera... prometem... e é comum não cumprir com o que diz... então muitas vezes essa falta de credibilidade perde o encanto/o interesse pelo momento de transição que estamos passando e é tão importante para a nossa cidade... se eu perguntar aqui quem acredita em político o que vão responder?...

A7 – ninguém...

S – é isso mesmo que vão responder... eu mesma... pra ser sincera... não acredito... mas eu preciso escolher alguém... nesse momento é muito importante o voto consciente... o problema do estado... da nossa região... é porquê muitos vendem seu voto... vende mesmo... trocam o voto por uma feira...

A8 – por dentadura...

S – é verdade...

A9 – por uma chinela...

P – vendem seu futuro...

S – muito bem... vendem seu futuro... porque iremos passar quatro anos nas mãos deles... e ali é um jogo de corrupção... politicagem... manobras... é o jogo do poder né?... e aí muito se deixam corromper... por isso... cabe a nós... mudar este quadro... vejam o texto... vocês estão entendendo este texto?...

A7 – mais ou menos...

S – o que vocês vêem aí neste texto?...

A6 – tem urubu...

S – muito bem... tem dois urubus... e o que eles estão falando?

A8 – que eles quer ser político...

A7 – até os urubu... ((ri))

S – porque que eles querem ser políticos...

A8 – porque a política é suja como eles... eles num só come carniça... só vive no lixo...

S – é isso mesmo seu José... quem deseja ler este texto?

P – eu posso ler?...

S – pode... depois faremos leitura individual com eles... leia em voz alta...

P – aqui né?... tem urubu falando pro outro... ACHO QUE QUERO ENTRAR PARA A POLÍTICA... aí o outro pergunta... ORA... POR QUÊ?... e o primeiro responde... MUITOS POLÍTICOS SÃO SUJOS... AS PROPOSTAS SÃO UM LIXO E A CAMPANHA É IMUNDA... TEM COISA MAIS FASCINANTE?...

((risos))

P – estão rindo né?... veja que a função deste texto é fazer uma crítica... esta crítica se refere a quem?...

A7 – aos políticos...

A6 – as eleições...

S – isso mesmo refere-se ao que está acontecendo atualmente... AS ELEIÇÕES... veja que este texto ele tem dois tipos de linguagem... a linguagem verbal... a parte escrita... e... a linguagem não-verbal... as figuras né?... o desenho... que aqui são dois urubus... voando e falando sobre política... comparando-os a política... esse assunto discutido aqui é... JUSTAMENTE... o que se vem discutindo em sala... tema política... e que do os urubus gostam não é da sujeira?...

A7 – é sim...

S – então o assunto tem tudo a ver com política... a campanha atual... que se resume a um falar mal do outro... mostrando toda sujeira...

A6 – e a sujeira irmã até de papel mesmo...

S – é verdade... a cidade está horrível... panfletos de todos os lados... muros pintados e pichados... você passa nas ruas e só vê sujeira... tem também a própria sujeira da campanha não é?... as baixarias... um esculhamba com o outro...

A8 – O CABULIDO NÃO... o cabiludo só diz alguma coisa quando fala mal... ele não pode ficar calado não... ele tem de dizer também...

S – o senhor é um defensor deste cabiludo... aqui também temos gente que vota no adversário... ((ri))... mas todos os dois... mesmo com muitas baixarias... mas também têm propostas... mas que... realmente... precisamos refletir bem para que possamos escolher a pessoa certa... e esse julgamento cabe a mim... cabe a você... temos analisar as propostas... porque realmente a campanha está imunda... que fez este texto tem toda razão...aliás... quem escreveu este?... vocês sabem?... o nome dele está logo em cima...

A7 – JÚ – LIO... CÉ – SAR...

S – isso mesmo... que fez esse texto foi JÚLIO CÉSAR... ele é um cartunista... chama-se cartunista quem escreve este tipo de texto...agora... vocês sabem onde podemos encontrar este tipo de texto?... onde é comum encontrar?...

A6 – no jornal...

S – logo em cima está mostrando o jornal... que é muito conhecido por nós... qual é o jornal?... é um jornal impresso... ou seja... é um jornal escrito... temos aqui em campina... como já falamos antes... o jornal da paraíba... nele você também vai achar texto igual esse... com essas mesmas características... os personagens ficam com as caras bem engraçadas... tendo ações... você vão aqui também... é::... no jornal da correio...

A8 – o diário da borborema...

S – sim... o diário da borboirema... encontramos esse texto em jornais impressos... aqui né?... o jornal da borboirema... também podemos achá-los em revistas... jornais televisivos... agora passa em forma de imagem na televisão... quem assiste o jornal nacional vê... passa todo dia... este texto que nós estamos estudando... nós chamamos de CHARGE... CHAR – GE ((registrando no quadro))

P – olha gente a charge... como já foi dito por rose... é um texto que faz sempre um crítica política... social... e essas críticas sempre são feitas com assunto da atualidade né?... sempre que ocorre algo importante... ou até mesmo algo que precisa ser chamado a nossa atenção... esse texto aqui a gente sempre encontra em jornais... vamos agora fazer uma leitura oral?... vocês lendo... todos juntos... tá certo?... vamos fazer?...

A7 – vamos né?... eu gostei desse texto... ele é pequeno e bem real...

P – então vamos... ((leitura individual))

(...)

P – e aí?... vocês gostaram né?...

A9 – gostei...

P – então agora... vamos só revisar... A CHARGE FALA... ((registrando no quadro))... a charge aqui fala de quê?...

A6 – VOTO...

P – muito bem... do voto e quê mais?

A7 – política... candidato...

P – sim... fala de política... candidatos...

A9 – fala de urubu...

P – é verdade... os personagens são os urubu... e o urubu faz uma comparação né?...

A8 – tem também a consciência que a gente tem que ter né?...

P – é verdade... é preciso que a gente tenha CONSCIÊNCIA...

P – e agora... onde encontramos a CHARGE... ((registra no quadro))

A7 – em jornais...

S – jornais impressos... jornais escritos...

P – onde mais?...

A8 – revistas... jornais da televisão...

P – muito bem... em REVISTAS... JORNAIS TELEVISIVOS... tá bom... agora copiem no caderno de vocês esse assunto... pra vocês aprenderem viu?... e toda vez lembrar da gente ((ri))... depois a gente estuda estas palavras...

((registro no caderno))

(...)

Anexo H – Transcrição das entrevistas

Entrevista com a professora alfabetizadora do Programa Brasil Alfabetizado (Logo após a formação inicial do PBA – PB)

S – como foi o curso de formação de alfabetizadora do programa Brasil alfabetizado?... você gostou?...

P – sim...

S – como foi?...

P – foi importante assim pra... pra aprimorar né?... os nossos conhecimentos... é:: algumas orientações básicas mesmo dentro do programa... que nós precisávamos aprender mais... desenvolver mais... atividades... é:: dinâmicas... pra gente trabalhar com o mundo do aluno né?... a vivência dele/a realidade dele... então foi muito importante nós é:: aprendemos bastante com a ministrante que veio lá de João pessoa... de bayeux... então foi importantíssimo pra nós... pro nosso crescimento...

S – de acordo com o que você viu no curso é possível afirmar que a sua prática... diante de outros cursos que você já fez... foi modificada de alguma forma... por quê?...

P – foi... porque... vamos dizer assim... antes era feita de uma forma BEM tradicional né?... nosso trabalho era desenvolvido assim... em método tradicional... mas também a gente não pode aniquilar o tradicional... usamos o tradicional com o novo...

S – e o novo que ela apresentou ... foi o quê?...

P – é:: justamente é:: trabalhar com o nosso alunado de acordo com a realidade dele... com o mundo dele... porque aí ele vai ter mais é:: é/vai aprender mais rápido... você vai apresentar ... não pode assim... vamos dizer assim... trabalhar com o aluno mostrando uma coisa que ele não vê... não é?... não mostrando uma coisa que ele não/não CONVIVE... nós temos que trabalhar com nosso aluno com o que ele convive... o dia-a-dia... é:: a sua vida... é:: de acordo com a sua profissão... sua identidade... de acordo com o::: a sua formação... então cada dia mais que a gente for trabalhar... é:: a mudança que houve é por isso... assim... é importante por isso... porque:: se nós trabalharmos só o tradicional não é?... eles eles com certeza vão aprender SIM... mas vai ser mais lento o processo... mas com a realidade deles é

diferente né?... com a realidade deles é:: o processo vai avançar mais... eles vão ter a possibilidade de aprender mais porque nós estamos trabalhando com o que ele vive... com o que ele vê... o dia-a-dia... se é dona de casa nós vamos trabalhar com... na área dela né?... na área de dona de casa... então cada profissional... então cada profissional... nós vamos trabalhar... conviver com eles e fazer com que eles aprenda... a leitura... a escrita através da sua vida... sua própria vida... sua própria história... fazer textos em sala de aula... construir com os alunos...

S – e esses texto que ela sugere você trabalhar... de que forma você vai construir esses textos?... que textos são esses?...

P – é:: nós podemos trabalhar com eles... não entregar o trabalho pronto... o texto pronto...

S – mas produzir coletivamente?...

P – produzir coletivamente conosco... na sala de aula certo?... de acordo com a sua realidade...

S – houve algumas propostas de atividades ou modelos para se trabalhar em sala de aula?...

P – não... a gente é quem vai construir...

S – desde o início... como foi a tua formação?... como foi toda a tua formação acadêmica...

P – do início é:: foi pra mim... no início MESMO foi bastante difícil... que eu era/morava numa cidade pequena não é?... teve muitas dificuldades... de material didático... é:: a gente via muito pouco e a gente trabalhava com o que a gente tinha nas mãos... eu... por exemplo... jogava/ficava CATANDO... catando o que era de livro... jogava no chão e começava a lê... a escrever... me envolvia mesmo né?... porque a gente tem que buscar... é uma busca... não podemos esperar pronto... então no início foi bastante difícil... até chegar o término do curso né?... o pedagógico... também enfrentamos muitas dificuldades... mas com certeza tudo é:: produtivo... vale apena né?... a gente lutar pelo aquilo que a gente gosta né?... a educação... é:: é uma bênção...

S – me diz... tu lias muito em casa... que textos tu lia?... da escola ou era livros extras... ou outros tipos de textos... que livros?...

P – tinha livros da escola... mas eu buscava livros extras também que eu tinha em casa ou que os colegas tinha também... aí eu trazia e começava a estudar naqueles livros e aprender a ler e escrever...

S – Há quanto tempo tu leciona e por que resolveu ser professor?...

P – ((risos)) é interessante né?... faz... eu terminei o curso em noventa e oito não é?... ensinei/passei dois anos em sala de aula... depois eu fui pra outra área né?... comércio... outra outros meios de sobrevivência que nos leva né?... e passei um tempo parada de de lecionar... aí voltei justamente no programa brasil alfabetizado...

S – o outro curso do programa que tu fizeste... como foi?... fizeste quantos cursos já?...

P – já faz três anos que estou no programa... é:: o primeiro foi pelo município e agora pelo estado... esses dois anos agora está sendo pelo estado... esse é o primeiro curso do estado... mas foi o eja... do programa brasil alfabetizado... eu aprendi também muito porque eu tinha terminado em noventa e oito né?... noventa e oito... tudo era muito tradicional... hoje eu ainda trabalho com o tradicional... mas vou aprender também trabalhar com a realidade do aluno... trabalhar com texto né?... porque é muito importante trabalhar com texto...

S – o que é leitura?...

P – leitura é::: pra mim... leitura não é só lê uns livros né?... mas leitura é a leitura de mundo não é?... da nossa vida... então cada dia a gente aprende mais... quando nós passamos a lê o nosso mundo né?... a nossa vida... a nossa convivência... a nossa comunidade... o meio social... político... então tudo isso pra me é leitura...

S – e o que é escrita?...

P – ((risos)) escrita... vamos dizer assim... na minha opinião... é tudo que você lê de mundo... não é só também você... na minha visão... a escrita você/ a partir do momento que você tem uma dimensão de leitura de mundo... você também passa a escrever o seu mundo... a sua vida e a continuidade com a formação pedagógica né?... da escrita... da letra/do letramento né?...

S – o que é uma boa escritura?... o que você considera como boa escritura?...

P – como boa escrita... eu acho que tem que ser a prática/a prática da sua vida né?... do dia-a-dia... a partir do momento que você coloca sua vida assim... em prática de leitura... você também vai ter uma boa escrita... certo?...

S – e o que é texto?

P – texto... o texto pra mim?... texto é::: vamos dizer assim... em termo de produção... você pode produzir um texto... até no nosso diálogo aqui você pode produzir um texto né?... então texto ((risos))... a produção oral né que eu falei?... através de um diálogo... através de uma conversação... é:: entre aluno e professor...

na sala de aula mesmo nós podemos também produzir textos né?... e::: eles vão a cada dia crescendo na sua produção de seu próprio texto né?... da sua realidade... da sua vida... o meio social...e existe vários temas hoje pra gente produzir/prá produção de textos né?... a convivência da da do meio/da saúde... por exemplo... a situação da saúde... situação do maio ambiente... tudo isso... a gente produz texto... em cima da realidade de cada um...

S – e o que é fala?

P – em que sentido você tá falando?...

S – o oral... a fala mesmo...

P – a fala é um aprendizado... porque geralmente você só vai falar se você argumenta né?... você vai argumentar algo daquilo que você está vivendo... então se você/se você é é um ser/um indivíduo que vive no meio... em uma... em uma comunidade... em uma sociedade... então nós vivemos com vários tipos de pessoas... comportamentos diferentes... pensamentos diferentes e aí se cria a FALA né?... então nós passamos a nos comunicar... a fala é comunicação...

S – e o ensino... o que é ensino?... o que é ensinar?...

P – ensinar é:: em primeiro lugar pra mim... é uma dádiva de deus... super importante né?... é um instrumento que... colocado nas nossas mãos... porque... ensinar é transmitir não é?... o saber transmitir também é importante... ensinar é::: é instruir... ensinar é educar... ensinar é::: um jogo... é um conjunto de de coisas ligadas uma a outra né?... é amor... é dedicação né?... então... ensinar é um compromisso... e que compromisso não é?... é um compromisso com você mesmo né?... é um compromisso de amor pelo ensino e um compromisso para com aquelas pessoas/o alunado né?... que está com você... confiando que você vai passar algo de bom... então ensinar é muito importante... que haja dedicação no ensino...

S – como você vai trabalhar com esta realidade em sala de aula?...

P – tu me ajudando né?... ((ri)) eu não sei não... mas como to com uma doutora do lado né?... vai me ensinar... ((ri))... preciso de ajuda né?... tudo é muito novo pra mim... eles disseram que a coordenadora vai planejar com a gente... vai ajudar a gente fazer o planejamento de quinze em quinze dias... vamos ver né?... fazer o planejamento né?... preparar aula... para trabalhar o letramento né?... a gente ganhou uns textos sobre letramento... alfabetização... eu vou lê... a gente leu lá... vê o real...mas quero dizer que preciso também da sua ajuda... lá a gente viu muitas

dinâmicas... conversamos em grupo... conhecemos umas as outras... eram muitas professoras... e realidade delas é igual a minha...

Entrevista com a professora-alfabetizadora no final da formação continuada

“P – a proposta inicial era para que planejasse... e as outras professoras do bairro... mesmo viu... né?... você sempre me ajudou... mostrando... né?... é::.....mostrando QUINZENALMENTE... é QUINZENALMENTE... mas não foi possível... como você/ como eu podia fazer... outras eu fazia sozinha mesmo... isso me ajudou muito... era pra gente reunir com as outras professoras e trocar experiências... e uma ia ajudando a outra... por conta do tempo... é... a gente não se encontrava... cada uma fazia o seu...

S – como funcionava o planejamento com a coordenadora?...

P – com a coordenadora... a gente era pra fazer mensal/mensalmente... era pra gente se encontrar... levar o relatório da presença deles... dos aluno né?... e mostrar como tava o desenvolvimento...

[

S – mas havia o planejamento das atividades?...

P – não... o planejamento como lhe falei... só uma vez ela deu um material pra gente fazer em sala... lembra?... só foi aquilo mesmo... aquele mesmo... é porque a gente só se encontrou... é... na verdade... só houve quatro encontro... a primeira vez pra gente levar o relatório de presença... e::.... dizer como estava os aluno... né?... as dificuldades ... e... a outra foi/a outra foi pra... pra entregar...ela foi deixar a prova pra eu aplicar né?... ela foi também... antes de começar as aulas... para conhecer o lugar/o espaço e gostou... ela foi deixar a prova pra eu aplicar... né?... e logo depois ela veio pegar... você mesmo sabe... todo mês eu pedia pro rapaz do mototáxi levar/deixar o relatório de frequência dos alunos...”

S – antes de desenvolvermos este trabalho juntas... como você fazia antes?... como você trabalhava a leitura e a escrita em sala de aula?...

P – rose... bem... eu estudava as famílias silábicas né?... treinava com eles a leitura e a escrita... a gente... copiava as famílias... formava palavras... estudava o alfabeto... MAIÚSCULO né?... o minúsculo também... às vezes dava um texto... a gente estudava as palavras desse texto... eu fazia pesquisa de palavras com eles né?... a gente trabalhou diferente né?... com textos reais né?... diferente de como eu fazia antes... eu precisava de alguém que me ensinasse como fazer... eu aprendi com você... vi o planejamento... a gente planejava né?... isso é muito importante... quando estudei na escola normal a gente não estudou dessa forma não... a gente estudava primeiro o alfabeto... formava família... a gente foi preparada para trabalhar a cartilha... o material mesmo que eu usei foi o que eu aprendi... o caderno que eu consegui tem mostrando como eu trabalhei né?... foi como eu te disse mesmo/ como eu aprendi... o aluno também aprende desse jeito... eu acho que o pouco que ele aprende já é importante né?... muito importante... todo aprendizado é importante... então eu trabalhava assim... com o tradicional mesmo... quando eu fui agora pra esse curso... essa semana que passei vi e ouvi coisas novas... só que a gente tem que ser orientado né?... pra aprender como fazer... faz também dez anos q'eu deixei de estudar... tudo mudou... tudo q'eu fiz com você foi VALIOSO né?... eu agora... em outra turma... já sei como trabalhar em sala... temos que trabalhar com textos da realidade dele né?... praticar também... lembra quando fizemos a panqueca... como eles gostaram da aula... isso é bom... porque aí eles aprendem de verdade... não esquece... o letramento né?... tudo foi muito proveitoso... aprendemos juntas né?...((ri))

S – é verdade... foram momentos bons... aprendi com você e com os alunos também... o conhecimento de mundo deles é riquíssimo.

P – você sabia dos conhecimentos da universidade e me ensinou/me ajudou a trabalhar em sala... foi pra mim... é::... foi um grande aprendizado... essa troca de experiência foi muito boa... eu gostei demais... esse aprendizado vai ser importante para eu para eu colocar sempre em prática né?... pesquisar o que é adequado para o aluno né?... eu aprendi que pra trabalhar com letramento o professor tem que ser um pesquisador... trazer a realidade para eles... com textos escritos reais... que tenha significado para aluno... como eu aprendi...

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO
 CAMPINA GRANDE
 DATA 24/01/06
 PROFESSORA FRANCINEIDE

ATIVIDADE DE CLASSE

(01) Pedro ✓

(02) Balão ✓

(03) Grato ✓

(04) Fala ✓

ANEXO I – MATERIAL DAS AULAS APLICADAS PELA PROFESSORA ALFABETIZADORA EM 2006-2007

(01) Espelho ✓

(02) Sabonete ✓

(03) Sabão ✓

(04) Bombão ✓

(05) Creme dental ✓

(06) Shampoo ✓

(07) Perfume ✓

(08) Alô ✓

(09) Ventilador ✓

(10) Óleo ✓

(11) Guardanapo ✓

(12) Desinfetante ✓

(13) Pettingente ✓

(14) Água sanitária ✓

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE

DATA: 24/08/06

PROFESSORA: FRANCINEIDE

ATIVIDADE DE CLASSE

- (1º) Pedro ✓
- (2º) Bolo ✓
- (3º) Prato ✓
- (4º) Escova ✓
- (5º) Vassoura ✓
- (6º) Pente ✓
- (7º) Espelho ✓
- (8º) Sabonete ✓
- (9º) Sabão ✓
- (10º) Bombom ✓
- (11º) 1 Creme dental ✓
- (12) 12 Shampoo ✓
- (13) 13 Perfume ✓
- (14) 14 Atol ✓
- (15) 15 Avental ✓
- (16) 16 Óleo ✓
- (17) 17 guarda-roupa ✓
- (18) 18 Desinfetante ✓
- (19) 19 Detergente ✓
- (20) 20 Água sanitária ✓

PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE
DATA: 28/08/06
PROFESSORA

CRER NO SENHOR
JESUS E SERÁ
SALVO TU E TUA
CASA
AMÉM

CONSTRUA FRASES com
o JOGO DE LETRAS

- A) O MAMÃO É DOCE
- B) CARLOS É MEU AMIGO
- C) MADALENA É BONITA
- D) EU GOSTO DE BANANA
- E) JAQUELINE É BONITA
- F) O LEÃO É VALENTE
- G) MÃE É BOA

PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE
DATA: 29/AGOSTO/06
PROFESSOR: FRANCISCO
ATIVIDADE DE CLASSE

TA-TETITO TU
SA-SE-SI-SO SU
PA-PE-PI-PO-PU
GA-GE-GI-GO-GU
RA-RE-RI-RO-RU
BA-BE-BI-BO-BU
CA-CE-CI-CO-CU

BA TATA
ABACATE
GATO
RATO
BICO
PIPOCA
CASA
RUA
COCO
TATU
SAPO
ROUPA
SOCORO

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZANDO

Campina Grande

Atividade de Classe

A) Pesquise em Livros e
Revistas as sílabas
da, me, ta, ba, la, e
nesse Resererva no
Caderno

DA, DE, DI, DO, DU DÃO
ma me mi mo mu
ta te ti to tu
ba be bi bo bu
la le li lo lu

B) Vamos unir as vogais
e Ler as palavras

A + I - AI

A + U	<u>AU</u>
O + I	<u>OI</u>
U + I	<u>UI</u>
e + u	<u>eu</u>

C) Ditado de Palavras

- | | |
|-------------|------------|
| 1- Coração | 7 Avião |
| 2- Telefone | 8 Vela |
| 3- Sabonete | 9- Vaca |
| 4- Uva | 10- Ovo |
| 5- Parão | 11- Leite |
| 6- Violão | 12- cavalo |

PROGRAMA BRASIL
 ALFABETIZADO
 CAMPINA GRANDE
 DATA: 30 DE AGOSTO 2006
 PROFESSORA. FRANCIEIDE
 ATIVIDADE DE CLASSE

VARACES DE PESQUISAS
 E PENSAMENTOS

A BÍBLIA O AMIGO DO SENHOR
 ACAMPA-SE AO REDOR
 DOS QUE O TEMEM E OS
 LIVRA SALMOS 34:7

HISTÓRIA DE UM CABOCLOO
 PADRE E O ESTUDANTE

UM FRASE DE AMOR
 O AMOR É UM SENTIMENTO
 INESPLICÁVEL MAIS PODE
 TRADUZIDO EM UMA SÓ PALA

REPORTAGEM
 SÃO GEMINOS DO S-
 CIDADE MITS PEX
 A SOLIDARIEDADE REGIÃO
 PRODUTORA DE ALGODÃO

101 ATIVIDADE
 SEJA EM CASA NOS
 ALIMENTAR. CADA DIA
 PAKA...
 WS MIN/CALL ANG...
 POLVIA FA...
 DE... E FORME...

1 UM	
2 dois	ATIVIDADE
3 TRÊS	DE CASA
4 quatro	
5 CINCO	
6 SEIS	
7 SETE	
8- OITO	
9- NOVE	
10 DEZ	
11- ONZE	
12 DOZE	
13 TREZE	
14 CATORZE	
15 QUINZE	
16 DEZESSEIS	
17 DEZESSETE	
18 DEZOITO	
19 DEZENOVE	
20 VINTE	
21 VINTE UM	
22 VINTE DOIS	

PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE
DATA: 79/09/06

PESQUISE NO JOGO
DE LETRAS E FORME
PALAVRAS QUE
COMECEM COM AS
LETRAS A-B-C.

ANTONIO
ANA
AMOR

BENEDITA
BELO
BORBOLETA

Cicero
Cecilia
Carlos

PROGRAMA BRASIL

ALFABETIZADO

DATA 03/10/2006.

ATIVIDADE.

A) CIRCULE A LETRA QUE
SE REPETE EM TODAS AS
PALAVRAS.
ESCREVA AS LETRAS
QUE VÊM DEPOIS DA
LETRA M.

SAMBA
TAMBOR
LIMPEZA
TEMPERO
CAMPO

BA
BOR
PEZA
PERO
PO
PO

B) COMPLETE AS
 PALAVRAS COM AS
 LETRAS M O U N
 PONTE | MANGA
 LINDO | TAMPA
 TEM PERO

PROGRAMA BRAZIL ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE
DATA. 04/10/06

ATIVIDADE

AI FORME PALAVRAS DE
ACORDO COM OS
NÚMEROS

① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨ ⑩ ⑪
PE CHOVE CHUCHATA CHEROCHI TA FE

$4 \times 1 + 10 =$ CHUPETA
 $5 + 3 =$ CHAVE
 $2 + 8 =$ CHORO
 $7 + 11 =$ CHEFE

O ENDEREÇO DA MINHA AMIGA
ISABEL FRANCISCA ISABELA
RUA DO SOL 12228
BAIRRO SANTA ROSA
TELEFONE: 3327-0314

PO
PO

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

CAMPINA GRANDE
DATA: 16 10 2006

ATIVIDADE DE CLASSE

NOMES:

GRUPO A: OBJETOS

- A - armário de cozinha
- B - buli
- C - copo
- D - televisão
- E - Ferra
- F - Filtro de lavar a água

GRUPO B: ANIMAIS

- A - gato
- B - vaca
- C - Burro
- D - Cavalo
- E - Bode
- F - Porco
- G - Viado
- H - Leão
- J - Ovelha

GRUPO C: NOMES PRÓPRIOS

A - ANA
B - Benedita
C - Cecília
D - DAMIÃO
E - Elena
F - Fabrícia
G - Geraldo
H - Homarina
I - Izabel
J - João
L - Loana
M - Maria
N - Nequinho
O - Oрасio
P - Pedro
Q - Quiteria
R - RAIMONDO
S - Severina
T - Toinha

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

GAMPINA GRAND
23170/06

ATIVIDADE DE CLASSE
A) ESCREVA A LETRA QUE
VEM ANTES E DEPOIS.

A B C

F G H

O P Q

G H I

D E F

L M N

K G H

R S T

O P Q

L M N

B) FAÇA UMA LISTA DE
NOMES QUE COMEÇAM
COM AS LETRAS:

A	ANA AVANI
E	EDUARDO
I	IZABEL
O	OSMAR
U	URIS

PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE
DATA: 10/11/06

ANIMAIS:

VACA
ZEBRA
QUATI
GIRAFÁ
MUCEGO
SAPO
ELEFANTE
HIPOPOTAMO
JACARÉ
URUBU
DRAGÃO
COELHO
POVO
PEIXE
FOCA
LEÃO
RINOCERONTE

Ff



Ff

FACA
FAQUERO
FAFA
FALTA
FARMACIA
Faca

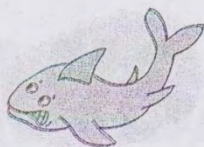
Ll



Ll

Lata
 Leite
 Leão
 Lapis
 Limão
 Lobo
 Lucas

Tt



Tt

Todas
 Tomate
 TAMBORE
 TEMOTO
 TEXTO
 TIGRES
 Tímão

Rr



Rr

RAPOSA
 Rato
 Roma
 Rua
 Rute
 Rapaz
 Runa
 Rede
 Ralo

ATIVIDADE DE CASA

PESQUISE EM REVISTAS
OU JORNAIS PALAVRAS
DISSILABO

Parabéns!

Pontes

Neto

VISA,

artes

sobre

muda

Cabo

Branco

Contas

nova

*Continue assim
organizado
inteligente.*

PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE
29/11/06

ATIVIDADE DE GLASSE

A) FAÇA 10 PALAVRAS
TRISSILA BO

Chamava
Gonfundo
Encontre
Palavra
Primeira
Símbolos
Antonio
Escreva
Começam
Circule

Fogo
Pente
Como
Você
Nome
GOSTA
Nome
Gato
Rato
Belo

PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE
72/72106

ATIVIDADE DE CLASSE

RETIRE DO TEXT
PALAVRAS QUE COMECEM
COM AS LETRAS: A, E, M, N, O, P, S, R
Cetro

Ajudã-lo Ajudar Acoroa Ache ajudar Aminha	Estavam Escreva
--	--------------------

Mordacar, Mandamento	Notícia Nome Nada
-------------------------	-------------------------

Ouro
Com
Ouvir
Ouvira
Orando

Podéria
Pessoas
Para
POVO
País
Pastor
Papel
Pobre

S Salvar
Servos
Sempre

Rei
Resolva

Conhecida
Cantou

PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZAÇÃO
CAMPINA GRANDE 01/15/2007

ATIVIDADE DE CLASSE

eu ti amo Aleluia
esta noite Aleluia
Jesus eu ti amo
eu ti adorarei
dese como fogo
como pentecoste
me enxe como fogo
alma canta me senhor
e canta ti senhor

noite parti do senhor
eu te peço
medo de fogo alma mãe
Te fogo Ritacão
nome nene da Vassoura.

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

Campina Grande

DATA: 30/07/2007

Professora: Francine

Atividade de Classe

Ditado de palavras

- | | |
|-----------|-------------|
| 1 Mata | 11 babruto |
| 2 graça | 12 Divertir |
| 3 grilo | 13 Escrever |
| 4 Tigre | 14 comelou |
| 5 Bateu | 15 Presente |
| 6 grama | 16 Trabalho |
| 7 Vida | 17 Brega |
| 8 Cravo | 18 Próximo |
| 9 Pregos | 19 caisote |
| 10 frutas | |

PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE

DAT: 31/01/07

PROFESSORA FRANCY

OS ANIMAIS -
OS ANIMAIS SÃO
SERES VIVOS QUE
NASCEM, CRSCEM, SE
REPRODUZEM E MORREM
ELES PRECISAM DE
AGUA ALIMENTOS E DE
REPOUSO PARA CRESCER
OS ANIMAIS NÃO SÃO IGUAIS.

A) QUAIS OS ANIMAIS QUE PODEM VIVER
EM NOSSAS CASAS?
gato, galo PA PAGAIO
CACHORRO PATO
PORCO

B) QUAIS OS ANIMAIS FEROCES NASCIDOS
E CRIADOS NAS MATAS?
leão, TIGRE GIRAFÁ, ZEBRA,
ELEFANTE, URSO

c) ALGUNS ANIMAIS AJUDAM OS HOMENS
SÃO OS CHAMADOS?
ANIMAIS ÚTEIS

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO
 CAMPINA GRANDE, 07/02/07

ATIVIDADE: DE CLASSE

REVISÃO: ALFABETO MINÚSCULO E MAIÚSCULO

1) ALFABETO MINÚSCULO

a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, l, m,
 n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, z

2) ALFABETO MAIÚSCULO

A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, L,
 M, N, O, P, Q, R, S, T
 U, V, X, Z

3) ESCREVA AS CONSOANTES

b, c, d, f, g, h, j, l, m, n,
 p, q, r, s, t, v, x, z

3) RESPONDA:

a) QUANTAS LETRAS HÁ NO ALFABETO? 23

b) QUANTAS SÃO AS VOGAIS? 5

c) QUANTAS SÃO AS CONSOANTES? 18

4) CIRCULE AS VOGAIS DAS PALAVRAS:

ARVORE - FOTOGUEIRO, CADEIRA
LIGEIRO - BEM-TUI, FLORESTA

5) ESCREVA 5 PALAVRAS COMEÇADAS POR VOGAIS.

Amor
Emanuel
Isabel
Oculos
Una

a) ESCREVA 5 PALAVRAS COMEÇADAS POR CONSOANTES.

Girafa
Zebra
Peru
lata
Vaca
Tia
Sapato
Vasora
Familia
Muito
fardim

queijo

Usamos a letra
maiuscula em
nomes proprios
e no inicio de
frases.

PROGRAMA
BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE
DATA - 27/03/07

Ditado de Palavras

Tombo Lindo Pintura
Amparo Tampa Alicrim
Alem Bem contente
Armazem Dentista
Fin

Matemática

$$\begin{array}{r}
 676 \\
 357 \\
 \hline
 1035
 \end{array}
 \begin{array}{r}
 6 \\
 9
 \end{array}$$

$$\begin{array}{r}
 3284 \\
 253 \\
 \hline
 3503
 \end{array}$$

$$\begin{array}{r}
 3284 \\
 253 \\
 \hline
 3503
 \end{array}$$

ESCREVA O NOME DE SUAS
COLEGAS

FRANCINEIDE

JZABEL

MARIA

DAMIANA

FRANCY

LINDALVA

SEVERINA

ANA

JACQUELINE

JOSE

PROGRAMA
BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE
DATA 21/03/07

Emprego das iniciais
Maiúsculas.

1) No começo de Frase,
Verso ou 'Citação Direta':
EX: Escreveu Rui Barbosa
A Pátria e a família
ampliada.

2) em nomes próprios
EX: Lídia, Brasil
São Paulo, Tiradentes
Vênus, Leão

ATIVIDADE de CLASSE:

1) Retire do texto na
Mata. versos ou citações
Em que usamos letras
maiúsculas

A Velha pulou da cama
Só gosta de fofoca
C/ Era um negro sarará
d/ Uma célebre modinha
começou a cantar.

2) Retire do texto Na
Mata "nomes próprios"

Renata

PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE
DAT: 74/03/07

LISTE OS ANIMAIS QUE FOI
ENCONTRADO NO TEXTO

ARARA, COBRA, MINHOCA
-barata, Rato, Foca,
Mula, Ema
Pato, Rena, Boi, OVELHA,
galo, Rena, Lebre, Antas



ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Coordenadoria de Educação Básica - COEB

Assunto: DESAFIO

1º Momento: Leitura atenciosa do texto "NA MATA"

UMA VELHA SENHORA CHAMADA RENATA MORAVA SOZINHA NA MATA NUM PEQUENO BANGALÔ.

UM DIA, ENQUANTO DORMIA, RECEBEU A VISITA DE UM ESTRANHO COBRADOR. ERA UM NEGRO (SARARÁ) QUE EMPURROU A PORTA E LOGO QUE ENTROU, O MAIS FORTE QUE PODIA, ELE GRITOU; "SUA VELHA DORMINHOCA, QUÊ SÔ GOSTA DE FOFOCA, PAGUE LOGO O QUE ME DEVE E NÃO ME VENHA AVACALHAR, OFERECENDO BOIA OU PAPO BARATO QUE NÃO VOU SUPORTAR."

A VELHA PULOU DA CAMA, COM O CABELO ²EMARANHADO, CALÇOU O SAPATO ¹E, TREMULANDO SEM PARAR, UMA ~~CÉLEBRE~~ MODINHA COMEÇOU A CANTAR. OS BICHOS QUE ESTAVAM NA MATA CONHECIAM AQUELA MELODIA E LOGO FORA ACUDIR A VELHA QUE MORAVA SOZINHA.

PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE 01/17/2007

ATIVIDADE DE CLASSE

junte as letra
formens as Silabas e
construa palavras

RA-BI-PA-CO-FA-DU-LI-
fa-FE-LU-MU-PO-RE-
VE-ZA-CA-

TIA

POTE

BIFE

LIVRO

CANELA

LUVA

DÚZIA

ZELOZO

NOTA

PÁTRIA

janela

REGUA

Feliz

ZANGADO

Verde

SINAL

PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE
7712106

ATIVIDADE DE CLASSE

DIA 10 DE DEZEMBRO
ECOMEMORADO O
DIA DA BÍBLIA
DIA 10 DE DEZEMBRO
DIA DA DECLARAÇÃO DOS
DIREITOS HUMANOS

PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO
GAMPINA GRANDE
28/11/06

Olivero

ATIVIDADE DE CLASSE

⑩ ESCREVA 6 PALAVRAS
DISSILABA

BOLA	BO-LA
MALA	MA-LA
CAFÊ	CA-FE
GATO	GA-TO
COLA	CO-LA
TATU	TA-TU
MANGA	MAN-GA

Parabéns!

ESCREVA 6 PALAVRAS
TRISSILABO

PALITO	PA-LI-TO
BONECA	BO-NE-CA
RAPOZA	RA-PO-ZA
VASSORA	VAS-SOU-RA
FUMAÇA	FU-MA-ÇA
MACACO	MA-CA-CO

PROGRAMA BRASIL
ALFABETIZADO
CAMPINA GRANDE
30/10/06

ATIVIDADE DI
CLASSE

LIGUE AS PALAVRAS
QUE RIMAM.

GATO	_____	POTE
CAPA	_____	RATO
CAPOTE	_____	TACO
TOCO	_____	TAPA

SEPARE AS SÍLABAS DAS PALAVRAS

GATO	X	GA-TO
CAPA		CA-PA
CAPOTE		CA-PO-TE
TOCO		CA-PO-TE
POTE		TO-CO
RATO		PO-TE
TACO		RA-TO
TAPA		TA-CO
		TA-PA

Programa Brasil Alfabetizado

Campina Grande
Professora

DATA: 21/09/2006

Atividade de classe

ABE ortografia

Palavras com

ea ee ci ea cu

Complete as palavras com

ei DA DE

RE ci BO

ce GOU HA

DO ee

BA ci A

ce REJA

ci MEMA

ce LESTIAL

ei MENTO

E EMERSON
F FRACIEID
G GERALDO
H HELENA
J JSABEL
J JOSE
L LINDALVA
M MARIA
NAZARE
O OSCAR
PEDRO
Q QUELY
R ROBERTO
S SEVERINA
T TEREZA
V VALDECI
U UBIRATAN
X XAVIER
Y YAGO

Z ZUMIRA
W WESLEY
K KARLA

PROGRAMA BRASIL
 ALFABETIZADO
 CAMPINA GRANDE DATA
 27/08/06
 PROFESSORA FRANCINEIDE

ATIVIDADE DE CLASSE

Para os alunos

ALFABETO

A B C D E F G H I J L M N O
 P Q R S T U V X Z W K Y

PALAVRA COM AS
 LETRAS W, K, Y
 WALLACE
 KURI
 FANK WILSON
 KEVEN

LISTA DE AMIGAS OU AMIGOS

A - ANA

B - BEATRIS

C - CECÍLIA

D - DAMIANA